

LISA KLEYPAS

.....SÉRIE *THE TRAVIS FAMILY-1*

A PROTEGIDA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LISA
KLEYPAS

..... SÉRIE THE TRAVIS FAMILY - 1



A PROTEGIDA

Para meu marido Greg, que é meu verdadeiro amor, meu melhor amigo, minha aventura, meu conforto e a bússola no mapa do meu coração. Por me dar os melhores abraços, fazer com que me sinta linda, ser engraçado e inteligente, por escolher o vinho perfeito, tomar conta da família e por sempre ser a pessoa mais interessante na sala.

..... CAPÍTULO 1

Quando eu tinha quatro anos, meu pai morreu num acidente em uma plataforma de petróleo. Papai nem mesmo trabalhava com perfuração. Ele era um homem de negócios que usava terno e gravata quando foi inspecionar as plataformas de produção e perfuração. Mas um dia ele tropeçou em uma abertura no piso do equipamento antes que a construção estivesse completa. Ele caiu vinte metros plataforma abaixo e morreu instantaneamente, seu pescoço quebrado.

Levou um bom tempo para eu entender que Papai jamais voltaria. Esperei por ele durante meses, sentada na janela frontal da nossa casa em Katy, a oeste de Houston. Alguns dias eu ficava no final do caminho da garagem para observar cada carro que passava. Não importava quantas vezes Mamãe me dizia para parar de procurá-lo, eu não podia desistir. Acho que pensava que a força do meu querer seria o bastante para fazê-lo aparecer.

Tenho apenas um punhado de memórias do meu pai, mais como impressões. Ele deve ter me carregado em seus ombros uma ou duas vezes – lembro-me do plano duro do seu peito debaixo das minhas panturrilhas, a sensação de balançar alto no ar, ancorada pela pressão forte de seus dedos ao redor dos meus tornozelos. E as grossas ondas do seu cabelo em minhas mãos, cabelo preto brilhante cortado em camadas. Posso quase ouvir sua voz cantando — *Arriba Del Cielo* —, uma canção de ninar mexicana que sempre me deu doces sonhos.

Há uma fotografia do Papai na minha penteadeira, a única que eu tenho. Ele está usando uma camisa estilo faroeste e jeans com vincos na parte da frente, e um cinto de couro trabalhado com uma fivela prata e turquesa do tamanho de um pires. Um pequeno sorriso hesita no canto da sua boca, e uma covinha aparece na lisura da sua bochecha morena. Por todas as opiniões ele era um homem esperto, um romântico, um trabalhador com grandes ambições. Acredito que ele teria realizado grandes coisas em sua vida se a ele tivesse sido dado o presente de mais alguns anos. Sei muito pouco sobre meu pai, mas tenho certeza de que ele me amava. Posso sentir isso nesses pequenos fios de memória.

Mamãe nunca encontrou outro cara que substituísse Papai. Ou talvez seja mais certo dizer que ela encontrou muitos homens para substituí-lo. Mas dificilmente algum deles ficava por muito tempo. Ela era uma bela mulher, se não uma mulher feliz, e atrair homens nunca foi um problema. Manter um, todavia, era outro assunto. Quando eu cheguei aos treze anos, Mamãe tinha passado por tanto namorados que perdi a conta. Foi quase um alívio quando ela encontrou um que decidiu que poderia ficar por um tempo.

Eles concordaram em se mudar e morar juntos, em uma cidade no oeste de Texas chamada Welcome, não longe de onde ele cresceu. No fim das contas, Welcome foi onde eu perdi tudo, e ganhei tudo. Welcome foi o lugar onde minha vida foi guiada de um caminho para o outro, enviando-me a lugares aos quais nunca pensei que eu fosse.

No meu primeiro dia no estacionamento de trailers, perambulei por uma estrada sem saída que cortava por entre fileiras de trailers alinhados como teclas de pianos. O estacionamento era uma grade empoeirada de ruas sem saída, com uma curva recémconstruída que circulava o lado esquerdo. Cada casa fica sobre seu próprio bloco de concreto, rodeada por uma borda feita de alumínio ou treliça de madeira. Alguns trailers eram fronteados por um quintal, uns tantos exibindo murtas amareladas com flores murchando num marrom pálido e cascas fragmentadas devido ao calor.

O sol da tarde era redondo e branco como um prato de papel pregado ao céu. O calor parecia vir igualmente tanto de baixo como de cima, desenrolando-se em ondas invisíveis do chão rachado. O tempo passava rastejando em Welcome, onde as pessoas consideravam que qualquer coisa que precisasse ser feita com pressa não valia a pena. Cães e gatos passavam a maior parte do dia dormindo à sombra quente, levantando apenas para lambe algumas gotas mornas das conexões de água. Até as moscas eram lentas.

Um envelope contendo um cheque estalava no bolso da minha bermuda jeans. Mamãe havia me dito para levá-lo ao gerente do Rancho Bluebonnet, Sr. Louis Sadlek, que vivia na casa de tijolos vermelhos próxima a entrada do estacionamento de trailers.

Meus pés pareciam cozinhar dentro dos meus sapatos enquanto eu os arrastava ao longo das bordas do asfalto quebrado. Vi dois garotos mais velhos perto de uma adolescente, suas posturas relaxadas e soltas. A garota tinha um

rabo de cavalo loiro e comprido com uma franja modelada com spray de cabelo em sua frente. Seu bronzeado profundo estava exposto pelo short curto e pelo pequeno top de biquíni lilás, o que explicava porque os garotos estavam tão absorvidos na conversa com ela.

Um dos garotos estava vestido com bermuda e camiseta sem mangas, enquanto o outro de cabelo escuro usava um desgastado par de Wranglers^{1} e botas de caubói sujas de terra. Ele estava com o peso apoiado sobre uma perna, um polegar enganchado no bolso do jeans, sua mão livre gesticulando enquanto falava. Havia algo impressionante na sua figura magra e esbelta, no duro contorno de seu perfil. Sua vitalidade era quase gritante naqueles arredores quentes e letárgicos.

Embora os texanos de todas as idades fossem naturalmente sociáveis e chamassem estranhos sem hesitação, era óbvio que eu ia passar por esse trio despercebida. O que estava bom para mim.

Mas quando eu caminhei quietamente pelo outro lado da viela, fiquei espantada com uma explosão de barulho e movimento. Dando a volta, vi o que parecia ser um par de violentos pitbulls. Eles latiam e rangiam os dentes e repuxavam seus lábios para revelar dentes irregulares e amarelos. Nunca tive medo de cães, mas esses dois obviamente estavam aqui para matar.

Meus instintos tomaram comando, e me virei para escapar. As solas lisas dos meus velhos tênis escorregaram no cascalho, meus pés saíram de debaixo de mim, e atingi o chão sobre minhas mãos e joelhos. Soltei um grito e cobri minha cabeça com meus braços, esperando ser rasgada em pedaços. Mas houve o som de uma voz irritada acima do som do sangue correndo nos meus ouvidos, e em vez de dentes se fechando na minha carne, senti um par de mãos fortes me segurando.

Uivei enquanto me virava para ver o rosto do garoto de cabelo escuro. Ele me deu um olhar rápido de avaliação e se virou para gritar um pouco mais com os pitbulls. Os cães tinham recuado alguns metros, seus latidos desbotando para um rosnado irritado.

— Continuem, droga! — o garoto gritou para eles. — Arrastem seus traseiros de volta para casa e parem de assustar as pessoas, seus miseráveis pedaços de mer — Ele hesitou e lançou um rápido olhar para mim.

Os pitbulls ficaram quietos e recuaram numa assustadora mudança de

humor, as línguas róseas penduradas como fitas meio enroladas de balões de festa.

Meu resgate os observou com desgosto e falou para o garoto de camiseta sem mangas. — Pete, leve os cachorros de volta para casa da Senhorita Marva.

— Eles vão voltar para casa por si só. — O garoto protestou, relutante em se separar da loira com top de biquíni.

— Leve-os de volta, — veio a resposta autoritária, — e diga a Marva que pare de deixar o maldito portão aberto.

Enquanto essa conversa estava tomando lugar, olhei para meus joelhos que vi que eles estavam sangrando e sujos com a poeira do cascalho. Minha descida ao abismo do constrangimento foi completa quando saí do choque e comecei a chorar. Quanto mais eu engolia em seco contra o aperto da minha garganta, pior ficava. Lágrimas rolaram debaixo dos grandes óculos de armação de plástico.

— Por Deus... — ouvi o garoto de camiseta resmungar. Dando um suspiro, ele foi até os cachorros e os agarrou pelas coleiras. — Vamos, seus problemáticos. — Foram com ele prontamente, trotando perfeitamente em ambos os lados como se eles estivessem apresentando-se para o show de cães do estado.

A atenção do garoto de cabelo escuro retornou a mim, e sua voz ficou gentil. — Aqui, agora... você está bem. Não precisa chorar, querida. — Ele puxou um lenço vermelho do bolso de trás e começou a limpar meu rosto. Com jeito, ele secou meus olhos e nariz e me mandou assoar. O lenço tinha o cheiro ácido de suor masculino quando foi firmemente colocado sobre meu nariz. Naqueles tempos, os homens de todas as idades tinham um lenço vermelho enfiado no bolso de trás de seus jeans. Eu tinha visto lenços de cabeça sendo usados como coador, filtro de café, máscara contra poeira, e uma vez como fralda de bebê improvisada.

— Nunca corra de cães assim. — O garoto enfiou o lenço no bolso de trás. — Não importa o quanto você está assustada. Apenas olhe para o lado e caminhe bem devagar, entendeu? E grite ‘Não’ em voz alta, como se você realmente quisesse que eles entendessem.

Eu respirei pelo nariz entupido e assenti, encarando seu rosto sombreado.

Sua boca larga tinha uma curva de um sorriso que mandou um tremor para a boca do meu estômago e encolheu meus dedos dos pés dentro dos meus tênis.

A beleza verdadeira escapou dele por milímetros. Suas feições eram muito duras e ousadas, e seu nariz tinha uma curva perto da ponte por ter sido quebrado uma vez. Mas ele tinha fogo em seu sorriso, e olhos tão azuis que pareciam mais brilhantes contra a cor bronzeada de sua pele, e uma confusão de cabelo castanho tão brilhante quanto pele de marta^{2}.

— Você não tem nada a temer desses cães, — ele disse. — Eles são cheios de travessuras, mas, pelo que sei, nunca morderam ninguém. Aqui, pegue minha mão.

Quando ele me levantou e me colocou sobre meus pés, meus joelhos pareciam estar pegando fogo. Quase não notei a dor. Estava muito ocupada com a fúria dos meus batimentos cardíacos. O aperto da mão dele era forte ao redor da minha, seus dedos secos e quentes.

— Onde você mora? — o garoto perguntou. — Você se mudou para o novo trailer na curva?

— Uh-huh. — Sequei uma lágrima do meu queixo.

— Hardy... — A voz da garota loira era docemente bajuladora. — Ela está bem agora. Venha me levar de volta. Tenho algo no meu quarto para te mostrar.

Hardy. Então esse é seu nome. Ele permaneceu me encarando, seu vívido olhar desviando até o chão. Era provavelmente bom que a garota não pudesse ver o irônico sorriso oculto nos cantos de sua boca. Ele parecia ter uma bela ideia do que ela queria mostrar a ele.

— Não posso, — disse alegremente. — Tenho de tomar conta desta pequena.

O desprazer que senti ao ser referida como se fosse um bebê foi prontamente substituído pelo triunfo de ser escolhida em vez da loira. Embora eu não pudesse imaginar porque no mundo ele não estava aproveitando a chance de ir com ela.

Eu não era uma criança caseira, mas também não era o tipo de pessoa em quem os outros pensavam. Do meu pai mexicano herdei o cabelo escuro, as grossas sobrancelhas, e uma boca que eu pensava que tinha duas vezes o

tamanho necessário. Da Mamãe eu herdei a estrutura esbelta e os olhos claros, mas eles não eram um limpo verde-mar como os dela, eram cor de mel. Frequentemente desejava ter a pele de marfim e o cabelo loiro da Mamãe, mas a escuridão do Papai tinha vencido.

Não ajudava muito eu ser tímida e usar óculos. Eu nunca me destaquei na multidão. Gostava de ficar nos cantos. E era feliz quando estava sozinha, lendo. Isso e as boas notas na escola tinham acabado com qualquer chance de ser popular com meus colegas. Então era uma conclusão inevitável que garotos como Hardy nunca me notariam.

— Vamos, — ele me encorajou, abrindo caminho para uma extensão queimada com degraus de concreto na parte de trás. Uma sugestão de pavoneio animava a caminhada de Hardy, dando a ele a desenvoltura de um cão feroz.

Eu o segui cuidadosamente, imaginando quão irada Mamãe ficaria se descobrisse que perambulei com um estranho. — É seu? — perguntei, meus pés afundando na grama seca enquanto íamos em direção a um trailer.

Hardy respondeu por sobre o ombro. — Vivo aqui com minha mãe, dois irmãos, e uma irmã.

— São muitas pessoas para um trailer. — Comentei.

— Sim, é. Tenho de me mudar em breve – não há lugar para mim aqui. Mamãe diz que estou crescendo tão rápido que vou acabar derrubando as paredes do trailer.

A ideia de que essa criatura ainda estivesse crescendo era quase alarmante. — Quão grande você vai ficar? — perguntei.

Ele riu e foi até uma torneira ligada a uma mangueira de jardim cinza e empoeirada. Dando poucas voltas, começou a jorrar água e ele foi até o final da mangueira. — Não sei. Já sou mais alto que a maioria dos meus parentes. Sente-se no degrau e estenda suas pernas.

Obedeci, olhando para minhas panturrilhas finas, a pele coberta por uma infantil penugem escura.

Experimentei raspar algumas vezes minhas pernas, mas isso ainda não tinha se tornando uma rotina estabelecida. Não podia evitar compará-las com as macias pernas bronzeadas da garota loira, e o calor do abraço cresceu

dentro de mim.

Aproximando-se de mim com a mangueira, Hardy se agachou e avisou. — Isso provavelmente vai arder um pouco, Liberty.

— Tudo bem. Eu — — parei, meus olhos arregalados de espanto. — Como você sabe meu nome?

Um sorriso apareceu num canto de sua boca. — Está escrito na parte de trás do seu cinto.

Cintos com nomes foram populares naquele ano. Implorei a Mamãe para que ela comprasse um para mim. Nós escolhemos um couro rosa claro com meu nome talhado em letras vermelhas.

Inalei bruscamente quando Hardy lavou meus joelhos com uma corrente de água morna, limpando o sangue e a areia. Machucava mais do que eu esperava, especialmente quando ele passou seu polegar sobre algumas teimosas partículas de pedra para soltá-las da minha pele inchada.

Ele fez um som tranquilizador quando hesitei, e falou para me distrair. — Quantos anos você tem? Doze?

— Quatorze e três quartos.

Seus olhos azuis brilharam. — Você é meio pequena para quatorze e três quartos.

— Não sou. — Respondi indignada. — Estudo no segundo ano esse ano. Quantos anos você tem?

— Dezessete e dois quintos.

Enrijeci àquela zombaria suave, mas quando encontrei seu olhar, vi um brilho de brincadeira. Nunca tinha sentido um fascínio tão forte por outro ser humano, calor e curiosidade se misturando para formar uma pergunta silenciosa no ar.

Um par de vezes na sua vida, isso acontece assim. Você encontra um estranho, e tudo que você sabe é que precisa saber de tudo sobre ele.

— Quantos irmãos e irmãs você tem? — ele perguntou.

— Nenhum. Somos apenas eu e Mamãe e o namorado dela.

— Amanhã, se eu tiver chance, vou trazer minha irmã, Hannah, para te

conhecer. Ela pode te apresentar a algumas crianças daqui e apontar aqueles dos que você deve se afastar. — Hardy tirou a água dos meus joelhos feridos, que estavam agora rosados e limpos.

— E aquela garota que você estava conversando? Ela é alguém de quem devo me afastar?

Um brilho de um sorriso. — Aquela é Tamryn. Sim, fique longe dela. Ela não gosta muito de outras garotas. — Ele se afastou para fechar a torneira e voltou para ficar de pé perto de mim enquanto eu estava sentada no degrau, seu cabelo escuro caindo sobre sua testa. Queria puxá-lo para trás. Queria tocá-lo, não com sensualidade, mas com curiosidade.

— Você vai para casa agora? — Hardy perguntou, estendendo a mão para mim. Nossas palmas se fecharam. Ele me puxou para ficar de pé e teve certeza de que eu estava estável antes de me soltar.

— Não ainda. Tenho uma tarefa. Um cheque para o Sr. Sadlek. — Coloquei a mão no meu bolso para ter certeza de que ainda estava lá.

O nome causou uma ruga entre suas escuras e retas sobrancelhas. — Vou com você.

— Não precisa, — disse, embora sentisse uma onda de tímido prazer com a oferta.

— Sim, preciso. Sua mãe não deveria mandar você para o escritório sozinha.

— Não entendo.

— Você vai depois de conhecê-lo. — Hardy pegou meus ombros com suas mãos e disse firmemente, — Se você alguma vez precisar visitar Louis Sadlek por qualquer razão, venha até mim primeiro.

O aperto das suas mãos era excitante. Minha voz soou ofegante quando disse, — Eu não iria querer te dar problemas.

— Sem problemas. — Ele olhou para mim por um longo momento e se afastou um passo.

— Isso é legal da sua parte, — disse.

— Inferno. — Ele balançou a cabeça e respondeu com um sorriso. — Não sou legal. Mas entre os pitbulls da Senhorita Marva e Sadlek, alguém tem de

ficar de olho em você.

Caminhamos pela estrada principal, Hardy diminuindo seu longo passo para igualar ao meu. Quando nossos passos combinaram perfeitamente, senti uma picada profunda de satisfação. Eu poderia continuar nessa caminhada para sempre, lado a lado com ele. Houve poucas vezes na minha vida em que senti o momento tão plenamente, com nenhuma solidão observando das margens.

Quando eu falei, minha voz soava languida para os meus próprios ouvidos, como se estivéssemos deitados na grama viçosa sob a sombra de uma árvore. — Por que você disse que não era legal?

Uma risada baixa e triste. — Porque sou um pecador sem arrependimentos.

— Também sou. — Não era verdade, é claro, mas se esse garoto era um pecador sem arrependimentos, eu queria ser uma também.

— Não, você não é, — ele disse com certeza preguiçosa.

— Como você pode dizer isso quando você não me conhece?

— Posso dizer pelo olhar.

Lancei a ele um olhar disfarçado. Estava tentada a perguntar o que mais ele leu da minha aparência, mas eu temia já saber. O rabo-de-cavalo emaranhado, o modesto comprimento da minha bermuda, os grandes óculos e as sobancelhas não delineadas... isso não condiz exatamente com as mais selvagens fantasias de um garoto. Decidi mudar a conversa. — O Sr. Sadlek é mau? — perguntei. — É por isso que não devo visitá-lo sozinha?

— Ele herdou o estacionamento de trailer dos pais dele cinco anos atrás, e desde então ele tem assediado cada mulher que cruze seu caminho. Ele tentou com minha mãe uma vez ou duas, até eu dizer para ele que se ele fizesse isso novamente eu iria me assegurar de que ele fosse nada além de uma mancha no chão daqui até Sugar Land.

Não duvidei da afirmação por nem um minuto. Apesar da juventude de Hardy, ele era grande o bastante para infligir bastante dano a alguém.

Alcançamos a casa de tijolos vermelhos, que se agarrava ao solo árido como um carrapato. Uma grande placa preto-e-branco que proclamava PROPRIEDADE DE CASAS MÓVEIS FAZENDA BLUEBONNET havia

sido colocada no lado da casa mais próxima da estrada principal, com grupos de tremoços^{3} de plástico desbotado nos cantos. Logo além havia um desfile de flamingos cor-de-rosa perfurados com buracos de bala que foram arranjados precisamente ao longo da estrada.

Eu ia descobrir depois que era um hábito de alguns residentes do estacionamento de trailers, incluindo o Sr. Sadlek, visitar um campo vizinho para a prática de tiro ao alvo. Eles atiravam em uma fila de flamingos que se inclinavam e voltavam sempre que eram atingidos. Quando o flamingo estava muito cheio de buracos para ser útil, era estrategicamente colocado na entrada frontal do estacionamento de trailers como um anúncio das habilidades de tiro dos residentes.

Uma placa ABERTO estava pendurada do lado da janela, perto da porta da frente. Acalmada pela sólida presença de Hardy ao meu lado, fui para a porta da frente, bati hesitantemente e a abri.

Uma faxineira latina estava ocupada limpando a entrada. No canto, um aparelho de fita cassete cuspiu um alegre ritmo rápido da música Tejano^{4}. Olhando para cima, a garota falou num rápido espanhol. — Cuidado, el piso es mojado.

Eu só sabia poucas palavras em espanhol. Não tendo nenhuma idéia do que ela queria dizer, balancei minha cabeça em desculpas. Mas Hardy respondeu sem perder o ritmo, — Gracias, tendremos cuidados. — Ele colocou uma mão no centro das minhas costas. — Cuidado. O piso está molhado.

— Você fala espanhol? — Perguntei a ele levemente surpresa.

Suas sobrancelhas escuras se elevaram. — Você não?

Balancei minha cabeça, envergonhada. Sempre foi uma fonte de vago embaraço que, apensar da minha hereditariedade, eu não pudesse falar a língua do meu pai.

Uma figura alta e pesada apareceu na entrada do escritório. À primeira vista, Louis Sadlek era um homem de boa aparência. Mas era uma beleza arruinada, seu rosto e corpo mostrando a decadência de auto-indulgência habitual. Sua camisa listrada foi deixada fora das calças a fim de tentar esconder a saliência de sua cintura. Embora o tecido de suas calças parecesse poliéster barato, suas botas eram feitas de pele de cobra tingida de azul. Suas feições lisas e regulares

estavam marcadas por um inchaço avermelhado ao redor de seu pescoço e bochechas.

Sadlek me fitou com interesse casual, seus lábios se repuxando num sorriso sujo. Ele falou com Hardy primeiro. — Quem é a pequena costa-molhada^{5}?

Pelo canto do meu olho, vi a faxineira ficar rígida e parar sua limpeza. Parecia que ela tinha sido exposta à expressão com frequência suficiente para saber o seu significado.

Vendo a tensão instantânea na mandíbula de Hardy, e o aperto do punho ao seu lado, eu intervim rapidamente. — Sr. Sadlek, eu sou —

— Não a chame disso. — Hardy disse num tom que fez os cabelos na minha nuca arrepiarem.

Eles olharam um para o outro com hostilidade palpável, seus olhares nivelados. Um homem que já passou da flor da idade, e um garoto que nem entrou nela ainda. Mas não havia dúvida na minha mente de como teria terminado se eles tivessem brigado.

— Sou Liberty Jones, — eu disse, tentando suavizar o momento. — Minha mãe e eu nos mudamos para o novo trailer. — Tirei o envelope do meu bolso de trás e o estendi para ele. — Ela me mandou dar isso a você.

Sadlek tomou o envelope e colocou-o dentro do seu bolso, deixando seu olhar deslizar sobre mim, da cabeça aos pés. — Diana Jones é sua mãe?

— Sim, senhor.

— Como uma mulher como aquela conseguiu uma garota de pele escura como você? Seu pai deve ser um mexicano.

— Sim, senhor.

Ele deu um riso zombador e balançou a cabeça. Outro sorriso passou pela sua boca. — Mande sua mãe entregar o cheque ela mesma da próxima vez. Diga a ela que tenho assuntos que quero discutir com ela.

— Certo. — [vida para estar fora da presença dele, agarrei o braço rígido de Hardy. Depois de um último olhar de aviso a Louis Sadlek, Hardy me seguiu até a porta.

— É melhor você não andar com lixo branco como os Cateses, garotinha, — Sadlek gritou para nós. — Eles são problema. E Hardy é o pior.

Depois de um limitado minuto em sua presença, eu me sentia como se estivesse andando entre lixo até a altura do peito. Eu me virei para olhar para Hardy com assombro.

— Que idiota, — eu disse.

— É isso mesmo.

— Ele tem esposa e filhos?

Hardy balançou a cabeça. — Até onde eu o conheço, ele se divorciou duas vezes. Algumas mulheres na cidade parecem pensar que ele é um bom partido. Você não saberia só de olhar para ele, mas ele tem algum dinheiro.

— Do estacionamento de trailers?

— Disso e de um ou dois negócios secundários.

— Que tipo de negócios secundários?

Hardy soltou uma risada sem humor. — Você não quer saber.

Caminhamos para a curva do cruzamento num silêncio contemplativo. Agora que a noite estava começando, havia sinais de vida no estacionamento de trailers... carros chegando, vozes e televisores filtrando-se através das paredes finas, cheiros de comida. O céu branco estava no horizonte, sangrando cor até que o céu esteve saturado de púrpura, laranja e vermelho.

— É isso? — Hardy perguntou, parando em frente ao meu trailer branco com seu cinto polido de alumínho rodeando-o.

Assenti antes mesmo de ver o contorno do perfil da minha mãe na janela da cozinha. — Sim, é, — exclamei com alívio. — Obrigada.

Quando eu fiquei lá olhando para ele através dos meus óculos de armação marrom, Hardy estendeu a mão para pegar uma mecha de cabelo que havia se soltado do meu rabo-de-cavalo. A ponta calosa de seu dedo era gentilmente abrasiva contra os fios do meu cabelo, como as cócegas de uma língua de gato. — Sabe o que você me lembra? — ele perguntou, estudando-me. — Uma coruja-duende.

— Não existe tal coisa, — eu disse.

— Sim, existe. A maioria delas vive ao sul do Vale Rio Grande e mais além. Mas de vez em quando uma coruja-duende aparece por aqui. Já vi uma. — Ele usou seu polegar e indicador para indicar uma distância de 13 centímetros. —

Elas são desse tamanho.

Passarinho bonito.

— Eu não sou pequena, — protestei.

Hardy sorriu. Sua sombra estava sobre mim, bloqueando a luz do pôr-do-sol dos meus olhos ofuscados. Havia uma agitação não familiar dentro de mim. Queria entrar mais profundamente na sombra até encontrar seu corpo, sentir seus braços ao meu redor.

— Sadlek estava certo, sabe, — ele disse.

— Sobre o quê?

— Eu sou problema.

Eu sabia disso. Meu coração desordenado sabia disso, assim como meus joelhos fracos, assim como meu estômago aquecido. — Eu gosto de problemas. — Consegui dizer, e sua risada flutuou no ar.

Ele se afastou com graciosos e longos passos, uma figura escura e solitária. Pensei na força de suas mãos quando ele me levantou do chão. Observei-o até que ele tinha desaparecido de vista, e senti minha garganta grossa e latejante como se eu tivesse engolido uma colherada de mel quente.

O pôr-do-sol acabou com um longo feixe de luz coroando o horizonte, como se o céu fosse uma grande porta e Deus estivesse dando uma espiada. Boa noite, Welcome, pensei, e entrei no trailer.

..... CAPÍTULO 2

Minha casa nova cheirava agradavelmente a plástico recém-moldado e tapetes novos. Era um trailer bloco-único de dois quartos com um pátio de concreto atrás. Haviam me permitido escolher o papel de parede do meu quarto, branco com punhados de rosas e uma estreita fita azul tecida por todo ele. Nós nunca tínhamos vivido em um trailer antes, tendo ocupado uma casa alugada em Houston antes de nos mudarmos para o leste, para Welcome.

Assim como o trailer, o namorado da Mamãe, Flip, era uma nova aquisição. Ele tinha obtido esse nome por causa do seu hábito de constantemente mudar os canais da TV, o que não tinha sido tão ruim no começo, mas depois de um tempo me deixava louca. Quando Flip estava por perto, ninguém podia ver mais do que cinco minutos de qualquer programa.

Eu nunca sabia ao certo por que Mamãe o convidou para morar conosco—ele não parecia ser melhor ou diferente do que qualquer outro de seus namorados. Flip era como um enorme cão amigável, de boa aparência e preguiçoso, com a sugestão de uma barriga de cerveja, um mullet desgrenhado, e um sorriso fácil.

Mamãe teve que sustentá-lo financeiramente desde o primeiro dia, com seu salário como recepcionista da empresa de escrituras local. Flip, por outro lado, estava constantemente desempregado. Embora Flip não tivesse nenhuma objeção a ter um emprego, ele se opunha fortemente ao conceito de realmente procurar por um. Esse era um paradoxo caipira comum.

Mas eu gostava de Flip porque ele fazia mamãe rir. O som daqueles risos esquivos era tão precioso para mim, que eu gostaria de capturar um em um pote e mantê-lo para sempre.

Quando entrei no trailer, vi Flip estirado no sofá com uma cerveja na mão enquanto Mamãe empilhava latas em um armário da cozinha.

— Ei, Liberty, — disse ele facilmente.

— Ei, Flip. — Fui para a cozinha ajudar a minha mãe. A luz fluorescente do teto brilhava e refletia sobre a maciez de seus cabelos loiros. Minha mãe tinha feições finas e pele clara, com misteriosos olhos verdes e uma boca

vulnerável. A única pista para sua teimosia monumental era a forte e bem definida linha de sua mandíbula, em forma de V como a proa de um veleiro antigo.

— Você deu o cheque ao Sr. Sadlek, Liberty?

— Sim. — Eu alcancei sacos de farinha, açúcar e fubá e os arrumei na despensa. — Ele é um verdadeiro idiota, Mamãe. Ele me chamou de costa-molhada.

Ela se virou rapidamente para me encarar, os seus olhos brilhando. Um rubor cobria seu rosto em delicadas manchas vermelhas.

— Aquele bastardo, — exclamou ela. — Eu não posso acreditar—Flip, você ouviu o que Liberty disse?

—Não.

— Ele chamou a minha filha de costa-molhada.

— Quem?

— Louis Sadlek. O gerente da propriedade. Flip, tire sua bunda daí e vá falar com ele. Agora! Diga a ele que se fizer isso de novo

— Mas querida, essa palavra não significa nada." Flip protestou. "Todo mundo diz isso. Eles não fazem por mal.

— Não se atreva a tentar justificar isso! — Mamãe estendeu a mão e me puxou para perto, seus braços envolvendo protetoramente minhas costas e ombros. Surpresa pela força de sua reação—afinal, não era a primeira vez que a expressão tinha sido aplicada a mim e certamente não seria a última—deixei que ela me abraçasse por um momento antes de me contorcer para sair.

— Eu estou bem, Mamãe, — eu disse.

— Qualquer um que usa essa palavra está mostrando que é um lixo ignorante, — disse ela secamente. — Não há nada de errado em ser mexicano. Você sabe disso. — Ela estava mais chateada por mim do que eu mesma.

Eu sempre tive plena consciência de que era diferente de Mamãe. Nós atraíamos olhares curiosos quando íamos a qualquer lugar juntas. Mamãe, tão clara quanto um anjo, e eu, morena e evidentemente hispânica. Eu havia aprendido a aceitar com resignação. Ser meio mexicana não era diferente de ser totalmente mexicana. Isso significava que eu iria às vezes ser chamada de

costa-molhada mesmo que eu fosse uma americana nata e nunca tivesse posto nem mesmo um dedo no Rio Grande.

— Flip, — Mamãe insistiu, — você vai falar com ele?

— Ele não precisa, — eu disse, lamentando ter dito qualquer coisa a ela. Eu não podia imaginar Flip indo para qualquer problema por algo que ele claramente considerava uma questão inferior.

— Querida, — Flip protestou, — Eu não vejo nenhum objetivo em arrumar problemas com o proprietário no nosso primeiro dia

— O objetivo é que você deveria ser homem o suficiente para defender a minha filha." Mamãe o encarou. — Eu farei isso, droga.

Um gemido longo e sofrido veio do sofá, porém não houve nenhum movimento além do seu polegar no controle remoto.

Ansiosa, eu protestei, — Mamãe, não. Flip está certo, isso não significa nada. — Eu sabia em cada célula do meu corpo que minha mãe devia ser mantida longe de Louis Sadlek.

— Não vai demorar muito, — disse ela friamente, procurando sua bolsa.

— Por favor, Mamãe. — Eu procurei freneticamente uma maneira de dissuadi-la. — É hora do jantar. Estou com fome. Realmente com fome. Podemos sair para comer? Vamos tentar a lanchonete da cidade. — Todos os adultos que eu conhecia, inclusive Mamãe, gostavam de ir para a lanchonete.

Mamãe pausou e olhou para mim, seu rosto suavizando. — Você odeia comida de lanchonete.

— Eu peguei o gosto, — eu insisti. — Eu comecei a gostar de comer em bandejas com compartimentos. — Vendo o início de um sorriso em seus lábios, eu acrescentei, — Se tivermos sorte, vai ser noite dos idosos e então vamos poder comprar sua comida pela metade do preço.

— Sua pestinha, — ela exclamou, rindo de repente. — Eu me sinto como uma idosa após toda essa mudança. — Avançando para a sala principal, ela desligou a TV e ficou na frente da tela desligada. — Levanta, Flip.

— Eu vou perder o programa de lutas, — ele protestou, sentando-se. Um dos lados de sua cabeça desgrenhada estava amassado por ter estado sobre uma almofada.

— Você não vai ver a coisa toda de qualquer jeito, — Mamãe disse. — Agora, Flip... Ou eu esconderei o controle remoto por um mês inteiro.

Flip deu um suspiro e se levantou.

No dia seguinte, eu conheci a irmã de Hardy, Hannah, que era um ano mais nova que eu, mas quase uma cabeça mais alta. Ela era mais atraente que bonita, com longos membros atléticos que eram comuns aos Cates. Eles eram pessoas ligadas a atividades físicas, competitivos e brincalhões e completamente o oposto de tudo o que eu era. Como a única menina da família, Hannah havia sido ensinada a nunca recuar de um desafio, e a mergulhar de cabeça em cada desafio, não importa o quão impossível parecesse. Eu admirava tal imprudência mesmo que não a compartilhasse. Era uma maldição, Hannah me disse, ser aventureiro em um lugar onde não havia aventura nenhuma para achar.

Hannah era louca por seu irmão mais velho e amava falar sobre ele tanto quanto eu amava ouvir falar dele. De acordo com Hannah, Hardy havia se formado no ano passado, mas estava namorando uma veterana chamada Amanda Tatum. Ele teve meninas se jogando aos pés dele desde os doze anos de idade. Hardy passava seus dias construindo e consertando cercas de arame farpado para os fazendeiros locais, e tinha feito o pagamento adiantado da pickup de sua mãe. Ele havia sido zagueiro do time de futebol antes de ter rompido alguns ligamentos de seu joelho, e tinha corrido as 40 jardas^{6} em 4,5 segundos. Ele podia imitar o som de praticamente qualquer pássaro do Texas que você pudesse nomear, de um chickadee a um peru selvagem. E ele era amável com Hannah e seus dois irmãos mais novos, Rick e Kevin.

Eu achava que Hannah era a menina mais sortuda do mundo por ter Hardy como irmão. Mesmo sua família sendo tão pobre quanto era, eu a invejava. Eu nunca gostei de ser filha única. Sempre que eu era convidada para jantar na casa de um amigo, eu me sentia como uma visitante em uma terra estrangeira, absorvendo como coisas eram feitas, o que foi dito. Eu especialmente gostava das famílias que faziam muita agitação. Mamãe e eu sempre vivemos tranquilamente, e mesmo que ela me assegurasse que duas pessoas podiam ser uma família, a nossa não parecia completa.

Eu sempre desejei uma família. Todo mundo que eu conhecia era familiarizado com seus avós, tios e primos de segundo e terceiro grau e todos

os parentes distantes que se encontravam para reuniões uma vez a cada um ou dois anos. Eu nunca conheci meus parentes. Papai tinha sido filho único como eu, e os pais dele estavam mortos. O resto de seus parentes estava espalhado pelo estado. Sua família, os Jimenez, viveu por gerações em Liberty County. Foi assim que eu ganhei o meu nome, na verdade. Nasci na cidade de Liberty, um pouco a nordeste de Houston. Os Jimenez tinham se estabelecido ali por volta de mil e oitocentos, quando o México abriu a área para os colonos. Eventualmente os Jimenez trocaram seu nome por Jones, e eles ou morreram ou venderam a sua terra e foram embora.

Isso deixava apenas o lado da família da Mamãe. Quando eu perguntava a ela sobre eles, ela ficava fria e calma, ou se irritava e me mandava brincar do lado de fora. Uma vez eu a vi chorar depois, sentada na cama com os ombros curvados como se estivessem carregados com pesos invisíveis. Depois disso eu nunca mais lhe perguntei sobre sua família novamente. Mas eu sabia seu nome de solteira. Truitt. Eu me perguntava se os Truitt ao menos sabiam que eu existia.

Mas acima de tudo eu me perguntava, o que Mamãe teria feito de tão ruim a ponto de sua própria família não a querer mais?

Apesar das minhas preocupações, Hannah insistiu em me levar para conhecer a Senhorita Marva e seus pitbulls, mesmo depois de eu ter protestado que eles me assustavam até o último fio de cabelo. — É melhor você ir fazer amizade com eles, — Hannah tinha avisado. — Algum dia eles irão atravessar o portão e se soltar novamente, mas não irão incomodá-la se conhecerem você.

— Você quer dizer que eles só comem estranhos?

Eu não achava que a minha covardia era irracional naquelas circunstâncias, mas Hannah revirou os olhos. — Não seja um gatinho medroso, Liberty.

— Você sabe o que acontece com as pessoas que recebem mordidas de cachorro? — perguntei indignada.

— Não.

— Hemorragia, lesões nervosas, tétano, raiva, infecção, amputação...

— Nojento, — disse Hannah admiradoramente.

Estávamos andando pela rua principal do estacionamento de trailers,

nossos tênis levantando nuvens de poeira e pedregulhos. A luz do sol se abatia sobre nossas cabeças descobertas e queimava as linhas finas do nosso cabelo repartido. À medida que nos aproximávamos do terreno dos Cates Eu vi Hardy lavando sua velha caminhonete azul, com suas costas nuas e ombros brilhando como uma moeda nova. Ele usava bermuda jeans, chinelos e um par de óculos de aviador. Seus dentes brancos brilharam em seu rosto bronzeado quando ele sorriu, e senti algo agradável surgir em mim.

— Oi, — disse ele, enxaguando redemoinhos de espuma da caminhonete, seu polegar tapando parcialmente o fim da mangueira para aumentar a pressão. — O que vocês estão fazendo?

Hannah respondeu por nós duas. — Eu quero que Liberty faça amizade com os pitbulls da Senhorita Marva, mas ela está com medo.

— Eu não estou, — eu disse, o que não era verdade de jeito nenhum, mas não queria que Hardy pensasse que eu era uma covarde.

— Ainda agora você estava me contando tudo o que poderia acontecer se você fosse mordida, — Hannah disse.

Isso não significa que eu esteja com medo, — disse defensivamente. — Significa que estou bem informada.

Hardy deu à sua irmã um olhar de advertência. — Hannah, você não pode forçar alguém a fazer algo assim isso antes que eles estejam prontos. Você tem que deixar Liberty lidar com isso em seu próprio tempo.

— Eu quero, — eu insisti, abandonando todo o senso comum em favor do orgulho.

Hardy foi desligar a mangueira, tirou uma camiseta branca de um varal de lavanderia em forma de guarda-chuva próximo, e a vestiu sobre seu torso magro. — Eu vou com você. A Senhorita Marva estava atrás de mim para levar algumas de suas pinturas para a galeria de arte.

— Ela é uma artista? — Eu perguntei.

— Oh, sim, — disse Hannah. — A Senhorita Marva faz pinturas de tremoços. O trabalho dela é muito bonito, não é, Hardy?

— É, — disse ele, vindo puxar delicadamente uma das tranças de sua irmã.

Enquanto eu olhava Hardy, eu senti o mesmo misterioso anseio que tive

antes. Eu queria me aproximar dele, investigar o cheiro da sua pele por baixo da camada de algodão branco.

A voz de Hardy pareceu mudar um pouco quando ele falou comigo. — Como estão os joelhos, Liberty? Ainda estão doloridos?

Eu balancei minha cabeça mudamente, quase tremendo como uma corda de violão ao vê-lo demonstrando interesse.

Ele começou a se aproximar de mim, hesitou, então gentilmente puxou os óculos de armação marrom de meu rosto voltado para cima. Como de costume, as lentes estavam cobertas com manchas e marcas de dedos.

— Como você consegue ver alguma coisa com eles? — ele perguntou.

Eu dei de ombros e sorri para o intrigante borrão de seu rosto acima do meu.

Hardy limpou os óculos na ponta de sua camiseta e os olhou criticamente antes de entregá-los de volta. — Vamos lá, vocês duas, eu vou levá-las até a Senhorita Marva. Eu estou interessado em ver o que ela irá achar de Liberty.

— Ela é legal? — Eu comecei a andar ao seu lado direito, enquanto Hannah caminhava à sua esquerda.

— Ela é legal, se ela gostar de você, — disse ele.

Ela é velha? — eu perguntei, lembrando a senhora rabugenta do nosso bairro em Houston que me perseguia com uma vara se eu pisasse em seu jardim cuidadosamente cultivado. Eu não gostava especialmente de pessoas velhas. As poucas que eu havia conhecido eram excêntricas, lentas, ou interessadas em discussões detalhadas sobre desconfortos físicos.

A pergunta fez Hardy rir. — Eu não tenho certeza exatamente. Ela tem cinquenta e nove anos desde que nasci.

Uns quatrocentos metros rua abaixo, nos aproximamos do trailer da Senhorita Marva, que eu poderia ter identificado mesmo sem a ajuda dos meus companheiros. O latido dos dois cachorros do inferno por trás da cerca de arame no quintal da casa a denunciava. Eles sabiam que eu estava chegando. Senti-me imediatamente doente, minha pele coberta com calafrios e suor, o meu coração batendo forte até que eu pude sentir sua batida em meus joelhos feridos.

Eu parei de caminhar, e Hardy fez uma pausa para um sorriso zombeteiro. — Liberty, o que é que você tem que deixa esses cães que tão irritados?

— Eles podem cheirar o medo, — eu disse, meu olhar colado ao canto do cercado no quintal, onde eu podia ver os pitbulls pulando e espumando.

— Você disse que não tinha medo de cães, — disse Hannah.

— Não do tipo comum. Mas eu traço um limite em pitbulls perversos infestados de raiva.

Hardy riu. Ele colocou uma mão quente ao redor de minha nuca e apertou confortavelmente. — Vamos nos encontrar com a Senhorita Marva. Você irá gostar dela. — Tirando seus óculos escuros, ele olhou para mim com olhos azuis sorridentes. — Eu prometo.

O trailer cheirava fortemente a cigarros e a água de tremoços, e algo bom cozinhando no forno. Parecia que cada centímetro quadrado do local estava coberto de artes e artesanatos. Casas de pássaros pintadas à mão, capas para caixas de lenço feitas de lã acrílica, enfeites de Natal, tapetinhos de crochê, e quadros de tremoços sem moldura de todo tamanho e forma.

No meio do caos, estava sentada uma pequena mulher gorda com cabelos que tinham sido penteados e estilizados em uma colmeia perfeita. Ele era pintado em um tom de vermelho que eu nunca havia visto na natureza. Sua pele era marcada e enrugada, mudando constantemente para acomodar suas expressões animadas. Seu olhar era tão alerta quanto o de um falcão. Embora a Senhorita Marva pudesse ser idosa, ela não era nem um pouco lenta.

Hardy Cates, — ela falou roucamente em uma voz manchada pela nicotina, "Eu esperava que você viesse pegar minhas pinturas dois dias atrás."

— Sim, senhora, — ele disse humildemente.

— Bom, rapaz, qual é a sua desculpa?

— Eu tenho estado muito ocupado.

— Se você chega atrasado, Hardy, é apenas aceitável vir com uma desculpa criativa.

Sua atenção se voltou para Hannah e para mim. — Hannah, quem é essa garota com você?

— Esta é Liberty Jones, Senhorita Marva. Ela e sua mãe acabaram de se

mudar para o novo trailer na curva.

— Apenas você e sua mãe? — a Senhorita Marva perguntou, sua boca enrugando como se ela tivesse acabado de comer um punhado de pickles fritos.

— Não, senhora. O namorado de Mamãe também vive conosco. — Incitada pelo interrogatório da Senhorita Marva, eu continuei a explicar tudo sobre a Flip e sua mania de trocar de canal, e como Mamãe era viúva e atendia ao telefone na empresa de escrituras local, e como eu estava aqui para fazer a paz com os pitbulls depois que eles correram para cima de mim e me assustaram.

— Aqueles malandros, — exclamou a Senhorita Marva sem raiva. — Mais problemas do que eles valem na maioria das vezes. Mas eu preciso deles para me fazer companhia.

— O que há de errado com gatos? — eu perguntei.

A Senhorita Marva balançou a cabeça decididamente. — Eu desisti de gatos há muito tempo. Gatos se apegam aos lugares, cães se apegam às pessoas.

A Senhorita Marva nos levou à cozinha e nos deu pratos cheios de bolo veludo vermelho. Entre garfadas de bolo, Hardy me contou que a Senhorita Marva era a melhor cozinheira de Welcome. Segundo Hardy, seus bolos e tortas ganharam a fita tricolor na feira estadual todos os anos, até que os funcionários tinham implorado para que ela não competisse, para que outra pessoa pudesse ter uma chance.

O bolo veludo vermelho da Senhorita Marva era o melhor que eu já havia provado, feito com soro de leite e chocolate, e corante vermelho suficiente para que ele brilhasse como um sinal de trânsito, todo ele coberto com uma camada de três centímetros de cobertura de cream cheese.

Nós comemos como lobos vorazes, quase raspando camadas dos pratos Fiesta amarelos com nossos garfos agressivos, até que cada migalha brilhante tivesse desaparecido. Minhas amídalas ainda estavam formigando da doçura da cobertura

quando a Senhorita Marva me dirigiu ao pote de biscoitos para cachorro no fim do balcão de fórmica. — Leve dois desses para os cães, — ela instruiu, "e os dê através da cerca. Eles irão gostar de você rapidinho, assim que você os alimente.

Engoli em seco. De repente o bolo virou um tijolo em meu estômago. Vendo minha expressão, Hardy murmurou: — Você não precisa fazer isso.

Eu não estava ansiosa para enfrentar os pitbulls, mas se isso me permitisse mais alguns minutos da companhia de Hardy, eu enfrentaria uma manada de búfalos furiosos. Alcançando a jarra, fechei minha mão em torno de dois biscoitos em forma de osso, suas superfícies se tornando pegajosas contra a palma da minha mão úmida. Hannah ficou dentro do trailer para ajudar a Senhorita Marva a empilhar mais artesanato em uma caixa de loja de bebidas.

Latidos zangados se espalhavam pelo ar quando Hardy me levou até o portão. As orelhas dos cachorros estavam achatadas contra suas cabeças em forma de bala enquanto arreganhavam seus lábios para grunhir e rosnar. O macho era branco e preto, a fêmea era castanho claro. Eu me perguntei por que eles achavam que valia a pena deixar a sombra do beiral do trailer para me perturbar.

— Será que a cerca os manterá presos? — eu perguntei, me mantendo tão perto do lado de Hardy que eu quase tropecei nele. Os cães estavam cheios de energia acumulada, se esforçando para saltar por cima do portão.

— Com certeza, — disse Hardy com uma firmeza reconfortante. — Eu mesmo a construí.

Eu considerei os cães irritados com desconfiança. — Quais são seus nomes? Psicopata e Assassino?

Ele balançou a cabeça. — Bolinho e Docinho.

Minha boca abriu. — Você está brincando.

Um sorriso cruzou seus lábios. "Temo que não."

Se dar nomes de doces a eles havia sido a tentativa da Senhorita Marva de fazê-los parecer fofos, não estava dando certo. Eles babaram e morderam em minha direção como se eu fosse uma corda de linguças.

Hardy falou com eles em um tom prático, lhes dizendo pra ficarem quietos e se comportarem se eles soubessem o que era bom para eles. Ele também lhes ordenou que sentassem, com um meio-sucesso. O traseiro de Bolinho baixou relutantemente ao chão, enquanto o de Docinho permaneceu

desafiadoramente alto. Ofegando e de boca aberta, o par nos considerava com olhos pretos lisos como botões.

— Agora, — Hardy ensinou, — ofereça um biscoito ao cachorro preto com a mão aberta, palma para cima. Não o olhe diretamente nos olhos. E não faça nenhum movimento brusco.

Troquei o biscoito para a palma da mão esquerda.

— Você é canhota? — perguntou ele com interesse amigável.

— Não. Mas se essa mão for mordida, eu ainda terei a minha boa para escrever.

Uma risada baixa. "Você não será mordida. Vá em frente.

Preguei o meu olhar na coleira antipulga que rodeava o pescoço de Bolinho, e comecei a levar o biscoito em direção à cerca de metal que nos separava. Eu vi o corpo do animal tenso com expectativa quando viu o que estava em minha mão. Infelizmente, parecia duvidoso se a atração dele era pelo biscoito ou pela minha mão. Perdendo a coragem no último momento, eu puxei de volta.

Um gemido assobiou na garganta de Bolinho, enquanto Docinho reagiu com uma série de latidos cortados. Eu disparei um olhar envergonhado a Hardy, esperando que ele zombasse de mim. Sem dizer nenhuma palavra, ele deslizou um braço sólido ao redor de meus ombros, e sua mão livre procurou a minha. Ele a embalou como se ele estivesse segurando um beija-flor em sua palma. Juntos, oferecemos o biscoito ao cão que esperava, que o devorou em uma lambida gigantesca e sacudiu uma cauda reta. Sua língua deixou uma camada de saliva em minha palma virada para cima, e eu limpei na minha bermuda. Hardy manteve um braço sobre meus ombros enquanto eu dava outro biscoito para Docinho.

— Boa garota, — foi o elogio calmo de Hardy. Ele deu um breve aperto e soltou. A pressão de seu braço parecia demorar em meus ombros, mesmo depois de ter sido retirado. O lugar onde nossos lados tinham sido pressionados juntos estava muito quente. O meu coração estava batendo num novo ritmo, e cada respiração que eu dava alimentava uma doce dor em meus pulmões.

— Eu ainda estou com medo deles, — eu disse, vendo as duas bestas

retornarem para o lado do trailer e caírem pesadamente na sombra.

Ainda diante de mim, Hardy descansou a mão em cima do muro e se apoiou nela.

Ele olhava para mim como se estivesse fascinado por algo que havia visto em meu rosto. — Ter medo não é sempre ruim, — ele disse suavemente. — Ele pode mantê-la indo adiante.

Pode ajudá-la a fazer as coisas.

O silêncio entre nós era diferente de qualquer silêncio que eu conhecera antes, cheio e quente e expectante. — Do que você tem medo? — Me atrevi a perguntar.

Houve um lampejo de surpresa em seus olhos, como se aquilo fosse algo que nunca tivessem perguntado a ele antes. Por um momento eu pensei que ele não iria responder. Mas ele deixou escapar um suspiro lento, e seu olhar deixou o meu para varrer o estacionamento de trailers. — Ficar aqui, — ele finalmente disse. — Ficar até que eu não consiga mais pertencer a qualquer outro lugar.

— Aonde você quer pertencer? — Eu meio que sussurrei.

Sua expressão mudou com velocidade mercurial, divertimento dançando em seus olhos. — Qualquer lugar onde eles não me queiram.

..... CAPÍTULO 3

Eu passei a maior parte do verão na companhia de Hannah, acompanhando seus esquemas e planos que nunca deram em nada, mas eram agradáveis mesmo assim. Nós andávamos em nossas bicicletas pela cidade, saíamos para explorar ravinas, campos e entradas de cavernas, ou ficávamos juntas no quarto de Hannah ouvindo Nirvana. Para minha decepção eu raramente via Hardy, que estava sempre trabalhando. Ou arrumando confusão, como a mãe de Hannah, Senhorita Judie, dizia de forma azeda.

Imaginando quanta confusão poderia ser arrumada em uma cidade como Welcome, eu cacei tanta informação quanto podia de Hannah. Parecia ser uma questão de consenso geral que Hardy Cates nasceu para a encrenca, e mais cedo ou mais tarde ele iria encontrá-la. Até agora seus crimes tinham sido menores, delitos e pequenos atos de travessura que demonstravam uma tensão frustrada por baixo de sua boa índole exterior. Esbaforida, Hannah contava que Hardy tinha sido visto com meninas muito mais velhas que ele, e que havia até rumores de um caso com uma mulher mais velha na cidade.

— Ele já esteve apaixonado? — Eu não pude resistir de perguntar, e Hannah disse que não, de acordo com Hardy se apaixonar era a última coisa que ele precisava. Isso atrapalharia seus planos, que eram de deixar Welcome assim que Hannah e seus irmãos tivessem idade suficiente para ser de alguma ajuda para sua mãe, a Senhorita Judie.

Era difícil entender como uma mulher como a Senhorita Judie poderia ter produzido uma cria tão selvagem. Ela era uma mulher autodisciplinada que parecia suspeitar do prazer sob qualquer forma. Suas feições angulares eram como uma daquelas balanças de garimpo antigas sobre a qual foram balanceadas quantidades iguais de humildade e orgulho inseguro. Ela era uma mulher alta, de aparência frágil, cujos punhos você poderia quebrar como os galhos de um algodoeiro. E ela era a prova viva de que você nunca deve confiar em um cozinheiro magro. Seu conceito de cozinhar o jantar era abrir latas e desentocar sobras na prateleira de legumes. Nenhuma cenoura murcha ou talo de aipo petrificado estava seguro ao seu alcance.

Após uma refeição de restos de mortadela misturados com vagens enlatadas e servidos por cima de bolachas requentadas, e uma sobremesa de glacê enlatado com torradas, eu aprendi a me despedir quando ouvia o barulho das panelas na cozinha. A coisa estranha era que as crianças Cates não pareciam notar ou se importar com o quanto a comida era horrível. Cada onda de macarrão fluorescente, cada pedaço de alguma coisa mergulhada em Jell-O, cada partícula de gordura e cartilagem desapareciam de seus pratos dentro de cinco minutos após serem servidos.

Aos sábados, o Cates saíam para comer, mas não no restaurante mexicano local ou na lanchonete. Eles iam para o Mercado de Carne do Earl, onde o açougueiro despejava todos os pedaços e cortes que não tinha conseguido vender naquele dia—salsichas, rabo, costelas, vísceras, orelhas de porco—dentro de um grande tonel de metal. — Tudo menos o focinho, — Earl costumava dizer com um sorriso. Ele era um homem enorme com mãos do tamanho de luvas de baseball e um rosto que brilhava tão vermelho como presunto fresco.

Depois de recolher as sobras do dia, Earl iria encher o tonel com água e deixar ferver tudo junto. Por 25 centavos você podia escolher o que quisesse, e Earl iria colocar aquilo num pedaço de papel de embrulho juntamente com uma fatia de pão da Sra. Baird, e você iria comer na mesa de linóleo no canto. Nada era desperdiçado no mercado de carne. Depois que as pessoas estavam satisfeitas com o tonel, Earl pegava o que restava, moía, adicionava farinha de milho amarela, e vendia como comida de cachorro.

O Cates eram profundamente pobres, mas eles nunca eram chamados de lixo branco. A Senhorita Judie era uma mulher respeitável e temente a Deus, o que elevava sua família ao nível de — brancos pobres —. Parece uma diferença pequena, mas muitas portas em Welcome eram abertas a você se você fosse branco pobre e fechadas se você fosse lixo branco.

Como arquivista do único ECP^[7] em Welcome, Miss Judie mal ganhava o suficiente para pôr um teto em cima da cabeça de seus filhos, com a renda de Hardy complementando seu salário miserável. Quando eu perguntei a Hannah onde seu pai estava, ela me disse que estava na Penitenciária Estadual Texarkana, embora ela nunca tivesse conseguido descobrir o que ele tinha feito para acabar lá.

Talvez o passado conturbado da família fosse a razão pela qual a Senhorita Judie tinha estabelecido um registro imaculado de frequência à igreja. Ela ia toda manhã de domingo e noite de quarta e era sempre encontrada nos três primeiros bancos, onde a presença do Senhor era mais forte. Como a maioria das pessoas de Welcome, a Senhorita Judie tirava conclusões sobre uma pessoa com base em sua religião. Isso a confundiu quando eu disse que eu e Mamãe não íamos | igreja. — Bem, o que você é? — ela pressionou, até que eu disse que achava que era uma Batista não praticante.

Isto levou a outra questão complicada. — Batista Progressiva ou Batista Reformada?

Como eu não tinha certeza da diferença, eu disse que achava que éramos progressivas. Uma careta apareceu no rosto de Miss Judie enquanto ela dizia que, nesse caso, provavelmente deveríamos ir para a Primeira Igreja Batista na Rua Principal, embora, pelo que ela entendia, seu culto dominical consistia de bandas de rock e uma série de garotas coristas.

Quando mais tarde eu contei à Senhorita Marva sobre essa conversa, e protestei que — não praticante — significava que eu não precisava ir | igreja, a Senhorita Marva respondeu que não existia isso de não praticante em Welcome, e eu poderia muito bem ir com ela e seu amigo cavalheiro Bobby Ray para a não-denominativa Cordeiro de Deus na Rua Sul, por que mesmo que tudo o que eles tivessem era um guitarrista ao invés de um organista, e possuíam comunhão aberta, também tinham a melhor quermesse da cidade.

Mamãe não tinha qualquer objeção sobre eu frequentar a igreja com a Senhorita Marva e Bobby Ray, embora ela dissesse que lhe convinha continuar não praticante por enquanto. Logo se tornou meu hábito aos domingos chegar ao trailer de Miss Marva às oito horas em ponto, comer um pequeno café da manhã de salsichas Bisquick quadradas ou panquecas de nozes, e pegar carona até a Cordeiro de Deus, com a Senhorita Marva e Bobby Ray.

Não tendo filhos ou netos próprios, a Senhorita Marva decidiu levar-me sob sua asa. Descobrimo que o meu único vestido de boa qualidade era muito curto e pequeno, ela se ofereceu para me fazer um novo. Eu passei uma hora alegremente escolhendo através das pilhas de tecidos baratos que ela guardava em seu quarto de costura, até que encontrei um pedaço de pano vermelho impresso com minúsculas margaridas amarelas e brancas. Em apenas duas

horas Miss Marva havia costurado um vestido simples sem mangas e com decote canoa. Eu o provei e me olhei no grande espelho na parte de trás da porta do quarto. Para minha satisfação, ele embelezava minhas curvas adolescentes e me fazia parecer um pouco mais velha.

— Oh, Senhorita Marva, — eu disse com alegria, jogando meus braços em torno de seu corpo robusto, — você é a melhor! Obrigada um milhão de vezes. Um zilhão de vezes.

— Não foi nada, — disse ela. — Eu não posso levar uma menina de calças | igreja, posso?

Ingenuamente eu pensei, quando levei o vestido para casa, que Mamãe ficaria satisfeita com o presente. Em vez disso, aquilo estourou seu temperamento e a lançou em um discurso inflamado sobre caridade e interferência dos vizinhos. Ela tremia de raiva e gritou até que eu estivesse em lágrimas e Flip tivesse deixado o trailer para ir buscar mais cerveja. Eu protestei que tinha sido um presente e eu não tinha nenhum vestido, e eu iria ficar com ele não importava o que ela dissesse. Mas Mamãe tirou o vestido de mim, enfiou-o em um saco de plástico de supermercado, e deixou o trailer, marchando para a Senhorita Marva em grande indignação.

Eu chorei até me sentir mal, pensando que não poderia mais visitar a Senhorita Marva, e me perguntando por que eu tinha a mãe mais egoísta do mundo, cujo orgulho significava mais do que o bem-estar espiritual de sua própria filha. Todo mundo sabia que meninas não podiam ir à igreja de calças, o que significava que eu continuaria a ser uma pagã e viveria fora do Senhor, e o pior de tudo, que eu perderia a melhor quermesse da cidade.

Mas algo aconteceu no tempo em que Mamãe tinha estado na Senhorita Marva. Quando ela voltou, seu rosto estava relaxado e sua voz estava tranquila, e ela tinha o meu vestido novo na mão. Seus olhos estavam vermelhos como se tivesse chorado. — Aqui, Liberty, — disse ela distraidamente, colocando o saco de plástico crepitante em meus braços. — Você pode ficar com o vestido. Vá colocá-lo na máquina de lavar. E adicione uma colher de bicarbonato de sódio para se livrar do cheiro de cigarro.

— Você... você chegou a conversar com a Senhorita Marva? — eu arrisquei.

— Sim, eu conversei. Ela é uma boa mulher. Liberty. — Um sorriso torto

encurvou os cantos de sua boca. — Pitoresca, mas agradável.

— Então eu posso ir | igreja com ela?

Mamãe reuniu seus longos cabelos loiros na nuca e os amarrou com um elástico. Virando-se para apoiar as costas contra a borda do balcão, ela me olhou pensativa. — Com certeza não vai te fazer mal de nenhum jeito.

— Não, senhora, — eu concordei.

Seus braços abriram, e eu obedeci o movimento de uma só vez, correndo para ela até que meu corpo estivesse preenchido firmemente contra o dela. Não havia nada melhor no mundo do que ser abraçada por minha mãe. Senti a pressão de sua boca no topo da minha cabeça, e o suave movimento de suas bochechas enquanto ela sorria. — Você tem o cabelo do seu pai, — ela murmurou, alisando os emaranhados escuros.

— Eu gostaria de ter os seus, — eu disse, minha voz abafada contra sua suavidade frágil. Eu respirava o perfume delicioso dela, chá e pele e um pouco de perfume em pó.

— Não. Seu cabelo é lindo, Liberty.

Eu fiquei em silêncio contra ela, desejando que o momento durasse. Sua voz era um murmúrio baixo e agradável, o peito subindo e descendo abaixo de minha orelha. — Bebê, eu sei que você não entende por que eu estava tão furiosa sobre o vestido. É só... Nós não queremos que ninguém ache que você precisa de coisas que eu não posso lhe dar.

Mas eu precisava, eu estava tentada a dizer. Em vez disso eu mantive minha boca fechada e assenti.

— Eu pensei que Marva tivesse dado isso a você porque tinha sentido pena, — disse Mamãe. — Agora eu percebo que foi dado como um presente entre amigos.

— Eu não vejo por que isso era um problema tão grande, — eu murmurei.

Mamãe me afastou um pouco e olhou em meus olhos, sem piscar. — A pena anda de mãos dadas com o desdém. Nunca se esqueça disso, Liberty. Você não pode aceitar doações ou ajuda de ninguém, porque isso dá |s pessoas o direito de lhe rebaixar.

— E se eu precisar de ajuda?

Ela balançou a cabeça imediatamente. — Não importa em que problema você esteja, você pode livrar-se dele. E só você trabalhar duro, e usar a sua mente. Você tem uma mente tão boa— — Ela fez uma pausa para apertar minha face em suas mãos, meu rosto comprimido no âmbito quente de seus dedos. — Quando você crescer eu quero que você seja autossuficiente. Porque a maioria das mulheres não é. E isso as coloca à mercê de todos.

— Você é autossuficiente, Mamãe?

A questão trouxe um banho de cor desconfortável ao seu rosto e suas mãos caíram para longe de meu rosto. Ela levou um longo tempo para responder. — Eu tento, — ela meio que sussurrou, com um sorriso amargo que fez a carne em seus braços formigar.

Assim que Mamãe começou a fazer o jantar, saí para uma caminhada. Pelo momento que cheguei ao trailer da Senhorita Marva, a tarde, feroz e quente como um forno, havia sugado toda a energia de mim.

Batendo na porta, ouvi a Senhorita Marva me chamar para entrar. Um condicionador de ar antigo sacudia em sua caixa na moldura da janela, jorrando ar frio em direção ao sofá onde a Senhorita Marva estava sentada com uma armação de bordado.

— Ei, Senhorita Marva. — Eu a via com novo respeito, | luz de sua misteriosa influência sobre minha mãe de natureza tempestuosa.

Ela me fez sinal para sentar ao lado dela. Nossos pesos combinados fizeram a almofada do sofá comprimir com um rangido.

A TV estava ligada: uma repórter com o cabelo elegantemente curto estava em frente a um mapa de um país estrangeiro. Ouvi com apenas metade de uma orelha, não tendo nenhum interesse no que estava acontecendo em um lugar tão longe do Texas. — ...combate mais pesado até agora ocorreu no palácio do emir, onde a guarda real segurou os invasores Iraquianos por tempo suficiente para que os membros da família real escapassem... preocupação com milhares de visitantes ocidentais que até agora têm sido impedidos de deixar o Kuwait...

Eu foquei na armação circular nas mãos da Senhorita Marva. Ela estava fazendo uma almofada de sentar que, quando terminada, pareceria uma fatia de tomate gigante. Percebendo o meu interesse, a Senhorita Marva perguntou,

— Você sabe como bordar, Liberty?

— Não, senhora.

— Bem, você deveria. Nada acalma seus nervos como trabalhar em um bordado.

— Eu não tenho nervos, — eu disse a ela, e ela disse que eu teria quando fosse mais velha. Ela pôs a tela no meu colo, e me mostrou a forma de passar a agulha entre os pequenos quadrados. Suas mãos enrugadas estavam quentes nas minhas, e ela cheirava a biscoitos e tabaco.

— Uma boa bordadeira, — a Senhorita Marva disse, — faz o lado de trás parecer tão bom quanto o da frente. — Juntas, nós nos curvamos sobre a grande fatia de tomate, e eu consegui colocar alguns pontos vermelho-brilhante. — Bom trabalho, — ela elogiou. — Olhe quão bem você puxou o fio—nem apertado demais, nem frouxo demais.

Eu continuei a trabalhar no bordado. A Senhorita Marva assistia pacientemente e não ficou nervosa mesmo quando eu fiz alguns pontos errados. Eu tentei colocar o fio de lã verde-claro em todos os pequenos quadrados que haviam sido pintados na mesma cor. Quando eu olhei atentamente o bordado, parecia que os pontos e os salpicos de cor tinham sido espalhados aleatoriamente pela superfície. Mas quando eu me afastava e olhava para ele como um todo, o padrão de repente fazia sentido e formava uma figura completa.

— Senhorita Marva? — Eu perguntei, me aconchegando no canto do sofá elástico e enganchando meus braços ao redor dos meus joelhos.

— Tire seus sapatos se você irá por seus pés para cima.

— Sim, senhora. Senhorita Marva... O que aconteceu quando minha mãe veio lhe

visitar hoje?

Uma das coisas que eu gostava sobre a Senhorita Marva era que ela sempre respondia minhas perguntas francamente. — Sua mãe veio aqui cuspidando fogo, toda irritada sobre o vestido que eu fiz para você. Então eu disse a ela que não tinha intenção de ofender e eu o peguei de volta. Então eu servi um pouco de chá gelado e nós começamos a conversar, e eu percebi logo que ela não estava realmente nervosa sobre o vestido.

— Não estava? — Eu perguntei duvidosamente.

— Não, Liberty. Ela apenas precisava de alguém para conversar. Alguém para simpatizar com a carga que ela está carregando.

Aquela era a primeira vez que eu discutia sobre minha mãe com outro adulto. — Que carga?

— Ela é uma mãe solteira e trabalhadora. Isso é a coisa mais difícil que existe.

— Ela não é solteira. Ela tem o Flip.

Divertida, a Senhorita Marva deu uma pequena risada. — Diga-me, quanta ajuda ele dá | sua mãe?

Eu ponderei as responsabilidades de Flip, que eram centradas primeiramente na aquisição de cerveja e no descarte de latas. Flip também gastava um bom tempo limpando suas armas, entre as ocasiões em que ele ia para o campo de flamingos com outros homens do estacionamento de trailers. Basicamente, a função de Flip em nossa casa era ornamental.

— Não muita, — eu admiti. — Mas por que nós estamos mantendo Flip se ele é tão

inútil?

— Pela mesma razão que eu mantenho Bobby Ray. \s vezes, uma mulher precisa de uma companhia masculina, não importa o quão inútil ele seja.

Do que eu sabia sobre Bobby Ray, eu gostava muito dele. Ele era um amável homem velho, cheirando a perfume de farmácia e WD-40^{8}. Embora Bobby Ray não morasse oficialmente no trailer da Senhorita Marva, ele podia ser encontrado lá a maior parte do tempo. Eles pareciam tanto um casal de idosos casados que eu havia assumido que eles eram apaixonados.

— Você ama Bobby Ray, Senhorita Marva?

A pergunta a fez sorrir. — \s vezes eu amo. Quando ele me leva para a lanchonete, ou massageia meus pés enquanto assistimos aos nossos programas de domingo à noite. Eu acho que o amo pelo menos dez minutos ao dia.

— Isso é tudo?

— Bem, são bons dez minutos, criança.

Não muito tempo depois, Mamãe chutou Flip para fora de nosso trailer. Não foi uma surpresa para ninguém. Apesar de haver uma alta tolerância a homens indolentes no estacionamento de trailers, Flip tinha se distinguido como um fracassado de marca maior, e todos sabiam que uma mulher como Mamãe podia encontrar alguém melhor. Era apenas uma questão de qual seria a gota d'água.

Eu não acho que ninguém poderia ter previsto o emu.

Emus não são pássaros nativos do Texas, apesar de que, pelo número em que eram encontrados, tanto selvagens como domésticos, você teria sido perdoado por pensar o contrário. Na verdade, o Texas ainda é conhecido como a capital mundial do emu. Isso começou em torno de 1987, quando alguns fazendeiros trouxeram alguns dos grandes pássaros não alados para o estado com a ambição de substituir a carne bovina como forma de lucro principal. Eles deviam ser conversadores habilidosos, pois convenceram quase todo mundo de que o público iria em breve clamar por gordura, couro e carne de emu. Então os produtores de emu criaram aves para vender para outras pessoas criarem, e em certo ponto um casal fértil custou algo em torno de trinta e cinco mil dólares.

Mais tarde, quando um público contrário não aceitou a ideia de substituir um Big Mac por um Big Bird, o negócio saiu do mercado e dezenas de fazendeiros de emu soltaram suas aves sem valor. No auge da mania emu, havia uma abundância de aves a ser encontrada em pastos cercados, e como qualquer animal em uma área restrita, eles ocasionalmente encontravam uma maneira de atravessar a cerca.

Pelo melhor que pude descobrir, o encontro de Flip com o emu aconteceu em uma dessas estradas estreitas, no meio do nada, enquanto ele estava dirigindo de volta de uma locação de pombas que alguém o havia deixado entrar. A temporada de pombas dura desde o início de setembro até o final de outubro. Se você não tem seu próprio terreno, você pode pagar a alguém pelo privilégio de caçar em suas terras. As melhores locações são cobertas com girassol ou milho e têm um tanque d'água, que traz as pombas em um voo rápido e baixo, as asas cintilando.

A parte de Flip do aluguel havia sido setenta e cinco dólares, que Mamãe tinha pagado apenas para mantê-lo fora do trailer por alguns dias. Nós

esperávamos que Flip pudesse ser sortudo o bastante para apanhar algumas pombas que nós pudéssemos grelhar com alguns pedaços de bacon e pimentões. Infelizmente, embora a mira de Flip fosse certa quando um objeto estava parado, ele não conseguia pegar o jeito de acertar um alvo em movimento.

Voltando para casa de mãos vazias, o cano de sua arma ainda quente dos disparos do dia, Flip foi forçado a parar sua caminhonete quando a estrada foi bloqueada por um emu de pescoço azul de um metro e oitenta de altura.

Ele buzinou e gritou para a criatura se afastar, mas o emu não se moveu. Ele só ficou lá, olhando para ele com redondos olhos amarelos. Ele não se moveu nem mesmo quando Flip pegou sua arma na parte de trás da caminhonete e atirou para o alto. O emu ou era muito maldoso ou muito burro para se assustar.

Deve ter ocorrido a Flip, enquanto ele esperava em um impasse com o emu, que aquilo se parecia muito com uma galinha gigante com pernas longas. Também deve ter ocorrido a ele que havia muita coisa comestível naquela ave, cerca de mil vezes mais do que um punhado de pequenos peitos de pomba. Melhor ainda, ao contrário das pombas, o emu estava parado. Então, em uma tentativa de restaurar a sua masculinidade ferida, sua mira aperfeiçoada por horas de prática nos flamingos, Flip ergueu a arma ao ombro e explodiu a cabeça do emu.

Ele voltou para casa com a enorme carcaça na traseira da caminhonete, esperando ser saudado como um herói conquistador.

Eu estava lendo no pátio quando ouvi o barulho familiar da caminhonete de Flip e o som do motor sendo desligado. Contornando o trailer, eu fui perguntar se Flip havia apanhado algumas pombas ou não. Em vez disso, vi um grande corpo com penas escuras na caçamba da picape, e manchas de sangue por toda a camisa camuflada e jeans de Flip como se ele tivesse estado abatendo gado em vez de caçando pombas.

— Olhe aqui, — ele me disse com um grande sorriso, virando a aba do seu boné para trás em sua cabeça.

— O que é isso? — Perguntei com espanto, me aproximando para ver a coisa.

Ele fez uma pose. — Atirei em um avestruz.

Eu enruguei meu nariz com o cheiro de sangue fresco que soprava espesso e doce no ar. — Eu não acho que isso seja um avestruz, Flip. Eu acho que é um emu.

— Não faz diferença. — Flip deu de ombros, seu sorriso alargando quando Mamãe veio até a porta do trailer. — Ei, docinho de coco... Olha o que o papai trouxe pra casa.

Eu nunca tinha visto os olhos de minha mãe ficarem tão grandes. — Santa merda, — disse ela. — Flip, onde diabos você arrumou esse emu?

— Atirei nele na estrada, — ele respondeu orgulhoso, confundindo o choque dela com admiração. — Vai ser uma bela refeição hoje | noite. Tem gosto de bife, eles dizem.

— Essa coisa deve valer pelo menos 15 mil dólares, — Mamãe exclamou, pondo uma mão sobre seu coração como se para impedi-lo de pular para fora do peito.

— Não mais, — eu não pude resistir em dizer.

Mamãe olhou para Flip. — Você destruiu a propriedade privada de alguém.

— Ninguém irá descobrir, — ele disse. — Vamos lá, querida, mantenha a porta aberta para que eu possa levar isso pra dentro e cortá-lo.

— Você não irá trazer isso para dentro do meu trailer, seu imbecil maluco! Tire isso daqui. Tire isso daqui agora! Você irá nos levar para a cadeia por causa disso.

Flip estava claramente aturdido que seu presente fosse tão depreciado. Vendo a tempestade prestes a chegar, eu murmurei algo sobre voltar para o pátio e recuei para um lugar atrás do canto do trailer. Nos minutos que se seguiram, provavelmente a maior parte do Rancho Bluebonnet ouviu Mamãe gritando que pra ela já chegava, não havia forma dela ficar com ele mais um minuto. Desaparecendo dentro do trailer, ela remexeu lá dentro por um curto tempo, em seguida voltou com uma braçada de jeans e botas e roupas íntimas masculinas. Ela arremessou as coisas no chão. — Pegue suas coisas e saia daqui agora!

— E você me chama de louco? — Flip gritou de volta. — Você está fora

de si, mulher! Pare de jogar minhas coisas como—Ei, pare com isso! — Começou a chover camisetas e revistas de caça e isopores de latas de cerveja, os eflúvios da vida de lazer de Flip. Xingando e bufando indignado, Flip reuniu os objetos do chão e os atirou em sua camionete.

Em menos de dez minutos, Flip tinha dirigido para longe do trailer, suas rodas girando, cascalho voando atrás dele. Tudo o que restava era a carcaça de um emu decapitado, depositada em frente à nossa porta.

Mamãe estava respirando pesadamente, seu rosto vermelho. — Aquele burro inútil, — ela murmurou. — Deveria ter me livrado dele há muito tempo... Um emu, pelo amor de Deus...

— Mamãe, — eu perguntei, me aproximando para ficar ao seu lado. — Flip foi embora de vez?

— Sim, — disse ela com veemência.

Olhei para a enorme carcaça. — O que vamos fazer com isso?

— Eu não tenho a mínima ideia. — Mamãe esfregou as mãos por seus cabelos pálidos e amarrotados. — Mas nós temos de nos livrar das evidências. Aquele pássaro valia muito para alguém... e eu não irei pagar por isso.

— Alguém deveria comê-lo, — eu disse.

Mamãe sacudiu a cabeça e gemeu. — Essa coisa é só um pouco mais do que um pássaro atropelado.

Pensei por um momento e bateu a inspiração. — Os Cates, — disse.

O olhar de Mamãe encontrou o meu, e, gradualmente a carranca em seu rosto foi substituída por humor relutante. — Você está certa. Vá buscar Hardy.

Ouvindo os Cates falarem sobre isso mais tarde, nunca houve tal banquete. E durou por vários dias. Bifes de emu, ensopado de emu, sanduíches de emu, e chili com emu. Hardy tinha levado o pássaro para o Mercado de Carne do Earl, onde o açougueiro, após prometer estrita confidencialidade, teve um ótimo tempo processando a carne em postas, filés e carne moída.

A Senhorita Judie até mesmo enviou uma caçarola de emu para Mamãe e eu, feita com Tater Tots^{9} e Hamburger Helper^{10}. Eu provei e achei que era um dos melhores esforços de Miss Judie. Mas Mamãe, que estava me olhando com um olhar duvidoso, de repente ficou verde e correu da cozinha, e eu a

ouvi ficar doente no banheiro.

— Sinto muito, Mamãe, — eu disse ansiosamente pela porta. — Eu não irei mais comer a caçarola se isso te faz mal. Vou jogá-la fora. Eu vou

— Não é a caçarola. — ela disse com uma voz gutural. Eu ouvi os sons de sua cuspidada, e o borbulhar da descarga do vaso. A torneira foi aberta quando Mamãe começou a escovar os dentes.

— O que é isso, Mamãe? Você pegou um vírus?

— Uh-uh.

— Então

— Falaremos sobre isso mais tarde, querida. Agora eu preciso de alguma—
— Ela parou para outra cusparada. — Privacidade.

— Sim, senhora.

Deixou-me intrigada que Mamãe tivesse dito à Senhorita Marva que estava grávida antes de dizer a qualquer outra pessoa, incluindo a mim. Elas haviam se tornado amigas em pouco tempo, apesar do fato de que eram tão diferentes. Vê-las juntas era como assistir a um cisne acompanhando um pica-pau de cabeça vermelha. Mas elas compartilhavam uma certa fortitude debaixo de seus exteriores diferentes. Ambas eram mulheres fortes, que estavam dispostas a pagar o preço pela sua independência.

Eu descobri o segredo de Mamãe em uma noite quando ela estava falando em nossa cozinha com Miss Marva, que havia trazido uma deliciosa torta de pêssego com camadas de crosta suculenta embebida em sumo dentro. Sentada na frente da tevê com um prato e uma colher no meu colo, eu peguei algumas palavras sussurradas entre eles.

— ...não vejo por que ele deveria saber... — Mamãe disse | Senhorita Marva.

— Mas ele lhe deve alguma ajuda...

— Oh não... — Mamãe baixou a voz de novo, então eu só conseguia ouvir um pouco aqui e ali. — ...minha, não tem nada a ver com ele...

— Não será fácil.

— Eu sei. Mas eu tenho alguém a quem recorrer se as coisas ficarem ruins demais.

Eu percebi sobre o que elas estavam falando. Tinha havido sinais, incluindo o estômago enjoado de Mamãe e o fato de que ela havia feito duas consultas ao médico no espaço de uma semana. Todos os meus desejos e anseios por alguém para amar, por uma família, haviam sido finalmente respondidos. Eu senti um beliscão no fundo da minha garganta, algo como lágrimas. Eu queria pular, de tão cheia de felicidade.

Eu fiquei quieta, esforçando-me para ouvir mais, e a intensidade dos meus sentimentos deve ter atingido Mamãe de alguma forma. Seu olhar caiu sobre mim, e ela parou a conversa com a Senhorita Marva tempo suficiente para dizer casualmente, — Liberty, vá e tome seu banho agora.

Eu não podia acreditar no quão normal a minha voz soou, tão normal como a dela. — Eu não preciso de um banho.

— Então, vá ler alguma coisa. Vá, agora.

— Sim, senhora. — Eu caminhei relutante para o banheiro, perguntas se arremessando pela minha mente. Alguém a quem recorrer... um antigo namorado? Um dos parentes sobre os quais ela nunca falou? Eu sabia que tinha algo a ver com a vida secreta de Mamãe, a que ela levava antes de eu nascer. Quando eu fosse maior, eu jurei em silêncio, eu iria sair e descobrir tudo o que pudesse sobre ela.

Esperei com impaciência Mamãe me dar a notícia, mas depois de seis semanas se passarem e ainda nenhuma palavra, eu decidi perguntar-lhe diretamente. Nós estávamos dirigindo até Piggly Wiggly para fazer compras no Honda Civic prata que tínhamos desde que eu conseguia lembrar. Recentemente Mamãe havia consertado tudo, todos os amassados desfeitos, nova pintura, pastilhas de freio novas, então ele estava tão bom quanto um novo. Ela também comprou roupas novas para mim, um conjunto de mesa com guarda-chuva e cadeira para o pátio, e uma TV novinha em folha. Ela tinha ganhado um bônus da empresa de escrituras, explicou.

Nossa vida sempre foi assim... Às vezes nós tínhamos que contar cada centavo, mas então pequenas bonanças viriam. Bônus ou pequenos prêmios de loteria, ou alguma coisa deixada para Mamãe na herança de algum parente distante. Eu nunca me atrevi a interrogá-la sobre as quantias de dinheiro que apareciam em nosso caminho. Mas à medida que eu fiquei mais velha, eu percebi que elas sempre aconteciam logo após um de seus misteriosos

desaparecimentos. A cada poucos meses, talvez duas vezes por ano, ela iria me deixar dormir na casa de um vizinho, e ela sairia por um dia e às vezes não voltava até a manhã seguinte. Quando ela voltava, ela reabastecia a despensa e o freezer, e havia roupas novas, e as coisas eram pagas, e nós podíamos sair para comer novamente. — Mamãe, — eu perguntei, encarando as delicadas linhas de seu perfil, — você vai ter um bebê, não é?

O carro guinou ligeiramente enquanto Mamãe me lançava um olhar espantado. Ela voltou sua atenção para a estrada, as mãos segurando o volante. — Bom Deus, você quase me fez bater o carro.

— Você vai? — insisti.

Ela ficou em silêncio por um momento. Quando ela respondeu, sua voz estava um pouco insegura. — Sim, Liberty.

— Um menino ou uma menina?

— Eu não sei ainda.

— Nós vamos compartilhar isso com Flip?

— Não, Liberty, não é o bebê de Flip, ou de qualquer homem. Apenas nosso.

Eu relaxei as costas no banco enquanto a olhadela rápida de Mamãe se arremessava através do silêncio. — Liberty... — ela disse com esforço. — Terão que haver alguns ajustes para nós duas. Sacrifícios que nós duas teremos que fazer. Desculpe-me. Eu não tinha planejado isso.

— Eu entendo, Mamãe.

— Você entende? — Uma risada sem humor. — Eu não tenho certeza se eu entendo.

— Como é que vamos chamá-lo? — Eu perguntei.

— Eu nem sequer comecei a pensar sobre isso.

— Precisamos pegar um daqueles livros de nomes para bebês. — Eu iria ler todos os nomes que houvesse. Este bebê teria um nome longo, que soasse importante. Algo de Shakespeare. Algo que iria deixar todos conscientes do quão especial ele era.

— Eu não esperava que você recebesse a notícia tão bem, — disse Mamãe.

— Estou feliz com isso, — eu disse. — Muito feliz.

— Por quê?

— Porque agora eu não vou estar mais sozinha.

O carro entrou em uma vaga em uma das fileiras de veículos superaquecidos, e Mamãe girou a chave na ignição. Eu estava arrependida de ter respondido daquela forma, porque isso trouxe um olhar ferido aos seus olhos. Lentamente, ela estendeu a mão e alisou para trás a parte da frente de meu cabelo. Eu queria me esfregar contra a sua mão como um gato sendo acariciado. Mamãe acreditava no espaço pessoal, dela própria e de todos os outros, e ela não era inclinada a invasões casuais dele.

— Você não está sozinha, — disse ela.

— Oh, eu sei, Mamãe. Mas todos têm irmãos e irmãs. Eu sempre quis alguém para brincar e cuidar. Eu serei uma boa babá. Você nem mesmo vai ter de me pagar.

Isso me fez ganhar mais uma alisada de cabelo, e depois saímos do carro.

..... CAPÍTULO 4

Logo que a escola começou, eu descobri que minhas camisas polo e jeans largos me qualificavam como uma emergência da moda. O estilo do momento era grunge, tudo retalhado, manchado e amassado. Moda lata de lixo chique, disse Mamãe com desgosto. Mas eu estava desesperada para me encaixar com as outras garotas da minha classe, e implorei a ela para que me levasse à loja de departamentos mais próxima. Compramos finas blusas transparentes e camisetas longas, um vestido de crochê e uma saia comprida até o tornozelo, e pesados sapatos Doc Martens. O preço na etiqueta de um par de calças rasgadas quase deu um choque em Mamãe— Sessenta dólares e já tem buracos neles? — mas ela as comprou mesmo assim. O ensino médio em Welcome não tinha mais de cem estudantes numa turma de nono ano. Futebol americano era tudo. Toda a cidade saía nas sextas à noite para o jogo, ou fechava para que os fãs pudessem seguir os Panthers em jogos fora da cidade. Mães, irmãs e namoradas mal hesitavam quando seus guerreiros engajavam em batalhas que, se ocorressem fora do estádio, seriam contadas como tentativas de assassinato. Para a maioria dos jogadores, esse era o seu lugar no sol, sua única chance para a glória. Os garotos eram reconhecidos como celebridades quando caminhavam pela rua, e treinador era avisado pomposamente para guardar sua carteira de motorista sempre que assinava um cheque—nenhuma identidade era necessária.

Dado que o orçamento do suprimento dos atletas superava o de qualquer outro departamento, a biblioteca da escola era adequada, na melhor das hipóteses. Era lá onde eu passava a maior parte do meu tempo livre. Eu não tinha nenhuma intenção de ser líder de torcida, não apenas porque parecia bobo para mim, mas porque era necessário dinheiro e influência de pais frenéticos para assegurar o lugar de suas filhas no time.

Tive sorte em encontrar amigos rapidamente, um círculo de três outras garotas que não tinham conseguido entrar em nenhum dos grupos populares. Nós visitávamos as casas umas das outras, experimentávamos maquiagem, posávamos em frente ao espelho, e guardávamos nosso dinheiro para chapas de cabelo de cerâmica. Como presente de 15 anos, Mamãe finalmente me

permitiu usar lentes de contato. Era uma sensação estranha, mas deliciosa olhar para o mundo sem o peso de grossos óculos no meu rosto. Para celebrar minha libertação, minha melhor amiga, Lucy Reyes, anunciou que ia fazer minhas sobrancelhas. Lucy era uma garota portuguesa de pele escura e quadris estreitos que devorava revistas de moda entre as aulas e estava sempre atualizada com as últimas tendências da moda.

— Minhas sobrancelhas não estão tão ruins, — protestei quando Lucy avançou para mim com um remédio para pequenos cortes, pinças, e para meu alarme, um tubo de Anbesol^{11}. — Estão?

— Você realmente quer que eu responda? — Lucy perguntou.

— Acho que não.

Lucy me empurrou em direção | cadeira em frente | penteadeira. — Sente-se. — Olhei para o espelho com inquietação, focando nos pelos entre minhas sobrancelhas, que Lucy disse que constituíam uma ligação. Visto que era um fato bem conhecido que nenhuma garota monocelha poderia ter uma vida feliz, não tive escolha além de me colocar nas mãos capazes de Lucy.

Talvez tenha sido apenas uma coincidência, mas no dia seguinte eu tive um encontro inesperado com Hardy Cates que pareceu provar a afirmação de Lucy sobre o poder de uma sobrancelha delineada. Eu estava praticando sozinha na quadra de basquete pública na parte de trás da subdivisão, porque previamente na aula de educação física eu revelei que não seria capaz de fazer um lance livre nem para salvar minha vida. As garotas foram divididas em dois times, e na verdade houve uma discussão sobre quem deveria ficar comigo. Eu não as culpo—eu também não teria me desejado no meu time. Dado que a temporada não terminaria até o final de novembro, eu estava condenada a mais embaraço público a menos que eu melhorasse minhas habilidades.

O sol de outono estava forte. Estava sendo uma boa estação de melões, os dias quentes e as noites frias trazendo para as safras locais de melão casaba e melão amarelo um sabor mais doce. Depois de cinco minutos praticando lance livre, eu estava coberta de suor e poeira. Pó se elevava do chão a cada impacto com a bola de basquete.

Nenhuma poeira no mundo gruda em você como o barro vermelho do oeste do Texas. O vento sopra ele sobre você deixa um gosto doce na sua boca. Quando o barro está oculto sob um solo castanho claro, ele se expande e

se contrai tão drasticamente que nos meses mais secos rachaduras de coloração marciana correm pelo chão. Você pode mergulhar suas meias na água sanitária por uma semana, e não vai conseguir com que o vermelho saia.

Enquanto eu inspirava e me esforçava para conseguir que meus braços e pernas trabalhassem juntos, ouvi uma voz preguiçosa atrás de mim.

— Você tem o pior lance livre que eu já vi.

Ofegando, coloquei a bola de basquete contra meu quadril e me virei para encará-lo. Uma mecha de cabelo se soltou do meu rabo de cavalo e caiu sobre um olho.

Há poucos homens que podem transformar um insulto amigável numa boa linha de abertura, mas Hardy era um deles. Seu sorriso tinha um charme malvado que roubava todo o veneno das palavras. Ele estava despenteado e tão coberto de pó quanto eu, vestido num jeans e camisa branca com as mangas arrancadas. E ele usava um chapéu Resistol^{12} que uma vez foi branco, mas tinha se tornado o cinza-oliva de palha antiga. Ficando de pé com relaxada frouxidão, ele me encarava de um modo que fez minhas entranhas dar cambalhotas.

— Você tem alguma dica? — Perguntei.

Assim que eu falei, Hardy olhou severamente para meu rosto, e seus olhos se arregalaram. — Liberty? É você?

Ele não tinha me reconhecido. Incrível, o que remover metade das suas sobancelhas pode fazer. De repente eu tive de morder a parte interna das minhas bochechas para não rir. Tirando o cabelo solto do meu rosto, disse calmamente, — Claro que sou eu. Quem você pensou que fosse?

— Como se eu soubesse. Eu... — Ele ajustou seu chapéu na cabeça e se aproximou de mim cuidadosamente, como se eu fosse alguma substância volátil que poderia explodir a qualquer momento. Era certamente assim que eu me sentia. — O que aconteceu com seus óculos?

— Troquei por lentes de contato.

Hardy veio ficar defronte a mim, seus ombros largos criando uma sombra da luz do sol. — Seus olhos são verdes. — Ele soava confuso. Descontente, até.

Eu fitei a sua garganta, onde a pele era bronzeada, macia e manchada com o brilho da umidade. Ele estava perto o bastante para que eu pudesse sentir o íntimo cheiro salgado de seu suor. Os arcos das minhas unhas se cravaram na superfície áspera da bola de basquete. Enquanto Hardy Cates ficava ali olhando para mim, realmente me vendo pela primeira vez, parecia que todo o mundo tinha sido agarrado por uma enorme mão invisível, seus movimentos presos.

— Sou a pior jogadora de basquete da escola,— contei a ele. — Talvez de todo o Texas.

Não consigo fazer a bola entrar naquela coisa.

— A cesta?

— Sim, aquilo.

Hardy me estudou por outro longo momento. Um sorriso ondulou um canto de sua boca. — Posso te dar algumas dicas. Deus sabe que você não pode piorar.

— Mexicanos não podem jogar basquete, — eu disse. — Eu deveria ganhar uma concessão por causa da minha herança genética.

Sem tirar os olhos dos meus, ele pegou a bola e a driblou algumas vezes. Facilmente ele se virou e executou um arremesso perfeito. Era um movimento exibido, parecendo bem melhor por ser feito no chapéu de caubói, e eu tive de rir quando Hardy olhou para mim com um sorriso esperançoso.

— Eu deveria te elogiar, agora? — perguntei.

Ele retomou a bola e driblou lentamente ao meu redor. — Sim, agora seria uma boa hora.

— Isso foi incrível.

Hardy lidou com a bola com uma mão enquanto usava a outra para tirar seu sofrido chapéu e mandá-lo para o lado. Ele veio até mim, pegando a bola na sua palma. — O que você quer aprender primeiro?

Pergunta perigosa, eu pensei.

Estar perto de Hardy trouxe de volta a sensação de grande doçura que me roubava qualquer disposição de me mover. Eu me sentia como se tivesse de respirar duas vezes mais rápido que o normal para conseguir a quantia

necessária de oxigênio nos meus pulmões. — Lance livre, — consegui dizer.

— Tudo bem, então. — Hardy gesticulou para eu ir até a linha branca que foi pintada a quatro metros e meio da tabela. Parecia uma distância enorme.

— Nunca vou conseguir, — eu disse, tomando a bola dele. — Não tenho força na parte superior do corpo.

— Você vai usar suas pernas mais do que seus braços. Endireite-se, querida... mantenha suas pernas tão afastadas quanto seus ombros. Agora me mostre como você tem— Bem, inferno, se é assim que você segura a bola, não é nenhuma surpresa você não conseguir arremessar direito.

— Ninguém nunca me mostrou como, — protestei quando ele arrumou minha mão de arremesso na bola. Seus dedos bronzeados cobriram os meus brevemente, e senti a força neles, a pele rude. Suas unhas eram curtas e branqueadas do sol. Uma mão de trabalhador.

— Eu estou te mostrando como, — ele disse. — Segure assim. Agora dobre seus joelhos, e mire no quadrado da tabela. Quando você se esticar, libere a bola e deixe a energia vir de seus joelhos. Tente arremessar em um movimento suave. Entendeu?

— Entendi. — Mirei e arremessei com toda minha força. A bola foi loucamente fora de curso, assustando completamente um tatu que tinha se aventurado imprudentemente a sair de seu buraco para investigar o chapéu de Hardy. O tatu guinchou quando a bola quicou perto demais para ser confortável. As longas unhas dos pés arranharam o chão queimado quando ele corria de volta para seu esconderijo.

— Você está muito rígida. — Hardy correu atrás da bola. — Relaxe.

Estendi os braços e agarrei a bola no ar quando ele a passou para mim.

— Endireite-se. — Hardy ficou ao meu lado quando eu tomei a posição na linha novamente. — Sua mão esquerda é o suporte, e sua mão direita é— — Ele parou e começou a rir. — Não, droga, não assim.

Eu olhei com raiva para ele. — Olha, eu sei que você está tentando ajudar, mas

— Ok. Ok. — Corajosamente, ele limpou o sorriso de seu rosto. — Fique parada. Vou ficar atrás de você. Eu não estou dando em cima de você, certo?

Vou apenas colocar minhas mãos sobre as suas.

Parei completamente quando senti seu corpo atrás do meu, a pressão sólida do seu peito contra minhas costas. Seus braços estavam dos meus dois lados, e a sensação de ser rodeada por sua força quente me provocou um calafrio do fundo dentre minhas omoplatas. — Calma, — veio seu sussurro quieto, e fechei meus olhos quando senti a sua respiração no meu cabelo.

Suas mãos fizeram as minhas entrarem em posição. — Sua palma vai aqui. Deixe esses três dedos contra a costura. Agora, quando você empurrar contra a bola, você vai deixá-la correr sobre seus dedos, e então vai empurrar a parte de baixo para continuar. Assim. É assim que você faz a bola girar ao contrário.

Suas mãos cobriam as minhas completamente. A cor da nossa pele era quase idêntica, exceto que a dele veio do sol e a minha veio de dentro. — Vamos atirá-la juntos agora para que você consiga sentir o movimento. Curve seus joelhos e olhe para a cesta.

No momento em que seus braços ficaram ao meu redor, eu parei de pensar totalmente. Eu era uma criatura de instinto e sentimento, cada batimento cardíaco e respiração e movimento sintonizados com os dele. Com Hardy às minhas costas, eu atirei a bola, e ela subiu no ar num arco seguro. Em vez da cesta esperada, ela bateu no aro. Mas considerando que eu não chegava nem perto da cesta antes, foi uma grande melhora.

— Melhor. — Hardy disse, com um sorriso na sua voz. — Bela jogada, criança.

— Não sou uma criança. Sou apenas dois anos mais nova que você.

— Você é um bebê. Nunca foi beijada.

A palavra — bebê — irritou. — Como você saberia? E não tente afirmar que pode dizer só de olhar. Se eu tivesse sido beijada por cem garotos, você não teria como provar o contrário.

— Se você foi beijada pelo menos uma vez, eu ficaria espantado.

Um grande desejo ardente queimou dentro de mim, que Hardy pudesse estar errado. Se eu apenas tivesse a experiência e a confiança para dizer algo como — Prepare-se para ficar espantado, então, — e pular nele e dar-lhe o beijo de todos os tempos, um que explodiria a cabeça dele.

Mas esse cenário não ia funcionar. Primeiro, Hardy era tão mais alto, que eu teria de subir metade do seu corpo antes de poder alcançar seus lábios. Segundo, eu não tinha nenhuma ideia sobre as técnicas de beijar, se você começava com os lábios abertos ou fechados, o que fazer com a sua língua, quando fechar seus olhos... e embora eu não tivesse me importado com Hardy rindo dos meus movimentos desajeitados de basquete— bem, não muito—eu morreria se ele risse da minha tentativa de beijá-lo.

Então eu me contentei com um resmungo. — Você não sabe tanto quanto pensa. — E fui pegar a bola.

Lucy Reyes me perguntou se eu queria cortar meu cabelo no Bowie's, o salão de beleza chique de Houston onde ela e sua mãe cortavam seus cabelos. Iria custar bastante, ela avisou, mas depois de Bowie me iniciar com um bom corte de cabelo, talvez eu conseguisse encontrar um cabeleireiro em Welcome que pudesse mantê-lo. Depois de Mamãe me dar sua aprovação, e eu juntar cada centavo que ganhei cuidando dos filhos dos vizinhos, falei a Lucy para ela ir adiante e fazer a ligação. Três semanas depois a mãe dela nos levou até Houston num Cadillac branco com o estofamento cor de canela e um tocafitas, e janelas que baixavam com o toque de um botão.

A família Reyes era rica segundo os padrões de Welcome, devido à prosperidade de sua loja, à qual deram o nome de Trickle-Down Pawn. Eu sempre pensei que lojas de penhor fossem visitadas por pessoas desamparadas e desesperadas, mas Lucy me assegurou que gente perfeitamente normal ia obter empréstimos em tais lugares. Um dia, depois da escola, ela me levou ao Trickle-Down, que era gerenciado pelo seu irmão mais velho, tio, e pai. A loja estava preenchida com fileiras de revólveres e pistolas, facas grandes e assustadoras, fornos de micro-ondas e aparelhos de televisão. Para meu deleite, a mãe de Lucy me deixou experimentar alguns dos anéis de ouro das caixinhas de veludo... havia centenas deles brilhando com todas as pedras imagináveis.

— Fazemos grandes negócios com noivados rompidos, — a mãe de Lucy tinha dito alegremente, puxando uma bandeja de veludo recoberta de alianças com diamantes. Eu amava seu pesado sotaque português, que fazia com que ela dissesse — noevadosh rompidosh —.

— Ah, que triste, — eu disse.

— Nem um pouco. — A mãe de Lucy começou a explicar como era

energizante para as mulheres empenhar os anéis de noivado e pegar o dinheiro depois que os noivos imprestáveis as enganavam. — Ele acaaba com ela, e ela acaaba com ele, — ela disse com autoridade.

A prosperidade da Trickle-Down deu a Lucy e sua família os meios para ir às áreas nobres de Houston para comprar roupas, manicure, e cortes de cabelo. Eu nunca tinha estado na rica área da Galleria, onde restaurantes e lojas rodeavam a curva principal da cidade. O Bowie's estava localizado num luxuoso conjunto de lojas na interseção da curva com a Westheimer. Foi difícil ocultar meu assombro quando a mãe de Lucy dirigiu até o posto do atendente de estacionamento e deu a ele as chaves. Serviço de manobristas para um corte de cabelo!

O Bowie's era cheio de espelhos, cromo e exóticos equipamentos de estilização, o cheiro mordente de produto de permanente forte no ar. O dono do salão era um homem nos seus trinta e poucos, com um longo cabelo loiro ondulado que descia por suas costas. Era uma visão rara no sul do Texas, e me levou a presumir que Bowie fosse muito durão. Ele certamente estava em ótima forma, esbelto e musculoso quando ele andava através do salão vestido em jeans pretos, botas pretas, uma camisa de caubói branca e uma gravata de corda^{13} feita de camurça e um pedaço de turquesa não lapidado.

— Vamos, — Lucy apressou, — vamos olhar o novo esmalte.

Eu balancei minha cabeça, permanecendo sentada em uma das cadeiras de couro preto na sala de espera. Eu estava estupefata demais para dizer uma palavra. Eu sabia que o Bowie's era o lugar mais maravilhoso que eu já tinha estado. Depois eu iria explorar, mas nesse momento eu queria ficar sentada e absorver tudo. Observei os estilistas trabalharem, cortando, secando, habilmente enrolando pequenas mechas de cabelo em bobes para permanente. Mostradores altos de cromo e madeira exibiam intrigantes potes e tubos de cosméticos, e sabonetes, loções, bálsamos e perfumes em vidros de aparência medicinal.

Parecia que cada mulher no lugar estava sendo transformada diante dos meus olhos, submetendo-se a penteados, tinturas, extensões e processos, até que eles tivessem atingido um brilho de cabelo bem tratado que eu nunca tinha visto a não ser em revistas. Enquanto a mãe de Lucy estava sentada à mesa de manicure e tinha suas unhas de acrílico pintadas, e Lucy andava pela área de

cosméticos, uma mulher vestida de preto e branco veio mostrar-me o posto de Bowie. — Primeiro você vai ter uma orientação, — ela me falou. — Meu conselho é deixar Bowie fazer o que ele deseja. Ele é um gênio.

— Minha mãe disse para não deixar ninguém cortar todo... — Eu comecei, mas ela já tinha se afastado.

Então Bowie apareceu ante a mim, carismático e atraente e com uma aparência um pouco artificial. Quando nós apertamos as mãos, senti o barulho de vários anéis, seus dedos carregados com pilhas de anéis de prata e ouro adornados com turquesa e diamantes.

Um assistente me enrolou num robe preto brilhante e lavou meu cabelo com misturas caras. Eu fui lavada, penteada, e levada de volta ao posto, onde eu fui saudada com a visão vagamente aterradora de Bowie parado com uma navalha na mão. Pela próxima meia hora eu o deixei posicionar minha cabeça em cada ângulo imaginável, enquanto ele mexia algumas mechas estratégicas e cortava vários centímetros de cada vez com a navalha. Ele era silencioso enquanto trabalhava, franzindo o cenho em concentração. Quando ele terminou, minha cabeça tinha sido empurrada pra frente e para trás tantas vezes que eu me sentia como um tubo Pez^{14}. Longas mechas de cabelos estavam caídas no chão.

O cabelo foi rapidamente varrido para longe, e então Bowie secou meu cabelo em um exercício de deslumbrante exibição. Ele levantava pedaços de cabelo sobre a longa ponta do secador de cabelo e os enrolava numa escova redonda como se ele estivesse juntando pedaços de algodão doce. Ele me mostrou como aplicar spray de cabelo nas raízes, e então girou minha cadeira para encarar o espelho.

Eu não pude acreditar. Em vez de uma meada de cabelo preto e frisado, eu tinha franjas longas e camadas de cabelo até a altura dos ombros, brilhando e mexendo a cada movimento da minha cabeça. — Oh, — era tudo que eu podia dizer.

Bowie exibiu um sorriso estilo Gato Risonho. — Bonita. — Ele disse, esfregando seus dedos na parte de trás da minha cabeça, levantando as camadas. — É uma transformação, não? Shirlene vai mostrar a você como fazer a maquiagem. Eu geralmente cobro por isso, mas esse vai ser meu presente para você.

Antes que eu pudesse encontrar palavras para agradecê-lo, Shirlene apareceu e me guiou para um banco alto e cromado em frente ao balcão espelhado com a maquiagem. — Você tem uma pele boa, garota sortuda, — ela pronunciou depois de dar uma olhada no meu rosto. — Vou te ensinar a maquiagem de cinco minutos.

Quando eu perguntei a ela como fazer meus lábios parecerem menores, ela reagiu com um interesse chocado. — Ah, querida, você não quer que seus lábios pareçam menores.

Etnia está na moda agora. Como Kimora.

— Quem é Kimora?

Uma revista de moda usada foi jogada no meu colo. A capa exibia uma deslumbrante jovem de pele cor de mel, seus longos membros arranjados numa confusão natural. Seus olhos eram escuros e inclinados para cima, e seus lábios eram até mais cheios que os meus. — A nova modelo da Chanel, — Shirlene disse. — Quatorze anos—você pode acreditar? Eles dizem que ela vai ser o rosto dos anos noventa.

Esse era um novo conceito, que uma garota de outra etnia com cabelos completamente negros, um nariz de verdade e grandes lábios pudesse ser escolhida como modelo para uma casa de design que eu sempre tinha associado a mulheres magras e brancas. Eu estudei a foto enquanto Shirlene delineava meus lábios com um lápis marromrosado. Ela aplicou um batom rosa opaco, passou blush nas minhas bochechas, e aplicou duas camadas de máscara nos meus cílios.

Um espelho de mão foi pressionado na minha palma, e eu inspecionei o resultado final. Eu tinha de admitir, estava assustada com a diferença que o novo cabelo e a maquiagem fizeram. Não era o tipo de beleza que eu desejava —eu nunca seria a clássica americana loira de olhos azuis. Mas esse era meu próprio visual, um vislumbre do que eu poderia me tornar um dia, e pela primeira vez na minha vida eu senti uma pontada de orgulho pela minha própria aparência.

Lucy e a mãe dela pareceram ao meu lado. Elas me estudaram com uma intensidade que me fez baixar a cabeça embaraçada.

— Oh... meu... Deus, — Lucy exclamou. — Não, não esconda seu rosto,

deixe-me ver. Você está tão... — Ela balançou a cabeça como se a palavra certa fugisse dela. — Você vai ser a garota mais bonita da escola.

— Não exagere. — Eu disse suavemente, mas podia sentir o rubor subindo até a raiz do meu cabelo. Essa era uma visão de mim mesma que eu nunca ousei imaginar, mas eu me senti mais desconfortável do que excitada. Toquei o pulso de Lucy, e olhei para seus olhos brilhantes. — Obrigada, — sussurrei.

— Aproveite, — ela disse carinhosamente, enquanto sua mãe conversava
com Shirlene.

— Não fique tão nervosa. Ainda é você, boba. É só você.

..... CAPÍTULO 5

O surpreendente de uma transformação não é como você se sente depois, mas sim como as pessoas te tratam diferente. Eu estava acostumada a andar nos corredores da escola sem ser notada. Fiquei desnorteada quando andei pelos mesmos corredores e os garotos me encaravam, lembravam meu nome, começavam a andar ao meu lado. Eles ficavam parados no meu armário enquanto eu colocava a combinação do cadeado, e pegavam a cadeira ao lado da minha quando estavam em aulas abertas ou durante o almoço. As brincadeiras que vinham tão facilmente aos meus lábios quando estava com minhas amigas pareciam secar quando estava na companhia daqueles garotos ansiosos. Minha timidez deveria tê-los desencorajado a me chamar para sair, mas não o fez.

Eu aceitei um encontro com o menos ameaçador de todos eles, um garoto sardento chamado Gill Mincey, um colega do segundo ano que não era muito mais alto que eu. Nós estávamos em ciências da terra juntos. Quando nós fomos nomeados parceiros para escrever um trabalho sobre fitoextração—a utilização de plantas para remover metais contaminantes do solo—Gill me convidou para ir à sua casa estudar. A casa dos Mincey era legal, velha e vitoriana com telhado de estanho, recentemente pintada e reformada, com salas de todo tipo de formatos interessantes.

Quando nós estávamos sentados cercados por pilhas de livros sobre jardinagem, química, e bioengenharia, Gill se inclinou e me beijou, seus lábios quentes e leves. Afastando-se, ele esperou para ver se eu me opunha. — Um experimento, — ele disse como se para explicar, e quando eu ri, ele me beijou de novo. Atraída pelos beijos não exigentes, eu empurrei de lado os livros de ciências e coloquei meus braços ao redor de seus ombros estreitos.

Mais daqueles encontros de estudo se seguiram, envolvendo pizza, conversas, e mais beijos. Eu soube de cara que nunca iria me apaixonar por ele. Gill deve ter percebido isso, porque ele nunca tentou ir mais além. Eu queria poder ter me sentido apaixonada por ele. Eu queria que este tímido e amigável garoto pudesse ser aquele a alcançar a parte do meu coração que era firmemente posta em reserva.

Mais tarde naquele ano, eu descobri que a vida tem um jeito de te dar o que você precisa, mas não da forma que você espera.

Se a gravidez de Mamãe era um exemplo do que eu poderia passar um dia, eu decidi que ter filhos não valia a pena. Ela jurou que quando me carregava na barriga, ela nunca havia se sentido tão bem na vida. Este deve ser menino, ela disse, porque era uma experiência totalmente diferente. Ou talvez fosse apenas porque ela estava muito mais velha. Qualquer que seja a razão, o corpo dela parecia ter se revoltado com a criança dentro de sua barriga, como se fosse algo tóxico crescendo. Ela se sentia doente o tempo todo.

Ela mal conseguia se forçar a comer. E quando o fazia, ela retia água até que o mais leve toque de um dedo deixava uma marca visível em sua pele.

Sentir-se tão mal todo tempo e ter grandes quantidades de hormônios em seu sistema fez com que Mamãe ficasse irritada. Parecia que praticamente tudo o que eu fazia era uma maldita perturbação. Em um esforço para tranquilizá-la, eu peguei vários livros sobre gravidez da biblioteca e lia trechos que a ajudariam. — De acordo com o *Jornal de Obstetrícia e Ginecologia*, enjojo matinal é bom para o bebê. Você está escutando, Mamãe? Enjojo matinal ajuda a regular os níveis de insulina e diminui seu metabolismo de gordura, o que garante mais nutrientes para o bebê. Isto não é ótimo?

Mamãe disse que se eu não parasse de ler trechos úteis, ela iria atrás de mim com uma chibata. Eu disse que teria de ajudá-la a se levantar do sofá primeiro.

Ela voltava de cada consulta médica com palavras preocupantes como — pré-eclâmpsia — e — hipertensão —. Não havia nenhum tom de antecipação em sua voz quando ela falava sobre o bebê, quando ele iria chegar, a data do parto em maio, a licença-maternidade. A revelação de que era uma menina me deixou nas nuvens, mas minha alegria parecia inapropriada à luz da resignação de Mamãe.

As únicas vezes em que Mamãe parecia como antigamente eram quando a Senhorita Marva vinha visitá-la. O médico havia mandado que a Senhorita Marva parasse de fumar ou ela iria eventualmente morrer de câncer de pulmão, e seus avisos a preocuparam tanto, que ela realmente obedeceu. Pontilhada de adesivos de nicotina, os bolsos cheios com gomas de mascar sabor gualtéria^{15}, a Senhorita Marva andava por aí com um constante temperamento calmo, falando que na maior parte do tempo ela tinha vontade

de esfolar animais pequenos.

— Eu não apta para ter companhia —, a Senhorita Marva pronunciava, entrando com uma torta ou prato de algo bom, e sentando ao lado de Mamãe no sofá. E ela e Mamãe iriam falar mal uma para outra sobre qualquer um e qualquer coisa que houvesse afligido seus nervos naquele dia, ate que as duas começassem a rir.

À noite, após terminar meu dever de casa, eu iria sentar com Mamãe e massagear seus pés, e levar para ela copos de água tônica. Nós assistíamos TV juntas, na maioria novelas sobre pessoas ricas com problemas interessantes, como ser abordado pelo filho perdido que eles nunca haviam conhecido, ou ter amnésia e dormir com a pessoa errada, ou ir a uma festa de luxo e cair na piscina em um vestido de festa. Eu iria olhar de relance para o rosto absorvido de Mamãe, e sua boca sempre parecia um pouco triste, e eu compreendia que ela se sentia solitária de uma forma que eu nunca poderia amenizar. Ela estava passando por essa experiência sozinha, não importava o quanto eu quisesse ser parte daquilo.

Eu devolvi um prato de vidro para torta para a Senhorita Marva em um dia frio de novembro. Havia um vigor frio no ar. Minhas bochechas picavam com a chicotada ocasional da brisa desimpedida por paredes, prédios, ou árvores de tamanho apreciável. O inverno geralmente trazia chuva e enxurradas repentinas que eram referidas como — flutuadores de toletes — pelos residentes exasperados de Welcome, os quais há muito protestavam do mal-administrado sistema de drenagem da cidade. Porém hoje era um dia seco, e eu fiz um jogo de evitar as rachaduras no pavimento ressequido.

Quando me aproximei do trailer da Senhorita Marva, eu vi a caminhonete dos Cates estacionada no acostamento. Hardy estava pondo caixas de artesanato dentro da caçamba, para transportar até a galeria de arte na cidade. A Senhorita Marva estava com um negocio próspero ultimamente, o que era uma prova de que o apetite texano por parafernálias feitas de tremoço nunca devia ser subestimado.

Eu saboreei as linhas fortes de Hardy, a inclinação de sua cabeça escura. Uma descarga de desejo e adoração tomou conta de mim. Era assim toda vez que nossos caminhos se cruzavam. Para mim, pelo menos. Minhas tentativas experimentais com Gill Mincey trouxeram à tona uma consciência sexual que

eu não tinha ideia de como satisfazer. Tudo o que eu sabia era que eu não queria Gill, ou qualquer outro garoto que eu conhecia. Eu queria Hardy. Eu o queria mais que água e comida e ar.

— Ei, você, — ele disse facilmente.

— Ei você.

Eu passei por ele sem parar, levando o prato de torta para a porta da Senhorita Marva. Marva estava ocupada cozinhando e me cumprimentou com um grunhido incompreensível, envolvida demais nas suas tarefas para se incomodar em conversar.

Eu voltei para fora e encontrei Hardy esperando por mim. Os olhos dele eram de um azul tão profundo que eu poderia me afogar neles. — Como vai o basquete? — ele perguntou.

Eu dei de ombros. — Continua terrível.

— Você precisa praticar mais?

— Com você? — Eu perguntei estupidamente, pega de guarda baixa.

Ele sorriu. — Sim, comigo.

— Quando?

— Agora. Assim que eu mudar de roupa.

— E os trabalhos de arte da Senhorita Marva?

— Eu irei levar para a cidade mais tarde. Eu vou encontrar alguém.

Alguém. Uma namorada?

Eu hesitei, aflita por ciúme e incerteza. Eu me perguntei o que o tinha levado a se oferecer para praticar comigo, se ele tinha alguma ideia mal concebida de que nos poderíamos ser amigos. Alguma sombra de desespero deve ter aparecido em minha expressão. Hardy andou um passo mais para perto, sua testa franzida por baixo da seda amarrotada de seus cabelos.

— Nada, eu... Eu só estava tentando lembrar se tinha algum dever de casa. — Eu enchi meus pulmões com o ar cortante. — Sim, eu preciso de mais prática.

Hardy balançou a cabeça em um gesto eficiente. — Traga a bola. Eu encontrarei você em dez minutos.

Ele já estava lá quando cheguei à cesta de basquete. Nós dois estávamos vestidos com calças largas, camisa de manga comprida, e tênis surrados. Eu driblei a bola e passei para ele, e ele executou um arremesso perfeito. Correndo para a cesta, ele pegou a bola de volta e passou para mim. — Não a deixe quicar tão alto, — ele aconselhou. — E tente não olhar para a bola enquanto estiver driblando. Você deve manter seus olhos nos caras à sua volta.

— Se eu não olhar para a bola enquanto eu driblo, eu vou perdê-la.

— Tente de qualquer maneira.

Eu tentei, e a bola quicou para fora de meu controle. — Viu?

Hardy estava paciente e relaxado enquanto me ensinava o básico, movendo-se como um grande gato pelo pavimento. Meu tamanho me permitia mover em volta dele facilmente, mas ele usava sua altura e seu longo alcance para bloquear a maioria dos meus arremessos. Respirando rápido devido ao esforço, ele sorriu da minha exclamação frustrada quando ele obstruiu mais um dos meus pulos de arremesso.

— Descanse por um minuto, — ele disse, — e então eu irei lhe ensinar uma finta^{16}.

— Uma o quê?

— Ela irá enganar seu oponente por tempo suficiente para você conseguir um arremesso sem obstáculos.

— Ótimo. — Embora o ar estivesse gelado pela aproximação do anoitecer, o exercício tinha me deixado quente e úmida. Eu puxei as mangas de minha camiseta e pressionei uma palma contra uma costura ao meu lado.

— Ouvi dizer que você esta saindo com alguém, — Hardy disse casualmente, fazendo a bola girar em seu dedo.

Eu dei uma olhada para ele. — Quem lhe disse isso?

— Bob Mincey. Ele disse que você está namorando o irmão mais novo dele, Gill. Família legal, os Mincey. Você poderia conseguir bem pior.

— Eu não estou ‘saindo’ com o Gill. — Eu fiz pequenas aspas no ar com meus dedos. — Pelo menos não oficialmente. Nós somos apenas um tipo de... — Eu pausei, não conseguindo explicar minha relação com Gill.

— Mas você gosta dele? — Ele perguntou com a preocupação amável de

um grande irmão mais velho. O tom dele me fez sentir tão irritada quanto um gato sendo puxado pelo rabo.

— Eu não consigo imaginar alguém não gostando de Gill, — eu disse curtamente. — Ele é realmente legal. Eu recuperei meu fôlego. Mostre-me a finta.

— Sim, senhora. — Hardy sinalizou para eu ficar do lado dele, e quicou a bola meio agachado. — Digamos que eu tenha um defensor me marcando, pronto para bloquear meu arremesso. Eu tenho de enganar ele. Fazer como que ele ache que eu vou arremessar, e quando ele der o bote, isso o deixará fora de posição, e então eu terei minha chance. — Ele levantou a bola ate seu peito, fez o movimento, e deu um suave pulo para arremessar. — Certo, agora você.

Nós encaramos um ao outro enquanto eu quicava a bola, Como ele havia instruído, eu mantive meus olhos nele invés de focar na bola. — Ele me beija, — eu disse, ainda quicando a bola estavelmente.

Eu tive a satisfação de ver os olhos de Hardy se arregalarem. — O quê?

— Gill Mincey. Quando nós estudamos juntos. Ele me beija um bocado, na verdade.

Eu me movia de um lado para o outro, tentando passar por ele, e Hardy me acompanhava.

— Isso é ótimo, — ele disse, com um novo tom. — Vai tentar arremessar?

— Eu acho que ele é muito bom nisso, também. — Eu continuei aumentando o ritmo do quique. — Mas tem um problema.

O olhar alerta de Hardy encontrou o meu. — E qual é?

— Eu não sinto nada. — Eu levantei a bola, fingi o movimento, e arremessei. Para minha surpresa a bola entrou no aro com um barulho suave. Ela foi quicando em saltos cada vez menores, despercebida por nós dois. Eu fiquei parada, o ar gelado secando minha garganta superaquecida. — É chato. Durante os beijos, quer dizer. Isso é normal? Eu não acho. Gill não parece entediado. Eu não sei se é algo errado comigo ou

— Liberty. — Hardy se aproximou e andou com calma em volta de mim como se houvesse um anel de fogo nos separando. Seu rosto brilhava com

suor. Parecia difícil arrancar as palavras de sua garganta. — Não há nada de errado com você. Se não há química entre vocês, não é culpa sua. Ou dele. Isto apenas quer dizer que... outra pessoa seria mais adequada para você.

— Você tem química com muitas garotas?

Ele não olhou para mim, apenas esfregou sua nuca para aliviar um ponto de tensão nos músculos do pescoço. — Isso não é algo sobre o qual eu e você iremos conversar.

Agora que eu havia começado a falar sobre este assunto, eu não conseguia parar. — Se eu fosse mais velha, você sentiria algo por mim?

Seu rosto estava virado para o outro lado. — Liberty, — eu o ouvi murmurar. — Não faça isso comigo.

— Eu só estou perguntando.

— Não faça. Algumas perguntas mudam tudo. — Ele soltou uma expiração hesitante. — Continue sua prática com Gill Mincey. Eu sou muito velho para você, em mais de uma maneira. E você não é o tipo de garota que eu quero.

Certamente ele não podia significar o fato de eu ser mexicana. De tudo que eu sabia sobre Hardy, não havia nem um pouco de preconceito nele. Ele nunca usava palavras racistas, nunca olhava com desprezo para alguém por coisas que essa pessoa não podia mudar.

— Que tipo você quer? — Eu perguntei com dificuldade.

— Alguém que eu possa deixar sem olhar para trás.

Este era Hardy, oferecendo a verdade brutal sem desculpas. Mas eu ouvi a admissão submersa em sua afirmação, de que eu não seria o tipo que ele poderia deixar facilmente. Eu não pude deixar de entender aquilo como um encorajamento, mesmo não sendo aquilo que ele intencionava.

Então ele olhou para mim. — Nada nem ninguém irá me fazer ficar aqui, você me entende?

— Eu entendo.

Ele respirou asperamente. — Este lugar, esta vida... Ultimamente, eu comecei a entender o que fez meu pai ficar tão vil e louco que ele foi parar na cadeia. Isso vai acontecer comigo também.

— Não, — eu protestei suavemente.

— Sim, irá. Você não me conhece, Liberty.

Eu não podia fazê-lo parar de querer ir embora. Mas também não conseguia parar de querê-lo.

Eu cruzei a barreira invisível entre nós.

Suas mãos se levantaram em um gesto defensivo, o que era cômico devido à nossa diferença de tamanho. Eu toquei a palma de suas mãos, e os pulsos tensos onde seu batimento cardíaco disparava, e eu pensei, se eu nunca tiver nada dele exceto este único momento, eu irei aproveitá-lo. Aproveite agora, ou se afogue em arrependimento depois.

Hardy se moveu de repente, pegando meus punhos, seus dedos formando apertadas algemas que me impediam de mover para frente. Eu encarei sua boca, os lábios que pareciam tão macios. — Me solte, — eu disse, minha voz grossa. — Me solte.

Sua respiração havia aumentado, e ele balançou a cabeça levemente. Os meus nervos estavam pulando em todo meu corpo. Nos dois sabíamos o que eu iria fazer se ele me soltasse.

De repente suas mãos abriram. Eu me movi para frente e pressionei meu corpo contra o dele. Eu agarrei sua nuca, descobrindo a dureza incorporada de seus músculos. Eu forcei a cabeça dele para baixo ate que os lábios dele tocassem os meus, suas mãos continuando meio suspensas no ar. Sua resistência durou uma questão de segundos antes que ele se entregasse com um suspiro áspero, colocando seus braços em volta de mim.

Era tão diferente do que eu havia experimentado com Gill. Hardy era infinitamente mais poderoso, e mesmo assim tão gentil. Uma de suas mãos deslizou para o meu cabelo, seus dedos acariciando minha cabeça. Os ombros dele se estenderam para cima e em volta de mim, seu braço livre pressionando minhas costas como se ele quisesse me puxar para dentro dele. Ele me beijou de novo e de novo, tentando descobrir todas as maneiras que nossas bocas podiam se encaixar juntas. Uma rajada de vento gelou minhas costas, mas calor surgia onde quer que ele me tocasse.

Ele provou o gosto de minha boca, sua respiração vindo em jatos escaldantes contra minha bochecha. O íntimo sabor dele me confundiu de desejo. Eu me agarrei apertado contra ele, abalada e excitada e querendo que

aquilo nunca acabasse, desesperadamente juntando cada sensação para guardar o máximo possível.

Hardy tirou meus braços agarrados e me impeliu para trás com um empurrão. — Oh, droga, — ele sussurrou, arrepiando-se. Ele se moveu para longe de mim e agarrou o poste da cesta, descansando sua testa contra aquilo como se saboreando a sensação do metal frio. — Droga, — ele murmurou de novo.

Eu me sentia com sono e confusa, meu equilíbrio balançando devido à súbita ausência do suporte de Hardy. Eu esfreguei minhas mãos sobre meus olhos.

— Isto não vai acontecer de novo, — ele disse asperamente, ainda não olhando para mim. — Eu falo sério, Liberty.

— Eu sei. Sinto muito. — Eu não estava, na verdade. E não devo ter soado muito arrependida, porque Hardy lançou um olhar irônico por cima de seus ombros.

— Nada de mais treinos, — ele disse.

— Você quer dizer o treino de basquete ou... o que nos fizemos?

— Ambos, — ele estourou.

— Você está bravo comigo?

— Não, eu estou terrivelmente bravo comigo mesmo.

— Você não devia estar. Você não fez nada de errado. Eu queria que você me beijasse. Fui eu quem

— Liberty, — ele interrompeu, virando para mim. Subitamente ele parecia cansado e frustrado. Ele esfregou os olhos da mesma maneira que eu tinha esfregado os meus. — Cale a boca, querida. Quanto mais você fala, pior eu me sinto. Apenas vá para casa.

Eu absorvi suas palavras, a expressão inexorável em sua face. — Você... quer me acompanhar? — Eu odiei a ponta de timidez em minha voz.

Ele me lançou um olhar miserável. — Não. Eu não confio em mim com você.

Tristeza pairou sobre mim, sufocando as centelhas de desejo e exaltação. Eu não tinha certeza de como explicar nada daquilo, a atração de Hardy por

mim, sua má vontade em persegui-la, a intensidade da minha resposta... e o conhecimento de que eu nunca iria beijar Gill Mincey novamente.

..... CAPÍTULO 6

Mamãe estava mais ou menos uma semana atrasada, quando finalmente entrou em trabalho de parto no final de maio.

A primavera no sudeste do Texas é uma estação mediana. Há algumas vistas bonitas, os campos deslumbrantes de tremoços, o florescimento das castanheiras Mexicanas e das olaias^{17}, o verdejamento dos campos secos. Mas a primavera também é uma época quando as formigas de fogo começam a se amontoar depois de terem ficado inativas durante todo o inverno, e o golfo do México agita tempestades que lançam granizo e raios e tornados. Nossa região era marcada por tornados que iam na direção oposta em ataques-surpresa, ziguezagueando pelos rios e abaixo pelas ruas principais, e outros lugares onde tornados supostamente não deveriam ir. Temos tornados brancos também, uma espuma rotativa mortal que ocorria à luz do sol bem depois de as pessoas pensarem que a tempestade havia passado.

Tornados eram sempre um problema para o Rancho Bluebonnet por causa da lei da natureza que diz que tornados são irresistivelmente atraídos por estacionamento de trailers. Cientistas dizem que é um mito, tornados não são atraídos mais para estacionamento de trailers do que para qualquer outro lugar. Mas você não podia enganar os moradores de Welcome. Sempre que um tornado aparecesse, dentro ou ao redor da cidade, ele dirigia-se para o Rancho Bluebonnet ou para outra subdivisão de Welcome chamada Happy Hills¹⁸. Como Happy Hills conseguiu esse nome era um mistério, porque a paisagem era plana como uma tortilha e elevada mal a dois pés acima do nível do mar.

De qualquer forma, Happy Hills era uma vizinhança de novas residências de dois andares conhecidas como — casas de rico — por todos em Welcome que tinham que se contentar com casas de fazenda de um andar. A subdivisão sofreu tantos ataques de tornados quanto o Rancho Bluebonnet, o que algumas pessoas citavam como um exemplo de como tornados eram tão prováveis de atingir um bairro rico como um estacionamento de trailers.

Mas um morador de Happy Hills, Sr. Clem Cottle, ficou tão alarmado com um tornado branco que atravessou seu jardim da frente que fez algumas

pesquisas sobre o terreno e descobriu um segredo sujo: Happy Hills havia sido construída sobre os restos de um antigo estacionamento de trailers. Foi um truque sujo, na opinião de Clem, porque ele nunca teria intencionalmente comprado uma casa em um lugar onde antes havia um estacionamento de trailers. Isso era um convite para o desastre. Era tão ruim quanto construir em um cemitério indígena.

Presos com residências que haviam sido reveladas como ímãs de tornado, os donos das casas de Happy Hills fizeram o melhor da situação juntando seus recursos para construir um abrigo de tempestade comunitário. Era uma sala de concreto que tinha sido meio afundada no chão e aterrada com solo em todos os lados, com o resultado de que finalmente havia uma colina em Happy Hills.

O Rancho Bluebonnet, contudo, não tinha qualquer coisa remotamente parecida com um abrigo de tempestade.

Se um tornado atravessasse o reboque de trailers, nós todos estaríamos mortos. O conhecimento disso nos dava uma atitude mais ou menos fatalista sobre os desastres naturais. Assim como com tantos outros aspectos de nossas vidas, nós nunca estávamos preparados para o problema.

Nós só tentávamos como o inferno sair do caminho quando ele vinha.

As dores de Mamãe começaram no meio da noite. Mais ou menos pelas três da manhã. Eu percebi que ela estava em pé se movendo, e eu me levantei com ela. Eu tinha descoberto que era quase impossível dormir de qualquer forma, porque estava chovendo. Até que nos mudamos para o Rancho Bluebonnet, eu sempre tinha pensado que a chuva era um som suave, mas quando chove no telhado de zinco de um trailer, o barulho compete com o nível de decibéis de um hangar de avião.

Eu usei o cronômetro do forno para medir as contrações de Mamãe, e quando o intervalo entre elas era de oito minutos, nós ligamos para o obstetra. Então eu liguei para a Senhorita Marva vir e nos levar para a clínica familiar, uma filial local de um hospital de Houston.

Eu tinha acabado de conseguir minha carteira de motorista, e embora eu achasse que era uma motorista muito boa, Mamãe tinha dito que ela se sentiria mais confortável se a Senhorita Marva nos levasse. Particularmente eu pensei que nós estaríamos muito mais seguras comigo atrás do volante, já que a técnica de direção da Senhorita Marva era, na melhor das possibilidades,

criativa, e na pior, ela era um acidente esperando para acontecer. A Senhorita Marva derrapava, virava nas pistas erradas, acelerava e desacelerava de acordo com o ritmo da conversa dela, e pisava até o fundo no acelerador quando via uma luz amarela. Eu teria preferido que Bobby Ray dirigisse, mas ele e a Senhorita Marva haviam terminado um mês antes, sob suspeita de infidelidade. Ela disse que ele poderia voltar quando decidisse em qual galpão ele queria guardar suas ferramentas. Desde a sua separação, a Senhorita Marva e eu tínhamos ido à igreja por nós mesmas, ela dirigindo, e eu rezando por todo o caminho de ida e volta.

Mamãe estava calma, mas falante, querendo relembrar o dia em que nasci. — Seu pai estava uma pilha de nervos tão grande quando fui ter você, que ele tropeçou na mala e quase quebrou a perna. E então ele dirigiu o carro tão rápido, que eu gritei para ele desacelerar ou eu iria dirigir até o hospital eu mesma. Ele não ficou na sala de parto comigo—acho que ele estava com medo de atrapalhar. E quando ele viu você, Liberty, ele chorou e disse que você era o amor da sua vida. Eu nunca o tinha visto chorar antes....

— Isso é realmente encantador, Mamãe, — eu disse, retirando minha lista para ter certeza que tínhamos tudo que precisávamos na mochila. Eu tinha embalado aquilo um mês antes, e tinha verificado cem vezes, mas eu ainda estava preocupada com se poderia ter esquecido algo.

A tempestade tinha piorado, trovões balançando o trailer inteiro. Embora fosse sete da manhã, estava escuro como a noite. — Merda, — eu disse, pensando que entrar em um carro com a Senhorita Marva neste tipo de clima era arriscar nossas vidas. Haveria enchentes, e sua perua Pinto com suspensão baixa não iria conseguir chegar até a clínica familiar.

— Liberty, — Mamãe disse em uma desaprovação surpresa, — Eu nunca tinha ouvido você dizer palavrões antes. Eu espero que seus amigos da escola não estejam influenciando você.

— Desculpe, — eu disse, tentando olhar pela janela onde a água corria.

Nós duas pulamos com o súbito rugido de granizo no telhado, uma chuva metralhante de gelo branco e duro. Parecia que alguém estava despejando moedas em nossa casa. Corri para a porta e a abri, examinando as bolas quicantes no chão. — Do tamanho de bolinhas de gude, — eu disse. — E algumas bolas de golfe.

— Merda, — disse Mamãe, envolvendo os braços em torno de sua barriga contraída.

O telefone tocou, e Mamãe o atendeu. — Sim? Oi, Marva, eu—Você o quê? Agora? — Ela escutou por um momento. — Tudo bem. Sim, você provavelmente está certa. Ok, veremos você lá.

— O quê? — Perguntei descontroladamente assim que ela desligou. — O que ela disse?

— Ela disse que a estrada principal está provavelmente inundada a essa hora, e o Pinto não vai conseguir atravessar. Então ela chamou Hardy, e ele vem para nos pegar na pickup. Uma vez que só há espaço para nós três, ele vai nos deixar e voltar para pegar Marva.

— Graças a Deus, — eu disse, instantaneamente aliviada. A pickup de Hardy iria passar por qualquer coisa.

Eu esperei na porta e olhava pela fresta. O granizo tinha parado de cair, mas a chuva manteve-se constante, às vezes chegando em pancadas laterais frias pela abertura estreita da porta. De vez em quando, eu olhava para trás para Mamãe, que havia retrocedido para o canto do sofá. Eu podia perceber que as dores estavam piorando — a tagarelice dela tinha morrido e ela tinha se encolhido, para se concentrar no processo inexorável que havia tomado o seu corpo.

Ouvi-a suspirar o nome do meu pai, baixinho. Uma agulhada de dor atravessou a parte de trás da minha garganta. O nome do meu pai, quando ela estava dando à luz o filho de outro homem.

É um choque a primeira vez que você vê seus pais em uma condição de desamparo, de sentir o inverso de suas situações. Mamãe era minha responsabilidade agora. Papai não estava aqui para cuidar dela. Mas eu sabia que ele teria querido que eu fizesse isso. Eu não falharia com nenhum deles.

A caminhonete azul dos Cates parou na frente, e Hardy caminhou até a porta. Ele estava vestindo um casaco esportivo de lã com o logotipo de pantera da escola nas costas. Parecendo grande e capaz, ele entrou no trailer e fechou a porta com firmeza. Seu olhar de avaliação varreu meu rosto. Pisquei em surpresa quando ele beijou meu rosto. Ele foi até minha mãe, ficou de joelhos | sua frente e perguntou delicadamente, — Como lhe soa uma carona

em uma pickup, Sra. Jones?

Ela reuniu uma risada fraca. — Eu acho que vou aceitar sua proposta,
Hardy.

De pé, ele olhou de volta para mim. — Alguma coisa que eu deva levar para a caminhonete? Eu coloquei a cobertura na parte traseira, por isso deve ficar bem seco.

Corri para pegar a mochila e entreguei a ele. Ele dirigiu-se para a porta. — Não, espere, — eu disse, continuando a carregar objetos em seus braços. — Precisamos deste tocador de fita. E este— — eu lhe dei um grande cilindro com um anexo que parecia uma chave de fenda.

Hardy olhou para ela com preocupação genuína. — O que é isso?

— Uma bomba manual.

— Para quê? Não, esqueça, não me diga.

— É para a bola de parto. — Fui para meu quarto e trouxe de volta uma enorme bola de borracha meio inflada. — Leve isto para fora também. — Vendo sua confusão, eu disse: — Nós vamos inflá-la por completo quando chegarmos à clínica. Ela usa a gravidade para ajudar ao longo do trabalho, e quando você se senta sobre ela, isso coloca pressão sobre o

— Eu entendi, — Hardy interrompeu às pressas. — Não há necessidade de explicar. — Ele saiu para guardar os objetos no carro, e retornou logo. — A tempestade está em calmaria. — disse ele. — Precisamos ir antes que outra pancada nos atinja. Sra. Jones, você tem uma capa de chuva?

Mamãe sacudiu a cabeça. Grávida como estava, não havia como a capa de chuva velha caber nela. Em silêncio, Hardy tirou o casaco de pantera e guiou os braços dela nas mangas, como se ela fosse uma criança. Não fechou muito sobre sua barriga, mas cobriu a maior parte dela.

Enquanto Hardy guiava Mamãe até a caminhonete, eu segui com uma braçada cheia de toalhas. Como a bolsa ainda não havia estourado, eu pensei que era melhor estar preparada. — Para que são esses? — Hardy perguntou depois de carregar a minha mãe no banco da frente. Tivemos que levantar as nossas vozes para serem ouvidas acima do barulho da tempestade.

— Você nunca sabe quando pode precisar de algumas toalhas, — eu

respondi, imaginando que iria lhe causar sofrimento desnecessário se eu explicasse.

— Quando a minha mãe teve Hannah e os meninos, ela nunca levava mais do que um saco de papel, uma escova de dentes, e uma camisola.

— Pra quê era o saco de papel? — Perguntei com preocupação imediata.
— Eu deveria correr e pegar um?

Ele riu e me levantou para o banco da frente ao lado de Mamãe. — Era para colocar a escova de dentes e a camisola dentro. Vamos, querida.

As enchentes já tinham transformado Welcome em uma cadeia de pequenas ilhas. O truque de passar de um lugar para outro era conhecer as ruas bem o suficiente para que você pudesse julgar quais córregos eram atravessáveis. Tudo o que é necessário são sessenta centímetros de água para afogar virtualmente qualquer carro. Hardy era um mestre em andar por Welcome, tomando um caminho tortuoso para evitar o terreno baixo. Ele seguiu estradas de fazendas, atravessou estacionamentos, e guiou a pickup através de correntes até que jorros de água fossem expelidos pelos pneus.

Eu estava maravilhada com a presença de espírito de Hardy, a falta de tensão visível, o jeito que ele conversava amenidades com Mamãe para distraí-la. O único sinal de esforço era a ruga entre suas sobrancelhas. Não há nada que um texano ame mais do que competir contra os elementos. Texanos têm uma espécie de orgulho sórdido em relação ao tempo áspero do estado. Tempestades épicas, calor de matar, ventos que ameaçam arrancar uma camada de pele, a variedade infinita de tornados e furacões. Não importa o quão ruim o tempo fique, ou o nível de dificuldade que era imposto, texanos os recebem com variações de uma única pergunta... — Quente o suficiente para você? —... — Molhado o suficiente para você? —... — Seco o suficiente para você? —... e assim por diante.

Eu observei as mãos de Hardy no volante, o leve aperto competente, as manchas de água em suas mangas. Eu o amava tanto, amava sua coragem, sua força, até mesmo a ambição que um dia iria levá-lo para longe de mim.

— Mais alguns minutos, — Hardy murmurou, sentindo o meu olhar sobre ele. — Eu vou deixar vocês duas lá, sãs e salvas.

— Eu sei que você vai, — eu disse, enquanto os limpadores de para-brisa

chicoteavam inutilmente contra as camadas de chuva que batiam no vidro.

Logo que chegamos à clínica familiar, Mamãe foi levada em uma cadeira de rodas para ser preparada, enquanto Hardy e eu levamos nossos pertences para a sala de parto. Ela estava cheia de máquinas e monitores, e um berço quente de assistência neonatal que parecia uma nave espacial de bebês.

Mas a aparência da sala era atenuada por cortinas com babados, uma faixa de papel de parede mostrando gansos e bebês patos, e uma cadeira de balanço acolchoada com algodão fino.

Uma enfermeira gorda de cabelos grisalhos andava pela sala, verificando o equipamento e ajustando o nível do leito. Quando Hardy e eu entramos, ela disse com firmeza: — Só as gestantes e seus maridos são permitidos na sala de parto. Vocês terão que ir para a área de espera no final do corredor.

— Não há nenhum marido, — eu disse, sentindo-me um pouco na defensiva assim que vi as sobrancelhas dela avançando em direção | linha dos cabelos. — Eu vou ficar para ajudar a minha mãe.

— Eu vejo. Mas o seu namorado vai ter que sair.

Cor quente correu sobre minha face. — Ele não é meu

— Não tem problema, — Hardy interrompeu facilmente. — Acredite, minha senhora, eu não quero ficar no caminho de ninguém.

O rosto severo da enfermeira relaxou em um sorriso. Hardy tinha esse efeito sobre as mulheres.

Puxando uma pasta colorida da mochila, eu a entreguei | enfermeira. — Senhora, eu apreciaria se você lesse isso.

Ela olhou desconfiada para a pasta amarela brilhante. Eu tinha impresso a expressão — PLANO DE NASCIMENTO — na frente e decorado com adesivos de mamadeiras e cegonhas. — O que é isso?

— Eu escrevi as nossas preferências para a experiência do parto, — expliquei. — Queremos iluminação fraca e tanta paz e calma quanto for possível, e nós vamos reproduzir sons da natureza. E nós queremos manter a mobilidade da minha mãe até a hora da anestesia epidural. Sobre o alívio da dor— ela está bem com Demerol^{18}, mas queríamos perguntar ao médico sobre Nubain. E por favor, não se esqueça de ler as notas sobre a

episiotomia^{19}.

Parecendo molestada, a enfermeira pegou o plano de parto e desapareceu.

Eu dei a bomba de mão a Hardy e liguei o toca-fitas na tomada. — Hardy, antes que você vá, você poderia encher a bola de parto? Não até o fim. Oitenta por cento seria o melhor.

— Claro, — disse ele. — Mais alguma coisa?

Eu assenti. — Há um meião cheio de arroz na mochila. Eu apreciaria se você encontrasse um forno de microondas em algum lugar e aquecesse por dois minutos.

— Absolutamente. — Quando Hardy inclinou-se para inflar a bola de nascimento, eu vi a linha de sua bochecha se esticar com um sorriso.

— O que é tão engraçado? — Eu perguntei, mas ele balançou a cabeça e não respondeu, apenas continuou a sorrir enquanto obedecia às minhas instruções.

No momento que Mamãe foi levada para a sala, a iluminação tinha sido ajustada à minha satisfação, e o ar estava cheio com os sons da floresta Amazônica. Era um tamborilar da chuva suave pontuado com o chilrear dos sapos e o grito ocasional de uma arara azul.

— O que são esses sons? — Mamãe perguntou, olhando ao redor da sala em estupefação.

— Uma fita de floresta equatorial. — Eu respondi. — Você gosta dela? É calmante?

— Eu acho que sim, — disse ela. — Embora, se eu começar a ouvir elefantes e macacos, você terá que desligá-lo.

Eu fiz uma versão suave de um grito do Tarzan, e isso a fez rir.

A enfermeira de cabelos grisalhos entrou para ajudar Mamãe a se levantar da cadeira de rodas. — Sua filha vai ficar aqui o tempo todo? — ela perguntou a Mamãe. Algo em seu tom de voz me deu a impressão de que ela estava esperando que a resposta fosse — não —.

— O tempo todo, — Mamãe disse com firmeza. — Eu não poderia ficar sem ela.

Às sete horas da noite, Carrington nasceu. Eu tinha escolhido o nome em

uma das novelas que Mamãe e eu gostávamos de assistir. A enfermeira a tinha lavado e envolvido como uma múmia em miniatura, e colocou-a em meus braços enquanto o médico cuidava de Mamãe e costurava os lugares que o bebê tinha rasgado. — Três quilos e meio, — disse a enfermeira, sorrindo da minha expressão. Tínhamos chegado a gostar um pouco mais uma da outra durante o processo de nascimento. Não só eu tinha sido um aborrecimento menor do que ela tinha esperado, como era difícil não sentir-se ligado, mesmo que apenas temporariamente, pelo milagre da nova vida.

Sete da sorte^{20}, eu pensei, olhando para minha irmãzinha. Eu nunca tive muito que fazer com bebês antes, e eu nunca tinha segurado um recém-nascido. A face de Carrington era rosa brilhante e de aspecto amassado, os olhos azul-acinzentados e perfeitamente redondos. Cabelo cobria a cabeça dela como as penas pálidas de um pintinho molhado. O peso dela parecia o mesmo que um grande saco de açúcar, mas ela era frágil e flexível. Eu tentei deixá-la confortável, mudando-a de lugar desajeitadamente até ela estivesse no meu ombro. A bola arredondada de sua cabeça se encaixou perfeitamente no meu pescoço. Senti suas costas se elevarem com um suspiro suave como o de um gatinho, e ela ficou imóvel.

— Eu preciso levá-la em um minuto, — a enfermeira disse, sorrindo para a minha expressão. — Eles precisam verificá-la e limpá-la.

Eu não queria deixá-la ir. Uma sensação de possessividade passou por mim. Eu sentia como se ela fosse o meu bebê, parte do meu corpo, amarrada à minha alma. Apaixonada até a beira das lágrimas, eu me virei para o lado e sussurrei para ela. — Você é o amor da minha vida, Carrington. O amor da minha vida.

A Senhorita Marva trouxe um buquê de rosas cor-de-rosa e uma caixa de cerejas cobertas de chocolate para Mamãe, e um cobertor de bebê que ela tinha feito para Carrington, lã amarela macia com bordas bordadas à mão. Depois de admirar e mimar o bebê por alguns minutos, a Senhorita Marva entregou-a de volta para mim. Ela centrou toda a sua atenção sobre Mamãe, buscando-lhe uma xícara de pedaços de gelo quando a enfermeira era muito lenta, ajustando os controles de sua cama, ajudando-a a caminhar até o banheiro e voltar.

Para meu alívio, Hardy apareceu para nos levar para casa no dia seguinte em

um grande sedã que ele tinha emprestado de um vizinho. Enquanto Mamãe assinava papéis e pegava uma pasta de instruções pós-parto da enfermeira, eu vestia o bebê em seu traje de ir para casa, um vestidinho azul de mangas compridas. Hardy permaneceu ao lado da cama de hospital e assistiu enquanto eu me esforçava para capturar as mãos da pequena estrela-do-mar e empurrá-las suavemente entre as mangas. As pontas de seus dedos continuavam capturando e apertando o tecido, tornando difícil colocar o vestido ao longo dos seus braços.

— É como tentar comer espaguete cozido através de um canudo, — observou Hardy.

Carrington grunhiu e reclamou assim que eu consegui puxar-lhe a mão pela manga. Eu comecei a colocar o outro braço, e a primeira mão pulou direto para fora do vestido de novo. Eu soltei um sopro exasperado. Hardy riu.

— Talvez ela não goste do vestido, — disse ele.

— Você gostaria de tentar? — Eu perguntei.

— Diabos, não. Eu sou bom em tirar meninas de suas roupas, não em colocá-las. — Ele nunca tinha feito esse tipo de observação perto de mim antes, e eu não gostei.

— Não fale palavrão na frente do bebê, — eu disse severamente.

— Sim, senhora.

O toque de aborrecimento me fez menos experimental com o bebê, e eu consegui terminar de vesti-la. Juntando os cachos no alto da cabeça dela, eu preendi um laço de velcro em torno deles. Cheio de sensibilidade, Hardy virou as costas quando eu troquei suas fraldas, que eram do tamanho de um guardanapo.

— Eu estou pronta, — veio a voz de Mamãe atrás de mim, e eu peguei Carrington.

Mamãe estava em uma cadeira de rodas, vestindo uma túnica azul nova e chinelos combinando. Ela segurava as flores de Marva no colo.

— Você quer levar o bebê e eu levo as flores? — Perguntei com relutância.

Ela balançou a cabeça. — Você carrega ela, docinho.

A cadeira de bebê tinha alças suficientes para conter um piloto de caça em

um F-15. Cautelosamente eu coloquei o bebê se contorcendo no banco. Ela começou a gritar enquanto eu tentava prender as tiras em torno dela. — É um sistema de segurança de cinco pontos. — Eu disse a ela. — A Consumer Reports^{21} disse que era o melhor disponível.

— Eu acho que o bebê não leu essa edição, — disse Hardy, subindo no outro lado do assento do carro para ajudar.

Eu estava tentada a dizer-lhe para não dar uma de espertalhão, mas lembrando minha regra de não dizer palavrões na frente de Carrington, eu me mantive em silêncio. Hardy sorriu abertamente para mim.

— Aqui vamos nós, — disse ele, habilmente destorcendo uma cinta. — Coloque esta fivela ali e atravesse a outra por cima.

Juntos, nós conseguimos prender Carrington com segurança no assento. Ela estava se exacerbando, gritando em oposição à indignidade de ser amarrada. Eu coloquei minha mão sobre ela, meus dedos curvando-se sobre o peito arfante. — Está tudo bem, — murmurei. — Está tudo bem, Carrington. Não chore.

— Tente cantar pra ela, — Hardy sugeriu.

— Eu não sei cantar, — disse eu, esfregando círculos no peito. — Você faz isso.

Ele balançou a cabeça. — Sem chance. Meu canto soa como um gato sendo atropelado por um rolo compressor.

Eu tentei uma versão da canção de abertura de A Vizinhaça do Senhor Rogers^{22}, que eu tinha visto todos os dias quando criança. No momento em que cheguei ao último — Você não quer ser meu vizinho? — Carrington tinha parado de chorar e estava me encarando com uma admiração míope.

Hardy riu baixinho. Seus dedos deslizaram sobre os meus, e por um instante ficamos assim, nossas mãos descansando levemente sobre o bebê. Olhando para sua mão, eu refleti que você nunca poderia confundi-la com a de outra pessoa. Seus dedos ásperos de trabalho, pontilhados com pequenas cicatrizes em forma de estrela vindas de encontros com martelos, pregos e arame farpado. Havia força bastante naqueles dedos para dobrar um prego com facilidade.

Ergui a cabeça e vi que os cílios de Hardy tinham se baixado para esconder

seus pensamentos. Ele parecia estar absorvendo a sensação dos meus dedos embaixo dos dele.

De repente, ele retirou e saiu do carro, indo ajudar Mamãe a sentar no banco do passageiro. Deixando-me a lidar com o eterno fascínio que parecia ter se tornado uma parte de mim tão certamente como uma mão ou um pé. Mas se Hardy não me queria, ou não se permitia me querer, eu agora tinha outra pessoa para esbanjar com todo meu carinho. Eu mantive a minha mão sobre o bebê todo o caminho, aprendendo o ritmo da sua respiração.

..... CAPÍTULO 7

Durante as primeiras seis semanas da vida de Carrington, desenvolvemos hábitos que depois provaram ser impossíveis de se quebrar. Alguns durariam pelo resto da vida.

Mamãe se recuperava lentamente, tanto espiritual quanto fisicamente. O nascimento do bebê a tinha esgotado de formas que eu não compreendia. Ela ainda ria e sorria, ainda me abraçava e perguntava como foi o meu dia na escola. Seu peso baixou até que ela parecesse quase a mesma de antes. Mas algo estava errado. Eu não podia apontar o que era; era um sutil desaparecimento de algo que estava ali antes.

A Senhorita Marva disse que Mamãe apenas estava cansada. Quando você ficava grávida, seu corpo atravessava nove meses de mudanças, e levava pelo menos esse tempo para voltar ao normal. O principal, ela disse, era dar a Mamãe muita compreensão e ajuda.

Eu queria ajudar, não apenas por causa de Mamãe, mas porque eu amava Carrington apaixonadamente. Amava tudo nela, a pele macia de bebê e cachos platinados, o modo como ela respingava água no banho como um bebê sereia. Seus olhos se tornaram o exato tom azul-esverdeado do creme dental Aquafresh. Seu olhar me seguia em todos os lugares, sua mente cheia de pensamentos que ela ainda não podia expressar.

Meus amigos e minha vida social não me interessavam tanto quanto o bebê. Eu empurrava Carrington em seu carrinho, alimentava-a e brincava com ela, e a colocava para dormir. Nem sempre era fácil. Carrington era um bebê inquieto, sempre perto de ter cólicas.

O pediatra tinha dito que, para ter um diagnóstico oficial de cólica, o bebê tinha de chorar três horas por dia. Carrington chorava umas duas horas e cinquenta e cinco minutos, e pelo resto do dia ela ficava agitada. O farmacêutico fez uma mistura de algo que ele chamou — água do mau-humor —, um líquido leitoso que cheirava a alcaçuz. Dar algumas gotas a Carrington antes e depois de ela comer pareceu ajudar um pouco.

Como o berço dela ficava no meu quarto, eu geralmente a escutava

primeiro à noite e acabava sendo quem a confortava. Carrington acordava três ou quatro vezes por noite. Em pouco tempo aprendi a fazer suas mamadeiras e alinhá-las na geladeira antes de ir para cama. Comecei a ter sono leve, um ouvido contra o travesseiro, o outro esperando algum sinal de Carrington. No momento em que eu a escutava fungar e grunhir, eu saía da cama, corria para aquecer a mamadeira no micro-ondas, e me apressava de volta. Era melhor pegá-la no início. Uma vez que ela começava a chorar de verdade, levava algum tempo para acalmá-la.

Eu me sentaria na cadeira de balanço, inclinando a mamadeira para que Carrington não sugasse ar, enquanto seus dedinhos agarravam os meus. Eu estava tão cansada que quase delirava, e o bebê também, ambas decididas a colocar leite em seu estômago rapidamente para que nós pudéssemos voltar a dormir. Depois que ela tivesse tomado uns cento e quinze gramas, eu a sentava no meu colo, seu corpo dobrado sobre minha mão como um brinquedo estofado. Assim que ela arrotava, eu a colocava de volta no berço e me arrastava para minha cama como um animal ferido. Nunca tinha suspeitado que eu poderia atingir um nível de exaustão que doía de verdade, ou que dormir podia se tornar tão precioso que eu venderia minha alma para ter mais uma hora.

Não é de se surpreender que, depois que a escola começou, minhas notas não eram impressionantes. Eu ainda estava bem nas matérias que sempre foram fáceis para mim, Inglês, História e Ciências Sociais. Mas Matemática era impossível. A cada dia eu ficava mais para trás. Cada falha no meu entendimento fazia com que a próxima lição fosse muito mais difícil, até que eu ia para a aula de matemática com o estômago doente e a pulsação de um Chihuahua. Um importante teste no meio do semestre era o ponto decisivo no qual eu tiraria uma nota tão baixa, que estaria fadada a reprovar o resto do semestre.

No dia anterior ao teste, eu estava um caco. Minha ansiedade se espalhou para Carrington, que chorava quando eu a segurava e gritava quando eu a deixava. Coincidentemente, era um dia em que os amigos de trabalho de Mamãe a tinham convidado para jantar, o que significava que ela não estaria em casa até as oito ou nove. Embora eu tivesse planejado perguntar a Senhorita Marva se ela poderia cuidar de Carrington por duas horas a mais, ela tinha me cumprimentado na porta com uma bolsa de gelo na cabeça. Ela

estava com enxaqueca, disse, e assim que eu levasse o bebê, ela iria tomar algum remédio e ir para cama.

Não tinha como me salvar. Mesmo se eu tivesse tempo para estudar, não faria diferença. Cheia de desesperança e frustração insuportável, eu segurei Carrington contra meu peito enquanto ela berrava no meu ouvido. Eu queria fazê-la parar. Estava tentada a cobrir sua boca com a minha mão, qualquer coisa para fazer o barulho acabar. — Pare, — eu disse furiosa, meus próprios olhos ardendo e lacrimejando. — Pare de chorar agora. — A raiva na minha voz fez com que Carrington gritasse até sufocar. Estava certa de que qualquer um do lado de fora do trailer podia ouvir e assumiria que alguém estava sendo assassinado.

Houve uma batida na porta. Tropeçando em direção a ela cegamente, rezei para que fosse Mamãe, que seu jantar tivesse sido cancelado e ela estivesse de volta mais cedo. Abri a porta com o bebê se contorcendo nos meus braços, e vi a forma alta de Hardy Cates através de um borrão de lágrimas. Oh, Deus. Eu não podia decidir se ele era a pessoa que eu mais queria ver, ou a última pessoa que eu queria ver.

— Liberty... — Ele me lançou um olhar perplexo enquanto entrava. — O que está acontecendo? O bebê está bem? Você está machucada?

Balancei minha cabeça e tentei falar, mas de repente eu estava chorando tão forte quanto Carrington. Suspirei de alívio quando o bebê foi levantado dos meus braços. Hardy a colocou sobre seu ombro, e ela começou a se acalmar instantaneamente.

— Pensei em passar por aqui para ver como você estava, — ele disse.

— Ah, estou simplesmente maravilhosa, — eu disse, passando minha manga pelos meus olhos úmidos.

Com seu braço livre, Hardy estendeu o braço e me puxou para ele. — Diga-me, — murmurou contra meu cabelo. — Diga-me o que está errado, querida. — Entre soluços eu contei sobre matemática e bebês e falta de sono, enquanto a mão de Hardy passava suavemente sobre minhas costas. Ele não parecia de maneira nenhuma desconcertado por ter duas mulheres choramingando em seus braços, apenas nos segurou até que o trailer estivesse em silêncio.

— Há um lenço no meu bolso de trás, — disse, seus lábios roçando minha bochecha molhada. Comecei a tatear por ele, corando quando meus dedos tocaram a superfície dura da sua nádega. Levantando o lenço para meu nariz, eu assoei com barulho. Depois disso, Carrington arrotou alto. Balancei minha cabeça em derrota, muito cansada para sentir vergonha pelo fato de minha irmã e eu sermos nojentas e problemáticas e completamente fora de controle.

Hardy riu. Afastando minha cabeça, ele olhou para os meus olhos avermelhados. — Você parece péssima, — ele disse francamente. — Você está doente ou só cansada?

— Cansada, — resmunguei.

Ele acariciou meu cabelo. — Vá se deitar, — disse.

Parecia tão bom, e tão impossível, que tive de cerrar os dentes para conter outra onda de soluços. — Não posso... o bebê... o teste de matemática...

— Vá se deitar. — Ele repetiu gentilmente. — Vou te acordar em uma hora.

— Mas

— Não discuta. — Ele me empurrou em direção ao quarto. — Vá.

A sensação de ceder a responsabilidade para outra pessoa, deixá-la tomar o controle, era um alívio além das palavras. Eu me encontrei andando penosamente para meu quarto como se andasse sobre areia movediça, e desmoronei sobre a cama. Minha mente ferida insistia que eu não devia ter jogado minha carga sobre Hardy. Pelo menos eu deveria ter explicado como encher as mamadeiras e onde as fraldas e lenços estavam. Mas no momento em que minha cabeça afundou no travesseiro, eu caí no sono.

Pareceu que somente cinco minutos tinham-se passado quando senti a mão de Hardy no meu ombro.

Gemendo, eu me movi para olhar para ele com um olhar turvo. Cada nervo no meu corpo gritava em protesto contra a necessidade de acordar. — Já passou uma hora, — ele sussurrou. Ela parecia tão forte e calmo, irradiando vitalidade quando se inclinou sobre mim. Ele parecia ter uma força inesgotável, e desejei que eu pudesse ter apenas um pouco dela. — Vou te ajudar a estudar, — ele disse. — Sou ótimo com matemática.

Respondi com o mau humor de uma criança castigada. — Não se incomode. Estou além da ajuda.

— Não, não está, — disse. — Quando eu acabar com você, você saberá tudo que precisa saber.

Percebendo que o trailer estava quieto—quieto demais—levantei minha cabeça. — Onde está o bebê? — — Ela está com Hannah e minha mãe. Elas vão ficar cuidando dela por umas duas horas. — — Elas... elas... mas elas não podem! — A ideia de minha irmãzinha irascível sob os cuidados da Srta. Judie — não castigue, mime a criança — Cates era suficiente para me dar um ataque do coração. Eu me balancei para uma posição sentada.

— Claro que elas podem, — Hardy disse. — Eu levei Carrington com a bolsa de fraldas e duas mamadeiras. Ela vai ficar bem. — Ele sorriu da minha expressão. — Não se preocupe,

Liberty. Uma tarde com minha mãe não vai matá-la.

Tenho vergonha de admitir que levou alguma persuasão e até uma ameaça ou duas antes que Hardy me convencesse a sair da cama. Sem dúvidas, pensei com mau humor, ele estava muito mais acostumado a levar garotas para cama do que tirá-las dela. Cambaleando até a mesa, eu caí sobre uma cadeira. Uma pilha de livros, um caderno de papel milimetrado e três lápis afiados estavam diante de mim. Hardy foi até a cozinha e retornou com uma xícara de café muito doce e com creme. Minha mãe era uma bebedora de café, mas eu não conseguia suportar aquela coisa.

— Não gosto de café, — disse com cara azeda.

— Gosta hoje | noite, — ele disse. — Comece a beber.

A combinação de cafeína, silêncio, e a paciência sem misericórdia de Hardy começam a funcionar como mágica em mim. Ele passou pela lista de estudo metodicamente, resolvendo problemas para que eu pudesse entender como eles funcionavam, respondendo as mesmas questões repetidamente. Aprendi mais em uma tarde do que em semanas de aulas de matemática. Gradualmente a massa de conceitos que eu havia achado tão esmagadora se tornou mais compreensível.

No meio da tarde, Hardy deu uma pausa para fazer duas ligações. A primeira foi para uma grande pizza de pepperoni que seria entregue em

quarenta e cinco minutos. A segunda ligação foi bem mais interessante. Eu me inclinei sobre um livro e um pedaço de papel milimetrado, fingindo estar absorta em um logaritmo enquanto Hardy estava na sala e falavam em tom baixo.

— ... não posso hoje | noite. Não, tenho certeza. — Ele pausou, enquanto a pessoa do outro lado da linha respondia. — Não, não posso explicar, — disse. — É importante... tem de acreditar em mim... — Deve ter tido algumas reclamações, porque ele disse mais algumas coisas que soaram apaziguadoras, e disse — querida — duas vezes.

Terminando a ligação, Hardy retornou para mim com uma expressão cuidadosamente vazia. Eu sabia que deveria me sentir culpada por interromper seus planos para essa noite, especialmente quando eles envolviam uma namorada. Mas eu não me sentia. Eu reconhecia secretamente que era uma pessoa baixa e pequena, porque eu não podia ter ficado mais satisfeita com o rumo que as coisas estavam tomando.

Enquanto o estudo de matemática continuou, nós sentamos com nossas cabeças próximas. Estávamos encasulados no trailer enquanto a escuridão se abria lá fora. Parecia estranho não ter o bebê por perto, mas um alívio, também.

Quando a pizza chegou, nós a comemos rapidamente, dobrando os triângulos quentes para não deixar cair o queijo derretendo. — Então... — Hardy disse um pouco casualmente demais, — você ainda está saindo com Gill Mincey?

Eu não tinha falado com Gill há meses, não devido a alguma animosidade, mas porque nossa frágil conexão tinha se dissolvido assim que o verão começou. Balancei minha cabeça em resposta. — Não, ele é apenas um amigo agora. E você? Está saindo com alguém?

— Ninguém em especial. — Hardy tomou um gole de chá gelado e me encarou pensativamente. — Liberty... você tem conversado com sua mãe sobre quanto tempo você passa com o bebê?

— O que você quer dizer?

Ele me lançou um olhar reprovador. — Você sabe o que eu quero dizer. Toda essa história de babá. Acordar com ela todas as noites. Ela parece mais

sua filha do que sua irmã. É muito para você lidar. Você precisa de tempo para si mesma... se divertir... sair com amigos. E namorados. — Ele estendeu a mão e tocou o lado do meu rosto, seu polegar roçando minha bochecha rosada. — Você parece tão cansada. — Sussurrou. — Isso me faz querer— — Ele parou e engoliu as palavras de volta.

Um enorme silêncio se moveu entre nós. Problemas na superfície e correntes ainda mais profundas por baixo. Havia tanta coisa que eu queria confidenciar a ele... A distância preocupante de Mamãe com o bebê, e a questão culpada de se, de alguma forma, eu tirei Carrington dela ou se eu apenas preenchi uma vaga. Queria contar a ele sobre meus próprios desejos, e o medo de que eu nunca encontrasse alguém que eu amasse tanto quando ele.

— É hora de pegar o bebê, — Hardy disse. — Ok. — Eu o observei ir até a porta. — Hardy.

— Sim? — Ele parou sem olhar para trás.

— Eu— — Minha voz tremeu, e eu tive de tomar fôlego antes de continuar. — Eu não serei sempre nova demais para você.

Ele mesmo assim não olhou para mim. — Quando você for velha o bastante, eu terei ido embora.

— Vou esperar por você.

— Eu não quero que faça isso. — A porta se fechou com um clique baixo.

Eu joguei fora a caixa vazia de pizza e os copos de plástico e limpei a mesa e o balcão. O cansaço estava voltando de novo, mas dessa vez eu tinha razão para ter esperanças de sobreviver ao dia seguinte.

Hardy retornou com Carrington, que estava quieta e bocejando, e me apressei para tomá-la. — Doce bebê, doce pequena Carrington, — sussurrei. Ela se ajeitou em sua posição usual sobre meu ombro, sua cabeça um peso quente contra meu pescoço.

— Ela está bem, — Hardy disse. — Ela provavelmente precisava de um tempo tanto quanto você. Mamãe e Hannah lhe deram um banho e a mamadeira, e agora ela está pronta para dormir.

— Graças a Deus, — eu disse comovidamente.

— Você precisa dormir também. — Ele tocou meu rosto, seu polegar

alisando o arco de minha sobrancelha. — Você irá se sair bem no teste, querida. Só não entre em pânico. Faça um passo de cada vez, e você vai conseguir.

— Obrigada, — eu disse. — Você não tinha de fazer nada disso. Eu não sei por que fez. Eu realmente

As pontas de seus dedos vieram pros meus lábios com a pressão de uma pena. — Liberty, — ele sussurrou. — Você não sabe que eu faria qualquer coisa por você?

Engoli em seco dolorosamente. — Mas... você está ficando longe de mim.

Ele sabia o que eu queria dizer. — Estou fazendo isso por você, também. — Lentamente ele baixou sua testa para a minha, com o bebê entre nós.

Fechei meus olhos, pensando, Deixe-me amar você, Hardy, apenas deixe-me. — Chame sempre que você precisar de ajuda. — Ele murmurou. — Posso estar do seu lado dessa forma. Como um amigo.

Virei meu rosto até que minha boca tocasse a suavidade raspada de sua pele. Ele prendeu a respiração, e não se moveu. Eu me aconcheguei na brandura da sua bochecha, a dureza da sua mandíbula, amando sua textura. Nós ficamos assim por alguns segundos, não realmente nos beijando, inundados com a proximidade do outro. Nunca tinha sido assim com Gill ou qualquer outro garoto, meus ossos virando líquido, meu corpo tremendo com desejos que não tinham nenhum ponto de referência anterior. Querer Hardy era diferente de querer qualquer outra pessoa.

Perdida no momento, eu demorei a responder quando ouvi a porta se abrir com uma pancada. Minha mãe tinha voltado. Hardy se afastou de mim, seu rosto limpo de expressão, mas o ar estava pesado com emoção.

Mamãe entrou no trailer, seus braços cheios com a jaqueta, chaves e uma caixa com comida do restaurante. Ela absorveu a cena com apenas um olhar e formou um sorriso. — Oi, Hardy. O que você está fazendo aqui?

Eu intervi antes que ele pudesse responder. — Ele me ajudou a estudar para o teste de matemática. Como foi o jantar, Mamãe?

— Foi bem. — Ela deixou as coisas no balcão da cozinha e veio pegar o bebê de mim. Carrington protestou a mudança de braços, sua cabeça balançando, seu rosto se enchendo de cor. — Shhh, — Mamãe a acalmou,

balançando-a numa gentil repetição até que ela ficou calma.

Hardy murmurou uma despedida e foi para porta. Mamãe falou num tom cuidadosamente calibrado. — Hardy, eu aprecio que você tenha vindo aqui ajudar a Liberty a estudar. Mas não acho que você deveria passar muito mais tempo sozinho com minha filha.

Eu segurei a respiração. Deliberadamente desenhar uma linha entre mim e Hardy, quando não tínhamos feito nada de errado, parecia uma feia hipocrisia, vindo de uma mulher que tinha acabado de ter um bebê sem pai. Eu queria dizer isso, e coisas piores.

Hardy falou antes que eu pudesse, seu olhar frio preso no da minha mãe. — Acho que você está certa.

Ele saiu do trailer.

Eu queria gritar com minha mãe, atirar palavras nela como uma chuva de dardos. Ela era egoísta. Ela queria que eu pagasse pela infância de Carrington com a minha própria. Ela estava com inveja que alguém pudesse gostar de mim quando não havia nenhum homem na vida dela. E não era justo que ela saísse com os amigos dela tão frequentemente, quando ela deveria querer ficar em casa com sua recém-nascida. Eu queria dizer tanto essas coisas, que quase sufoquei debaixo do peso das palavras não ditas. Mas sempre foi da minha natureza prender a minha raiva, como um lagarto texano comendo sua própria cauda.

— Liberty— — Mamãe começou gentilmente.

— Eu vou para cama, — eu disse. Não queria ouvir a opinião dela sobre o que ela melhor para mim. — Eu tenho um teste amanhã. — Fui para o meu quarto com passos rápidos e fechei a porta num covarde meia-batida, quando eu deveria ter tido a coragem de bater a porta de verdade. Mas pelo menos eu tive a rápida e malvada satisfação de ouvir o bebê chorar.

..... CAPÍTULO 8

À medida que o ano passava, eu havia começado a medir a passagem do tempo não pelas indicações do meu próprio desenvolvimento, mas pelas de Carrington. A primeira vez que ela rolou, a primeira vez que ela se sentou por conta própria, comeu molho de maçã misturado com arroz em pó, o primeiro corte de cabelo, o primeiro dente. Eu era a pessoa para quem ela sempre levantava os braços primeiro, dando-me um molhado sorriso sem dentes. Isso divertiu e desconcertou Mamãe no começo, e então se tornou algo que todos aceitaram sem rodeios.

A ligação entre Carrington e eu era mais próxima do que a de irmãs, era mais como a de pai e filho. Não como resultado de uma intenção ou escolha.. ela simplesmente era. Parecia natural que eu fosse com Mamãe e o bebê às suas consultas com o pediatra. Eu estava mais intimamente familiarizada com os problemas e padrões do bebê do que qualquer outra pessoa. Quando era hora de vacinações, Mamãe recuava para o canto da sala enquanto eu fixava os braços e as pernas do bebê na mesa do doutor. — Você faz isso, Liberty, — dizia Mamãe. — Ela não vai ficar magoada com você, como ficaria com outra pessoa.

Eu fitava os olhos marejados de Carrington, vacilando diante de seu grito de incredulidade enquanto a enfermeira injetava as vacinas em suas coxinhas gordas. Eu abaixava a cabeça ao lado dela. — Eu gostaria que pudesse ser eu, — eu sussurrava em seu ouvido escarlate. — Eu tomaria por você. Eu tomaria cem delas. — Depois eu a consolava, segurando-a apertado até que seu choro parasse. Eu fazia uma cerimônia de colocar o adesivo de EU FUI UMA BOA PACIENTE no centro da camiseta dela.

Ninguém, incluindo eu, poderia dizer que Mamãe não era uma boa mãe para Carrington. Ela era carinhosa e atenciosa com o bebê. Ela se certificava que Carrington estava bem vestida e tinha tudo que precisava. Mas a distância desconcertante permaneceu. Incomodava-me que ela parecia não sentir tão enormemente pelo bebê como eu.

Eu fui para a Senhorita Marva com minhas preocupações, e sua resposta

me surpreendeu. — Não há nada de estranho nisso, Liberty.

— Não?

Ela mexeu uma grande panela de cera perfumada no fogão, preparando-o para ser derramado no interior da jarra de vidro de boticário. — É uma mentira quando dizem que você ama seus filhos igualmente, — ela disse placidamente. — Sempre há um favorito. E você é a favorita de sua mãe.

— Eu quero que Carrington seja a favorita dela.

— Sua mamãe irá se aproximar dela com o tempo. Não é sempre amor à primeira vista. — Ela mergulhou uma concha de aço inoxidável na panela e trouxe-a cheia de cera azul-clara. — \s vezes, você tem que conhecer um ao outro.

— Não deveria demorar tanto, — eu protestei.

As bochechas da Senhorita Marva balançaram quando ela riu. — Liberty, poderia levar uma vida inteira.

Pela primeira vez, seu riso não era um som alegre. Eu sabia sem perguntar que ela estava pensando sobre sua própria filha, uma mulher chamada Marisol, que morava em Dallas e nunca vinha visitar. A Senhorita Marva uma vez descreveu Marisol, o produto de um breve e distante casamento, como uma alma atormentada, dada a vícios e obsessões e relacionamentos com homens de baixo caráter.

— O que a fez ser desse jeito? — Eu tinha perguntado | Senhorita Marva quando ela me contou sobre Marisol, esperando ela alinhar razões lógicas tão bem quanto bolas de massa de biscoito em uma assadeira.

— Deus fez, — a Senhorita Marva tinha respondido, de forma simples e sem amargura. A partir dessa e de outras conversas, eu deduzi que em questões de natureza versus criação, ela estava firmemente no lado da primeira. Quanto a mim, eu não tinha tanta certeza.

Sempre que eu levava Carrington para sair, as pessoas presumiam que ela era minha, apesar do fato de que eu tinha cabelo preto e pele âmbar, e ela era tão branca quanto uma pétala de margarida branca. — Como eles têm filhos cedo, — eu ouvi uma mulher dizer atrás de mim, enquanto eu empurrava o carrinho de Carrington pelo shopping. E uma voz masculina respondeu com evidente aversão. — Mexicanos. Ela vai ter uma dúzia quando estiver com

vinte. E todos eles estarão vivendo do dinheiro de nossos impostos. — — Shhh. Não tão alto, — a mulher advertiu.

Eu apertei meu passo e entrei na primeira loja que podia alcançar, minha face queimando com vergonha e raiva. Esse era o estereótipo—garotas Mexicanas deveriam fazer sexo cedo e frequentemente, se reproduzir feito coelhos, ter temperamentos vulcânicos e amar cozinhar. De vez em quando, um panfleto apareceria nas prateleiras perto da entrada do supermercado, contendo imagens e descrições de noivas mexicanas à venda por correspondência. — Estas senhoritas adoráveis gostam de ser mulheres, — os panfletos diziam. — Elas não estão interessadas em competir com os homens. Uma esposa mexicana, com seus valores tradicionais, irá colocar você e sua carreira em primeiro lugar. Ao contrário de suas contrapartes americanas, as mulheres mexicanas se satisfazem com um estilo de vida modesto, contanto que não sejam maltratadas.

Vivendo tão perto da fronteira, as mulheres texanas/mexicanas eram muitas vezes sujeitas às mesmas expectativas. Eu esperava que nenhum homem jamais fosse cometer o erro de pensar que *eu* ficaria feliz em colocar ele e sua carreira em primeiro lugar.

Meu segundo ano de ensino médio parecia ir rapidamente. A disposição de Mamãe havia melhorado consideravelmente, graças aos antidepressivos que o médico havia prescrito. Ela recuperou a sua silhueta e seu senso de humor, e o telefone tocava constantemente. Mamãe raramente trazia seus namorados ao trailer, e ela quase nunca passava uma noite inteira longe de mim e de Carrington. Mas ainda havia aqueles desaparecimentos estranhos quando ela sumiria por um dia e voltaria sem uma palavra de explicação. Após esses episódios, ela sempre ficava calma e estranhamente em paz, como se tivesse passado por um período de oração e jejum. Eu não me importava que ela sáísse. Sempre pareceu fazer o bem para ela, e eu não tinha nenhum problema em cuidar de Carrington sozinha.

Tentei depender de Hardy tão pouco quanto possível, porque ver um ao outro parecia nos trazer mais frustração e infelicidade do que prazer. Hardy estava determinado a me tratar como se eu fosse uma irmã mais nova, e eu tentei obedecer, mas a simulação era estranha e inadequada.

Hardy estava ocupado com arar a terra e outros trabalhos brutais que o

endureciam em corpo e espírito. O brilho travesso em seus olhos havia esfriado em um olhar insípido, rebelde. Sua falta de perspectivas, o fato de que outros garotos de sua idade estavam indo para a faculdade, enquanto ele parecia estar indo para lugar nenhum, estava lhe corroendo. Garotos na posição de Hardy tinham poucas opções depois do ensino médio além de pegar um emprego petroquímico na Sterling ou Valero, ou ir para a construção de estradas.

Quando me formasse, minhas escolhas não seriam melhores. Eu não tinha talentos especiais que me ganhariam uma bolsa de estudos em qualquer lugar, e até agora eu não tinha nem mesmo pego qualquer emprego de verão que teriam me dado experiência para colocar em um currículo. — Você é boa com bebês, — minha amiga Lucy tinha apontado. — Você poderia trabalhar em uma creche, ou talvez como professora assistente na escola primária.

— Só sou boa com Carrington, — eu disse. — Eu não acho que gostaria de cuidar das crianças de outras pessoas.

Lucy tinha ponderado minhas possíveis futuras carreiras, e decidiu que eu deveria obter um diploma de cosmetologia. — Você gosta de fazer maquiagem e cabelo, — ressaltou. Isso era verdade. Mas a escola de beleza seria cara. Eu me perguntei qual seria a reação de Mamãe se eu lhe pedisse milhares de dólares para a matrícula. E então eu me perguntei quais outros planos ou ideias ela poderia ter para o meu futuro, se tivesse. Era bastante provável que não. Mamãe escolhia viver o momento. Então eu armazenei a ideia, guardando-a para um tempo quando eu pensasse que Mamãe estaria aberta a ela.

O inverno chegou, e eu comecei a sair com um rapaz chamado Luke Bishop, cujo pai era dono de uma concessionária de carros. Luke estava no time de futebol—na verdade, ele tinha pegado a posição de zagueiro depois que o joelho de Hardy tinha sido machucado no ano anterior—mas Luke não estava pensando em uma carreira esportiva. O status financeiro de sua família permitiria que ele fosse para qualquer faculdade que pudesse entrar. Ele era um rapaz de boa aparência, com cabelos escuros e olhos azuis, e ele tinha bastante semelhança física com Hardy para que eu me sentisse atraída.

Conheci Luke em uma festa de Papai Noel Azul pouco antes do Natal. Era a ação anual da polícia local de coleta de brinquedos para as famílias pobres com crianças carentes. Pela maior parte de dezembro os brinquedos eram

doados, reunidos e ordenados, e no dia vinte e um, os presentes eram embrulhados em uma festa na delegacia. Qualquer pessoa pode se voluntariar para ajudar. O treinador de futebol tinha ordenado todos os seus jogadores a participar de alguma forma, fosse para arrecadar brinquedos, participar da festa de embrulhamento, ou entregá-los na véspera de Natal.

Fui à festa com minha amiga Moody e seu namorado Earl Jr., o filho do açougueiro. Devia haver pelo menos uma centena de pessoas na festa, e uma montanha de brinquedos empilhados ao redor e ao lado das longas mesas. Música de Natal estava tocando ao fundo. Uma estação de café improvisada no canto exibia grandes garrafas de aço inoxidável, e caixas de biscoitos revestidos com glacê branco. De pé em uma fileira de embrulhadores de presentes, usando um chapéu de Papai Noel que alguém tinha colocado em minha cabeça, eu me sentia como um duende de Natal.

Com tantas pessoas cortando papel e enrolando fitas, havia uma escassez de tesouras. Assim que um par era deixado, ele era imediatamente arrebatado por alguém que estava esperando sua vez. Estando perto da mesa uma pilha de brinquedos não embrulhados, e um rolo de papel listrado vermelho e branco, eu observava impacientemente pela minha chance. Um par de tesouras bateu na mesa, e eu movi minha mão para pegá-lo. Mas alguém foi rápido demais para mim. Meus dedos inadvertidamente pegaram uma mão masculina que já tinha agarrado a tesoura. Olhei para cima para um par de sorridentes olhos azuis.

— Peguei primeiro, — disse o garoto. Com a outra mão, ele jogou a ponta do meu chapéu de Papai Noel para longe de meus olhos e por cima do meu ombro.

Nós passamos o resto da noite lado a lado, conversando, rindo e mostrando presentes que pensávamos que o outro gostaria. Ele escolheu uma boneca repolhinho^{23} com cabelos castanhos encaracolados para mim, e eu escolhi um modelo montável de um caça X-wing de Star Wars^{24} para ele. Pelo final da noite, Luke havia me convidado para um encontro.

Havia muitas coisas para gostar em Luke. Ele era comum em todas as maneiras corretas, inteligente mas não um nerd, atlético mas não musculoso. Ele tinha um sorriso bonito, embora não fosse o sorriso de Hardy. Seus olhos azuis-escuros não tinham o brilho de fogo e gelo dos de Hardy, e seu cabelo

escuro era encaracolado e duro, em vez de espesso e suave como pele de marta. Luke também não tinha a presença forte de Hardy ou seu espírito inquieto. Mas em outros modos eles eram semelhantes, altos e fisicamente autoconfiantes, ambos inflexivelmente masculinos.

Era um tempo em minha vida quando eu estava especialmente vulnerável à atenção masculina. Todo o resto do pequeno mundo de Welcome parecia estar namorando. Minha própria mãe estava saindo mais do que eu. E aqui estava um garoto que parecia com Hardy, sem a complexidade, e ele estava disponível.

À medida que Luke e eu começamos a nos ver mais, nós fomos aceitos como um casal e outros garotos pararam de me convidar para sair. Eu gostava da segurança de ser metade de um par. Eu gostava de ter alguém para andar juntos pelos corredores, alguém com quem almoçar, alguém para me levar para comer pizza após o jogo de sexta à noite.

Na primeira vez que Luke me beijou, fiquei desapontada ao descobrir que não era nada parecido com os beijos de Hardy. Ele tinha acabado de me trazer de volta de um encontro. Antes de sair do carro, ele se inclinou e pressionou sua boca na minha. Devolvi a pressão, tentando chamar uma resposta, mas não havia nenhum calor ou excitação, apenas a umidade estranha da boca de outra pessoa, a escorregadia sondagem de uma língua. Meu cérebro permaneceu não envolvido com o que acontecia ao meu corpo. Sentindo-me culpada e envergonhada pela minha própria frieza, eu tentei compensar passando meus braços ao redor do seu pescoço e beijando-o mais forte.

À medida que continuamos a nos encontrar, houve mais beijos, abraços, explorações experimentais. Gradualmente, eu aprendi a parar de comparar Luke a Hardy. Não havia mágica misteriosa, nem circuitos invisíveis de sensação e pensamento entre nós. Luke não era do tipo que pensava profundamente sobre as coisas, e ele não tinha interesse no território secreto do meu coração.

No começo, Mamãe não tinha aprovado o meu namoro com um finalista, mas quando ela conheceu Luke, ficou encantada com ele. — Ele parece um bom garoto, — ela me disse depois. — Se você quiser namorar ele, eu permitirei enquanto você mantiver o horário de voltar para casa |s onze e trinta.

— Obrigada, Mamãe. — Eu era grata que ela havia dado permissão, mas algum demônio interior me levou a dizer, — Ele é só um ano mais novo do que Hardy, você sabe. — Ela entendeu minha pergunta silenciosa. — Não é a mesma coisa.

Eu sabia por que ela tinha dito isso.

Aos dezenove anos, Hardy já havia se tornado mais homem do que alguns homens jamais seriam. Na ausência de um pai, ele aprendeu a assumir a responsabilidade de uma família, provendo para sua mãe e irmãos. Ele trabalhou duro para garantir a sobrevivência deles, e a sua própria. Luke, pelo contrário, foi protegido e mimado, seguro na crença de que as coisas sempre viriam fáceis para ele.

Se eu não tivesse conhecido Hardy, era possível que eu tivesse chegado a me importar mais com Luke. Mas era tarde demais para isso. Minhas emoções haviam se dobrado em torno de Hardy como o couro moldado molhado deixado para secar e endurecer no sol, até que qualquer tentativa de alterar a sua forma fizesse com que ele quebrasse.

Uma noite, Luke me levou a uma festa realizada na casa de alguém, enquanto seus pais estavam fora no fim de semana. O lugar estava cheio de finalistas, e eu olhei em vão por um rosto familiar.

O hard blues rock de Stevie Ray Vaughan explodia dos alto-falantes do pátio externo, enquanto copos de plástico com líquido laranja eram distribuídos para a multidão. Luke trouxe um para mim, me aconselhando com um riso a não beber muito rápido. Tinha gosto de álcool de limpeza aromatizado. Eu tomei os menores goles possíveis, a bebida alcoólica cáustica fazendo meus lábios arder. Enquanto Luke estava conversando com seus amigos, eu pedi licença perguntando onde era o banheiro.

Segurando o copo de plástico, eu entrei na casa e fingi não notar os casais se agarrando nas sombras e cantos. Achei o banheiro de hóspedes, que estava milagrosamente desocupado, e derramei a bebida no vaso sanitário.

Quando saí do banheiro, decidi tomar uma rota diferente para o lado de fora. Seria mais fácil, sem falar menos embaraçoso, sair pela porta da frente e dar a volta ao lado da casa ao invés de retornar através do caminho de casais amorosos. Mas quando eu passei pela grande escada no saguão, percebi de um par de corpos entrelaçados em uma sombra.

Eu senti como se tivesse sido esfaqueado no coração quando reconheci Hardy, seus braços em torno de garota loira alta. Ela estava montando uma de suas coxas, suas costas e ombros revelados por um bustiê de veludo preto. Um dos punhos dele estava fechado no cabelo dela, segurando-o para trás enquanto ele arrastava a boca devagar ao lado da sua garganta.

Dor, desejo, ciúme... Eu não sabia que era possível sentir tantas coisas tão fortemente, de uma só vez. Foi preciso cada gota de vontade que eu possuía para ignorá-los e continuar. Meus passos vacilaram, mas eu não parei. Com o canto do meu olho, eu vi Hardy levantar a cabeça. Eu quis morrer quando percebi que ele tinha me visto. Minha mão tremia quando agarrei a maçaneta de bronze frio e fui embora.

Eu sabia que ele não viria atrás de mim, mas meu ritmo acelerou até que eu estivesse meio que correndo para o pátio. O ar saía dos meus pulmões em rajadas rígidas. Eu ansiava por esquecer o que tinha acabado de ver, mas a imagem de Hardy com a menina loira estava permanentemente gravada em minha memória. Isso me chocou, a fúria que eu sentia por ele, o calor branco da traição. Não importa que ele não tivesse prometido nada, não devesse nada para mim. Ele era meu. Eu sentia isso em cada célula do meu corpo.

De alguma maneira eu consegui encontrar Luke na multidão no pátio, e ele me olhou com um sorriso interrogativo. Ele não poderia deixar de notar a cor queimante do meu rosto. — Qual é o problema, bebê?

— Eu deixei cair minha bebida, — eu disse densamente.

Ele riu e colocou um braço pesado ao redor dos meus ombros. — Eu vou pegar outra pra você.

— Não. Eu... — Eu fiquei nas pontas dos pés para sussurrar em seu ouvido. — Você se importaria se formos embora agora?

— Agora? Nós acabamos de chegar.

— Eu quero ficar sozinha com você, — eu sussurrei desesperadamente. — Por favor, Luke. Leve-me para algum lugar. Qualquer lugar.

Sua expressão mudou. Eu sabia que ele estava se perguntando se o meu desejo repentino de ficar sozinha com ele, poderia significar o que ele achava que significava.

E a resposta era sim. Eu queria beijá-lo, abraçá-lo, fazer tudo o que Hardy

estava fazendo naquele exato momento com outra garota. Não por desejo, mas por uma tristeza furiosa. Não havia ninguém a quem eu pudesse ir. Minha mãe iria repudiar meus sentimentos como sendo infantis. Talvez eles fossem, mas eu não me importava. Eu nunca tinha sentido esse tipo de raiva consumidora antes. Minha única âncora era o peso do braço de Luke.

Luke me levou para o parque público, que continha um lago artificial e diversos pequenos bosques arborizados. Ao lado do lago havia um decrepito pavilhão aberto, com bancos de madeira lascada. Famílias iam lá para fazer piquenique, durante o dia. Agora o pavilhão estava vazio e escuro. O ar sussurrava com sons da noite, uma orquestra de sapos coaxando entre os canções^{25}, a canção de uma calhandra²⁷, o barulho das asas das garças.

Logo antes de nós deixarmos a festa, eu tinha bebido o resto da tequila sunrise de Luke. Minha cabeça estava girando e eu cambaleava entre ondas de tontura e náusea. Luke pôs sua jaqueta no banco do pavilhão e me puxou para o colo dele. Ele me beijou, sua boca molhada e exploradora. Eu senti o gosto das intenções de seu beijo, a mensagem de que hoje ele iria tão longe quanto eu o deixasse.

Sua mão macia deslizou para baixo da minha blusa, sobre minhas costas, abrindo o fecho do meu sutiã. A peça de roupa com suporte afrouxou através do meu peito. Imediatamente, ele alcançou a minha frente, achando a curva macia de um seio, capturando-o em um aperto áspero. Eu me retraí, e ele afrouxou o seu aperto um pouco, dizendo com um riso trêmulo, — Desculpe, bebê. É que... você é tão linda, que me deixa maluco... — Seu polegar esfregava a ponta endurecida do meu seio. Ele beliscava e apertava meus mamilos insistentemente, enquanto as nossas bocas se moviam juntas em longos beijos contínuos. Logo os meus seios estavam sensíveis e doloridos. Eu desisti de qualquer esperança de sentir prazer e tentei simular, ao invés disso. Se algo estava errado, a culpa era minha, porque Luke era experiente.

Deve ter sido a tequila que me deu a sensação de ser um observador de fora enquanto Luke me empurrava para fora do seu colo e para o banco coberto com a jaqueta. O impacto da madeira contra os meus ombros lançou um surto de pânico na região do meu diafragma, mas eu o ignorei e me deitei.

Lucas puxou o fecho da minha calça jeans e a empurrou para baixo sobre meus quadris e para fora de uma perna. Eu vi uma parte do céu através do teto

do pavilhão. Era uma noite nublada, sem estrelas ou lua. A única luz vinha do distante brilho azul de um poste, bruxuleando com uma tempestade de mariposas.

Como qualquer garoto adolescente comum, Luke não entendia quase nada sobre as áreas erógenas mais sutis do corpo de uma mulher. Eu sabia ainda menos do que ele, e, sendo muito tímida para dizer o que eu gostava ou não gostava, eu passivamente o deixei fazer o que quisesse. Eu não tinha ideia de onde colocar minhas mãos. Eu o senti por as mãos debaixo da minha calcinha, onde os pelos eram quentes e achatados. Mais esfregões, algumas vezes raspando asperamente pelo local sensível que me fazia pular. Ele deu uma meia-risada animada, confundindo o meu desconforto com prazer.

O corpo de Luke era amplo e pesado quando ele se abaixou até que minhas pernas rigidamente enquadravam as dele. Ele tateou entre nós, abrindo o zíper do seu jeans, usando as duas mãos para realizar alguma tarefa apressadamente. Eu ouvi o som de plástico se partindo, e o senti puxando algo, ajustando-o, e então ali estava o desconhecido comprimento teso e pendular dele, contra a parte interna da minha coxa.

Ele empurrou minha camisa e sutiã mais para cima, agrupando-os debaixo do meu queixo. Sua boca estava no meu seio, chupando fortemente. Eu pensei que nós provavelmente tínhamos ido longe demais para parar, que eu não tinha nenhum direito de dizer não dizer a essa hora. Eu desejei que tivesse acabado, que ele terminasse aquilo logo. Enquanto esse pensamento cruzava minha mente, a pressão entre as minhas pernas se tornou contundente. Eu fiquei tensa e cerrei os dentes, e olhei para o rosto de Luke. Ele não olhou de volta para mim. Ele estava concentrado no ato em si, não em mim. Eu tinha me tornado nada mais que o instrumento pelo qual ele ganharia alívio. Ele empurrou mais forte, mais forte em minha carne resistente, e um som dolorido escapou dos meus lábios.

Só levou mais alguns empurrões secos, a camisinha ficando escorregadia com o sangue, e então ele estava estremeendo contra mim, gemendo em sua garganta.

— Oh, bebê, isso foi tão bom.

Eu mantive meus braços em torno dele. Uma onda de asco correu por mim quando eu o senti beijar meu pescoço, sua respiração como o vapor na minha

pele. Era o suficiente - ele já tinha tido o suficiente de mim - eu precisava me pertencer novamente. Fiquei aliviada além da conta, quando ele se levantou, minha carne sensível e doendo.

Nós nos vestimos silenciosamente. Eu tinha segurado todos os meus músculos tão apertado, que quando eu finalmente relaxei, eles começaram a tremer do esforço. Eu tremia toda, até mesmo meus dentes batiam.

Luke me puxou contra ele, dando tapinhas em minhas costas. — Você está arrependida? — ele perguntou, sua voz baixa.

Ele não esperava que eu dissesse sim, e eu não diria. Parecia uma falta de educação de qualquer maneira, e não mudaria nada. O que estava feito, estava feito. Mas eu queria ir para casa. Eu queria estar só. Só então eu poderia começar a catalogar as mudanças que tinham acontecido em mim.

— Não, — eu resmunguei contra o ombro dele.

Ele acariciou minhas costas um pouco mais. — Vai ser melhor para você da próxima vez. Eu prometo. Minha última namorada era virgem, e demorou algumas vezes antes de ela começar a gostar.

Eu enrijei um pouco. Nenhuma garota queria ouvir sobre uma namorada anterior em tal hora. E embora eu não estivesse surpresa que Luke tivesse feito sexo com uma virgem antes, aquilo doeu. Parecia diminuir o valor daquilo que eu lhe dera. Como se ser o primeiro amante de alguém fosse uma ocorrência comum para ele, Luke, o tipo de garoto sobre quem as virgens se lançavam.

— Por favor, — eu disse, — me leve para casa. Eu estou tão cansada...

— Claro, bebê.

No caminho de volta para o Rancho Bluebonnet, Luke dirigia com uma mão e segurava minha mão com a outra, muitas vezes dando-lhe um pequeno aperto. Eu não tinha certeza se ele estava oferecendo segurança ou pedindo, mas eu apertei de volta todas as vezes. Ele perguntou se eu queria sair para comer amanhã à noite, e eu automaticamente disse sim.

Nós conversamos um pouco. Eu estava atordoada demais para saber o que estava dizendo. Pensamentos aleatórios passavam por minha mente nos padrões irregulares e dardejantes das rolas-carpideiras^[26]. Eu estava preocupada com o quão mal eu iria me sentir quando o entorpecimento passasse, e tentando me convencer silenciosamente de que não havia razão

para me sentir mal. Outras garotas da minha idade dormiam com seus namorados. Lucy tinha, e Moody estava seriamente considerando isso. E daí se eu tinha? Eu ainda era eu, eu ficava repetindo para mim mesma. Ainda era eu.

Agora que tínhamos feito isso uma vez, será que aquilo iria acontecer o tempo todo? Será que Luke esperaria que todos os encontros terminassem em sexo? Eu literalmente encolhi com aquele pensamento. Eu sentia dores e repuxões em lugares inesperados, e o aperto de músculos retesados em minhas coxas. Não teria sido diferente com Hardy, eu disse a mim mesma. A dor, os cheiros, as funções físicas teriam sido as mesmas.

Nós encostamos em frente ao trailer, e Luke me acompanhou até os degraus da frente. Ele parecia inclinado a ficar. Desesperada para me livrar dele, eu fiz uma grande demonstração de afeto, abraçando-o forte, beijando os seus lábios e queixo e bochecha. A exibição pareceu restaurar sua confiança. Ele sorriu e me deixou entrar.

— Tchau, bonequinha.

— Tchau, Luke.

Uma lâmpada na sala principal havia sido deixada acesa, mas Mamãe e o bebê estavam dormindo. Agradecidamente, eu fui pegar meu pijama, levei-o para o banheiro, e tomei o banho mais quente que podia tolerar. Em pé dentro da água quase fervendo, eu esfreguei fortemente as manchas enferrujadas em minhas pernas. O calor aliviou as dores aglomeradas, água caindo sobre mim até minha pele não mais parecer impressa com a sensação de Luke. Quando saí do chuveiro, eu estava escaldada.

Eu vesti meu pijama e fui para meu quarto, onde Carrington estava começando a se contorcer em seu berço. Estremecendo com a dor entre minhas pernas, eu me apressei para preparar uma mamadeira. Ela estava acordada quando voltei para ela, mas por uma vez ela não estava gritando. Ela estava esperando pacientemente, como se soubesse que eu necessitava de alguma indulgência. Ela levantou mãos rechonchudas para mim e se agarrou em meu pescoço quando eu a levava para a cadeira de balanço.

Carrington cheirava a xampu de bebê e creme contra assaduras. Ela cheirava a inocência. Seu pequeno corpo se moldava exatamente ao meu, e ela tava tapinhas em minha mão enquanto eu segurava a mamadeira para ela. Seus olhos azuis esverdeados fitaram os meus. Eu balançava no movimento

lânguido que ela mais gostava. Com cada suave inclinação para frente, a tensão em meu peito e garganta e cabeça desintegrava-se até que lágrimas começaram a vazar dos cantos externos dos meus olhos. Ninguém na terra, nem Mamãe, nem mesmo Hardy, poderia ter me consolado como Carrington fez. Agradecida pelo alívio das lágrimas, eu continuei a chorar silenciosamente enquanto eu alimentei e fiz o bebê arrotar.

Em vez de devolver Carrington para seu berço, eu a levei para a cama comigo, colocando-a no lado contra a parede. Era algo que a Senhorita Marva tinha me aconselhado a nunca fazer. Ela tinha dito que o bebê nunca voltaria de bom grado para seu berço outra vez.

Como de costume, a Senhorita Marva tinha razão. Daquela noite em diante, Carrington insistiu em dormir comigo, explodindo em uivos de coiote se eu ao menos tentasse ignorar seus braços levantados. E a verdade era que eu amava dormir com ela, nós duas aconchegadas juntas debaixo do edredom com estampas de rosas. Eu calculei que se eu precisava dela, e ela precisava de mim, era nosso direito como irmãs confortar uma à outra.

..... CAPÍTULO 9

Luke e eu não dormimos juntos muitas vezes, tanto por falta de oportunidade— nenhum de nós tinha o próprio lugar—quanto porque era óbvio que não importava o quanto eu fingisse gostar, eu não gostava. Nós nunca discutimos a situação diretamente. Sempre que íamos para a cama juntos, Luke iria tentar isto ou aquilo, mas nada que ele fazia parecia importar. Eu não podia explicar a ele ou a mim por que eu era um fracasso na cama.

— Engraçado, — comentou Luke uma tarde, deitado comigo em seu quarto depois da escola. Seus pais tinham ido a San Antonio para passar o dia, e a casa estava vazia. — Você é a garota mais bonita com quem eu já estive, e a mais sexy. Eu não entendo por que você não consegue... — Ele fez uma pausa, colocando a mão sobre meu quadril despido.

Eu sabia o que ele queria dizer.

— Isso é o que você ganha por estar namorando uma Batista Mexicana, — eu disse. O peito dele moveu-se sob minha orelha quando ele deu uma risadinha.

Eu tinha confidenciado o meu problema a Lucy: que recentemente havia terminado com seu namorado e agora estava saindo com o gerente assistente da lanchonete. — Você precisa sair com rapazes mais velhos, — ela havia me dito autoritariamente. — Meninos do ensino médio não têm ideia do que estão fazendo. Você sabe por que eu terminei com Tommy? ...Ele sempre rodava meus mamilos como se estivesse tentando sintonizar uma boa estação de rádio. Fale sobre ser ruim na cama! Diga a Luke que você quer começar a encontrar outras pessoas.

— Eu não preciso. Ele está indo embora para Baylor em duas semanas. — Luke e eu concordamos que seria impraticável continuar a namorar exclusivamente enquanto ele estivesse na faculdade. Não era exatamente um término—nós tínhamos combinado que ele poderia vir me ver quando estivesse em casa nas folgas.

Eu tinha sentimentos mistos sobre a partida de Luke. Parte de mim antecipava a liberdade que eu iria recuperar. Os fins de semana iriam pertencer

a mim de novo, e não haveria mais necessidade de dormir com ele. Mas eu ficaria sozinha sem ele também.

Eu decidi que iria despejar toda minha atenção e energia em Carrington, e no meu trabalho escolar. Eu iria ser a melhor irmã, filha, amiga, estudante, o exemplo perfeito de uma mulher jovem responsável.

O Dia do Trabalho estava úmido, o céu da tarde pálido com vapores visíveis subindo da terra aquecida. Mas o calor não impediu a participação no Redneck Roundup anual, o show de rodeio e pecuária do condado. As feiras estavam cheias até a capacidade, com um caleidoscópio de barracas de artes e artesanato e mesas de armas e facas à venda. Havia passeios de pônei, arrancadas de cavalo, exposições de tratores, e intermináveis filas de barracas de comida. O rodeio seria realizado às oito, em uma arena aberta.

Mamãe, Carrington e eu chegamos às sete. Planejavamos jantar e visitar a Senhorita Marva, que tinha alugado uma barraca para vender seu trabalho. Conforme eu empurrava o carrinho pelo chão empoeirado e danificado, eu ria com a maneira que a cabeça de Carrington rodava de um lado para outro, seu olhar seguindo os cordões de luzes coloridas que atravessavam o interior da praça central de alimentação.

Os visitantes da feira estavam vestidos com jeans e cintos pesados, e camisas de caubói com punhos, bolsos retalhados e fechos de botões de madreperla descendo na frente. Pelo menos metade dos homens usavam chapéus de palha brancos ou pretos, bonitos Stetsons, Millers e Resistols^{27}. As mulheres usavam jeans colados, ou saias onduladas compridas, e botas bordadas. Mamãe e eu tínhamos ambas optado por jeans. Nós havíamos vestido Carrington em um short jeans que fechava no lado de dentro das pernas. Eu havia encontrado para ela um pequeno chapéu de vaqueira de feltro rosa com uma fita que amarrava sob o queixo, mas ela continuava tirando-o para poder apertar suas gengivas na aba.

Cheiros interessantes flutuavam pelo ar, a agitação dos odores corporais e colônias, fumaça de cigarro, cerveja, comida quente frita, animais, feno úmido, poeira, e maquinário.

Empurrando o carrinho pela praça de alimentação, Mamãe e eu decidimos comer milho frito, espetinhos de porco, e fatias de batata frita. Outras barracas ofereciam pickles fritos, pimentas jalapeno fritas, e até mesmo tiras de bacon

fritas à milanesa. Não ocorre aos Texanos que algumas coisas simplesmente não são feitas para ser colocada em palitos e fritas.

Eu alimentei Carrington com molho de maçã de um frasco que eu tinha colocado na bolsa das fraldas. Para a sobremesa, Mamãe comprou bolinho recheado frito, que era feito cobrindo um bolo congelado em farinha de rosca e depois soltando-o em óleo quente estalando até que o interior estivesse macio e derretendo.

— Isto deve ter um milhão de calorias, — disse Mamãe, mordendo a crosta dourada. Ela riu quando o recheio foi espremido para fora, e levantou um guardanapo até seu queixo.

Depois que terminamos, nós limpamos as mãos com toalhinhas de bebê e saímos para encontrar a Senhorita Marva. Seu cabelo carmesim era brilhante como uma tocha na chegada da noite. Ela estava fazendo um negócio lento, mas constante, de velas de tremoço e casinhas de passarinhos pintadas à mão. Esperamos, sem pressa, ela terminar de dar o troco a um freguês.

Uma voz veio de trás de nós. — Ei.

Mamãe e eu nos viramos, e meu rosto congelou quando vi Louis Sadlek, o proprietário do Rancho Bluebonnet. Ele estava trajado em botas de pele de cobra e brim, com uma gravata de corda prateada em forma de seta. Eu sempre tinha mantido distância dele, o que acabou sendo fácil porque ele geralmente deixava o escritório vazio. Ele não tinha noção de horas regulares de trabalho, gastando seu tempo bebendo e vadiando pela cidade. Se um dos moradores do trailer fosse perguntar a ele sobre consertar coisas como um cano de esgoto entupido ou um buraco na rua principal, ele prometia que cuidaria daquilo, mas nunca fazia nada. Reclamar para Sadlek era um desperdício de ar.

Sadlek era bem ajeitado, mas inchado, com capilares quebrados espalhados pelo topo de suas bochechas, como a malha de linhas de fissura na parte inferior de xícaras de porcelana antigas. Ele tinha uma aparência boa o bastante para fazer você sentir pena de sua formosura em ruínas.

Atingiu-me que Sadlek era uma versão mais velha dos mesmos garotos que eu tinha conhecido nas festas que Luke tinha me levado. Na verdade, ele me lembrava um pouco do próprio Luke, o mesmo senso de privilégio não merecido.

— Oi pra você também, Louis, — Mamãe respondeu. Ela tinha pegado Carrington no colo e estava tentando tirar o aperto pinçante do bebê de uma longa onda de seu cabelo claro. Ela parecia tão bonita com seus brilhantes olhos verdes e seu sorriso largo... me deu um sobressalto de desconforto ver a reação de Sadlek para ela.

— Quem é esse pequeno bolinho? — ele perguntou, seu sotaque tão espesso que era quase desprovido de consoantes. Ele chegou a fazer cócegas no queixo gordo Carrington, e ela lhe deu um molhado sorriso de bebê. A visão de seu dedo contra a pele imaculada do bebê me fez querer agarrar Carrington e correr sem parar. — Vocês já comeram? — Sadlek perguntou a Mamãe.

Ela continuou a sorrir. — Sim, e você?

— Cheio como um carrapato, — ele respondeu, acariciando a saliência redonda de sua barriga.

Apesar de não haver qualquer coisa remotamente inteligente sobre o que ele disse, mamãe me surpreendeu rindo. Ela olhou para ele de uma maneira que enviou uma sensação de formigamento para a parte de trás do meu pescoço. Seu olhar, sua postura, o jeito que ela colocou uma mecha de cabelo para atrás da orelha, tudo transmitia um convite.

Eu não podia acreditar naquilo. Mamãe conhecia a reputação dele, assim como eu. Ela havia até mesmo feito piada dele para mim e a Senhorita Marva, dizendo que ele era um caipira de cidade pequena que achava que era um peixe graúdo. Ela não poderia de nenhuma maneira ter sido atraída por Sadlek—era óbvio que ele não era bom o suficiente para ela. Mas Flip também não era, ou qualquer um dos outros homens com quem eu a tinha visto. Eu me intriguei com o denominador comum entre todos eles, a coisa misteriosa que atraía Mamãe para os homens errados.

Nos bosques de pinho do leste de Texas, plantas carnívoras atraem insetos com a publicidade de tubos amarelo brilhante e nervuras vermelhas. Os tubos são cheios com um sumo de cheiro doce que os insetos não conseguem resistir. Mas, uma vez que um inseto rasteja para dentro do tubo, ele não consegue mais sair dali. Selado no fresco interior da planta, ele se afoga em água doce é consumido. Olhando para Mamãe e Louis Sadlek, eu vi a mesma alquimia em funcionamento, a propaganda enganosa, a atração, o perigo à

frente.

— A montaria nos touros vai começar em breve, — Sadlek observou. — Eu tenho um lugar reservado na frente. Por que vocês não vêm se juntar a mim?

— Não, obrigada, — eu disse imediatamente. Mamãe me deu um olhar de advertência. Eu sabia que estava sendo rude, mas não me importava.

— Nós adorariamos, — disse Mamãe. — Se você não se importar com o bebê.

— Inferno, claro que não. Como eu poderia me incomodar com uma tortinha doce como esta? — Ele brincou com Carrington, balançando o lóbulo de sua orelha, fazendo-a balbuciar e murmurar.

E Mamãe, que normalmente era tão crítica sobre a linguagem das pessoas, não disse uma palavra sobre o palavrão dito na frente do bebê.

— Eu não quero ver a montaria nos touros, — eu estourei.

Mamãe deu um suspiro exasperado. — Liberty... Se você está de mau humor, não desconte isso em cima de todo mundo. Por que você não vai ver se alguns dos seus amigos estão aqui?

— Ótimo. Vou levar o bebê. — Eu soube imediatamente que eu não deveria ter falado daquela maneira, com algo possessivo no meu tom. Se eu tivesse perguntado a Mamãe de forma diferente, ela teria dito sim.

Daquele jeito, entretanto, ela estreitou os olhos e disse: — Carrington está bem comigo. Vá em frente. Eu te vejo aqui em uma hora.

Fumegando de raiva, eu escapuli descendo a linha de barracas. O ar estava cheio com as vibrações e batidas de tambor agradáveis de uma banda country aquecendo para tocar na grande pista de dança coberta com um toldo ali perto. Era uma bela noite para dançar. Eu franzi as sobrancelhas para os casais que se dirigiam para a tenda, seus braços pendurados ao redor da cintura ou ombros um do outro.

Demorei-me nas mesas dos vendedores, examinando potes de conservas, salsas, e molhos de churrasco, e camisetas decoradas com bordados e lantejoulas. Eu prossegui para uma barraca de joias, onde bandejas de feltro estavam repletas de amuletos de prata e correntes brilhantes de prata.

As únicas joias que eu possuía eram um par de brincos de pérola de Mamãe, e uma delicada pulseira de corrente de ouro que Luke havia me dado no Natal. Meditando sobre a seleção de amuletos, peguei uma pequena figura de um pássaro com detalhes em turquesa... Um formato do Texas... A cabeça de um boi... Uma bota de caubói. Minha atenção foi capturada por um tatu prata.

Tatus sempre foram os meus animais favoritos. Eles são pragas terríveis, cavando trincheiras através dos quintais das pessoas e se enterrando debaixo das fundações das casas. Eles também são burros como pedras. A melhor coisa que você pode dizer sobre sua aparência é que eles são tão feios, que chegam a ser fofos. Um tatu é pré-histórico em aparência, blindado com aquele casco duro estriado, sua pequena cabeça aparecendo na frente como se alguém a tivesse enfiado ali com um pensamento tardio. A evolução havia simplesmente se esquecido de fazer alguma coisa sobre os tatus.

Mas não importa o quanto os tatus sejam desprezados e perseguidos, não importa quantas vezes as pessoas tentem prendê-los em armadilhas ou atirar neles, eles persistem em sair noite após noite para fazer o seu trabalho, procurando larvas e vermes. Se não há larvas ou vermes para pegar, eles se contentavam com frutos e plantas. Eles são o exemplo perfeito de persistência em face da adversidade.

Não há nenhuma mesquinhez nos tatus—seus dentes são todos molares, e eles nunca pensariam em correr para morder alguém mesmo se pudessem. Algumas pessoas idosas ainda os chamam de Hoover Hogs^{28} pelos dias em que ao público tinha sido prometido uma galinha em cada panela e, em vez disso, eles tiveram de se contentar com o que pudessem encontrar para comer. Tatus tinham gosto de carne de porco, me falaram, embora eu nunca tenha a intenção de testar a afirmação.

Eu peguei o tatu, e perguntei à vendedora quanto custaria juntamente com uma corrente de barbante de quarenta centímetros. Ela disse que seriam vinte dólares. Antes que eu pudesse alcançar minha bolsa para pegar o dinheiro, alguém atrás de mim entregou uma nota de vinte dólares.

— Eu cuido disso, — veio uma voz familiar.

Eu girei para ficar frente a frente com tanta rapidez que ele colocou suas mãos sobre meus cotovelos para garantir meu equilíbrio. —Hardy!

A maioria dos homens, mesmo os de aparência normal, parece com o homem do Marlboro^{29} quando usa botas, um chapéu de palha Resistol branco e jeans bem ajustados. A combinação tem a mesma capacidade de transformação de um smoking. Em alguém como Hardy, isso pode nocautear seu fôlego como um soco no peito.

— Você não tem que comprar isso, — eu protestei.

— Eu não tenho visto você há algum tempo, — disse Hardy, pegando o colar de tatu da moça atrás do balcão. Ele balançou a cabeça quando ela perguntou se ele precisava de um recibo, e fez sinal para que eu me virasse. Obedecendo, eu ergui o meu cabelo para fora do caminho. As costas dos seus dedos roçavam minha nuca, enviando arrepios de prazer pela minha pele.

Graças a Luke, eu tinha sido iniciada sexualmente, se não acordada. Eu havia trocado minha inocência na esperança de ganhar conforto, carinho conhecimento... mas enquanto eu estava lá com Hardy, entendi a loucura de tentar substituir alguém por ele. Luke não era como Hardy em qualquer outra forma além de uma semelhança física passageira. Amargamente, eu me perguntei se Hardy iria ofuscar cada relacionamento para o resto da minha vida, me assombrando como um fantasma. Eu não sabia como deixá-lo ir. Eu nem sequer havia tido ele.

— Hannah disse que você está vivendo na cidade agora, — comentei. Eu toquei o pequeno tatu prata que ele estava pendurado na cavidade da minha clavícula.

Ele assentiu. — Eu tenho um apartamento de um quarto. Não é muito, mas pela primeira vez na minha vida eu tenho alguma privacidade.

— Você está aqui com alguém?

Ele assentiu. — Hannah e os meninos. Estão assistindo a arrancada de cavalos.

— Eu vim com Mamãe e Carrington. — Eu estava tentada a lhe contar sobre Louis

Sadlek também e como eu estava indignada que Mamãe fosse até mesmo dar a ele algum tempo do seu dia. Mas parecia que eu jogava meus problemas nos pés de Hardy toda vez que eu estava com ele. Por uma vez eu não iria fazer isso.

O céu escureceu de lavanda até violeta, o sol descendo tão rápido que eu meio que esperava que ele quicasse no horizonte. O toldo da pista de dança estava iluminado com fileiras de grandes lâmpadas brancas, enquanto a banda se soltava com uma ligeira canção de dois-passos^{30}.

— Ei, Hardy! — Hannah apareceu ao seu lado, juntamente com seus dois irmãos mais novos, Rick e Kevin. Os menininhos estavam sujos e com faces lambuzadas, vestindo sorrisos arreganhados enquanto pulavam e gritavam sobre querer ir para a competição de bezerros.

A competição de bezerros sempre era realizada pouco antes do rodeio. As crianças reuniam-se na arena e perseguiram três bezerros ágeis que tinham fitas amarelas amarradas às suas caudas. Cada criança que conseguisse uma fita receberia uma nota de cinco dólares. — Oi, Liberty, — Hannah exclamou, virando-se para seu irmão antes que eu pudesse responder. — Hardy, eles estão morrendo de vontade de ir para a competição de bezerros. Está prestes a começar. Posso levá-los?

Ele balançou a cabeça, olhando para o trio com um sorriso relutante. — Você pode sim. Apenas prestem atenção onde vocês pisam, garotos."

As crianças gritaram de alegria e decolaram em uma corrida intensa com Hannah os perseguindo. Hardy deu uma risadinha enquanto os observava desaparecer. — Minha mãe vai arrancar uma tira do meu couro por levá-los de volta cheirando a hambúrgueres de vaca.

— Crianças devem ficar alegres e sujas de vez em quando.

O sorriso de Hardy tornou-se pesaroso. — É o que eu digo | minha mãe. \s vezes eu tenho que fazer com que ela os solte mais, deixá-los correr por aí e ser meninos. Eu gostaria...

Ele hesitou, um franzido tecendo em sua testa.

— O quê? — Perguntei baixinho. A frase — eu gostaria, — que vinha de forma tão natural e frequente aos meus lábios, era algo que eu nunca tinha ouvido Hardy falar antes.

Começamos a caminhar sem rumo, Hardy encurtando o passo para coincidir com o meu. — Eu queria que ela casasse com alguém depois que meu pai foi preso de vez, — disse ele. — Ela tem todo o direito de se divorciar dele. E se tivesse encontrado um homem decente para ficar com ela, poderia

ter tido uma vida mais fácil.

Sem nunca ter conhecido a natureza do crime que seu pai havia cometido para ter sido condenado para toda vida, eu estava hesitante em perguntar sobre isso. Eu tentei parecer sábia e preocupada. — Ela ainda o ama?

— Não. Ela morre de medo dele. Ele é malvado como um saco de cobras quando bebe. E ele bebe a maior parte do tempo. Desde que eu posso lembrar, ele entrava e saía da cadeia... voltava a cada ano ou dois, batia na minha mãe, a engravidava, e saía com cada centavo que nós tínhamos. Eu tentei impedi-lo uma vez quando eu tinha onze anos—foi assim que meu nariz quebrou. Mas da próxima vez que ele voltou, eu tinha crescido o suficiente para bater nele. Ele nunca nos incomodou novamente.

Eu me encolhi à imagem mental da Senhorita Judie, tão alta e magra, sendo espancada por alguém.

— Por que ela não se divorcia dele? — Eu perguntei.

Hardy sorriu sombriamente. — O ministro da nossa igreja disse | minha mãe que ao se divorciar de seu marido, não importa o quão abusivo, ela estaria desistindo da chance de servir a Cristo. Ele disse que ela não deveria colocar sua própria felicidade antes de sua devoção a Jesus.

— Ele não iria acreditar nisso se fosse ele quem estivesse sendo espancado.

— Eu fui confrontá-lo sobre isso. Mas ele não mudou de ideia. Eu tive que sair antes que torcesse seu pescoço.

— Oh, Hardy, — Eu disse, meu peito doendo com compaixão. Não pude deixar de pensar em Luke, e na vida fácil que ele tinha tido até agora, e como ela era diferente da de Hardy. — Por que a vida é tão difícil para algumas pessoas e não para outras? Por que algumas pessoas têm que se esforçar tanto?

Ele deu de ombros. — Ninguém tem tudo mais fácil para sempre. Cedo ou tarde, Deus te faz pagar pelos seus pecados.

— Você deve vir para a Cordeiro de Deus na Rua Sul, — eu aconselhei. — Deus é muito mais agradável lá. Ele vai ignorar alguns pecados, desde que você traga frango frito para a quermesse de domingo.

Hardy sorriu. — Sua pequena blasfema. — Paramos em frente | pista de dança coberta. — Suponho que a congregação Cordeiro de Deus acredita na

dança também?

Eu pendurei minha cabeça culpada. — Temo que sim.

— Senhor Todo-Poderoso, você é praticamente uma Metodista. Vamos lá. — Ele pegou minha mão e me levou até a borda da pista de dança, onde casais sombreados deslizavam em ritmo, dois passos lentos, dois passos rápidos. Era uma dança discreta com uma distância cuidadosa a ser mantida entre seu corpo e o de seu parceiro, a menos que ele deslizasse a mão para sua cintura e girasse você em um círculo apertado que trouxesse sua carne contra ele. E então isso se tornava algo completamente diferente. Especialmente se a música era lenta.

Seguindo os movimentos deliberados de Hardy, minha mão levemente presa na sua, eu senti meu coração bater com força vertiginosa. Fiquei surpresa de que ele quisesse dançar comigo, quando no passado ele tinha aproveitado todas as oportunidades para deixar claro que ele não iria permitir nada mais do que amizade. Eu estava tentada a perguntar o porquê, mas não disse uma palavra. Eu queria tanto isso.

Eu estava quase doente com a apreensão vertiginosa enquanto ele me trazia para mais perto. — Esta é uma má ideia, não é? — Eu perguntei.

— É. Coloque a mão em mim.

A palma da minha mão se apoiou na subida dura de seu ombro. Seu peito subia e descia num ritmo desigual. Quando olhei para a bela severidade de seu rosto, percebi que ele estava se dando um raro momento de autoindulgência. Seus olhos estavam alerta, mas resignados, como um ladrão que sabia que estava prestes a ser pego.

Eu estava vagamente ciente da canção agri-doce uma vez interpretada por Randy Travis, desolada e abrupta e ferida como apenas uma triste canção country poderia ser. A pressão das mãos de Hardy me guiava, nossas pernas vestidas em jeans roçando uma na outra. Parecia que nós não dançávamos tanto quanto nos deixávamos simplesmente à deriva. Nós seguimos a corrente, mantendo o passo com outros casais em um lento, gracioso deslizar que era mais intensamente sexual do que qualquer coisa que eu tinha feito com Luke. Eu não tive que pensar sobre onde eu tinha que pisar, ou que para onde eu iria virar.

A pele de Hardy cheirava como fumaça e sol. Eu queria colocar minha mão debaixo de sua camisa e explorar cada lugar secreto de seu corpo, cada variação de pele e textura. Eu queria coisas que eu não sabia o nome.

A banda tomou um ritmo ainda mais lento, o dois-passos sumindo para outra canção que reduzia a dança a um abraço parado, balançante. Eu o sentia todo contra mim agora, e isso me encheu de agitação. Eu coloquei minha cabeça em seu ombro e senti o toque da sua boca na maçã do meu rosto. Seus lábios estavam secos e suaves. Paralisada, não fiz um som. Ele me puxou ainda mais perto contra ele, uma de suas mãos deslizando baixo em meu quadril e transmitindo uma pressão gentil. Assim que eu senti o quanto ele estava excitado, minhas coxas e quadris se ajustaram contra ele avidamente.

A extensão de três ou quatro minutos é bastante insignificante no esquema das coisas. As pessoas perdem centenas de minutos todos os dias, desperdiçando-os em coisas triviais. Mas às vezes, nesses fragmentos de tempo, algo pode acontecer que você vai se lembrar pelo resto de sua vida. Ser segurada por Hardy, impregnada na sua proximidade, era um ato de intimidade muito maior do que sexo. Mesmo agora, quando eu olho para trás, eu posso sentir aquele momento de conexão absoluta, e o sangue ainda sobe para a minha face.

Quando a música entrou em um novo ritmo. Hardy me levou para longe da pista de dança coberta. Sua mão abarcava o meu cotovelo esquerdo, e ele murmurou um aviso enquanto cruzávamos volumosos cabos elétricos que cruzavam o chão como serpentes desenroladas. Eu não tinha ideia de onde estávamos indo, apenas que nós estávamos nos dirigindo para longe das tendas alugadas. Chegamos à fronteira de uma cerca de cedro vermelho. Hardy ajustou suas mãos em volta da minha cintura e me levantou com uma facilidade surpreendente. Eu sentei na madeira do topo, de modo que estávamos frente a frente, meus joelhos fechados pressionados entre nós.

— Não me deixe cair, — eu disse.

— Você não vai cair. — Ele agarrou meus quadris com segurança, o calor de suas palmas submergindo através do meu jeans leve de verão. Fui tomada por um desejo quase incontrolável de abrir minhas coxas e puxá-lo para frente até que ele estivesse entre elas. Em vez disso eu me sentei lá com meus joelhos formalmente apertados e meu coração martelando. O brilho poeirento das

luzes da feira se espalhava por trás de Hardy, tornando difícil ver sua expressão.

Ele balançou a cabeça lentamente, como se confrontado com um problema que ele não podia começar a resolver. — Liberty, eu tenho que te dizer... Eu irei embora em breve.

— Embora de Welcome? — Eu mal conseguia falar.

— Sim.

— Quando? Onde?

— Em alguns dias. Um dos trabalhos para os quais me candidatei apareceu e... Eu não vou voltar por um tempo.

— O que você vai fazer?

— Eu estarei soldando para uma empresa de perfuração. Eu começarei em uma plataforma em alto mar no Golfo. Mas eles transferem os soldadores várias vezes, onde quer que a empresa seja tenha um contrato. — Ele parou quando viu minha expressão. Ele sabia que meu pai havia morrido em um equipamento de plataforma. Empregos em plataformas em alto mar eram bem pagos, mas perigosos. Você tem que ser louco ou suicida para trabalhar em uma plataforma de petróleo com um maçarico na mão. Hardy

parecia ler meus pensamentos. — Eu vou tentar não causar muitas explosões.

Se ele estava tentando me fazer sorrir, o esforço fracassou. Era bastante óbvio que esta era a última vez que eu ia ver Hardy Cates. Não havia utilidade em perguntar se ele algum dia voltaria para mim. Eu tinha que deixá-lo partir. Mas eu sabia que enquanto eu vivesse, eu sentiria a dor-fantasma da sua ausência.

Eu pensei sobre seu futuro, os oceanos e os continentes que ele cruzaria, longe de todos que o conheciam e amavam. Muito longe do alcance das orações de sua mãe. Entre as mulheres em seu futuro, havia alguém que saberia seus segredos e teria seus filhos, e testemunharia as mudanças que os anos faziam nele. E não seria eu.

— Boa sorte, — eu disse densamente. — Você vai se sair bem. Eu acho que você vai acabar tendo tudo o que você quer. Acho que você vai ter mais

sucesso do que qualquer um poderia começar a imaginar.

Sua voz era calma. — O que você está fazendo, Liberty?

— Estou tentando dizer o que você quer ouvir. Boa sorte. Tenha uma vida agradável. — Empurrei-o com meus joelhos. — Deixe-me descer.

— Ainda não. Primeiro você vai me dizer por que está furiosa quando em cada passo que dei, eu tentei não te machucar.

— Porque dói de qualquer maneira. — Eu não conseguia controlar as palavras que brotavam de mim. — E se você alguma vez tivesse perguntado o que eu queria, eu teria preferido ter tido tanto de você quanto pudesse, e aceitar a dor que vinha com isso. Mas ao invés disso eu não tive nada, exceto estas estúpidas— — Fiz uma pausa, tentando em vão pensar em uma palavra melhor. — Estúpidas desculpas sobre não querer me machucar quando a verdade é que é você que tem medo de ser ferido. Você tem medo de poder amar alguém demais para ir embora, e então você teria que desistir de todos os seus sonhos e viver em Welcome para o resto de sua vida. Você tem medo

Eu interrompi com um suspiro assim que o senti agarrar os meus ombros e me dar uma leve sacudida. Abreviado como o movimento foi, aquilo enviou reverberações por toda parte de mim.

— Pare com isso, — ele disse roucamente.

— Você sabe por que eu saí com Luke Bishop? — Eu perguntei em um desespero imprudente. — Porque eu queria você e não podia tê-lo, e ele era a coisa mais próxima que pude encontrar de você. E cada vez que eu dormia com ele, eu queria que fosse você, e eu te odeio por isso, ainda mais do que eu me odeio.

Assim que as palavras deixaram meus lábios, uma sensação de isolamento amargo me fez encolher para longe dele. Minha cabeça baixou, e eu passei meus braços em volta de mim, em um esforço para ocupar tão pouco espaço físico quanto possível.

— A culpa é sua, — eu disse, palavras que me causariam vergonha infinita mais tarde, mas eu estava muito agitada para me importar.

O aperto de Hardy aumentou até que meus músculos registraram o início da dor. — Não fiz promessas a você.

— Ainda é culpa sua.

— Maldição. — Ele respirou irregularmente assim que viu o deslizar de uma lágrima em meu rosto. — Maldição, Liberty. Isso não é justo.

— Nada é justo.

— O que você quer de mim?

— Eu quero que você admita apenas uma vez o que sente por mim. Quero saber se você vai sentir minha falta, mesmo que seja só um pouco. Se você vai lembrar-se de mim. Se você está arrependido por alguma coisa.

Senti seus dedos apertarem em meus cabelos, puxando até que a minha cabeça inclinasse para trás. — Cristo, — ele sussurrou. — Você quer fazer isso ser o mais difícil possível, não é? Eu não posso ficar, e não posso levá-la comigo. E você quer saber se estou arrependido de algo. — Senti as batidas quentes de seu hálito em minha bochecha. Seus braços me envolveram, reprimindo todo movimento. Seu coração batia forte contra meus seios achatados. — Eu venderia minha alma para ter você. Na minha vida inteira, você sempre vai ser o que eu mais quis. Mas eu não tenho nada para te dar. E eu não vou ficar aqui e ficar como o meu pai. Eu iria descontar tudo em você — eu iria te machucar.

— Você não faria isso. Você nunca poderia ser como seu pai.

— Você acha mesmo? Então você tem um inferno de muito mais fé em mim do que eu mesmo. — Hardy pegou minha cabeça com ambas as mãos, seus dedos longos curvando em torno da parte de trás do meu crânio. — Eu queria matar Luke Bishop por tocar em você. E você por deixá-lo fazer isso. — Eu senti um tremor correr por ele. — Você é minha, — disse ele. — E você está certa sobre uma coisa—tudo o que sempre me impediu de ter você é saber que eu nunca poderia deixá-la uma vez que eu fizesse isso.

Eu o odiava por me considerar parte de uma armadilha da qual ele tinha que fugir. Ele abaixou a cabeça para me beijar, o gosto salgado das minhas lágrimas desaparecendo entre nossos lábios. Eu enrijei, mas ele instigou minha boca a abrir e me beijou mais profundamente, e eu estava perdida.

Ele encontrou cada fraqueza com gentileza diabólica, juntando sensações como se elas fossem mel para ser lambido com sua língua. Sua mão passou sobre a costura das minhas coxas e as estimulou a se abrirem, e antes que eu

pudesse fechá-las novamente seu corpo estava lá. Murmurando baixinho, ele me ajudou a envolver meus braços em volta de seu pescoço, e seus lábios voltaram para os meus, arrebatando lentamente. Não importava como eu me contorcia e me esforçava, eu não conseguia chegar perto o suficiente. Eu não queria nada menos do que o peso dele sobre mim, a posse total, a entrega total. Eu tirei o chapéu de sua cabeça e afundei meus dedos em seus cabelos, puxando sua boca mais forte, mais apertada contra a minha.

— Calma, — Hardy sussurrou, erguendo a cabeça, segurando meu corpo que tremia contra o seu. — Tenha calma, querida.

Eu lutei para respirar e fiquei sentada ali com a madeira cavando em meu traseiro, joelhos apertados nos quadris dele. Ele não me daria sua boca novamente até que eu me acalmasse, e então, seus beijos se tornaram suaves, seus lábios absorvendo os sons que subiam em minha garganta. Suas mãos subiam e desciam em minha espinha em afagos repetidos. Lentamente, ele trouxe a palma da mão para a curva inferior do meu seio, acariciando-me por cima do tecido da minha camisa, e seu polegar circulou suavemente até que ele encontrou a ponta endurecida. Meus braços ficaram fracos, muito pesados para levantar, e eu apoiei mais do meu peso nele, repousando sobre ele como um bêbado de sexta-feira.

Eu entendi como seria com ele, quão diferente das vezes que dormi com Luke. Hardy parecia absorver todas as nuances da minha reação, cada som e arrepio e respiração. Ele me segurou como se meu peso fosse precioso em seus braços. Perdi a noção de quanto tempo ele me beijou, sua boca alternadamente gentil e exigente. A tensão construiu até que ganidos baixos saíssem da minha garganta, e as pontas dos meus dedos arranhassem sobre a superfície de sua camisa, desesperadas pela sensação de sua pele. Ele triou sua boca da minha e enterrou o rosto no meu cabelo, lutando para controlar sua respiração.

— Não, — eu protestei. — Não pare, não

— Silêncio. Silêncio, querida.

Eu não conseguia parar de tremer, rebelando-me contra a ideia de ser deixada excitada e sem alívio. Hardy dobrou-me contra seu peito e esfregou minhas costas, tentando fazer-me parar. — Está tudo bem, — ele sussurrou. — Doce, doce garota... está tudo certo.

Mas nada estava bem. Eu pensei que, quando Hardy me deixasse, eu nunca seria capaz de ter prazer em nada de novo. Eu esperei até achar que minhas pernas suportariam meu próprio peso, e então meio deslizei, meio caí no chão. Hardy estendeu a mão para me firmar, e eu me afastei para longe dele. Eu mal podia vê-lo, de tão turvos que meus olhos estavam.

— Não diga adeus, — eu disse. — Por favor.

Talvez entender aquilo fosse a última coisa que ele podia fazer por mim. Hardy manteve-se em silêncio.

Eu sabia que repetiria essa cena incontáveis vezes nos anos que viriam, cada vez pensando em diferentes coisas que eu deveria ter dito, ou feito.

Mas tudo que fiz foi ir embora sem olhar para trás.

Muitas vezes na minha vida eu me arrependi das coisas que tinha dito sem pensar.

Mas eu nunca me arrependi das coisas que havia dito mais do que pelas palavras que deixei de falar.

..... CAPÍTULO 10

A visão de um adolescente carrancudo é comum, não importa aonde você vá. Adolescentes querem coisas tão poderosamente e parecem nunca conseguí-las, e, para piorar as coisas, as pessoas fazem pouco de seus sentimentos porque você é um adolescente. Eles dizem que o tempo cura um coração partido e eles estão frequentemente certos. Mas não quando meus sentimentos por Hardy estavam no assunto. Por meses, por todas as férias de inverno e mais além, eu apenas fiz tudo automaticamente, distraída e deprimida e sem uso para qualquer um além de mim mesma.

A outra coisa alimentando minha tristeza era o relacionamento próspero de Mamãe com Louis Sadlek. A união deles me causou um sem fim de confusão e ressentimento. Se houve um momento de paz entre eles, eu nunca vi. Na maior parte do tempo eles agiam como dois gatos em um saco.

Louis trazia à tona o pior lado de Mamãe. Ela bebia quando estava com ele, e minha mãe nunca tinha sido uma bebedora. Ela era física com ele de um modo que eu tinha visto, empurrando, batendo, cotovelando, ela que sempre havia insistido em seu espaço pessoal. Sadlek atraía um lado selvagem dela, e mães não deveriam ter um lado selvagem. Desejei que ela não fosse bonita e loira, que ela fosse o tipo de mãe que usa avental e vai a reuniões da igreja.

O que me incomodava mais do que tudo era a vaga compreensão de que as discussões e brigas e ciúmes entre Mamãe e Louis, os pequenos danos que eles faziam um ao outro, eram um tipo de preliminares. Louis raramente visitava nosso trailer, graças a Deus, mas eu e todo mundo do Rancho Bluebonnet sabíamos que Mamãe estava passando as noites na casa de tijolos vermelhos dele. Às vezes, ela voltava com machucados nos seus braços, seu rosto cansado por falta de sono, sua garganta e mandíbula vermelhas do arranhão da barba. Mães não deveriam fazer isso tampouco.

Não sei quanto da relação de Mamãe com Louis Sadlek era prazer e quanto era autopunição. Acho que ela pensava em Louis como um homem forte. Deus sabe que ela não teria sido a primeira a confundir brutalidade com força. Talvez quando uma mulher lutava para se sustentar sozinha por tanto tempo

quanto Mamãe, era um alívio se submeter a outra pessoa, mesmo que ela não seja gentil. Eu senti isso mais do que algumas poucas vezes, doendo sob o peso da responsabilidade e desejando que qualquer um estivesse no comando de mim, exceto eu.

Vou admitir que Louis podia ser charmoso. Até os piores homens texanos tem aquela aparência agradável, a fala macia que atrai as mulheres e a boa lábia. Ele parecia genuinamente gostar de crianças pequenas—elas estavam prontas para acreditar em qualquer coisa que ele dissesse. Carrington ria e gracejava sempre que Louis estava por perto, refutando, assim, a noção de que crianças instintivamente sabem em quem confiar.

Mas Louis não gostava nem um pouco de mim. Eu era a única retenção na nossa casa. Eu não suportava as mesmas coisas que tanto impressionavam Mamãe, a postura masculina, os infundáveis gestos que queriam transmitir quão pouco as coisas significavam para ele porque ele tinha tanto. Ele tinha um armário cheio de botas feitas sob medida, do tipo que o sapateiro começa pedindo que você fique de pé com seu pé sobre um pedaço de papel parafinado e traça uma linha ao redor. Louis tinha um par de botas de oitocentos dólares feitas de pele de elefante do — Zimbab-uei —. Elas eram o falatório de Welcome, aquelas botas.

Mas quando Louis e Mamãe e dois outros casais foram dançar em um lugar em Houston, os homens na porta não o deixariam entrar com seu frasco prateado de bebida. Então Louis foi até o lado e tirou sua faca de caça dobrável Dozier e fez um longo corte no topo daquela bota, para que ele pudesse guardar o frasco dentro. Quando Mamãe me contou sobre isso depois, ela disse que isso tinha sido um gesto estúpido e um ridículo desperdício de dinheiro. Mas ela mencionou aquilo tantas vezes nos meses subsequentes, que percebi que ela admirava o exibicionismo disso.

Esse era Louis, fazendo qualquer coisa para manter a aparência de riqueza, quando na realidade ele não era melhor do que ninguém. Só aparência, sem conteúdo. Ninguém parecia saber como Louis conseguia o dinheiro que gastava, que certamente era mais do que o rendimento do estacionamento de trailers. Havia rumores de negócios casuais com drogas. Como nós estávamos tão perto da fronteira, isso era razoavelmente fácil para qualquer um que quisesse se arriscar. Eu não acredito que Louis alguma vez tenha fumado ou

cheirado. Álcool era sua droga de escolha. Mas não acho que ele tivesse qualquer escrúpulo quanto a dar veneno a estudantes de faculdade em casa para as férias, ou moradores locais que queriam uma fuga mais potente do que a que poderia ser encontrada numa garrafa de Johnnie Walker.

Quando eu não estava preocupada com Mamãe e Louis, estava absorvida em Carrington, que tinha rapidamente virado uma criança pequena e começado a se balançar por aí como um jogador de futebol americano bêbado em miniatura. Ela tentava colocar seus pequeninos dedos úmidos em interruptores, apontadores de lápis, e garrafas de Coca-Cola. Ela catava besouros e pontas de cigarros do chão, e cereal petrificado do tapete, e tudo ia para sua boca. Quando ela começou a comer sozinha com uma colher, ela fazia uma bagunça tão grande que às vezes eu tinha de levá-la para fora para lavá-la com a mangueira. Eu mantinha uma grande bacia do Wal-Mart^{31} no pátio de trás, e tomava conta de Carrington enquanto ela brincava e chapinhava na água.

Quando ela começou a falar, o mais próximo que ela conseguia de pronunciar meu nome era — BeeBee, — e ela o dizia sempre que queria algo. Ela amava Mamãe, brilhava como um vagalume quando estavam juntas, mas quando estava doente ou mal-humorada ou com medo, ela vinha para mim e eu ia até ela. Não era nada sobre o qual eu e Mamãe conversávamos, ou mesmo pensávamos muito, apenas tomamos isso como certo. Carrington era meu bebê.

A Senhorita Marva nos encorajava a visitá-la frequentemente, dizendo que seus dias eram tranquilos demais. Ela nunca aceitou Bobby Ray de volta. Provavelmente não haveria mais namorados para ela, ela disse, já que todos os homens da sua idade estavam ficando com a aparência de dar pena, ou débeis mentais, ou os dois. Toda quarta à tarde eu a levava até o Cordeiro de Deus, porque ela era cozinheira voluntária para o programa Refeições-Sobre-Rodas e a igreja tinha uma reputação de comida de restaurante. Com Carrington equilibrada no meu quadril, eu media os ingredientes e mexia tigelas e panelas, enquanto a Senhorita Marva me ensinava o básico da cozinha texana.

Sob sua tutela eu tirei milho doce de sabugos frescos: fritava-o na gordura de bacon e acrescentava creme de leite, sempre mexendo, até que o aroma me deixasse com água na boca. Aprendi como fazer filé de frango frito com

molho bechamel branco, e quiabo polvilhado com fubá e frito na frigideira com gordura quente, e feijão carioca cozido com osso de porco, e nabo com molho de pimenta. Eu até aprendi os segredos do bolo veludo vermelho da Senhorita Marva, que ela me alertou para nunca fazer para um homem a menos que eu quisesse que ele me pedisse em casamento.

A coisa mais difícil de aprender era como fazer o caldo de galinha com bolinhos de massa cozidos da Senhorita Marva, para o qual ela não tinha receita. Eles eram tão bons, tão saborosos e grudentos e derretidos, que quase podiam fazer você chorar. Ela começava com um pequeno monte de farinha de trigo sobre o balcão, adicionava sal, ovos e manteiga, e misturava tudo com seus dedos. Ela estirava a massa, cortava em grandes tiras, e as acrescentava numa panela fervente de caldo de galinha caseiro. Dificilmente há uma doença que caldo de galinha com bolinhos de massa não possa curar. A Senhorita Marva fez uma panela para mim logo depois que Hardy Cates tinha partido de Welcome, e eles quase proporcionaram um alívio temporário para a mágoa.

Eu ajudava a entregar os recipientes do Refeições-Sobre-Rodas, enquanto a Senhorita Marva cuidava de Carrington. — Você não tem dever de casa, Liberty? — ela perguntava, e eu sempre balançava a cabeça. Eu quase nunca fazia o dever de casa. Eu ia para o mínimo de aulas para evitar ser expulsa por abandono escolar, e não pensava sobre minhas perspectivas depois da escola. Calculei que se Mamãe tinha parado de se importar com minha saúde mental e educação, eu também não iria me importar.

Por um tempo, Luke Bishop me chamou para sair quando ele vinha de Baylor para casa, mas quando eu continuei recusando, ele gradualmente parou de ligar. Eu sentia como se algo em mim tivesse sido desligado depois que Hardy partiu, e eu não sabia como ou quando isso voltaria a ser ligado. Eu tinha experimentado sexo sem amor, e amor sem sexo, e agora não queria saber de nenhum dos dois. A Senhorita Marva me aconselhou a começar a viver sob minhas próprias luzes, uma frase que eu não entendi.

Quando estava perto de completar um ano desde que mamãe e Louis começaram a sair, Mamãe terminou com ele. Ela tinha uma alta tolerância a explosões, mas até ela tinha seus limites. Aconteceu num bar onde eles iam dançar dois-passos de vez em quando. Enquanto Louis estava no banheiro masculino, algum caubói bêbado—um caubói de verdade que trabalhava em

uma pequena fazenda de quatro mil hectares fora da cidade— comprou para Mamãe uma dose de tequila.

Homens texanos são mais territoriais que os outros. Essa é uma cultura em que eles colocam cercas para defender suas terras, e dormem com armas encostadas na cabeceira para defender suas casas. Dar em cima da mulher de alguém é considerado motivo para homicídio justificado. Então o caubói deveria ter sido mais esperto, mesmo se estivesse bêbado, e muitos dizem que Louis estava com razão em quebrar a cara dele. Mas Louis bateu nele com maldade singular, espancando-o até ele virar uma massa sangrenta no estacionamento e chutando-o quase até a morte com os saltos de cinco centímetros de suas botas. E então Louis foi até sua caminhonete pegar sua arma, presumivelmente para matá-lo. Apenas a intervenção de dois amigos impediu Louis de cometer assassinato absoluto. Como Mamãe me disse depois, a coisa estranha era quão maior o caubói era. Não tinha como Louis ter acabado com nele. Mas às vezes, maldade vence os músculos. Tendo visto o que Louis era capaz de fazer, Mamãe terminou com ele. Foi o dia mais feliz que conheci desde que Hardy foi embora.

Não durou muito tempo, porém. Louis não a deixava—ou nos deixava—em paz. Ele começou a ligar a todas as horas do dia e da noite até que nossos ouvidos zumbiam com o som do telefone, e Carrington estava debilitada por seu sono constantemente interrompido. Louis seguia Mamãe em seu carro, acompanhando-a em seu caminho para o trabalho ou para comer ou fazer compras. Com frequência ele estacionava sua caminhonete do lado de fora da nossa casa e nos observava. Uma vez eu fui para o quarto trocar de roupa, e logo quando eu ia tirar minha blusa, eu o vi me encarando através da janela de trás, que dava para o campo do vizinho.

É engraçado quantas pessoas ainda pensam que perseguição é uma fase do namoro. Algumas pessoas diziam a Mamãe que não era perseguição a não ser que você fosse uma celebridade. Quando ela finalmente foi à polícia, eles estavam relutantes em fazer algo.

Para eles, a situação parecia ser de duas pessoas que não se entendiam. Ela estava embaraçada com isso, envergonhada, como se de alguma forma ela fosse a culpada.

A pior parte é, as táticas de Louis funcionaram. Ele a desgastou até que

voltar para ele parecesse ser a coisa mais fácil de se fazer. Ela até mesmo tentou se convencer de que queria estar com ele. Para mim, aquilo não era um relacionamento, e sim captura de refém.

A relação deles teve uma mudança radical, porém. Louis podia ter Mamãe de volta fisicamente, mas ela não era dele do jeito que tinha sido antes. Ele e todo mundo sabia que, se ela fosse livre para partir, se houvesse alguma segurança de que ele não iria mais incomodá-la, ela poderia ter se separado. Eu digo — poderia ter — em vez de — teria — porque parecia existir uma terrível fratura nela que ainda o queria, ainda estava presa a ele, como uma fechadura se engata em uma chave.

Uma noite, eu tinha acabado de colocar Carrington no seu berço quando ouvi uma batida na porta. Mamãe havia saído com Louis para jantar e assistir uma apresentação em Houston.

Eu não sei por que a batida de um policial é diferente da batida de outras pessoas, por que o som das articulações de seus dedos acertando a porta aperta cada vértebra de sua espinha. A severa autoridade naquele som me disse imediatamente que algo estava errado. Abri a porta e encontrei dois policiais ali. Até hoje não consigo me lembrar de seus rostos. Só seus uniformes, camisas azuis claras e calças azul-marinho, e emblemas em forma de escudo bordados com um pequeno planeta Terra cruzado por duas faixas vermelhas.

Minha mente voltou para o último momento em que vi Mamãe naquela noite. Eu tinha estado quieta, mas irritada, observando-a caminhar até a porta usando jeans e salto alto. Houve alguns comentários sem importância, Mamãe me dizendo que ela poderia não vir para casa até de manhã, e eu dando de ombros e dizendo — que seja. — Eu sempre fui assombrada pela normalidade daquela conversa. Você imagina que, na última vez que você vê alguém, algo de significativo deveria ser dito. Mas Mamãe saiu da minha vida com um sorriso rápido e um lembrete para trancar a porta atrás dela para que eu ficasse segura enquanto ela estava fora.

A polícia disse que o acidente aconteceu na autoestrada leste—isso foi antes da I-10 ser terminada—onde caminhões de dezoito rodas andavam tão rápido quanto quisessem. Em qualquer momento, pelo menos um quarto de todos os veículos na autoestrada eram caminhões, levando cargas de e para cervejarias e fábricas de produtos químicos. Não ajudava que as pistas fossem

estreitas, e as faixas, quase inexistentes.

Louis avançou um sinal vermelho em uma estrada secundária e colidiu com um caminhão. O motorista do caminhão teve pequenos ferimentos. Louis teve que ser cortado para fora do carro antes de ser levado ao hospital, onde ele morreu uma hora depois por uma massiva hemorragia interna.

Mamãe morreu no impacto.

Ela nunca soube o que a atingiu, o policial disse, e isso deveria ter me confortado, exceto que... só por um segundo, ela deveria ter sabido, não? Deve ter havido um borrão, uma sensação de que o mundo estava explodindo, um momento rápido de receber mais danos do que um corpo humano poderia suportar. Eu me perguntei se ela pairou sobre a cena depois disso, olhando para baixo para o que ela tinha se tornado. Eu queria acreditar que um comboio de anjos veio para ela, que a promessa do Paraíso substituiu a tristeza de deixar Carrington e eu, e que sempre que Mamãe quisesse, ela poderia observar através das nuvens para ver como nós estávamos. Mas fé nunca foi meu ponto forte. Tudo o que sabia com certeza, era que minha mãe tinha ido para algum lugar que eu não poderia seguir.

E eu finalmente entendi o que a Senhorita Marva tinha tido sobre viver sob suas luzes. Quando você está caminhando através da escuridão, você não pode depender de nada ou de nenhuma pessoa para iluminar seu caminho. Você tem que depender de qualquer centelha que você tiver dentro de você. Ou você irá se perder. Isso foi o que tinha acontecido a Mamãe.

E eu soube que se deixasse isso acontecer comigo, não haveria ninguém para cuidar de Carrington.

..... CAPÍTULO 11

Mamãe não tinha seguro de vida, e praticamente nenhum dinheiro economizado. Isso me deixava com um trailer, alguns móveis, um carro e uma irmã de dois anos. Eu teria que manter tudo isso com um diploma de ensino médio e nenhuma experiência de trabalho anterior. Eu havia passado meus verões e tardes com Carrington, o que significava que as únicas referências de emprego que eu tinha eram de alguém que até recentemente tinha andado de costas no banco do carro.

O choque é uma condição misericordiosa. Ele permite que você passe pelo desastre com uma distância necessária entre você e os seus sentimentos, para que você possa fazer as coisas. A primeira coisa que eu tinha de fazer era providenciar o funeral. Eu nunca tinha posto os pés em uma funerária antes. Eu sempre tinha imaginado que tais lugares fossem assustadores e tristes. A Senhorita Marva foi comigo, mesmo eu tendo dito a ela que não precisava de ajuda. Ela disse que namorou o agente funerário, Sr. Ferguson, que agora era viúvo, e ela queria ver quanto de cabelo ele tinha mantido ao longo dos anos.

Não muito, como nós vimos. Mas o Sr. Ferguson era o homem mais agradável que eu já conheci, e a funerária—tijolo vermelho com colunas brancas—era iluminada e limpa e arrumada como uma sala de estar confortável. A sala de espera exibia sofás de tweed^{32} azul, e mesas de centro com grandes álbuns de recortes, e quadros de paisagem nas paredes. Comemos biscoito de um prato de porcelana, e café de uma grande jarra prateada. Quando começamos a conversar, eu apreciei a forma como o Sr. Ferguson discretamente empurrou a caixa de lenços de papel pela mesa de centro. Eu não estava chorando, minhas emoções ainda estavam suspensos no gelo, mas a Senhorita Marva usou metade da caixa.

O Sr. Ferguson tinha o rosto sábio, sábio, levemente caído de um basset hound^{33}, com olhos castanhos como chocolate derretido. Ele me deu um folheto intitulado — As Dez Regras do Luto, — e perguntou com jeito se Mamãe alguma vez havia mencionado ter um plano para o funeral. — Não, senhor, — eu disse seriamente. — Ela não era do tipo que planejava com antecedência. Ela demorava uma eternidade até mesmo para fazer o pedido na

lanchonete.

As pregas nos cantos externos dos olhos dele se aprofundaram. — Minha esposa era assim, — disse ele. — Há pessoas que gostam de planejar e aquelas que vivem a vida como ela vem. Nada de errado com uma ou outra maneira. Eu mesmo, sou um planejador.

— Eu também sou, — eu disse, apesar de não ser verdade de maneira nenhuma. Eu sempre tinha seguido o exemplo de Mamãe, vivendo a vida como ela vinha. Mas agora eu queria ser diferente. Eu tinha que ser.

Abrindo um livro de tabelas de preço laminadas, o Sr. Ferguson me conduziu ao assunto do orçamento funerário.

Havia uma longa lista de coisas que precisavam ser pagas, taxas de cemitério, impostos, o anúncio no obituário, preços para embalsamamento, cabelos e cosméticos, um jazigo de concreto, aluguel de carro fúnebre, música, uma lápide.

Senhor, era caro morrer.

Ia tomar a maior parte do dinheiro que Mamãe tinha deixado, a menos que eu colocasse no crédito. Mas eu era desconfiada de dívidas. Eu tinha visto o que acontecia com pessoas que começavam esse deslize de plástico para o desastre. Na maioria das vezes, eles nunca eram capazes de sair. Este sendo o Texas, não havia abrigos nem programas que nos proporcionassem recursos para uma vida decente. A única rede de segurança era os parentes da pessoa. E eu era orgulhosa demais para considerar procurar parentes desconhecidos, estranhos, para que eu pudesse mendigar dinheiro. Eu percebi que o funeral de Mamãe teria que ser feito com poucos meios, um pensamento que trouxe uma sensação de compressão na minha garganta e pressão quente por trás dos meus olhos.

Minha mãe não tinha sido uma pessoa religiosa, eu disse ao Sr. Ferguson, portanto, queríamos uma cerimônia não religiosa.

— Você não pode ter um funeral não religioso, — a Senhorita Marva protestou, chocada a ponto de parar de chorar pela simples ideia daquilo. — Não existe tal coisa em Welcome.

— Você ficaria surpresa, Marva, — o Sr. Ferguson informou a ela. — Temos alguns humanistas na cidade. Eles simplesmente não se importam em

admitir isso publicamente, ou eles sabem que encontrarão suas soleiras ocupadas por fanáticos religiosos carregando begônias envasadas e bolos redondos.

— Você se transformou em um pagão, Arthur? — A Senhorita Marva exigiu e ele sorriu.

— Não, senhora. Mas eu aceitei a ideia de que algumas pessoas são mais felizes não sendo salvas.

Depois de discutir algumas idéias para o funeral humanista de Mamãe, nós fomos para a sala de caixões, na qual havia ao menos trinta deles em fileiras. Eu não tinha percebido que haveria tantas escolhas. Não apenas você podia escolher os materiais externos, mas podia escolher forros de veludo ou cetim em praticamente qualquer cor. Enervou-me saber também que você poderia escolher a firmeza do colchão na cama interior, como se fosse fazer alguma diferença no conforto da pessoa falecida.

Alguns dos caixões mais elegantes, como o feito de carvalho com um acabamento provinciano francês feito à mão, ou o de aço e bronze escovado com o painel de cabeça interior bordado, custavam quatro ou cinco mil dólares. E o caixão no canto mais distante da sala era mais chamativo do que qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado, pintado à mão como uma paisagem de Monet com água, flores, e uma ponte, tudo em amarelos, azuis, verdes, e cor-de-rosa. Ele tinha um interior e travesseiro de cetim azul adornado, e uma manta combinando.

— Algo para se olhar, não é? — O Sr. Ferguson perguntou, seu sorriso um pouco acanhado. — Um dos nossos fornecedores estava empurrando estes caixões artísticos este ano, mas temo que seja um pouco extravagante para o gosto de uma cidade pequena.

Eu o queria para minha mãe. Eu não me importava que fosse horrivelmente brega e ostentoso e que uma vez que estivesse a sete palmos, ninguém jamais o veria. Se você estava indo dormir em algum lugar para sempre, deveria ser sobre travesseiros de cetim azul em um jardim secreto escondido sob a terra. — Quanto é? — Eu perguntei.

O Sr. Ferguson levou um longo tempo para responder, e quando o fez, sua voz era muito calma. — Seis mil e quinhentos, Senhorita Jones.

Eu podia pagar talvez um décimo disso.

Pessoas pobres têm poucas escolhas na vida, e na maioria das vezes você não pensa muito sobre isso. Você adquire o melhor que puder, e fica sem quando necessário, e pede a Deus que você não vá ser levado por algo que não pode controlar. Mas há momentos em que isso dói, em que há algo que você quer até a medula de seus ossos e você sabe que não há maneira de você ter aquilo. Eu me senti assim sobre o caixão de Mamãe. E eu percebi que era um presságio do que estava por vir. Uma casa, aparelho ortodôntico e roupas para Carrington, educação, coisas que poderiam nos ajudar a subir através da profunda trincheira entre o lixo branco e a classe média... essas coisas exigiriam mais dinheiro do que a minha capacidade de ganhar. Eu não sabia por que eu nunca havia compreendido a urgência da minha situação antes, mesmo quando Mamãe estava viva. Por que eu tinha sido tão descuidada e irresponsável? Senti-me doente do estômago.

Rigidamente, eu segui o Sr. Ferguson até o lado da sala onde estavam os caixões econômicos, e encontrei um modelo de pinho envernizado forrado com tafetá branco por seiscentos dólares. Nós saímos de volta para uma fileira de lápides e marcadores, e escolhemos uma placa retangular de bronze para colocar sobre o túmulo de Mamãe.

Algum dia, eu jurei em silêncio, eu iria substituí-lo por uma grande lápide de mármore.

Tão logo a notícia do acidente se espalhou, fornos ao redor da cidade foram ligados. Mesmo pessoas que nós não conhecíamos, ou eram apenas conhecidos casuais, trouxeram uma caçarola, torta, ou um bolo para o trailer. Travessas cobertas com papel alumínio foram empilhadas em todas as superfícies disponíveis, os balcões, mesas, geladeira e fogão. Luto, no Texas, é um tempo para fazer suas melhores receitas. Muitas pessoas as grudavam com fita adesiva no plástico ou alumínio que cobria suas contribuições, o que não era normalmente feito, mas acho que havia uma concordância geral de que eu precisava de toda a ajuda que pudesse receber. Nenhuma das receitas tinha mais de quatro ou cinco ingredientes, e elas era o tipo de comida que você normalmente encontraria em vendas e quermesses: torta Tamale, ugly cake, caçarola King Ranch, peito de boi ao molho de Coca-Cola, salada de Jell-O.

Eu estava realmente arrependida de tanta comida ser sido nos dada em um

momento em que eu não poderia ter sentido menos vontade de comer. Eu retirei os cartões de receita e os enfiei em um envelope amarelo para guardar, e levei a maior parte da comida para os Cates. Pela primeira vez eu estava grata pela reserva da Senhorita Judie— eu sabia que, não importa o quanto ela fosse compreensiva, ela não iria discutir nada emocional.

Foi difícil ver a família de Hardy, quando eu o queria tanto. Eu precisava que Hardy voltasse e me resgatasse, e cuidasse de mim. Eu queria que ele me abraçasse forte, e me deixasse chorar em seus braços. Mas quando perguntei se a Senhorita Judie tinha ouvido algo dele, ela disse ainda não, ele estaria ocupado demais para escrever ou ligar por um tempo.

O alívio das lágrimas veio na segunda noite após a morte de Mamãe, quando eu tinha me rastejado para a cama ao lado do pequeno corpo robusto de Carrington. Ela aconchegou-se contra mim em seu sono, e soltou um suspiro de bebê, e esse som rachou o selo ao redor do meu coração.

Aos dois anos, Carrington não tinha conhecimento da morte. O caráter definitivo daquilo fugia a ela. Ela continuava perguntando quando Mamãe iria voltar, e quando eu tentei explicar sobre o Céu, ela tinha escutado sem compreender e interrompeu-me pedindo um picolé. Fiquei ali segurando ela, me preocupando com o que iria acontecer conosco, se algum assistente social iria aparecer para levá-la, ou o que eu faria se Carrington ficasse seriamente doente e como prepará-la para a vida, quando eu sabia tão malditamente pouco.

Eu nunca havia pagado uma conta antes. Eu não sabia onde nossos cartões da

Segurança Social estavam. E eu me preocupava se Carrington iria ao menos se lembrar de Mamãe. Percebendo que não havia ninguém com quem eu pudesse compartilhar minhas lembranças de minha mãe, senti lágrimas começarem a sair dos meus olhos em um fluxo contínuo. Isso continuou por um tempo até que eu comecei a chorar com tanta força que finalmente fui ao banheiro e enchi a banheira e sentei como uma criança, chorando na minha água do banho até que uma grande calma entorpecida tivesse se estabelecido em mim.

— Você precisa de dinheiro? — Minha amiga Lucy perguntou sem rodeios enquanto me via me vestindo para o funeral. Ela iria tomar conta de

Carrington até eu voltar do enterro. — Minha família pode lhe emprestar algum. E o Papai diz que há um emprego de meio expediente disponível na loja.

Eu não teria conseguido sem Lucy nos dias que se seguiram ao acidente de Mamãe. Ela havia perguntado se havia qualquer coisa que ela pudesse fazer por mim, e quando eu disse que não, ela foi em frente e fez as coisas de qualquer maneira. Ela insistiu em levar Carrington para sua casa por uma tarde para que eu pudesse ter algum tempo em paz para fazer ligações e limpar o trailer.

Outro dia Lucy trouxe sua mãe, e as duas empacotaram os pertences de Mamãe em caixas de papelão. Eu não poderia ter feito isto sozinha. A jaqueta favorita de Mamãe, seu vestido branco com as margaridas, a blusa azul, a echarpe rosa leve que ela havia amarrado ao redor do cabelo dela, estas e outras coisas estavam cobertas com recordações em toda dobra e prega.

À noite, eu havia começado a usar uma blusa que não ainda tinha sido lavada. Ele ainda mantinha o cheiro da pele de Mamãe e Estée Lauder Youth Dew^{34}. Eu não sabia como fazer o cheiro durar. Um dia, muito depois de ele ter sumido, eu iria desejar mais uma lufada de perfume de mãe, e ela só existiria na minha memória.

Lucy e sua mãe levaram as roupas para um armazém, e me deram a chave. A casa de penhores iria cuidar da mensalidade, a Sra. Reyes disse, e eu poderia deixar tudo lá indefinidamente.

— Você pode trabalhar quando quiser, — Lucy pressionou.

Sacudi a cabeça em resposta à menção de Lucy ao emprego de meio período. Eu estava certa de que eles não precisavam de nenhuma ajuda na loja de penhores, e que tinham feito a oferta por simpatia. E embora que eu apreciasse sua bondade mais do que eles jamais saberiam, é um fato que os amigos duram mais tempo quanto menos você usálos.

— Diga a seus pais muito obrigada, — eu disse, — mas eu provavelmente vou precisar de alguma coisa em tempo integral. Eu ainda não descobri o que fazer.

— Eu sempre disse que você deveria ir para a escola de beleza. Você seria uma grande cabeleireira. Eu posso ver você com a sua própria loja um dia. —

Lucy me conhecia bem demais—a ideia de trabalhar em um salão, todos os aspectos disso, me atraía mais que qualquer outro tipo de trabalho. Mas...

— Levaria cerca de nove meses a um ano, em tempo integral, para obter a minha licença, — eu disse com pesar. — E não há maneira de eu poder arcar com as mensalidades.

— Você poderia emprestar—

— Não. — Eu coloquei uma camisa de acrílico preto sem mangas e a enfiei por dentro da minha saia. — Eu não posso começar emprestando, Luce, ou vou simplesmente continuar indo por esse caminho. Se eu não tiver meios para isso, vou ter que esperar até ter guardado o suficiente.

— Você pode nunca economizar o bastante. — Ela me olhou com patente exasperação. — Amiga, se você está esperando uma fada madrinha aparecer com um vestido e uma carruagem, você não vai chegar | festa.

Peguei uma escova de meu armário e comecei a arrumar meu cabelo em um rabo de cavalo baixo. — Eu não estou esperando por ninguém. Eu posso fazer isso por mim mesma.

— Tudo que estou dizendo é, aceite ajuda onde você pode consegui-la. Você não tem que fazer tudo da maneira mais difícil.

— Eu sei disso. — Engolindo a irritação, eu consegui puxar os cantos de minha boca em um sorriso. Lucy era uma amiga preocupada, e saber isso fazia o autoritarismo dela um pouco mais fácil de aguentar. — E eu não sou tão teimosa quanto você faz parecer—eu deixei o Sr. Ferguson melhorar o caixão, não deixei?

Um dia antes do funeral, o Sr. Ferguson havia ligado e dito que tinha um negócio para mim, se eu estivesse interessada. Parecendo escolher suas palavras cuidadosamente, ele me disse que o fabricante de caixões havia acabado de colocar seus modelos artísticos em promoção, e o caixão de Monet tinha tido um desconto. Uma vez que o preço inicial havia sido seis mil e quinhentos, eu disse que duvidava que eu pudesse pagar, mesmo na promoção.

— Eles estão quase dando, — o Sr. Ferguson tinha pressionado. — Na verdade, o Monet está agora com o mesmo preço do caixão de pinho que você comprou. Posso trocá-los para você sem nenhum custo adicional.

Eu tinha estado quase muito chocada para falar. — Você tem certeza?

— Sim, senhora.

Suspeitando que a generosidade do Sr. Ferguson poderia ter tido algo a ver com o fato de que ele havia levado a Senhorita Marva para jantar algumas noites antes, eu fui perguntar a ela exatamente o que tinha acontecido em seu encontro.

— Liberty Jones, — ela tinha dito com indignação, — você está sugerindo que eu dormi com esse homem para conseguir um desconto no caixão?

Envergonhada, eu respondi que eu não havia querido desrespeitar, e naturalmente eu não pensei tal coisa.

Ainda indignada, a Senhorita Marva me disse que se ela tivesse dormido com Arthur Ferguson, não havia dúvida de que ele teria me dado o caixão de graça.

O serviço do enterro foi bonito, se um pouco escandaloso pelos padrões de Welcome. O Sr. Ferguson administrou o discurso de despedida, falando um pouco sobre Mamãe e sua vida, e o quanto ela sentiria falta de seus amigos e duas filhas. Não houve menção a Louis. Seus parentes haviam levado seu corpo para Mesquite, onde ele nasceu e muitos dos Sadlek ainda viviam. Eles contrataram um gerente para o Rancho Bluebonnet, um homem jovem chamado Mike Mendeke.

Uma das amigas mais íntimas de Mamãe no trabalho, uma mulher gorda com cabelos cor de chá, leu um poema:

Não fique no meu túmulo a chorar
Eu não estou lá, eu não durmo.

Eu sou mil ventos que sopram,

Eu sou os reflexos de diamante na neve,
Eu sou o sol nos grãos maduros,

Eu sou a chuva suave de outono.

Quando você acorda no silêncio da manhã
Eu sou a rápida arremetida para cima
De pássaros calmos que voam em círculos.

Eu sou as estrelas suaves que brilham de noite.
Não fique no meu túmulo e chore,
Eu não estou lá, eu não morri.

Pode não ter sido um poema religioso, mas quando Deb terminou, havia lágrimas nos olhos de muitos.

Eu coloquei duas rosas amarelas, um de Carrington e uma minha, em cima

do caixão. Vermelho pode ser a cor preferida de rosas em todo o resto do mundo, mas no Texas é amarelo. O Sr. Ferguson havia me prometido que as flores seriam enterradas com

Mamãe quando ela foi baixada para o chão.

No final do serviço, nós tocamos — Imagine — de John Lennon, o que provocou sorrisos de alguns rostos, e cenhos franzidos de desaprovação de muitos outros. Quarenta e dois balões brancos—um para cada ano de idade de Mamãe—foram lançados no céu azul quente.

Era o funeral perfeito para Diana Truitt Jones. Eu penso que minha mãe tê-lo-ia amado. Quando o serviço estava terminado, eu senti uma repentina necessidade feroz de me voltar correndo para Carrington. Eu queria abraçá-la durante muito tempo, e afagar os cachos loiros pálidos que me lembravam tanto de Mamãe. Carrington nunca pareceu tão frágil para mim, tão vulnerável a qualquer tipo de mal.

Quando me virei para olhar a fileira de carros, vi uma limusine preta com vidros escuros estacionado na distância. Welcome não é o que você chamaria de terra da limusine, então esta era uma visão ligeiramente surpreendente. O design do veículo era moderno, suas portas e janelas fechadas, sua forma aerodinâmica e aperfeiçoada como a de um tubarão.

Nenhum outro funeral estava sendo realizado naquele dia. Quem quer que estivesse sentado naquela limusine havia conhecido minha mãe, havia querido ver a cerimônia dela à distância. Eu fiquei muito quieta, olhando para o veículo. Meus pés se moveram, e eu suponho que estava indo lá para perguntar se ele—ou ela—queria vir até o túmulo. Mas, logo que comecei a andar em direção a ela, a limusine se afastou em um deslize lento.

Sou eu. O pensamento que eu nunca descobriria quem era aquela pessoa.

Logo após o funeral, Carrington e eu fomos visitados por uma guardiã ad litem, ou GAL, que havia sido designada para avaliar se eu estava apta a ser a guardiã legal dela. A taxa da GAL era de cento e cinquenta dólares, o que eu considerei exorbitante, visto que ela ficou menos de uma hora. Agradeço a Deus que o tribunal havia renunciado a taxa— eu penso que minha conta bancária não cobriria isso.

Carrington parecia saber que era importante que ela se comportasse bem.

Sob a observação da GAL, ela construiu uma torre de blocos, vestiu sua boneca favorita, e cantou a música ABC do início ao fim. Enquanto a GAL me fazia perguntas sobre a criação do bebê e os meus planos para o futuro, Carrington subiu no meu colo e apertou alguns beijos apaixonados na minha bochecha. Depois de cada beijo, ela olhava significativamente para a GAL, para se assegurar que as suas ações estivessem sendo devidamente anotadas.

A próxima fase do processo foi surpreendentemente fácil. Eu fui à Vara de Família e dei ao juiz as cartas da Senhorita Marva, do pediatra e do pastor da Cordeiro de Deus, todos oferecendo uma boa opinião sobre meu caráter e minhas habilidades familiares. O juiz expressou preocupação com a minha falta de emprego, me aconselhou a conseguir algo imediatamente, e advertiu-me para esperar a visita ocasional da Assistência Social.

Quando a audiência terminou, o escrivão disse-me para escrever um cheque de setenta e cinco dólares, o que fiz com uma caneta roxa com glitter que eu encontrei no fundo da minha bolsa. Deram-me uma pasta com cópias dos formulários de petição e liberação de informações que eu havia preenchido, e o certificado de guarda. Eu não pude evitar de sentir como se tivesse acabado de comprar Carrington e me houvesse sido entregue o recibo.

Eu fui para fora do tribunal e encontrei Lucy esperando por mim na parte inferior da escada, com Carrington em seu carrinho. Pela primeira vez em dias, eu ri quando vi as mãos gordinhas de Carrington segurando um cartaz de papelão que Lucy tinha feito para ela: PROPRIEDADE DE LIBERTY JONES.

..... CAPÍTULO 12

Voe alto com a TexWest!

Você está pronto para um trabalho gratificante e orientado para o contato humano nos céus? Viaje, aprenda, amplie seus horizontes como um assistente de voo para a TexWest, a companhia aérea que mais cresce no país. Deve estar disposto a se mudar para nossos domicílios em CA, UT, NM, AZ, TX. Ensino Médio exigido, exigência de altura de 1,55 m a 1,75m, sem exceções. Venha para a nossa exposição e descubra mais sobre as possibilidades excitantes na TexWest.

Eu sempre odiei voar. A ideia disso é uma afronta à natureza. As pessoas estão destinadas a permanecer no chão.

Eu abaixei os classificados e olhei para Carrington, que estava sentada em sua cadeira alta e colocando longos fios de espaguete em sua boca. A maior parte de seu cabelo estava junta em um monte em cima de sua cabeça e presa com um laço vermelho. Ela estava vestida com fraldas e nada mais. Tínhamos descoberto que a limpeza após o jantar era muito mais fácil se ela comesse sem blusa.

Carrington observou-me solenemente, com uma grande mancha laranja de molho de espaguete em sua boca e queixo.

— Quanto você gostaria de se mudar para Oregon? — Eu perguntei a ela.

Seu pequeno rosto redondo abriu-se em um sorriso, exibindo um conjunto de dentes brancos separados. — Okeydokey.

Essa era sua expressão favorita mais recente, a outra sendo — Sem chance.

— Você poderia ficar na creche, — eu continuei, — enquanto eu subo em um avião e sirvo pequenas garrafas de Jack Daniel's para empresários irritadiços. Como isso soa?

— Okeydokey.

Eu assisti Carrington meticulosamente tirar um pedaço de cenoura cozida que eu tinha escondido em seu molho de espaguete. Depois de livrar o macarrão da maior quantidade de valor nutricional possível, ela colocou o

resto em sua boca e o sugou.

— Pare de catar esses vegetais, — eu disse a ela, — ou eu vou fazer você comer alguns brócolis.

— Sem chance, — ela disse, sua boca cheia de espaguete, e eu ri.

Eu me debrucei sobre as notas que tinha feito sobre os empregos disponíveis para uma moça com um diploma de ensino médio e sem experiência de trabalho. Até agora, parecia que eu estava qualificada para ser uma caixa do Quick-Stop^{35}, uma maquinista de bomba de saneamento, uma babá, uma empregada de limpeza para o Happy Helpers, ou uma tosadora de gatos em uma clínica de animais de estimação. Todos eles pagavam o que eu esperava, que era perto de nada.

O trabalho que eu menos queria era ser uma babá, porque significava que eu estaria cuidando da criança de alguém em vez de Carrington.

Eu sentei lá, com as minhas opções limitadas espalhadas ao meu redor na forma de páginas de jornal. Senti-me pequena e impotente, e eu não queria me acostumar com esse sentimento. Eu precisava de um trabalho que eu fosse manter por um tempo. Não seria bom para mim ou Carrington se eu pulasse de lugar para lugar. E eu suspeitava que não iria haver muitas promoções de emprego em uma loja Quick-Stop.

Vendo que Carrington estava colocando seus pedaços de cenoura no jornal em frente a ela, eu murmurei, — Pare de fazer isso, Carrington. — Eu puxei o jornal e comecei a amassá-lo, e parei quando vi o anúncio salpicado de laranja no lado.

Uma nova carreira em menos de um ano!

Um técnico de beleza bem treinado está sempre em demanda, em épocas boas ou ruins. Todos os dias, milhões de pessoas vão para os seus estilistas favoritos para cortes, coloração, tratamentos químicos, e outros serviços cosméticos necessários. Os conhecimentos e habilidades que você adquire na Academia de Cosmetologia East Houston irá prepará-lo para uma carreira de sucesso em qualquer aspecto do negócio de beleza que você escolher. Inscreva-se para um lugar na EHAC, e deixe o seu futuro começar. Ajuda financeira disponível para aqueles que se qualificarem.

Você frequentemente ouve a palavra "trabalho" em um estacionamento de

trailers. No Rancho Bluebonnet, as pessoas estavam sempre perdendo empregos, caçando empregos, evitando empregos, chateando alguém para arranjar emprego. Mas ninguém que eu conhecia tinha tido uma carreira.

Eu queria tanto uma licença de cosmetologia que eu mal podia suportar. Havia tantos lugares que eu poderia trabalhar, tanto que eu queria aprender. Eu achava que tinha o temperamento certo para ser uma hairstylist, e eu sabia que tinha o jeito. Eu tinha tudo, menos o dinheiro.

Não havia nenhum ponto em me inscrever. Mas eu assisti as minhas mãos como se elas pertencessem a outra pessoa, limpando as cenouras e arrancando o anúncio.

A diretora da academia, Sra. Maria Vasquez, sentava-se atrás de uma escrivaninha de carvalho em forma de rim em uma sala com paredes azul-claras. Fotos de mulheres bonitas em molduras metálicas estavam penduradas em intervalos medidos. O cheiro do estúdio e salas de workshop se espalhava para a área administrativa, uma mistura de spray de cabelo e shampoo, e o cheiro penetrante de produtos químicos. Um cheiro de salão de beleza. Eu amei aquilo.

Eu escondi minha surpresa com a descoberta de que a diretora era hispânica. Ela era uma mulher magra, com cabelos com luzes, ombros angulares, e um rosto severo, de ossatura forte.

Ela explicou que a academia tinha aceitado o meu pedido, mas eles tinham apenas certa quantidade de alunos que eles poderiam fornecer ajuda financeira a cada semestre. Se eu não podia frequentar a escola sem uma bolsa de estudos, então eu queria ficar em uma lista de espera e tentar no próximo ano?

— Sim, senhora, — disse eu, meu rosto ficando duro com a decepção, o meu sorriso uma fratura fina. Eu me dei um sermão imediato. Uma lista de espera não era o fim do mundo. Não era como se eu não tivesse muito o que fazer nesse meio tempo.

Os olhos da Sra. Vasquez eram gentis. Ela disse que iria me ligar quando fosse a hora de preencher uma nova inscrição, e ela esperava me ver novamente.

No caminho de volta para o Rancho Bluebonnet, tentei me imaginar em uma camisa verde do Happy Helpers. Não é tão ruim, eu disse a mim mesma.

Organizar e limpar as casas de outras pessoas era sempre mais fácil do que limpar a sua própria. Eu faria o meu melhor. Eu seria a trabalhadora do Happy Helpers mais árdua no planeta.

Enquanto eu estava falando comigo mesma, eu não prestei atenção para onde eu estava indo. Minha mente estava tão cheia, que eu tinha pegado o caminho mais longo, em vez do atalho. Eu estava na rua que passava pelo cemitério. Meu carro diminuiu e dobrou na entrada do cemitério, passando do escritório do cemitério. Eu estacionei e vaguei entre as lápides, um jardim de granito e mármore que parecia ter brotado da terra.

A lápide de Mamãe era a mais nova, um monte espartano de terra crua que interrompia dos corredores ordenadamente gramados. Eu fiquei ao pé do túmulo de minha mãe, de alguma forma necessitando de uma prova de que tinha realmente acontecido. Eu mal podia acreditar que o corpo de minha mãe estava lá naquele caixão Monet com o travesseiro de cetim azul e manta combinando. Isso me fez sentir claustrofóbica. Eu puxei a gola abotoada da minha blusa, e sequei minha testa úmida na manga.

A agitação do pânico se desvaneceu assim que eu notei algo ao lado da placa de bronze, um abundante salpico de amarelo.

Contornando a sepultura, fui investigar. Era um buquê de rosas amarelas. As flores estavam em um suporte invertido de bronze que tinha sido enterrado para que a borda superior fosse nivelada com o solo. Eu tinha visto vasos como aquele catálogo da funerária do Sr. Ferguson, mas a trezentos e cinquenta dólares cada, eu nem sequer tinha considerado comprar um. Por mais agradável que o Sr. Ferguson fosse, eu não achava que ele teria colocado a cara adição, especialmente sem ter mencionado algo.

Eu puxei uma das rosas amarelas do buquê, e trouxe-a, o caule gotejando, ao meu rosto. O calor do dia tinha trazido as rosas para sua melhor essência, e as flores semiabertas estavam derramando perfume. Muitas variedades de rosas amarelas não têm cheiro, mas esta espécie, qualquer que fosse, tinha um aroma intenso, quase de abacaxi.

Eu usei a minha unha para tirar fora os espinhos enquanto andava em direção ao escritório do cemitério. Uma mulher de meia-idade com cabelos castanho-avermelhados em forma de capacete estava sentada atrás da mesa de recepção. Perguntei-lhe quem tinha colocado o vaso de bronze na sepultura de

minha mãe, e ela disse que não poderia liberar essa informação, era privada.

— Mas é minha mãe, — eu disse, mais perplexa que irritada. — Alguém pode simplesmente fazer isso? ...Colocar algo sobre o túmulo de alguém?

— Você está perguntando se deveríamos tirar?

— Bem, não... — Eu queria que o vaso de bronze ficasse exatamente onde estava. Se eu tivesse sido capaz de pagar um, eu o teria comprado eu mesma. — Mas eu quero saber quem o deu a ela.

— Não posso lhe dizer isso. — Após um ou dois minutos de debate, a recepcionista admitiu que poderia me dar o nome da florista que entregou as rosas. Era uma loja de Houston chamada Flower Power.

O próximo par de dias esteve ocupado com sair para resolver problemas, e preencher a inscrição do Happy Helpers e ir à entrevista. Eu não tive uma chance até mais tarde na semana para ligar para a florista. A moça que atendeu o telefone disse — Por favor, aguarde, — e antes que eu pudesse falar alguma coisa, eu me encontrei ouvindo Hank Williams cantando — I Just Don't Like This Kind of Livin'.

Sentei-me na tampa fechada do sanitário, o telefone levemente junto ao meu ouvido e olhei Carrington brincar em sua banheira. Ela se concentrava em despejar água de um copo plástico Dixie para o outro, e então adicionar sabão líquido e mexer com o dedo.

— O que você está fazendo, Carrington? — eu perguntei.

— Fazendo alguma coisa.

— Fazendo o quê?

Ela derramou a mistura de sabão sobre sua barriga e a esfregou. — Polidor de pessoas.

— Enxague isso— — eu comecei, quando a voz da menina veio através do receptor.

— Flower Power, posso ajudar?

Eu expliquei a situação e perguntei se ela poderia me dizer quem tinha enviado as rosas amarelas para o túmulo de minha mãe. Como eu havia previsto, ela me disse que não estava autorizada a divulgar o nome do remetente. — Diz no meu computador que há uma ordem permanente para

enviar o mesmo arranjo para o cemitério todas as semanas.

— O quê? — Perguntei baixinho. — Uma dúzia de rosas amarelas todas as semanas?

— Sim, é isso o que diz.

— Por quanto tempo?

— Não há nenhuma data para parar. Isso pode continuar por um tempo.

Meu queixo caiu como se não tivesse eixos. — E não há nenhuma maneira que você poderia me dizer

— Não, — disse a garota com firmeza. — Existe alguma outra coisa em que eu possa ajudá-la?

— Acho que não. Eu — — Antes que eu pudesse dizer — obrigada — ou — adeus —, havia uma outra chamada ao fundo, e a moça desligou.

Eu percorri uma lista em minha mente de cada pessoa possível que teria arranjado uma coisa dessas.

Ninguém que eu conhecia tinha o dinheiro.

As rosas haviam vindo da vida secreta de Mamãe, o passado sobre o qual ela nunca tinha falado.

Carrancuda, peguei uma toalha dobrada e balancei-a. — Levante-se, Carrington. Hora de sair.

Ela resmungou e obedeceu com relutância. Eu a tirei da banheira e a sequei, meu olhar admirando as ondulações dos joelhos e a barriga arredondada de uma criança saudável. Ela era perfeita em todos os sentidos, pensei.

Era a nossa brincadeira fazer uma tenda com a toalha após Carrington estar seca. Puxei a toalha sobre as nossas cabeças e nós rimos juntas debaixo do pano úmido e frisado, beijando o nariz uma da outra.

O telefone tocando interrompeu nossa brincadeira, e eu rapidamente envolvi Carrington na toalha.

Apertei o botão receptor. — Alô?

— Liberty Jones?

— Sim?

— Aqui é Maria Vasquez.

Como ela era a última pessoa que eu esperava ouvir, eu fiquei temporariamente sem fala.

Ela encheu o silêncio suavemente. — Da Academia de Cosmetologia.

— Sim. Sim, me desculpe, eu... Como você está, Sra. Vasquez?

— Eu estou bem, Liberty, obrigada. Tenho algumas boas notícias para você, se você ainda estiver interessada em participar da academia este ano?

— Sim, — eu consegui sussurrar, uma excitação súbita presa na minha garganta.

— Acontece que outro lugar em nosso programa de bolsas de estudo acaba de se tornar disponível para o segundo semestre. Posso dar-lhe um pacote de auxílio financeiro completo. Se você gostar, eu poderia colocar todos os materiais de sua inscrição no correio, ou você pode passar no escritório para buscá-los.

Fechei os olhos com força, segurando o telefone com tanta força que fiquei surpresa que ele não tivesse quebrado com a pressão. Eu senti os dedos de Carrington, investigando o meu rosto, brincando com meus cílios. — Obrigada. Obrigada. Vou passar por aí amanhã. Obrigada.

Eu ouvi a risada da diretora. — De nada, Liberty. Estamos muito contentes de tê-la em nosso programa.

Depois que eu desliguei, abracei Carrington e gritei. — Eu estou dentro! Estou dentro! — Ela se encolheu e gritou feliz, compartilhando minha empolgação, embora ela não entendesse o motivo para isso. — Eu estou indo para a escola, eu vou ser uma hairstylist. Não uma Happy Helper. Eu não acredito nisso. Oh, bebê, nós estávamos merecendo alguma boa sorte.

Eu não esperava que fosse ser fácil. Mas o trabalho duro é muito mais fácil de suportar quando é algo que você quer fazer, em vez de algo que você não tem escolha.

Caipiras tem um ditado, — Sempre tire a pele do seu próprio cervo. — O cervo que eu tinha que tirar a pele era a escola. Nunca me senti tão inteligente quanto Mamãe havia pensado que eu era, mas imaginei que se eu quisesse o bastante, eu encontraria uma maneira de envolver o meu cérebro em torno

disso.

Eu tenho certeza que muita gente pensa que é fácil ir para a escola de beleza, que não há muito nisso. Mas há muito que aprender antes de você chegar perto de um par de tesouras.

O currículo tinha descrições de cursos como — Bacteriologia de Esterilização —, que requeriam trabalho de laboratório e cursos teóricos... — Rearranjo Químico —, que nos ensinaria sobre os procedimentos, materiais e instrumentos utilizados para permanentes e relaxamentos... e — Coloração de Cabelo —, que incluía aulas de anatomia, fisiologia, química, processos, efeitos especiais e solução de problemas. E esse era apenas o começo. Olhando pelo livreto, eu entendi por que levaria nove meses para obter um diploma.

Acabei aceitando o trabalho de meio-período na casa de penhores, trabalhando noites e fins de semana e deixando Carrington na creche. Carrington e eu vivíamos de quase nada, sobrevivendo com manteiga de amendoim e pão branco, burritos de microondas, sopa Oodles of Noodles^{36}, e legumes e frutas com desconto a partir de latas amassadas. Nós comprávamos em brechós roupas e calçados. Como Carrington tinha menos de cinco anos, nós ainda continuávamos elegíveis para o programa WIC, que ajudava com vacinações. Mas nós não tínhamos seguro de saúde, o que significava que não poderíamos nos dar ao luxo de ficar doente. Eu diluía o suco de frutas d Carrington e escovava seus dentes como uma louca, porque nós não podíamos pagar as despesas das cáries. Todo barulho estranho novo do nosso carro alertava para um problema caro à espreita sob o capô deteriorado. Cada conta de serviço tinha que ser examinada, cada misteriosa taxa extra da companhia telefônica tinha de ser questionada.

Não há paz na pobreza.

A família Reyes ajudou muito, no entanto. Eles me deixaram trazer Carrington para a loja, onde ela se sentava nos fundos com seus livros para colorir e animais de plástico e cartões de costura enquanto eu trabalhava. Éramos frequentemente convidadas para jantar, e a mãe de Lucy sempre insistia em nos dar as sobras. Eu adorava a Sra. Reyes, que tinha um ditado português para quase tudo, como — Beleza não alimenta os porcos. — (Sua crítica ao namorado bonito, mas vagabundo de Lucy, Matt.)

Eu não via muito Lucy, que estava indo para faculdade e namorando um

rapaz que ela havia conhecido em uma aula de botânica. De vem em quando, Lucy iria entrar na loja com Matt, e nós iríamos conversar sobre o balcão por alguns minutos antes de eles saírem para comer fora. Não posso dizer que eu não tive alguns momentos de inveja. Lucy tinha uma família amorosa, um namorado, dinheiro, uma vida normal com um bom futuro. Enquanto eu não tinha família, estava cansada o tempo todo, tinha que contar cada centavo, e mesmo que eu estivesse procurando um namorado, teria sido impossível atrair um quando eu estava empurrando um carrinho de criança por toda parte. Homens na faixa dos vinte anos não são atraídos pela visão de um pacote de fraldas.

Mas nada disso importava quando eu estava com Carrington. Sempre que eu a buscava na creche ou na casa da Senhorita Marva, e ela vinha correndo em minha direção com os braços estendidos, a vida não poderia ser mais doce. Ela havia começado a adquirir palavras mais rápido do que um pregador de TV vende bênçãos, e ela e eu conversávamos o tempo todo. Nós ainda dormíamos juntas todas as noites, nossas pernas entrelaçadas enquanto Carrington tagarelava. Ela me contava sobre seus amigos da creche, e queixavase sobre aquele cuja arte era — apenas uns rabiscos —, e informava sobre quem foi escolhido para ser a mãe quando eles brincavam de casinha no recreio.

— Suas pernas estão ásperas, — ela queixou-se uma noite. — Eu gosto delas suaves. — Achei aquilo engraçado. Eu estava exausta, preocupada com uma prova no dia seguinte, tinha cerca de dez dólares na minha conta corrente, e agora eu tinha que lidar com uma criança criticando os meus hábitos de higiene. — Carrington, uma das vantagens de não ter um namorado é que eu posso passar alguns dias sem raspar as minhas pernas.

— O que isso significa?

— Significa lide com isso, — eu disse a ela.

— Ok. — Ela se aninhou mais fundo em seu travesseiro. — Liberty?

— O quê?

— Quando você vai arranjar um namorado?

— Eu não sei, bebê. Pode demorar um pouco.

— Talvez se você raspasse as pernas, você conseguisse um.

Uma risada escapou de mim. — Bom ponto. Vá dormir.

No inverno, Carrington teve um resfriado que não ia embora, e ele virou uma tosse que parecia chacoalhar seus ossos. Usamos um frasco inteiro de medicamento sem receita médica, mas pareceu ter pouco efeito. Certa noite, acordei com o que soava como latido de cachorro, e eu percebi que a garganta de Carrington havia inchado até que ela só pudesse respirar em arfadas rasas. Em um terror pior do que qualquer coisa que eu já tinha conhecido, eu a levei ao hospital, onde eles nos aceitaram sem seguro.

Minha irmã foi diagnosticada com difteria, e eles trouxeram uma máscara de plástico ligada a um nebulizador que bombeava a medicação em uma névoa brancoacinzentada. Assustada com o barulho feito pela máquina, para não mencionar a máscara, Carrington encolheu-se no meu colo e chorava penosamente. Não importa quanto eu a tranquilizasse de que não iria doer, que aquilo iria fazê-la sentir-se melhor, ela se recusou, até seu corpo ter espasmos com a tosse.

— Posso colocá-la? — Perguntei ao enfermeiro desesperadamente. — Só para mostrar a ela que está tudo bem? Por favor?

Ele balançou a cabeça e olhou para mim como se eu fosse louca.

Eu virei minha irmã lamuriante em torno de meu colo, para que nós estivéssemos face a face. — Carrington, me escute. Carrington. É como um jogo. Vamos fingir que você é uma astronauta. Deixe-me colocar a máscara em você por apenas um minuto. Você é uma astronauta—que planeta você quer visitar?

— Planeta C-c-casa, — ela soluçou.

Após mais alguns minutos de seu choro e minha insistência, nós brincamos de Carrington-A-Exploradora-do-Espaço até que a enfermeira estivesse satisfeita de que ela tivesse inalado bastante do Vaponefrin.

Levei minha irmã de volta para o carro no escuro frio da meia-noite. A essa hora, ela tinha se esgotado e estava dormindo profundamente. Sua cabeça caiu no meu ombro e suas pernas se enrolaram ao redor da minha barriga. Eu apreciei o peso sólido, vulnerável em meus braços.

Enquanto Carrington dormia em seu assento no carro, eu chorei todo o caminho até nossa casa, sentindo-me inadequada, angustiada, cheia de amor e

alívio e preocupação.

Sentindo-me como uma mãe.

À medida que o tempo passou, o relacionamento da Senhorita Marva com o Sr. Ferguson adquiriu a ternura difícil de compreender de duas pessoas independentes, que não tinham nenhuma razão para se apaixonar, mas que se apaixonaram de qualquer maneira. Eles eram uma boa combinação, a natureza apimentada da Senhorita Marva sendo equilibrada pela tranquilidade inflexível do Sr. Ferguson.

A Senhorita Marva proclamou para quem quisesse ouvir que ela não tinha intenção de se casar. Ninguém acreditava nela. Acho que o que finalmente convenceu Marva era que, apesar de sua situação financeira confortável, Arthur Ferguson era claramente um homem que precisava ser cuidado. Ele tinha botões faltando nos punhos da camisa. Ele às vezes deixava de fazer refeições, porque ele simplesmente esquecia-se de comer. Suas meias não estavam sempre combinando. Alguns homens florescem com um pouco de repreensão, e a Senhorita Marva veio a reconhecer que provavelmente ela precisava de alguém para repreender.

Então, depois de terem namorado por cerca de oito meses, a Senhorita Marva fez para Arthur Ferguson a sua refeição favorita, assado de panela na cerveja e vagens e uma grande frigideira de pão de milho. E bolo veludo vermelho para a sobremesa, após o que, naturalmente, ele a pediu em casamento.

A Senhorita Marva me deu a notícia timidamente, e afirmou que Arthur devia ter enganado ela de alguma forma, porque não havia nenhuma razão para uma mulher com seu próprio negócio se casar. Mas eu pude ver como ela estava feliz. Fiquei feliz que, depois de todos os altos e baixos de sua vida, a Senhorita Marva tivesse encontrado um bom homem. Eles estavam indo para Las Vegas, disse ela, para serem casados por Elvis, e depois disso, eles iriam ver um show de Wayne Newton e talvez os caras com os tigres. Quando eles voltassem, a Senhorita Marva iria deixar o Rancho Bluebonnet e se mudar para a casa de tijolos do Sr. Ferguson na cidade, que ele lhe tinha dado permissão para redecorar de cima a baixo.

Era menos de oito quilômetros de distância da casa de solteira da Senhorita Marva para a sua nova residência. Mas ela estava viajando uma distância maior

do que você podia medir com um odômetro. Ela estava se mudando para um mundo diferente, adquirindo um novo status. O pensamento que eu já não seria capaz de correr pela rua para visitá-la era perturbador e deprimente.

Com a partida da Senhorita Marva, não havia nada prendendo a mim e Carrington no Rancho Bluebonnet. Vivíamos em uma casa móvel velha que não valia nada, estacionada em um lote alugado. Como minha irmã estava indo para a pré-escola no próximo ano, eu precisava encontrar um apartamento no distrito de uma boa escola. Eu iria encontrar um emprego em Houston, eu decidi, se eu tivesse sorte o suficiente para passar nos próximos exames da Comissão de Cosmetologia.

Eu queria sair do estacionamento de trailers—eu queria ainda mais para a minha irmã do que eu tive para mim. Mas, ao mesmo tempo, isso seria cortar a última ligação que eu tinha com Mamãe. E Hardy.

A ausência de minha mãe era lembrada toda vez que eu queria contar a ela sobre algo que tinha acontecido comigo ou com Carrington. Muito tempo depois que ela se foi, houve momentos em que a criança em mim, que queria conforto, ainda gritava por ela. E então, à medida que a dor foi sendo temperada pelo tempo, Mamãe deslizou para mais longe de mim. Eu não conseguia lembrar o som exato de sua voz, o formato de seus dentes da frente, a cor de suas bochechas. Eu lutava para manter os detalhes dela como se tentasse manter água em minhas mãos em concha.

A perda de Hardy foi quase tão aguda, de uma maneira diferente. Se um homem olhasse para mim com interesse, falasse comigo, sorrisse, eu me encontraria impotente buscando sugestões de Hardy. Eu não sabia como parar de querê-lo. Não era como se eu tivesse alguma esperança—eu sabia que nunca iria vê-lo novamente. Mas isso não me impedia de comparar todos os outros homens a Hardy e encontrar tudo que eles não tinham. Eu tinha me esgotado ao amá-lo, como um melro lutando contra seu próprio reflexo em uma janela de vidro espelhado.

Por que o amor era tão fácil para algumas pessoas e tão difícil para outras? A maioria das minhas amigas da escola já estava casada. Lucy estava noiva de seu namorado, Matt, e ela afirmava não ter dúvidas sobre isso. Pensei em como seria maravilhoso ter alguém para se apoiar. Para minha vergonha, eu fantasiava sobre Hardy voltando para mim, dizendo-me que estava tinha

estado errado ao ir embora, nós encontraríamos uma maneira de fazer dar certo porque nada valia o preço de estarmos separados.

Se a solidão era uma opção, qual era a outra escolha? Se contentar com o segundo melhor e tentar ser feliz com isso? E isso era justo com a pessoa que você escolheu? Tinha de haver alguém lá fora, um homem que pudesse me ajudar a superar Hardy. Eu tinha que encontrá-lo, não só por minha causa, mas pela minha irmã pequena. Carrington não tinha nenhuma influência masculina em sua vida. Tudo o que ela tinha tido até agora tinha sido Mamãe, a Senhorita Marva, e eu. Eu não sabia psicologia, mas estava consciente de que os pais, ou figuras paternas, tinham um grande impacto sobre como as crianças se tornavam. Eu me perguntava se eu tivesse tido mais tempo com meu próprio pai, quão diferentes minhas próprias escolhas poderiam ter sido.

A verdade era, eu não ficava confortável em torno dos homens. Eles eram criaturas estranhas, com os seus apertos de mão fortes e amor por carros esportivos vermelhos e ferramentas elétricas, e sua aparente incapacidade de substituir o rolo de papel higiênico, quando o anterior tinha acabado. Eu invejava as garotas que entendiam os homens e estavam à vontade com eles.

Percebi que eu não iria encontrar um homem até que eu estivesse disposta a expor-me a possíveis danos, a assumir os riscos de rejeição e traição e desgosto que vinham junto com gostar de alguém. Algum dia, eu prometi a mim mesma, eu estaria pronta para esse tipo de risco.

..... CAPÍTULO 13

A Senhora Vasquez disse que não estava nem um pouco surpresa por eu ter passado nos exames escritos e práticos com notas quase perfeitas. Ela sorriu e segurou meu rosto com suas mãos firmes e estreitas como se eu fosse uma filha favorita. — Parabéns, Liberty. Você trabalhou muito duro. Deveria estar muito orgulhosa de si mesma.

— Obrigada. — Eu estava sem fôlego pela excitação. Passar no exame foi um grande incentivo para a minha autoconfiança; fez com que eu sentisse que podia fazer qualquer coisa. Como a mãe de Lucy disse, se você pode fazer uma cesta, pode fazer cem cestas.

A diretora da academia acenou para que eu sentasse. — Você irá procurar estágio agora, ou planeja alugar uma cabine para trabalho?

Alugar uma cabine para trabalho era como ser autônomo, exigindo que você alugue uma pequena parte de um salão de beleza por um pagamento mensal. Eu não estava louca com a idéia de não ter salário garantido.

— Estou inclinada a procurar estágio, — eu disse. — Prefiro ter um salário regular... minha irmã pequena e eu

— É claro, — ela interrompeu antes de eu ter de explicar. — Acho que uma jovem com suas habilidades e beleza deve ser capaz de encontrar um emprego pago em um bom salão.

Desacostumada com elogios, sorri e encolhi os ombros. — A aparência tem alguma coisa a ver com isso?

— Os melhores salões tem uma imagem que eles preferem. Se acontecer de você se encaixar, melhor para você. — Seu olhar atento me fez ficar mais reta e consciente de mim na minha cadeira. Graças à incessante prática de estilização que os alunos de cosmetologia faziam um no outro, eu tive manicures, pedicures, tratamentos de pele, e tinturas de cabelo para toda uma vida. Minha aparência nunca foi tão cuidada. Meu cabelo negro estava artisticamente iluminado com tons de caramelo e mel, e depois de passar pelo que pareceu ser milhares de limpezas faciais, minha pele era tão limpa que eu não precisava de base ou corretivo. Eu parecia um pouco com uma das amigas

étnicas da Barbie, toda saudável e brilhante atrás de uma embalagem de plástico e etiqueta rosa choque.

— Há um salão muito exclusivo na área da Galleria, — A Sra. Vasquez continuou. — Salão One... Você já ouviu falar? Sim? Eu sou amiga da gerente. Se você estiver interessada, irei recomendar você para ela.

— Você faria isso? — Eu quase não podia acreditar na minha sorte. — Oh, Sra. Vasquez. Não sei como agradecer-lá.

— Eles são muito específicos, — ela alertou. — Você pode não passar da primeira entrevista. Mas... — Ela parou e me deu um olhar curioso. — Algo me diz que você irá ficar bem lá, Liberty.

Houston era uma cidade de pernas longas e mãos na cintura, como uma mulher perversa depois de uma noite de pecado. Grandes problemas e grandes prazeres — essa é Houston. Mas em um estado de pessoas geralmente amigáveis. Houstonianos são os melhores, contanto que você não mexa com os bens deles. Eles têm um grande estimo por bens, isto é, terra, e eles têm uma compreensão particular disso.

Como a única grande cidade americana sem código de zoneamento a se falar, Houston é uma experiência em curso sobre a influência das forças de mercado livre sobre o uso da terra. É provável que você veja clubes de strip e sex shops rodeando circunspectos edifícios de escritórios e condomínios, e oficinas mecânicas e casas suburbanas ao lado de praças de concreto salpicadas de arranha-céus de vidro. Isso porque os habitantes de Houston sempre preferem ter posse real de suas propriedades do que deixar o governo ter controle sobre como as coisas deveriam ser arranjadas. Eles irão pagar o preço por essa liberdade alegremente, mesmo que isso resulte em negócios indesejáveis surgindo como árvores algarobas.

Em Houston, dinheiro novo é tão bom quanto o velho. Não importa quem você é ou de onde vem, você é bem-vindo para o baile contanto que possa pagar a entrada. Há histórias sobre lendárias anfitriãs da sociedade de Houston que vieram de origens relativamente humildes, incluindo uma que era filha de um vendedor de mobília e outra que tinha começado planejando festas. Se você tem dinheiro e valoriza o bom gosto mais calmo, você será apreciado em Dallas. Mas se você tem dinheiro e gosta de gastá-lo, você pertence a Houston.

Na superfície é uma cidade preguiçosa cheia de pessoas que falam devagar e

se movem devagar. Na maior parte do tempo, está muito quente para fazer qualquer coisa. Mas o poder em Houston é exercido com uma economia de movimentos, assim como uma boa pescaria. A cidade está construída sobre energia, você pode vê-la na linha do céu, todas aquelas construções subindo como se tencionassem continuar crescendo.

Encontrei um apartamento para Carrington e eu dentro do retorno 610, não muito longe do meu trabalho no Salão One. As pessoas que viviam no 610 eram consideradas meio cosmopolitas, o tipo que poderia, às vezes, ver filmes de arte ou beber café com leite. Fora do retorno, beber café com leite parecia ser uma evidência de possíveis inclinações liberais.

O apartamento ficava num complexo antigo, com uma piscina e uma pista de caminhada. — Somos ricas agora? — Carrington havia perguntado maravilhada, admirada com o tamanho do prédio principal e o fato que de subíamos para o apartamento de elevador.

Como aprendiz no Salão One, eu iria ganhar cerca de dezoito mil dólares por ano. Depois dos impostos e aluguel mensal de quinhentos dólares, não restava muito, especialmente dado que o custo de vida era muito maior na cidade do que em Welcome. Entretanto, depois do primeiro ano de treinamento eu iria ser promovida a estilista iniciante, e meu salário subiria para vinte mil e poucos.

Pela primeira vez na minha vida, eu estava preenchida com uma sensação de possibilidade. Eu tinha um diploma e uma licença, e um emprego que poderia se tornar uma carreira. Eu tinha um apartamento de cinquenta e sete metros quadrados com um carpete bege e um Honda usado que ainda andava. E, o mais importante de tudo, eu tinha um pedaço de papel que dizia que Carrington era minha, e que ninguém poderia tirá-la de mim.

Eu matriculei Carrington no pré-escolar e comprei para ela uma lancheira da Pequena Sereia e tênis com luzes brilhantes embutidas nas laterais. No primeiro dia da escola, eu caminhei com ela até sua sala e lutei para segurar minhas próprias lágrimas enquanto minha irmã soluçava e se agarrava a mim e me implorava para não deixá-la. Recuando para o lado da porta, longe do olhar do compreensivo professor, eu me curvei e limpei as lágrimas de Carrington com um lenço. — Bebê, é só por um tempo. Apenas poucas horas. Você vai brincar e fazer novos amigos

— Eu não quero fazer amigos!

— Você vai desenhar e pintar e

— Não quero pintar! — Ela enterrou seu rosto no meu peito. Sua voz estava abafada na minha camisa. — Quero ir para casa com você.

Eu segurei sua cabeçinha, prendendo-a seguramente contra minha camisa úmida. — Eu não vou para casa, bebê. Nós duas temos nossos trabalhos, lembra? O meu é ir cortar os cabelos das pessoas, e o seu é ir para a escola.

— Eu não gosto do meu trabalho!

Afastei sua cabeça e coloquei o lenço em seu nariz, que estava escorrendo. — Carrington, eu tenho uma idéia. Aqui, olhe— — Eu peguei seu braço e gentilmente virei o pulso para cima. — Eu vou te dar um beijo que você pode carregar com você o dia todo. Olhe. — Inclinando minha cabeça, eu pressionei meus lábios sobre a pele pálida logo abaixo do seu cotovelo. Meu batom deixou uma marca perfeita. — Aqui. Agora, se você começar a sentir minha falta, isso vai lembrar você que eu te amo e que vou vir te pegar em breve. — Carrington lançou um olhar duvidoso para a marca rosa, mas fiquei aliviada quando vi que suas lágrimas tinham parado. — Eu queria que fosse um beijo vermelho, — ela disse depois de um longo momento.

— Amanhã irei usar batom vermelho, — prometi. Fiquei de pé e tomei sua mão. — Vamos, bebê. Vá fazer alguns amigos novos e traga-me um desenho. O dia vai acabar antes que você perceba.

Carrington enfrentou a pré-escola como um soldado, encarando-a como uma obrigação que tinha de ser executada. O ritual do beijo de despedida persistiu, porém. No primeiro dia que esqueci dele, recebi uma ligação no salão do professor, que disse em tom de desculpas que Carrington estava tão perturbada que estava interrompendo a aula. Eu corri para a escola no meu intervalo e encontrei minha irmã com olhos inchados na porta da sala.

Eu estava agitada e sem fôlego, e completamente exasperada. — Carrington, você tinha de fazer tanta confusão? Não pode ficar um dia sem um beijo no seu braço?

— Não. — Ela estendeu seu braço com teimosia, seu rosto cheio de lágrimas e teimoso.

Suspirei e fiz uma marca de batom na sua pele. — Você vai se comportar

agora?

— Ok! — Ela pulou e voltou para a sala de aula enquanto eu me apressava de volta para o trabalho.

As pessoas sempre notavam Carrington quando saíamos. Eles paravam para admirá-la e faziam perguntas, e diziam o quanto ela era uma garotinha bonita. Ninguém nunca achou que nós fôssemos parentes—eles assumiam que eu era a babá, e diziam coisas como — Há quanto tempo você toma conta dela? — ou — Os pais dela devem estar tão orgulhosos. — Até a recepcionista do consultório do nosso novo pediatra insistiu que eu tinha de levar o formulário de Carrington para casa, para ser assinado pelos pais ou algum parente legal, e ela me tratou com ceticismo aberto quando eu disse que era irmã de Carrington. Eu entendia por que nossa ligação parecia questionável: nossa cor era muito diferente. Nós éramos como uma galinha marrom com um ovo branco.

Não muito depois que Carrington completou quatro anos, eu tive um vislumbre de como sair para um encontro seria—e não era bonito. Uma das estilistas do salão, Angie Keeney, marcou um encontro às cegas para mim com o seu irmão Mike. Ele havia se divorciado recentemente, dois anos depois de casar com sua namorada de faculdade. De acordo com Angie, Mike queria encontrar alguém completamente diferente de sua esposa.

— O que ele faz? — perguntei a ela.

— Ah, Mike vai bem. Ele é o melhor vendedor de ferramentas para o Price Paradise. — Angie me lançou um olhar significativo. — Mike é um provedor.

No Texas, a palavra-código para um homem com emprego estável é — provedor —, e a para o homem que não tem ou não quer um emprego é a utilitária — mano —. E é fato bem conhecido que, enquanto provedores às vezes se tornam manos, raramente o contrário acontece.

Escrevi meu número de telefone para Angie dar para seu irmão. Mike me ligou na noite seguinte, e gostei de sua voz agradável e riso fácil. Combinamos que ele me levaria para comer comida japonesa, visto que eu nunca tinha comido antes.

— Vou experimentar tudo, menos peixe cru, — eu disse.

— Você vai gostar de como eles preparam.

— Ok. — Imaginei que se milhões de pessoas comiam sushi e viviam para contar a história, eu poderia muito bem provar. — Quando você quer me pegar?

— Oito horas.

Eu me perguntei se poderia encontrar uma babá que aceitaria ficar até meia-noite. Eu não tinha idéia de quanto uma babá cobraria. Perguntei-me como Carrington reagiria sendo deixada sozinha em casa com uma estranha. Eu me perguntei como eu iria reagir. Carrington à mercê de um estranho...

— Ótimo, — eu disse. — Vou ver se consigo uma babá, e se houver algum problema, eu ligo para você

— Uma babá, — ele interrompeu bruscamente. — Uma babá para quê?

— Para minha irmã pequena.

— Ah. Ela está passando a noite com você?

Hesitei. — Sim.

Eu não tinha discutido minha vida pessoal com ninguém no Salão One. Ninguém, nem mesmo Angie, estava ciente de que eu era guardiã permanente de uma garota de quatro anos. E embora eu soubesse que deveria ter revelado isso a Mike imediatamente, a verdade era que eu queria sair para um encontro. Eu estava vivendo como uma freira pelo que parecia ser séculos. E Angie tinha me avisado que o irmão dela não queria sair com ninguém que tivesse bagagem, ele queria alguém livre.

— Defina 'bagagem', — eu tinha dito a ela.

— Você já viveu com alguém, já foi casada ou noiva?

— Não.

— Tem alguma doença incurável?

— Não.

— Já foi para reabilitação ou assinou para algum programa de recuperação?

— Não.

— Você já foi condenada por um crime ou contravenção penal?

— Não.

— Medicação psiquiátrica?

— Não.

— Família disfuncional?

— Eu não tenho família, na verdade. Sou meio órfã. Exceto que

Antes que eu pudesse explicar sobre Carrington, Angie tinha interrompido com um efusivo — Meu Deus, você é perfeita! Mike vai adorar você.

Tecnicamente, eu não havia mentido. Mas omitir informação é freqüentemente igual à mentira, e a maioria das pessoas diria que Carrington é, definitivamente, bagagem. Em minha opinião, elas estariam mortalmente erradas. Carrington não era bagagem, e ela não merecia ser comparada a doenças incuráveis ou crimes. Além disso, se eu não iria ter contra Mike o fato de ele ser divorciado, e não poderia ter contra mim que eu estivesse criando minha irmã menor.

A primeira parte do encontro foi bem. Mike era um homem bonito com um cabelo loiro bem cheio e um sorriso legal. Comemos em um restaurante japonês cujo nome eu não podia pronunciar. Para minha surpresa, a garçonete nos levou para uma mesa mais baixa que meus joelhos, e sentamos em almofadas no chão. Infelizmente, eu estava usando minhas calças menos favoritas, porque as melhores pretas estavam na lavanderia. O par que eu tinha vestido, também preto, era um pouco justo, e me sentar no chão me deixou desconfortável. E embora o sushi fosse belamente feito, se eu fechasse meus olhos, eu poderia jurar que estava comendo um balde de iscas. Ainda assim, era bom estar fora num sábado à noite, em um restaurante elegante, em vez do tipo onde eles entregavam lápis de cera junto com o cardápio.

Apesar de Mike ter seus vinte e poucos anos, havia algo não formado nele. Não fisicamente... ele era atraente e parecia estar em boa forma. Mas eu sabia, cinco minutos depois de conhecê-lo, que ele ainda estava pensando no fim do seu casamento, embora o divórcio tenha sido final.

Foi um divórcio ruim, ele me contou, mas ele havia levado a melhor sobre sua ex, porque ela tinha pensado que ficar com o cachorro havia sido uma grande concessão, quando Mike secretamente nunca tinha gostado dele. Ele continuou me contando como eles tinham separado seus pertences, até quebrando pares de lâmpadas para atingir exata igualdade.

Depois do jantar, perguntei a Mike se ele queria voltar para o meu

apartamento e assisti a um filme, e ele disse que sim. Eu estava dominada pelo alívio quando chegamos ao apartamento. Visto que essa era a primeira vez que eu havia deixado Carrington sozinha com uma babá em Houston, fiquei preocupada com ela durante todo o jantar.

A babá, Brittany, era uma menina de doze anos cuja família vivia no complexo de apartamentos. Ela tinha sido recomendada pela mulher do escritório. Brittany me assegurou de que ela cuidava de muitas crianças do edifício, e se houvesse algum problema, sua mãe estava apenas dois andares abaixo.

Paguei Brittany, perguntei como as coisas foram, e ela disse que ela e Carrington tinham ficado bem. Elas tinham feito pipoca e assistido a um filme da Disney, e Carrington tinha tomado banho. O único problema foi colocar Carrington na cama. — Ela fica acordando. — Brittany disse com um encolher de ombros impotente. — Ela não vai dormir. Sinto muito, Sra.. Srta...

— Liberty, — eu disse. — Está tudo bem, Brittany. Você fez um bom trabalho. Espero que você possa voltar e nos ajudar novamente alguma vez.

— Tenho certeza que sim. — Colocando os quinze dólares que dei a ela no bolso. Brittany saiu, dando um pequeno aceno por sobre o ombro.

Ao mesmo tempo, a porta do quarto se abre, e Carrington veio voando para a sala em seus pijamas. — Liberty! — Ela lançou seus braços ao redor dos meus quadris e me abraçou como se não tivéssemos nos visto em um ano. — Senti sua falta. Aonde você foi? Por que ficou tanto tempo fora? Quem é aquele homem de cabelo amarelo?

Olhei rapidamente para Mike. Embora ele tenha forçado um sorriso, obviamente não era hora para apresentações. Seu olhar passou lentamente pelo cômodo, parando brevemente no sofá gasto, nos lugares da mesa de café onde a madeira estava lascada. Surpreendeu-me que eu tenha sentido uma ponta de defesa, que fosse tão desconfortável ver a mim mesma pela perspectiva dele.

Eu me debrucei sobre minha irmãzinha e beijei seu cabelo. — Aquele é meu novo amigo. Ele e eu vamos assistir a um filme. Você deveria estar na cama. Dormindo. Vá, Carrington.

— Eu quero que você venha comigo, — ela protestou.

— Não, não é minha hora de dormir, é a sua. Vá.

— Mas eu não estou cansada.

— Não importa. Vá se deitar e feche seus olhos.

— Você vai ajeitar meus lençóis?

— Não.

— Mas você sempre ajeita meus lençóis.

— Carrington

— Está bem, — Mike disse. — Vá ajeitá-la, Liberty. Vou procurar alguns vídeos.

Eu dei um sorriso grato. — Só vai levar um minuto. Obrigada, Mike.

Levei Carrington até a cama e fechei a porta. Carrington, como a maioria das crianças, era implacável quando tinha uma vantagem tática. Geralmente, eu não tinha nenhum problema em deixá-la chorar e rolar se ela não gostasse. Mas ambas sabíamos que eu não queria que ela fizesse uma cena na frente do visitante.

— Vou ficar quieta se você deixar a luz ligada, — ela chantageou.

Eu a levantei até a cama e puxei os cobertores até seu peito, e dei a ela um livro de figuras do criado-mudo. — Certo. Fique na cama e—eu estou falando sério, Carrington— não quero ouvir um pio de você.

Ela abriu o livro. — Não posso ler as palavras sozinha.

— Você conhece todas as palavras. Já lemos essa história cem vezes. Fique aqui e seja boazinha. Ou senão...

— Ou senão?

Lancei a ela um olhar ameaçador. — Quatro palavras, Carrington. Fique quieta e durma.

— Ok. — Ela se escondeu atrás do livro até que tudo que era visível fosse o par de mãozinhas segurando cada lado da capa.

Voltei para a sala de estar, onde Mike estava sentado rígido no sofá.

À certo ponto no processo de sair com alguém, não importa se você saiu uma ou uma centena de vezes, um momento ocorre quando você sabe exatamente quão significativa aquela pessoa vai ser em sua vida. Você sabe que essa pessoa vai ser uma parte importante do seu futuro, ou você sabe que ele

vai ser somente alguém para passar o tempo. Ou você não se importa se vai vê-lo novamente. Eu me arrependi por ter convidado Mike para entrar no apartamento. Queria que ele tivesse ido embora para que eu pudesse tomar um banho e ir dormir. Sorri para ele.

— Encontrou algo que você queira assistir? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, acenando para o trio de filmes alugados na mesa de café. — Já assisti esses. — Ele me lançou um sorriso meio artificial. — Você tem uma tonelada de filmes infantis. Acho que sua irmã fica muito tempo com você?

— Todo o tempo. — Eu me sentei ao seu lado. — Sou a guardiã de Carrington.

Ele pareceu aturdido. — Então ela não vai voltar?

— Voltar para onde? — perguntei, minha confusão refletindo a dele. — Nossos pais já morreram.

— Ah. — Ele olhou para longe de mim. — Liberty.. você tem certeza de que ela é sua irmã e não sua filha?

O que ele queria diz, se eu tinha certeza? — Você está perguntando se eu tive um bebê e de alguma forma esqueci sobre isso? — perguntei, mais atordoada do que irritada. — Ou você está perguntando se eu estou mentindo? Ela é minha irmã, Mike.

— Sinto muito. Desculpe. — Ele franziu o cenho em mortificação. Falou rapidamente. — Acho que não há muita semelhança entre vocês. Mas não importa realmente se você é a mãe dela ou não. O resultado é o mesmo, não é?

Antes que eu pudesse responder, a porta do quarto se abriu. Carrington entrou na sala, seu rosto cheio de ansiedade. — Liberty, algo aconteceu.

Eu me levantei do sofá como se ele fosse uma chapa quente. — O que você quer dizer com ‘algo aconteceu’? O quê? O quê?

— Algo desceu pela minha garganta sem permissão.

Merda.

Medo atravessou meu coração como arame farpado. — O que desceu pela sua garganta, Carrington?

Seu rosto se enrugou e ficou vermelho. — Minha moeda da sorte, — disse,

e começou a chorar.

Tentando pensar acima do pânico, eu me lembrei da moeda marrom que nós encontramos no carpete no chão do elevador. Carrington a guardava em um prato sobre o criado-mudo. Corri para ela e a carreguei. — Como você engoliu? O que você estava fazendo com aquela moeda suja na sua boca?

— Eu não sei, — ela choramingou. — Eu só a coloquei lá e então ela passou pela minha garganta.

Eu estava vagamente consciente de Mike atrás de mim, murmurando algo sobre como essa não era uma boa hora, que talvez fosse melhor ele ir. Ambas o ignoramos.

Agarrei o telefone e liguei para o pediatra, sentando com Carrington no meu colo. — Você podia ter se sufocado, — censurei. — Carrington, não ponha moedas ou níqueis ou centavos ou qualquer coisa do tipo na sua boca nunca mais. Machucou sua garganta? Desceu por todo caminho quando você engoliu?

Ela parou de chorar quando considerava solenemente minhas perguntas. — Acho que a senti no meu zorax, — ela disse. — Está presa.

— Não existe algo chamado zorax. — Minha pulsação dava marteladas. O serviço de atendimento automático me colocou em espera. Eu me perguntei se engolir uma moeda poderia te dar envenenamento por metais. Será que as moedas ainda eram feitas de cobre? E se a moeda ficasse em algum lugar do esôfago de Carrington e exigisse uma operação para removê-la? Quando esse tipo de operação custaria?

A mulher do outro lado da linha estava irritantemente calma quando descrevi a emergência. Ela anotou a informação e disse que o pediatra iria ligar em dez minutos. Desligando o telefone, eu continuei a segurar Carrington no meu colo, seus pés descalços balançando.

Mike se aproximou de nós. Vi pela sua expressão que esse seria gravado para sempre na sua mente como um encontro do inferno. Ele queria ir embora quase tanto quanto eu queria que ele saísse.

— Olhe, — ele disse desconfortavelmente. — você é uma garota linda, e muito doce, mas... eu não preciso disso na minha vida agora. Eu preciso de alguém sem bagagem. É só... eu não posso te ajudar a juntar os pedaços. Eu

tenho pedaços meus demais para juntar. Você provavelmente não entende.

Eu entendia. Mike queria uma garota sem problemas e sem experiências passadas, alguém que viesse com a garantia de que nunca cometeria erros ou o desapontaria ou o machucaria.

Mais tarde, eu sentiria pena dele. Eu sabia que haveria muito desapontamento na história de Mike, em sua busca pela mulher sem bagagem. Mas naquele momento, eu senti apenas irritação. Eu pensei em como Hardy sempre tinha vindo me resgatar em horas como aquela, o modo como ele entraria na sala e tomaria o controle, e o alívio inacreditável que eu sentiria por saber que ele estava ali. Mas Hardy não iria vir. Tudo que eu tinha era um homem inútil que não nem ao menos pensou em perguntar se podia ajudar com alguma coisa.

— Está bem, — eu tentei soar casual. Eu queria atirar algo, como quando você quer se livrar de um vira-lata. — Obrigada pelo encontro, Mike. Nós ficaremos bem. Se você não se importar de ir sozinho até a porta— — — Claro, — ele disse com pressa. — Claro.

Ele sumiu.

— Eu vou morrer? — Carrington perguntou, soando interessada e levemente preocupada.

— Só se eu te pegar com outra moeda na sua boca, — eu disse.

O pediatra ligou, e interrompeu minha tagarelice frenética. — Srta. Jones, sua irmã está respirando com dificuldade ou sufocando?

— Está não está sufocando. — Olhei para o rosto de Carrington. — Deixe-me ouvir sua respiração, bebê.

Ela fez com entusiasmo, hiperventilando como um pervertido ao telefone. — Não está respirando com dificuldade, — disse ao médico, e virei para minha irmã. — É o bastante, Carrington.

Ouvi o doutor rir. — Carrington vai ficar bem. O que eu preciso que você faça é checar as fezes dela pelos próximos dois dias, para ter certeza de que a moeda passou. Se você não puder encontrar, talvez nós tenhamos que tirar um raio-X para ter certeza de que não ficou presa em algum lugar. Mas eu posso te garantir que você vai ir aquela moeda na privada.

— Posso ter cem por cento de garantia? — perguntei. — 'Quase' não está funcionando comigo hoje.

Ele riu novamente. — Eu geralmente não dou cem por cento de garantia, Srta. Jones. Mas para você vou fazer uma exceção. Uma garantia completa de uma moeda na privada dentro de quarenta e oito horas.

Pelos próximos dois dias, tive de ficar no banheiro cutucando com um cabide toda vez que Carrington comunicava progresso. A moeda eventualmente foi encontrada. Nos meses seguintes, todavia, Carrington contou para qualquer um que escutasse que ela tinha uma moeda da sorte no seu estômago. Era apenas questão de tempo, ela me assegurava, até que algo grande acontecesse a nós.

..... CAPÍTULO 14

Cabelo é um negócio sério em Houston. Espantou-me o quanto as pessoas estavam dispostas a pagar pelos serviços no Salão One. Ser loira, em particular, era um grande investimento de tempo e dinheiro, e o Salão One dava às mulheres a melhor cor de suas vidas. O salão era conhecido por um loiro de três tons que era tão bom, que mulheres vinham de fora do estado para fazê-lo. Havia sempre uma lista de espera para qualquer um dos estilistas, mas para o estilista-chefe e coproprietário, Zenko, a espera era de três meses no mínimo.

Zenko era um homem pequeno com uma presença poderosa e a graça elétrica de um dançarino. Embora Zenko tivesse nascido e se criado em Katy, ele tinha ido para a Inglaterra para aprender. Quando voltou, ele havia perdido o seu primeiro nome e ganhado um sotaque britânico que parecia autêntico. Todo mundo adorava aquele sotaque. Nós amávamos, mesmo quando ele estava gritando com um de nós nos bastidores.

Zenko gritava muito. Ele era um perfeccionista, para não mencionar um gênio. E quando alguma coisa não estava exatamente do jeito que ele gostava, havia fogos de artifício. Mas oh, que negócio ele tinha criado. O Salão One havia ganhado como Salão do Ano em revistas como Texas Monthly, Elle e Glamour. O próprio Zenko tinha aparecido em um filme documentário sobre uma atriz famosa. Ele havia estado ocupado alisando seu longo cabelo vermelho com a chapinha enquanto ela respondia as perguntas de um entrevistador. Aquele documentário havia impulsionado a carreira de Zenko, que já era próspera, para um brilho branco de fama conhecido por poucos estilistas. Agora ele tinha sua própria linha de produtos, todos embalados em brilhantes latas prateadas e garrafas com tampas em forma de estrela.

Para mim, o interior do Salão One parecia uma mansão Inglesa, equipado com pisos de carvalho polido, antiguidades, e tetos com medalhões e desenhos pintados à mão. Quando uma cliente queria café, ele era servido em xícaras de porcelana de osso em uma bandeja de prata. Se ela queria coca diet, era derramada em copos altos com pedras de gelo feitas de água Evian. Havia uma grande sala com estações de estilização, e algumas saletas privadas para celebridades e clientes mega ricos e uma sala de lavagem com luz de velas e

música clássica.

Como uma aprendiz, eu não chegaria realmente a cortar o cabelo de alguém por um ano. Eu via e aprendia. Eu fazia tarefas para Zenko, eu trazia bebidas para os clientes que queriam, e às vezes eu aplicava tratamentos de condicionamento profundo com toalhas quentes e pedaços de papel-alumínio. Eu fazia manicures e massagens nas mãos de alguns clientes enquanto eles esperavam por Zenko. O mais divertido era ser chamada para dar pedicures a senhoras que estavam tendo um dia de spa juntas. Enquanto as mulheres conversavam, a outra pedicure e eu trabalhávamos silenciosamente em seus pés, e nós conseguíamos ouvir a melhor e mais recente fofoca.

Elas falavam primeiro sobre quem tinha feito o que ultimamente, e o que precisava ser feito nelas mesmas, e se ter Botox injetado em suas bochechas valia desistir de seu sorriso. Elas falavam brevemente sobre maridos, e então voltava-se para as crianças, suas escolas particulares, seus amigos, suas conquistas e transtornos. Muitas das crianças eram enviadas a psicoterapeutas para catalogar todos os pequenos danos que faz a uma alma ter o que você quer sempre que você quer. Essas coisas eram tão distantes da minha vida, que parecia que nós éramos de planetas diferentes. Entretanto, havia histórias mais familiares que me faziam lembrar de Carrington, e, algumas vezes, tudo o que eu podia fazer era me segurar para evitar exclamar: — Sim, aconteceu com minha irmã também, — ou — Eu sei exatamente o que você está falando.

Eu mantive minha boca fechada, porém, porque Zenko havia instruído a todos nós com firmeza que nunca, jamais, deveríamos falar nada voluntário sobre nossas vidas pessoais. Os clientes não queriam ouvir as nossas opiniões, ele havia avisado, e eles não queriam se tornar amigos. Eles iam ao Salão One para relaxar e ser tratados com profissionalismo absoluto.

Entretanto, eu ouvia muito. Eu sabia quais parentes estavam brigando sobre quem estava monopolizando o jato da família, quem estava processando quem pela administração de fundos e propriedades, qual marido gostava de ir a caçadas enlatadas para atirar em animais exóticos, aonde ir para comprar as melhores cadeiras feita sob medida. Eu ouvi sobre os escândalos e os sucessos, sobre as melhores festas, as instituições de caridade favoritas, e todas as complexidades de se manter uma vida social de tempo integral.

Eu gostava das mulheres de Houston, que eram engraçadas e sinceras, e

sempre interessadas em tudo o que era novo e na moda. Claro que havia algumas senhoras velhas que insistiam em ter seus cabelos feitos permanente, cortados e armados em uma grande bola, um estilo que Zenko detestava e reservadamente chamava de — O Entupidor de Ralos —. No entanto, mesmo Zenko não ia recusar essas esposas de multimilionários que usavam diamantes do tamanho de cinzeiros em seus dedos e podiam usar o cabelo de qualquer jeito que quisessem.

O salão também era frequentado por homens de todas as formas e tamanhos. A maioria era bem vestida, com cabelo, pele e unhas escrupulosamente mantidos. Imagens de caubói ao contrário, os homens texanos são bastante meticolosos sobre sua aparência, tudo escovado e cortado e estritamente controlado. Em pouco tempo eu tinha montado uma clientela de frequentadores regulares que vinham na hora do almoço para fazer as unhas ou acertos de pescoço e de sobrancelha. Havia algumas tentativas de flerte, especialmente dos mais jovens, mas Zenko tinha regras a esse respeito. E isso estava ótimo para mim. Naquele momento em minha vida eu não estava interessado em flerte ou romance. Eu queria um trabalho fixo e dinheiro de gorjeta.

Algumas das garotas, inclusive Angie, conseguiam manter coroas ricos de meio período por fora. Os arranjos eram discretos o suficiente que Zenko ou não percebia ou deliberadamente olhava para o outro lado.

Há uma subcultura de coroa ricos e garotas mantidas na maioria das grandes cidades. O arranjo é, por sua própria natureza, temporário. Mas ambas as partes parecem gostar dessa instabilidade, e há uma espécie de segurança em suas regras não ditas. O relacionamento começa com algo casual, como bebidas ou jantar, mas se a garota joga certo, ela pode induzir um coroa rico a pagar por coisas como mensalidades, férias, roupas, até mesmo cirurgias plásticas. De acordo com Angie, o arranjo raramente envolvia a transferência direta de dinheiro. O dinheiro apaga a aparência romântica da relação. Os coroa ricos preferem pensar naquilo como uma amizade especial na qual eles dão presentes e ajuda a uma jovem mulher que merece. E as garotas mantidas se convencem de que um bom namorado deve querer ajudar sua namorada, e, em troca, ela iria naturalmente querer mostrar o seu apreço passando tempo com ele.

— Mas e se você não quiser dormir com ele uma noite, e ele acabou de lhe comprar um carro? — Eu perguntei a Angie com ceticismo. — Você ainda meio que tem de fazer, não é? Como isso é diferente de ser uma...

Eu me controlei quando vi a contração de advertência na boca dela.

— Não é tudo sobre sexo, — Angie disse tensamente. — É sobre amizade. Se você não pode entender isso, eu não desperdiçarei meu tempo tentando explicar.

Desculpei-me imediatamente e disse que eu era de uma cidade pequena e nem sempre tinha uma compreensão sofisticada das coisas. Amolecida, Angie me perdoou. E acrescentou que, se eu fosse inteligente, eu arranjaria um namorado generoso também, e que isso iria me ajudar a alcançar meus objetivos muito mais rápido.

Mas eu não queria viagens a Cabo ou Rio, ou roupas de grife, ou a pompa de uma vida de luxo. Tudo o que eu queria era honrar as promessas que tinha feito para mim e Carrington. Minhas ambições modestas incluíam uma boa casa, e os meios para nos manter vestidas e alimentadas, e seguro de saúde com um plano odontológico. Eu não queria que nada disso viesse de um coroa rico. A obrigação disto, os presentes e sexo vestidos no aspecto exterior de amizade... era uma estrada que eu sabia que não seria capaz de negociar bem.

Muitas armadilhas.

Entre as pessoas importantes que vinham para o Salão One estava o Sr. Churchill Travis. Se você alguma vez assinou a revista Fortune ou Forbes ou uma publicação semelhante, você sabe algo sobre ele. Infelizmente, eu não tinha ideia de quem ele era, já que eu não tinha interesse em finanças e nunca pegava a Forbes, a menos que eu precisasse de algo para acertar moscas.

Uma das primeiras coisas que você notava ao encontrar Churchill era a sua voz, tão baixa e grave que você quase podia sentir sob seus pés. Ele não era um homem grande, altura média no máximo, e quando ele andava desleixado você poderia chamá-lo de pequeno. Exceto que, se Churchill Travis ficasse desleixado, todos na sala também o faziam. O porte dele era magro, exceto por um tórax de barril e braços que eram capazes de endireitar uma ferradura. Churchill era um homem de verdade, capaz de aguentar sua bebida e atirar em linha reta e negociar como um cavalheiro. Ele havia trabalhado duro por seu dinheiro, pago praticamente todo tipo de taxas que havia.

Churchill estava mais confortável em torno dos tipos antiquados como ele. Ele sabia que as áreas do trabalho doméstico eram território dos homens, e ele sabia quais eram das mulheres. A única vez que ele entrava em uma cozinha era para se servir de café. Ele estava genuinamente perplexo com homens que se interessavam por padrões de porcelana ou comiam brotos de alfafa ou às vezes contemplavam seus lados femininos. Churchill não tinha lado feminino, e ele teria esmurrado qualquer um que pudesse ter ousado sugerir o contrário.

A primeira visita de Churchill ao Salão One aconteceu mais ou menos na época em que comecei a trabalhar lá. Um dia, a serenidade do salão foi interrompida por uma onda de excitação, estilistas murmurando, cabeças de clientes girando. Consegui olhar de relance para ele—uma grossa juba de cabelo cor de aço, terno cinza escuro— enquanto ele era levado a uma das salas VIP de Zenko. Ele parou na porta, seu olhar cruzando a sala principal. Seus olhos eram escuros, o tipo de marrom que faz as íris quase indistinguíveis das pupilas. Ele era um velho pateta boa-pinta, mas havia algo estranho sobre ele, uma uma ponta de excentricidade.

Nossos olhares se encontraram. Ele ficou imóvel, estreitando os olhos enquanto me olhava fixamente. E então eu tive a sensação curiosa, quase impossível de descrever... Uma espécie de puxão agradável no fundo do meu peito, num lugar onde palavras não podiam alcançar. Eu me senti acalmada e relaxada e expectante. Eu podia de fato sentir os minúsculos músculos na minha testa e mandíbula suavizando. Eu queria sorrir para ele, mas antes que eu pudesse, ele havia entrado na sala com Zenko.

— Quem era? — Perguntei a Angie, que estava comigo.

— Coroa rico nível avançado, — ela respondeu em tom reverente. — Não me diga que você nunca ouviu falar de Churchill Travis.

— Eu ouvi falar dos Travis, — respondi. "Eles são como os Bass em Fort Worth^{37}, certo?"

Pessoas de dinheiro?

— Querida, no mundo dos investimentos, Churchill Travis é Elvis. Ele está na CNN o tempo todo. Ele escreveu livros. Ele é dono de metade de Houston, e ele tem iates, jatinhos, mansões...

Mesmo sabendo da tendência de Angie ao exagero, fiquei impressionada.

— ...E o melhor de tudo é que ele é um viúvo, — Angie terminou. — Sua esposa morreu não faz muito tempo. Oh, eu acharei uma maneira de entrar naquela sala com ele e Zenko. Eu preciso me encontrar com ele! Você viu a maneira que ele acabou de olhar para mim?

Isso provocou um riso constrangido. Eu havia pensado que ele estava olhando para mim, mas tinha sido para Angie. Deve ter sido, porque ela era loira e sexy e os homens a adoravam.

— Sim, — eu disse. — Mas você iria realmente atrás dele? Eu pensei que você estivesse feliz com George. — George era o atual coroa rico de Angie, que tinha acabado de dar a ela um Cadillac Escalade. Era um empréstimo, mas ele havia dito que ela poderia dirigi-lo por quanto tempo quisesse.

— Liberty, uma garota mantida esperta nunca perde uma oportunidade de trocar por algo melhor. — Angie correu para a estação de maquiagem para reaplicar o delineador e batom, refrescando seu rosto em preparação para encontrar Churchill Travis.

Fui ao armário de limpeza e peguei uma vassoura para varrer algumas mechas cortadas de cabelo no chão. Assim que eu comecei, um estilista chamado Alan se apressou em minha direção. Ele estava tentando parecer tranquilo, mas seus olhos estavam grandes como moedas de prata.

— Liberty, — ele disse em uma meia-voz urgente, — Zenko quer que você traga um copo de chá gelado para o Sr. Travis. Chá forte, muito gelo, sem limão, dois pacotes de adoçante. Os pacotes azuis. Traga em uma bandeja. Não a agite, ou Zenko vai matar todos nós.

Fiquei instantaneamente alarmada. — Por que eu? Angie deveria levar isso para ele. Ele estava olhando para ela. Tenho certeza de que ela quer fazer isso. Ela— — Ele pediu por você. ‘A garotinha de cabelos escuros’, ele disse. Depressa, Liberty. Pacotes azuis, azuis.

Fui preparar o chá como indicado, mexendo com cuidado para me certificar de que cada grão de adoçante fosse dissolvido. Eu havia enchido o copo até o topo com os mais simétricos cubos de gelo disponíveis. Quando me aproximei da sala VIP, tive que equilibrar a bandeja em uma mão enquanto eu abria a porta com a outra. O gelo balançou perigosamente no copo. Eu me perguntei em desespero se algumas gotas tinham derramado.

Assumindo um sorriso implacável, entrei na sala VIP. O Sr. Travis estava sentado na cadeira, de frente para um enorme espelho com moldura dourada. Zenko estava descrevendo possíveis variações do corte atual do Sr. Travis, que era o corte padrão de empresário. Eu percebi que Zenko estava gentilmente sugerindo que o Sr. Travis deveria tentar algo um pouco diferente, talvez permitir-lhe texturizar e passar gel no topo para modernizar seu visual para algo mais radical.

Tentei entregar o chá da forma mais discreta possível, mas aqueles perspicazes olhos escuros travaram em mim, e Travis virou em sua cadeira para me encarar enquanto pegava o copo da bandeja. — Qual a sua opinião? — ele exigiu. — Você acha que eu preciso modernizar?

Considerando a minha resposta, eu notei que seus dentes eram ligeiramente tortos na fileira inferior. Quando ele sorria, aquilo lhe dava a aparência de um velho leão feroz convidando um filhote para brincar. Seus olhos eram quentes em seu rosto agreste, um verniz escuro permanentemente gravado nas poucas camadas superiores da pele. Mantendo o seu olhar, senti um pequeno nó de prazer se formar em minha garganta, e eu o engoli de volta.

Eu lhe disse a verdade. Não pude evitar. — Eu acho que você já é mordaz o suficiente do jeito que está, — eu disse. — Um pouco mais e você iria assustar as pessoas.

O rosto de Zenko ficou branco, e eu tive certeza de que ele iria me despedir lá mesmo.

O riso de Travis soava como um saco de pedras sendo sacudido. — Eu irei pela opinião da jovem moça, — ele falou a Zenko. — Sé corte uns dois centímetros do topo e acerte a nuca e lados. — Ele continuou a me olhar. — Qual é o seu nome?

— Liberty Jones.

— De onde você tirou esse nome? De que parte do Texas você é? Você uma das meninas da lavagem?

Eu aprendi mais tarde que Churchill tinha o hábito de jogar perguntas em duplas e trios, e se você perdesse qualquer uma delas, ele as repetia.

— Eu nasci em Liberty County, vivi em Houston por um tempo, então cresci em Welcome. Eu não estou autorizada a fazer lavagens ainda, acabei de

começar a trabalhar aqui e sou aprendiz.

— Não está autorizada a fazer lavagens, — Travis repetiu, suas grossas sobranceiras levantando como se tal coisa fosse absurda. — O que em Sam Hill faz um aprendiz?

— Eu trago chá gelado para pessoas. — Eu lhe dei o meu sorriso mais bonito e comecei a ir embora.

— Fique aí mesmo, — veio o comando dele. — Você pode praticar sua lavagem de cabelo em mim.

Zenko interrompeu, sua expressão hipercalma. Seu sotaque estava mais pronunciado do que o habitual, como se tivesse acabado de almoçar com Camilla e Charles. — Sr. Travis, esta garota ainda não terminou seu treinamento. Ela não está qualificada para lavar os cabelos de ninguém. No entanto, temos estilistas altamente treinados que estará ajudando a você hoje, e

— Quanto treinamento é necessário para lavar cabelo? — Travis perguntou incredulamente. Você podia perceber que ele não estava acostumado a ter algo negado a ele, de ninguém, por qualquer motivo. — Você faça o seu melhor, Srta. Jones, e eu não irei reclamar.

— Liberty, — eu disse, voltando a ele. — E eu não posso.

— Por que não?

— Porque se eu fizer e você nunca mais voltar ao Salão One, todos irão supor que eu estraguei tudo, e eu não quero isso em meu registro.

Travis franziu o cenho. Eu devia ter tido a sensatez de ter medo dele. Mas o ar entre nós estava vivo com um senso de diversão. E um sorriso continuava subindo aos meus lábios, não importava o quanto eu tentasse empurrá-lo de volta.

— O que mais você faz, além de trazer chá? — Travis exigiu.

— Eu poderia lhe fazer uma manicure.

Ele zombou da palavra. "Nunca fiz uma manicure na minha vida. Por que qualquer iria precisar de uma, eu não sei. Droga de coisa de mulher.

— Eu faço as unhas de muitos homens. — Eu comecei a alcançar a sua mão e hesitei. No momento seguinte eu encontrei sua mão descansando na minha, sua palma para baixo, minha palma para cima. Era uma mão forte,

grande, uma que você poderia facilmente imaginar segurando uma rédea ou o cabo de uma pá. As unhas eram cortadas quase até o toco, a pele de seus dedos entalhada e da cor de ferrugem pálida. Uma das suas unhas do polegar estava permanentemente rugosa por uma lesão de muito tempo. Suavemente virando sua mão sobre a minha, eu vi que sua palma tinha tantas linhas entrelaçadas, que teria feito um adivinho gaguejar. — Você poderia usar alguns cuidados, Sr. Travis. Especialmente nas cutículas.

— Me chame de Churchill. — Ele pronunciou sem o i, assim pareceu — Churchill —. — Vá pegar seu material.

Como manter Churchill Travis feliz havia se tornado o modo operante do dia, eu tive que pedir a Angie para assumir minhas funções, que incluíam varrer o chão e uma pedicure às dez e meia.

Angie teria gostado de me esfaquear com o par de tesouras mais próximo, mas ao mesmo tempo, ela não podia deixar de oferecer conselhos enquanto eu guardava meus suprimentos de manicure. — Não fale demais. Na verdade, fale o menos possível. Sorria, mas não dê aquele sorriso grande que você dá às vezes. Faça-o falar sobre si mesmo. Os homens adoram isso. Tente conseguir seu cartão de visitas. E não importa o que, não mencione a sua irmã pequena. Os homens não são atraídos por mulheres com responsabilidades.

— Angie, — eu murmurei de volta, — eu não estou procurando um coroa rico. E mesmo se eu estivesse, ele é velho demais.

Angie sacudiu a cabeça. — Querida, não existe isso de velho demais. Posso dizer só de olhar, aquele homem ainda não perdeu sua essência.

— Eu não estou interessada em sua essência, — eu disse. — Ou em seu dinheiro.

Depois que o cabelo de Churchill Travis foi cortado e estilizado, eu o encontrei em outra sala particular. Sentamos de frente um para o outro através da mesa de manicure na luz branca de uma grande lâmpada com um braço móvel. — Seu corte parece bom, — comentei, pegando uma de suas mãos e colocando suavemente em uma tigela de solução emoliente.

— Deveria, por quanto Zenko cobra. — Travis olhou em dúvida para a variedade de instrumentos e frascos de líquido colorido na mesa de manicure. — Você gosta de trabalhar para ele?

— Sim, senhor, eu gosto. Estou aprendendo muito com Zenko. Tenho sorte de ter este trabalho.

Conversamos enquanto eu cuidava de suas mãos, retirando a pele morta, aparando e empurrando as cutículas, lixando e polindo suas unhas até que ficassem com um brilho lustroso. Travis observava o procedimento com grande interesse, nunca tendo se submetido a tal coisa em sua vida.

— O que fez você decidir trabalhar em um salão de beleza? — perguntou ele. — Quando eu era mais nova, eu costumava fazer o cabelo e maquiagem das minhas amigas. Eu sempre gostei de deixar as pessoas com bom aspecto. E eu gosto que, quando termino, eles se sentem melhor consigo mesmos. — Eu destampeei um pequeno vidro, e Travis considerou aquilo como algo para se alarmar.

— Eu não preciso disso, — ele disse com firmeza. — Você pode fazer as outras coisas, mas eu me recuso a passar esmalte.

— Isto não é esmalte, é óleo de cutícula. E você precisa bastante disto. — Ignorando sua hesitação, eu usei um minúsculo pincel para aplicar o óleo em suas cutículas. — Engraçado, — comentei, — você não tem as mãos de um empresário. Você deve fazer algo além de empurrar papel através de uma mesa.

Ele deu de ombros. — Alguns trabalhos de fazenda de vez em quando. Um monte de equitação. E eu trabalho no jardim de vez em quando, embora não tanto quanto eu fazia antes de minha esposa morrer. Aquela mulher tinha uma paixão por fazer coisas crescerem.

Eu passei um creme entre as palmas das minhas mãos e comecei uma massagem na mão e no pulso. Foi difícil fazê-lo relaxar, seus dedos relutantes em desistir de sua tensão cheia de nós. — Ouvei dizer que ela morreu muito recentemente, — eu disse, olhando para seu rosto áspero, onde o pesar havia deixado sinais de evidente desgaste. — Eu sinto muito.

Travis fez um leve aceno com a cabeça. — Ava era uma boa mulher, — ele disse com voz grossa. — A melhor mulher que eu já conheci. Ela teve câncer de mama—descobrimos tarde demais.

Apesar da determinação de Zenko para que os empregados se contenham em discutir suas vidas pessoais, eu estava quase dominada pelo desejo de dizer

a Churchill que eu, também, tinha perdido alguém querido para mim. Ao invés disso, eu comentei, — Dizem que é mais fácil quando você tem tempo para se preparar para a morte de alguém. Mas eu não acredito isso.

— Nem eu. — A mão de Churchill apertou a minha tão rapidamente que eu mal tive tempo de registrar sua pressão. Assustada, olhei para cima e vi a bondade e a tristeza silenciada em seu rosto. De alguma forma eu soube que, não importa o que eu escolhesse dizer ou manter em segredo, ele iria entender.

Como aconteceu, meu relacionamento com Churchill se tornou algo muito mais complexo do que um relacionamento romântico. Teria sido mais compreensível e simples se tivesse envolvido romance ou sexo, mas Churchill nunca esteve interessado em mim dessa forma. Como um viúvo atraente e insanamente rico que havia acabado de passar dos sessenta, ele tinha sua escolha de mulheres. Eu peguei o hábito de procurar menções dele em jornais e revistas. Eu ficava altamente entretida com as fotos dele com glamorosas mulheres da sociedade e atrizes de filmes B, e até ocasionalmente com a realeza estrangeira. Churchill se movia em círculos rápidos.

Quando ele estava ocupado demais para ir ao Salão One para cortar o cabelo, ele chamaria Zenko para sua mansão. Às vezes, ele aparecia para ter a barba e sobrancelhas aparadas, ou para uma manicure minha. Churchill sempre foi um pouco tímido sobre as manicures. Mas depois da primeira vez que eu lixei, aparei, esfoliei, e hidratei suas mãos, e lustrei suas unhas até elas terem um brilho sutil, ele gostou tanto da aparência e da sensação delas, que disse que achava que havia acabado de adicionar um novo passatempo à sua rotina. E ele admitiu, depois de algumas incitações minhas, que suas namoradas também apreciavam os resultados de suas manicures.

A amizade de Churchill, as conversas que tínhamos sobre a mesa de manicure, me fizeram alvo tanto de inveja quanto de admiração no salão. Eu entendia a natureza da especulação sobre nossa amizade, o consenso geral sendo de que ele certamente não estava buscando a minha companhia para pedir minhas opiniões sobre o mercado acionário. Acho que todo mundo presumiu que algo tinha acontecido entre nós, ou acontecia de vez em quando, ou inevitavelmente iria acontecer. Zenko certamente presumia isso, e me tratava com uma cortesia que ele não mostrava a outros funcionários do meu nível. Acho que ele calculou que, mesmo se eu não fosse o motivo exclusivo de

Churchill ir ao Salão One, minha presença certamente não doía.

Finalmente, um dia eu perguntei, — Você está planejando dar em cima de mim algum dia, Churchill?

Ele pareceu assustado. — Inferno, não. Você é muito jovem para mim. Eu gosto de mulheres experientes. — Uma pausa, e então uma expressão quase cômica de desalento. — Você não quer que eu dê, quer?

— Não.

Se ele tivesse tentado alguma vez, não estou certa do que eu teria feito. Eu não tinha ideia de como definir meus sentimentos por Churchill—eu não tinha tido relações suficientes com homens para por esta em contexto. — Mas eu não entendo por que você tem estado prestando atenção em mim, — continuei, — se você não está planejando... Você sabe.

— Algum dia eu lhe direi a razão, — ele disse. — Mas não agora.

Eu admirava Churchill mais do que qualquer pessoa que eu já tinha conhecido. Ele não era sempre fácil de lidar, naturalmente. Seu humor podia ficar ruim em um flash. Ele não era um homem quieto. Não acho que houvesse muitos momentos na vida de

Churchill em que ele fosse cem por cento feliz. Muito disso tinha a ver com o fato de ele ter perdido duas esposas, a primeira, Joanna, logo após o nascimento de seu filho... E Ava, sua mulher por vinte e seis anos. Churchill não era de aceitar os caprichos do destino passivamente, e as perdas das pessoas que ele amava tinham-no atingido fortemente. Eu compreendia isso.

Passaram-se quase dois anos antes que eu pudesse me fazer falar com Churchill sobre a minha mãe, ou qualquer coisa além dos mais simples fatos sobre meu passado. De alguma forma, Churchill tinha descoberto quando era meu aniversário, e mandou um de seus secretários me ligar pela manhã para dizer que estávamos saindo para almoçar. Eu usava uma elegante saia preta até os joelhos e uma blusa branca, e meu colar de tatu prateado. Churchill chegou ao meio-dia em um elegante terno feito na Grã-Bretanha, parecendo um próspero assassino de aluguel europeu. Ele me escoltou até um Bentley^{38} branco parado na calçada, com um motorista que abriu a porta de trás.

Fomos para o restaurante mais chique que eu já tinha visto, com decoração francesa e toalhas de mesa brancas e belas pinturas nas paredes. Os menus

eram escritos em caligrafia sobre papel texturizado de cor creme, e a comida era descritas em termos tão intrincados—roulades e rissoles e molhos complexos— eu não tinha ideia do que pedir. Os preços quase me deram um ataque cardíaco. O item mais barato no menu era um aperitivo de dez dólares, e consistia em um único camarão preparado de formas que eu não poderia começar a pronunciar. Perto do fundo do menu eu vi uma descrição de um hambúrguer servido com batata-doce frita, e quase cuspi um gole de coca diet quando vi o preço.

— Churchill, — eu disse, incrédula, — há um hambúrguer de cem dólares no menu.

Ele franziu a testa, não por compartilhar da incredulidade, mas porque o meu menu tinha preços. Um movimento de seu dedo chamou um garçom, que desfez-se em desculpas. O menu foi tirado das minhas mãos e substituído por outro, quase idêntico, exceto que este não tinha nenhuma quantia em dólares.

— Por que não devem ter preços no meu? — Eu perguntei.

— Porque você é a mulher, — disse Churchill, ainda irritado com o erro do garçom. — Eu estou lhe levando para almoçar, e você não deveria pensar em quanto isso custa.

— Aquele hambúrguer custava cem dólares. — Eu não conseguia deixar de pensar nisso. — O que no mundo eles poderiam fazer com aquele hambúrguer para fazê-lo valer cem dólares?

Minha expressão pareceu diverti-lo. — Vamos perguntar.

Um garçom foi alistado para responder perguntas sobre o cardápio. Quando perguntado sobre como o hambúrguer era preparado e o que o fazia tão especial, ele explicou que os ingredientes eram todos orgânicos, inclusive aqueles no pão de parmesão caseiro, e continha mussarela defumada de búfala, alface lisa hidropônica^{39}, tomate amadurecido no pé, e compota de pimenta dedo de moça por cima de um hambúrguer feito com carne de boi orgânica e emu moído.

A palavra — emu — me provocou.

Eu senti uma risada escapar de meus lábios, e então outra, e então não havia como para as risadinhas desamparadas que fizeram meus olhos lacrimejarem e meu ombro tremerem. Eu fechei a mão sobre minha boca para

impedi-las, mas isso só fez piorar. Eu comecei a me preocupar seriamente com se eu conseguiria parar. Eu estava envergonhando a mim mesma no restaurante mais chique que eu já tinha estado.

O garçom discretamente desapareceu. Tentei suspirar uma desculpa para Churchill, que me observava com preocupação e balançou levemente a cabeça, como se dissesse não, não se desculpe. Ele colocou a mão em meu pulso num aperto tranquilizador. De alguma forma, a pressão sobre meu pulso calou o riso selvagem. Eu pude inspirar longamente, e meu peito relaxou.

Contei-lhe sobre a mudança para o trailer em Welcome, e o namorado de Mamãe chamado Flip que tinha atirado no emu. Eu não conseguia falar rápido o suficiente, tantos detalhes saindo aos trambolhões. Churchill entendeu cada palavra, seus olhos se enrugando nos cantos, e quando eu finalmente cheguei à parte sobre dar o emu morto para os Cates, ele estava rindo.

Embora eu não estivesse ciente de ter pedido vinho, o garçom trouxe uma garrafa de pinot noir⁴². O líquido brilhava ricamente em altas taças de cristal. — Eu não devia, — eu disse. — Vou voltar ao trabalho depois do almoço.

— Você não vai voltar ao trabalho.

— Claro que vou. Minha tarde está reservada. — Mas eu me sentia cansada só de pensar nisso, não apenas no trabalho, mas em convocar o charme e alegria apropriados que meus clientes esperavam.

Churchill pôs a mão dentro de seu paletó, extraiu um celular do tamanho de um dominó, e ligou para o Salão One. Enquanto eu olhava, boquiaberta, ele pediu para falar com Zenko, informou a ele que eu estaria tirando a tarde de folga, e perguntou se isso estava bem. De acordo com Churchill, Zenko disse é claro que estaria tudo bem e que iria reorganizar a agenda. Sem problemas.

Enquanto Churchill fechava o celular com um clique autossatisfeito, eu disse sombriamente, "Eu vou levar o inferno por isso mais tarde. E se qualquer um que não fosse você tivesse feito essa chamada, Zenko teria perguntado se você não tem sua cabeça dentro de seu *culo*^{40}."

Churchill sorriu. Um de seus defeitos era que ele gostava da incapacidade das pessoas de negar algo a ele.

Falei durante todo o almoço, incitada pelas perguntas de Churchill, seu caloroso interesse, o copo de vinho que de alguma forma nunca esvaziava, não

importava o quanto eu bebia. A liberdade de dizer qualquer coisa a ele, contar tudo, aliviou um fardo que eu sequer tinha percebido que estava carregando. Em meu esforço incansável para continuar seguindo em frente, houve tantas emoções que eu não tinha me deixado viver plenamente, tantas coisas sobre as quais não tinha falado. Agora eu não conseguia realmente alcançar a mim mesma. Eu procurei desajeitadamente em minha bolsa por minha carteira e tirei a foto de escola de Carrington. Ela tinha um sorriso banguela, e um de seus rabos de cavalo estava um pouco mais alto do que o outro.

Churchill olhou para a foto por um longo tempo, até mesmo colocou a mão no bolso para pegar um par de óculos de leitura para que ele pudesse ver cada detalhe. Ele bebeu um pouco de vinho antes de comentar. — Parece uma criança feliz.

— Sim, ela é. — Eu coloquei a foto de volta em minha carteira com cuidado.

— Você fez bem, Liberty, — disse ele. — Mantê-la foi a coisa certa.

— Eu tive que fazer. Ela é tudo que eu tenho. E eu sabia que ninguém iria cuidar dela como eu. — Fiquei surpresa com as palavras que saía com tanta facilidade, a necessidade de confessar tudo.

Era assim que teria sido, eu pensei que com uma pequena, dolorosa emoção. Isto era um vislumbre do que eu poderia ter tido com o Papai. Um homem muito mais velho e sábio, que parecia compreender tudo, mesmo as coisas que eu não tinha dito. Incomodou-me durante anos que Carrington não tivesse um pai. O que eu não tinha percebido que era o quanto eu ainda precisava de um para mim.

Ainda tonta do vinho, contei a Churchill sobre o espetáculo de Ação de Graças de Carrington na escola. Sua classe, que iria executar duas músicas, foi dividida em Peregrinos e Nativos Americanos, e Carrington tinha se recusado a fazer parte de qualquer um dos grupos. Ela queria ser uma vaqueira. Tinha sido tão teimosa sobre isso que sua professora, Senhorita Hansen, me chamou em casa. Eu havia explicado para Carrington que não havia vaqueiras em 1621. Nem sequer tinha havido um Texas naquela época, disse a ela. Resultou que minha irmã não se importava com a precisão histórica.

A briga tinha sido finalmente resolvida pela sugestão da Senhorita Hansen fosse permitido a Carrington usar a fantasia de vaqueira e andar no palco bem

no começo do espetáculo. Ela carregaria uma placa de papelão com a forma de nosso estado, impressa com as palavras UMA AÇÃO DE GRAÇAS DO TEXAS.

Churchill caiu na gargalhada com a história, parecendo pensar que a teimosia de minha irmã era uma virtude.

— Você está perdendo a questão, — eu disse a ele. — Se isso é um sinal das coisas que estão por vir, eu terei um tempo terrível quando ela chegar | adolescência.

— Ava tinha duas regras sobre como lidar com adolescentes, — disse Churchill. — Primeiro, quanto mais você tenta controlá-los, mais eles se rebelam. E segundo, você sempre pode chegar a um acordo contanto que eles precisem de você para levá-los ao shopping.

Eu sorri. — Terei que lembrar essas regras. Ava deve ter sido uma boa mãe.

— Em todos os sentidos, — ele disse enfaticamente. "Nunca se queixava quando ela pegava o lado ruim das coisas. Diferente da maioria das pessoas, ela sabia como ser feliz.

Eu estava tentada a destacar que a maioria das pessoas seria feliz se tivesse uma bela família e uma grande mansão e todo o dinheiro que precisava. Eu mantive minha boca fechada, no entanto.

Mesmo assim, Churchill pareceu ler minha mente. — Com tudo que você ouve no trabalho, — disse ele, — você deve ter descoberto por agora que pessoas ricas são tão miseráveis quanto as pobres. Mais, na verdade.

— Estou tentando ter um pouco de simpatia, — eu disse secamente. — Mas acho que há uma diferença entre problemas reais e problemas inventados.

— É nisso que você é igual a Ava, — ele disse. — Ela também podia ver a diferença.

..... CAPÍTULO 15

Depois de quatro anos, eu tinha finalmente me tornado uma estilista de plenodireito no Salão One. A maior parte do meu trabalho era como colorista —eu tinha um talento para luzes e correções. Eu amava misturar líquidos e pastas em uma infinidade de pequenos potes como um cientista louco. Eu gostava da miríade de pequenos, mas críticos, cálculos de calor, tempo e aplicação, e a satisfação de fazer tudo certo.

Churchill ainda ia ao Zenko para seus cortes, mas eu fazia os ajustes de sua nuca e sobrancelha, e cuidava de suas unhas sempre que ele queria. E havia os almoços infrequentes quando um de nós tinha algo a comemorar. Quando estávamos juntos, conversávamos sobre tudo e qualquer coisa. Eu sabia muito sobre a família de Churchill, particularmente sobre seus quatro filhos. Havia Gage, o mais velho de trinta, que ele teve com sua primeira esposa, Joanna. Os outros três, ele havia tido com Ava: Jack, que tinha vinte e cinco, Joe, que era dois anos mais novo, e a única filha, Haven, que ainda estava na faculdade. Eu sabia que Gage havia se tornado reservado desde que havia perdido sua mãe aos três anos de idade, e que ele tinha dificuldade em confiar nas pessoas, e uma de suas antigas namoradas tinha dito que ele tinha fobia de compromisso. Sendo desconhecedor de conversas psicológicas, Churchill não sabia o que aquilo significava.

— Isso significa que ele não fala sobre seus sentimentos, — eu expliquei, — ou se permite ser vulnerável. E ele tem medo de ser amarrado.

Churchill pareceu perplexo. — Isso não é fobia de compromisso. Isso é ser um homem.

Nós debatíamos sobre seus outros filhos, também. Jack era um atleta e um mulherengo. Joe era um viciado em informação e um aventureiro. A caçula, Haven, havia insistido em ir para a faculdade na Nova Inglaterra, não importava o quanto Churchill implorou-lhe para considerar Rice ou UT, ou até mesmo, Deus o ajude, A&M.

Eu contava a Churchill as últimas novidades sobre Carrington, e, às vezes, sobre minha vida amorosa. Eu tinha confidenciado a ele sobre Hardy e sobre

como ele me perseguia. Hardy era cada caubói relaxado em jeans azul desgastado, cada par de olhos azuis, cada picape deteriorada, cada dia quente e sem nuvens.

— Talvez, Churchill havia salientado, eu devesse parar de tentar tão fortemente não amar Hardy, e aceitar que uma parte de mim poderia sempre querê-lo. — Algumas coisas, — disse ele, — você apenas tem que aprender a conviver.

— Mas você não pode amar alguém novo sem superar o último.

— Por que não?

— Porque senão o novo relacionamento fica comprometido.

Parecendo divertido, Churchill disse que todo relacionamento era comprometido de uma forma ou de outra, e você seria mais feliz não importunando os limites do mesmo.

Eu discordava. Eu sentia que precisava deixar Hardy ir completamente. Eu só não sabia como. Eu esperava que um dia eu pudesse conhecer alguém tão atraente que eu poderia correr o risco de amar novamente. Mas eu tinha sérias dúvidas sobre se tal homem existia.

E esse homem certamente não era Tom Hudson, que eu havia conhecido enquanto esperava por uma reunião de pais e professores em um corredor da escola de Carrington. Ele era um pai divorciado de duas crianças, um grande urso de pelúcia de um homem com cabelos castanhos e uma bem aparada barba castanha. Eu tinha saído com ele um pouco mais de um ano, apreciando a natureza confortável da nossa relação.

Como Tom era dono de uma loja de comida gourmet, minha geladeira estava sempre cheia de iguarias. Carrington e eu nos banqueteávamos com fatias de queijo francês e belga, frascos de chutney^{41} de tomate e pera, molho pesto genovês, e creme Devon duplo, placas cor de coral de salmão defumado do Alasca, creme engarrafado de sopa de aspargos, potes de pimentas marinadas ou azeitonas tunisianas verdes.

Eu gostava muito de Tom. Eu tentei ao máximo me apaixonar por ele. Era óbvio que ele era um bom pai para seus filhos, e eu tinha certeza de que ele seria tão bom com Carrington. Havia tantas coisas que eram certas sobre Tom, tantas razões pelas quais eu deveria tê-lo amado. É uma das frustrações de namoro que, às vezes, você pode estar com uma pessoa boa que obviamente

vale a pena amar, mas não há calor suficiente entre vocês para acender uma vela de chá.

Nós fazíamos amor nos fins de semana, quando sua ex-mulher ficava com as crianças e eu conseguia uma babá para Carrington. Infelizmente o sexo era morno. Como eu nunca podia gozar vir enquanto Tom estava dentro de mim—tudo que eu sentia era a leve pressão interior que você sente do espécuro no consultório da ginecologista—ele iria começar usando seus dedos para esfregar-me a um clímax. Nem sempre funcionava, mas algumas vezes eu conseguia alguns espasmos gratificantes, e quando eu não conseguia e começava a me sentir irritada e desgastada, eu fingia. Então ele iria ou gentilmente empurrar a minha cabeça para baixo até que eu o tivesse em minha boca, ou se alavancar sobre mim e nós iríamos transar na posição de papai-e-mamãe. A rotina nunca mudava.

Eu comprei um par de livros sobre sexo e tentei descobrir como melhorar as coisas.

Tom se divertiu com os meus pedidos envergonhados de tentar algumas posições sobre as quais eu tinha lido, e ele me disse que tudo ainda era apenas uma questão de colocar o pino A no buraco B. Mas se eu queria fazer algo novo, ele disse, ele estaria lá pra isso.

Fiquei desanimada ao descobrir que Tom estava certo. Parecia estranho e bobo, e não importava como eu tentasse, eu não conseguia gozar enquanto estávamos nesses entrelaçados estilo yoga. A única coisa nova que Tom não iria tentar era descer sobre mim. Eu gaguejei e fiquei vermelha quando lhe pedi por isso. Eu diria que foi o momento mais embaraçoso da minha vida inteira, exceto que foi ainda pior quando Tom respondeu desculpando-se que ele nunca tinha gostado de fazer isso. Não era higiênico, disse ele, e ele realmente não gostava de como era o gosto das mulheres. Se eu não me importasse, ele preferia não fazer. Eu disse que não, é claro que eu não me importava. Eu não queria que ele fizesse algo que não gostasse.

Mas toda vez que dormíamos juntos depois disso, e eu sentia as mãos dele empurrando a minha cabeça, eu começava a me sentir um pouco ressentida. E então me sentia culpada, porque Tom era generoso em tantas outras formas. Não importava, eu dizia a mim mesma. Havia outras coisas que poderíamos fazer na cama. Mas a situação me incomodava tanto—parecia que eu estava

perdendo alguma compreensão essencial— que eu contei a Angie uma manhã antes de o salão abrir. Depois de ter certeza de que tudo estava pronto para o dia, os carrinhos bem abastecidos, as ferramentas de estilização limpas, nós todas tomamos alguns minutos para nos arrumar.

Eu estava esguichando algum volumizador no meu cabelo, enquanto Angie reaplicava seu brilho labial. Não lembro exatamente o que perguntei a ela, algo como se ela tinha tido um namorado que não queria fazer certas coisas na cama.

O olhar de Angie encontrou o meu no espelho. — Ele não quer que você o chupe? — Alguns dos outros estilistas olharam em nossa direção.

— Não, ele gosta disso, — eu sussurrei. — É... Bem, ele não quer fazer isso em mim. — Suas sobrancelhas inteligentemente delineadas se torceram para cima. — Não gosta de comer tortilla?

— Não. Ele diz — eu podia sentir as bandeiras vermelhas de cor formando nas cristas das minhas bochechas— que é anti-higiênico.

Ela pareceu indignada. — Não é mais anti-higiênico do que o de um homem! Que perdedor. Que egoísta—Liberty, a maioria dos homens amam fazer isso em uma mulher.

— Eles amam?

— É algo que os excita.

— É? — Essa era uma boa notícia. Fez-me sentir um pouco menos envergonhada por ter pedido isso a Tom.

— Oh, garota. — Angie disse, sacudindo a cabeça. — Você tem que terminar com ele.

— Mas... mas... — Eu não estava certa se queria tomar medidas tão drásticas. Este era o período mais longo que eu já tinha namorado alguém, e eu gostava da segurança disso. Lembrei-me de todos os relacionamentos-relâmpago que Mamãe tinha tido. Agora eu entendia o porquê.

Namorar é como tentar fazer uma refeição inteira com sobras. Alguns restos de comida, como bolo de carne ou pudim de banana, na verdade ficam melhores quando eles têm um pouco de tempo para amadurecer. Mas outros, como donuts ou pizza, deveriam ser jogados fora imediatamente. Não importa

como você tente aquecê-los, eles nunca serão tão bons como quando eram novos. Eu havia esperado que Tom fosse um bolo de carne em vez de uma pizza.

— Jogue ele fora, — insistiu Angie.

Heather, uma pequena loira da Califórnia, não resistiu em se meter na conversa. Tudo o que ela dizia soava como uma pergunta, mesmo quando não era. — Está tendo problemas com namorado, Liberty?

Angie respondeu antes que eu pudesse. — Ela está saindo com um e sessenta e oito.

Houve alguns grunhidos de simpatia dos outros estilistas.

— O que é um sessenta e oito? — Eu perguntei.

— Ele quer que você vá e desça nele, — Heather respondeu, — mas ele não irá devolver o favor. Tipo, seria um sessenta e nove, mas ele lhe deve uma.

Alan, que era mais esperto sobre homens do que todas nós juntas, apontou para mim com uma escova redonda enquanto falava. — Livre-se dele, Liberty. Você não pode mudar um sessenta e oito.

— Mas ele é bom em outros aspectos, — protestei. — Ele é um bom namorado.

— Não, ele não é. — Alan disse. — Você acha que ele é. Mas, mais cedo ou mais tarde, um sessenta e oito vai mostrar sua verdadeira face fora do quarto. Deixando você em casa enquanto ele sai com os amigos. Comprando um carro novo para si enquanto você anda com o usado. Um sessenta e oito sempre leva a maior fatia do bolo, querida. Não desperdice seu tempo com ele. Acredite em mim, eu sei por experiência própria.

— Alan está certo, — disse Heather. — Eu namorei um sessenta e oito uns dois anos atrás, e no início ele era, tipo, um cara totalmente quente. Mas ele acabou por ser o maior idiota do mundo. Vadio de marca maior.

Até aquele momento, eu não tinha considerado seriamente romper com Tom. Mas a ideia foi um alívio inesperado. Percebi que o que estava me incomodando não tinha nada a ver com o sexo oral. O problema era que a nossa intimidade emocional, como a nossa vida sexual, tinha seus limites. Tom não tinha nenhum interesse nos lugares secretos do meu coração, nem eu nos

dele. Nós éramos mais aventureiros em nossa seleção de alimentos gourmet do que éramos no perigoso território de uma relação verdadeira. Estava começando a clarear em mim o quão raro era para duas pessoas encontrar o tipo de conexão que Hardy e eu tínhamos compartilhado. E Hardy havia desistido dela, desistido de mim, pelas razões erradas. Eu esperava como o inferno que ele não estivesse achando mais fácil do que eu estava construir um relacionamento com alguém.

— Qual é a melhor maneira de acabar com isso? — Eu perguntei.

Angie acariciou minhas costas gentilmente. — Diga a ele que o relacionamento não está indo para onde você esperava que fosse. Diga que não é culpa de ninguém, mas que apenas não está funcionando pra você.

— E não solte a bomba em sua casa, — Alan acrescentou, — porque é sempre mais difícil fazer alguém sair. Faça isso na casa dele e então você está do lado de fora da porta.

Pouco depois disso, eu juntei a coragem para terminar com Tom em seu apartamento. Eu disse a ele o quanto eu tinha apreciado o nosso tempo juntos, mas aquilo simplesmente não estava funcionando, e não era ele, era eu. Tom ouviu atentamente, impassível, exceto pelo movimento de pequenos músculos faciais ancorados debaixo de sua barba. Ele não tinha perguntas. Ele não ofereceu um único protesto. Talvez tenha sido um alívio para ele também, pensei. Talvez ele estivesse incomodado como eu estava pelo algo que faltava entre nós.

Tom me acompanhou até a porta, onde eu fiquei segurando a minha bolsa. Eu estava agradecida que não houve um beijo de adeus. — Eu... Eu te desejo tudo de bom, — eu disse. Era uma frase estranha, antiga, mas nada parecia capturar o meu sentimento tão bem.

— Sim, — ele disse. — Você também, Liberty. Espero que você use algum tempo para trabalhar em si mesma e em seu problema.

— Meu problema?

— Sua fobia de compromisso, — ele disse com gentil preocupação. —
Medo de
intimidade. Você precisa trabalhar nisso. Boa sorte. — A porta se fechou suavemente na minha cara.

Eu estava atrasada para chegar ao trabalho no dia seguinte, então eu teria que esperar até mais tarde para informar sobre o que tinha acontecido. Uma das coisas que você aprende sobre trabalhar em um salão de beleza é que a maioria dos estilistas ama dissecar relações. Nossas pausas para o café ou fumar muitas vezes soavam como sessões de terapia em grupo.

Sentia-me quase alegre sobre ter terminado com Tom, com exceção daquele tiro que ele tinha me dado no final. Eu não o culpava por dizer aquilo, pois ele tinha acabado de ser rejeitado. O que me incomodava era a suspeita interior de que ele estava certo. Talvez eu realmente tivesse medo de intimidade. Eu nunca tinha amado nenhum homem além de Hardy, que estava seguro em meu coração com arame farpado. Eu ainda sonhava com ele e acordava com o meu sangue clamando, centímetro da minha pele úmido e vivo.

Eu estava receosa de que devesse ter optado por Tom. Carrington teria dez anos em breve. Ela havia sido privada de tantos anos de influência paterna. Precisávamos de um homem em nossa vida.

Quando entrei no salão, que havia acabado de abrir, Alan se aproximou com a notícia de que Zenko queria falar comigo imediatamente.

— Estou apenas poucos minutos atrasada— — eu comecei.

— Não, não, não é sobre isso. É sobre o Sr. Travis.

— Ele vem hoje?

A expressão de Alan era impossível de interpretar. "Eu acho que não."

Eu fui para os fundos do salão, onde Zenko estava com uma xícara de porcelana cheia de chá quente.

Ele olhou para cima a partir de uma agenda com capa de couro. — Liberty. Eu chequei seu horário da tarde. — Ele pronunciou isso de uma maneira britânica, horário. Era uma das suas palavras favoritas. — Parece estar livre após as três e meia.

— Sim, senhor, — eu disse cautelosamente.

— O Sr. Travis quer um corte em sua casa. Você sabe o endereço?

Eu balancei a cabeça em perplexidade. — Você quer que eu faça isso? Como é que você não vai? Você sempre faz o corte dele.

Zenko explicou que uma atriz muito conhecida estava voando de Nova York, e ele não podia cancelar com ela. — Além disso, — ele continuou no mesmo tom cuidadoso, — o Sr. Travis pediu especificamente por você. Ele teve um tempo difícil após o acidente, e ele indicou que isso poderia fazer-lhe algum bem se

— Que acidente? — Eu senti uma pontada desagradável de adrenalina em toda parte, não muito diferente do sentimento de salvar-se de uma queda das escadas. Mesmo que você evite a queda, seu corpo ainda se prepara para a catástrofe.

— Eu pensei que você já soubesse, — disse Zenko. — O Sr. Travis caiu de um cavalo há duas semanas.

Para um homem da idade de Churchill, acidentes com cavalo nunca eram pequenos. Ossos eram quebrados, deslocados, esmagados, pescoços e espinhas eram arrebatados. Senti minha boca se juntar em um silêncio — oh —. Minhas mãos deslocavam-se em um mosaico de movimentos, primeiro indo para os meus lábios, em seguida, cruzando a parte superior dos braços.

— Quão ruim foi isso? — Eu consegui falar.

— Eu não estou ciente dos detalhes, mas acredito que uma perna foi quebrada, e houve alguma cirurgia... — Zenko pausou enquanto olhava para mim. — Você está pálida. Você quer se sentar?

— Não. Eu estou bem. Eu só... — Eu não conseguia acreditar como eu estava com medo, o quanto eu me importava. Eu queria ir até Churchill naquele momento. Meu coração era um palpitar doloroso no meu peito. Minhas mãos se uniram, os dedos entrelaçados como os de uma criança a orar. Pisquei contra as imagens que passavam pela minha cabeça, imagens que não tinham nada a ver com Churchill Travis.

Minha mãe vestindo um vestido branco salpicado de margaridas. Meu pai, acessível apenas em uma camada bidimensional de haleto de prata^{42} preto-e-branco. Luzes espalhafatosas de feira estremecendo no rosto resoluto de Hardy.

Sombras nas sombras. Eu achei difícil respirar. Mas então pensei em Carrington. Eu me segurei a essa imagem, minha irmã, meu bebê, e o pânico turbilhonou e voltou.

Ouvi Zenko perguntando se eu estava disposta a ir a River Oaks para fazer o corte.

— Claro, — eu disse, tentando parecer normal. Sem demonstrar emoções.
— Claro que eu vou.

Depois de meu último compromisso, Zenko me deu o endereço e dois códigos de segurança diferentes. — Às vezes há um guarda no portão, — disse ele.

— Ele tem um portão? — Eu perguntei. — Ele tem um guarda?

— Chama-se segurança, — Zenko disse, seu tom impessoal muito mais estupefaciente que sarcasmo. — Pessoas ricas precisam disso.

Peguei o pedaço de papel dele.

Meu Honda precisava de uma ida ao lava-rápido, mas eu não desperdicei o tempo. Eu precisava ver Churchill o mais rápido possível. Levou apenas quinze minutos para chegar lá partindo de Zenko. Em Houston você mede a distância em minutos ao invés de quilômetros, uma vez que o tráfego pode transformar uma viagem curta em uma jornada de parar-e-andar pelo inferno, onde a violência na estrada é apenas uma técnica de condução.

Eu já ouvi pessoas compararem River Oaks a Highland Park, em Dallas, mas é maior e ainda mais cara. Você poderia chamá-la de Beverly Hills do Texas. River Oaks é composta por cerca de mil acres localizados a meio caminho entre a parte baixa e a parte alta da cidade, com duas escolas, um country club, restaurantes e lojas sofisticados, e esplanadas de flores brilhantes. Quando River Oaks foi criada em 1920, houve o que chamaram de um acordo entre cavalheiros para manter fora os negros e pardos, exceto por aqueles que viviam nas dependências de empregados. Agora esses tais cavalheiros se foram, e há mais diversidade em River Oaks. Já não são todos brancos, mas definitivamente são todos ricos, com as casas mais baratas a partir de um milhão de dólares e daí para cima.

Eu guiei meu Honda velho por ruas de mansões de dois andares, passando por Mercedes e BMWs. Algumas das casas foram desenhadas no estilo revival espanhol, com terraços de pedra, torres, e varandas ornamentais com grades de ferro forjado. Outras tinham sido modeladas como as casas de plantação em Nova Orleans, ou coloniais da Nova Inglaterra, com colunas brancas,

frontões, e chaminés tapadas. Eram todas grandes, lindamente paisagísticas e sombreadas por carvalhos que ladeavam os caminhos como sentinelas gigantes.

Embora eu soubesse que a casa de Churchill seria impressionante, não havia nenhuma maneira de eu poder estar devidamente preparado para aquilo. Era uma propriedade, uma casa de pedra desenhada como um chateau europeu e construída no fundo de um lote de três hectares de bayou^{43}. Eu parei no portão de ferro pesado e inseri o código. Para meu alívio, os portões abriram com uma lentidão majestosa. Um amplo caminho pavimentado levava para a casa e se dividia em duas estradas, uma cercando a casa, a outra levando a uma garagem separada grande o suficiente para dez carros.

Eu fui até a garagem e estacionei ao lado, tentando encontrar o lugar menos notável. Meu pobre Honda parecia como algo que tinha sido deixado do lado de fora para os lixeiros levarem. As portas da garagem eram feitas inteiramente de vidro, apresentando um sedã Mercedes prata, o Bentley branco, e um Shelby Cobra amarelo com listras de corrida. Havia mais carros do outro lado, mas eu estava muito confusa e ansiosa para olhar para eles.

Era um dia de outono relativamente frio, e eu estava grata pela brisa tímida que refrescava a minha testa suada. Carregando uma sacola cheia de suprimentos, caminhei até a porta da frente.

As plantas e seções de gramado com cercas-vivas ao redor da casa pareciam que tinham sido regadas com água Evian e aparadas com um cortador de cutícula. Eu podia jurar que os longos, sedosos desvios de plumosa grama Mexicana contornando a calçada da frente tinham sido cuidados com um pente de bolso Mason Pearson. Estendi a mão para o botão da campainha, que estava localizado debaixo de uma câmera de vídeo embutida assim como o que você vê em máquinas ATM.

Assim que toquei a campainha, isso fez a câmera de vídeo zumbir e focar em mim, e eu quase recuei. Eu percebi que não tinha escovado o meu cabelo ou retocado a minha maquiagem antes de sair do salão. Agora era tarde demais, enquanto eu encontrava-me em pé na frente da campainha de uma pessoa rica, que estava olhando de volta para mim.

Em menos de um minuto, a porta se abriu. Fui recebida por uma mulher magra idosa, elegantemente vestida em calças verdes, mules bordados com

miçangas e uma blusa de chiffon estampada. Ela aparentava ter cerca de sessenta anos, mas estava tão bem conservada que eu supus que sua idade real fosse, provavelmente, mais perto de setenta anos. Seus cabelos prateados tinham sido cortados e enrolados no estilo Entupidor de Ralos, sem nenhum buraco a ser encontrado na perfeita massa fofa. Nós éramos quase da mesma altura, mas o cabelo dava a ela pelo menos oito centímetros de vantagem sobre mim. Brincos de diamante do tamanho de enfeites de Natal balançavam a meio caminho de seus ombros.

Ela sorriu, um sorriso genuíno que fez seus olhos enrugarem em fendas familiares. Imediatamente eu soube que ela era a irmã mais velha de Churchill, Gretchen, que tinha noivado por três vezes, mas nunca se casou. Churchill havia me dito que todos os noivos de Gretchen tinham morrido em circunstâncias trágicas, o primeiro na Guerra da Coréia, o segundo em um acidente de carro, o terceiro de um defeito cardíaco que ninguém tinha conhecimento até que aquilo o matou sem aviso prévio.

Após o último, Gretchen havia dito que era óbvio que ela não era destinada a casar, e ela ficou solteira desde então.

Fiquei tão comovida com a história que quase chorei, retratando a irmã de Churchill como uma solteirona vestida de preto. — Ela não acha isso solitário, — eu tinha perguntado tentativamente, — nunca sequer ter... — Eu parei enquanto considerava a melhor forma de expressar isso. Relações carnis? Intimidade física? — Um homem em sua vida? — — Diabos, não, ela não acha isso solitário, — Churchill disse com um grunhido. — Gretchen aproveita todas as vezes que tem uma chance. Ela teve mais do que sua cota de homens—ela só não vai casar com nenhum deles.

Olhando para esta mulher de rosto doce, vendo o brilho em seus olhos, eu pensava, você é um objeto de desejo, Senhorita Gretchen Travis.

— Liberty. Sou Gretchen Travis. — Ela me olhou como se fôssemos velhas amigas e pegou minhas mãos nas dela. Eu abaixei minha bolsa e devolvi desajeitadamente seu aperto de mão. Os dedos dela eram quentes e eram de ossatura fina em meio a um barulho de enormes anéis com joias. — Churchill contou-me sobre você, mas ele não disse que coisinha bonita você é. Você está com sede, querida? A bolsa está pesada? Deixe-a ali e vamos mandar alguém levá-la para nós. Sabe quem você me lembra?

Tal como Churchill, ela lançava as perguntas em grupos. Apressei-me a responder.

— Obrigada, senhora, mas não estou com sede. E eu posso carregar isso.
— Eu peguei a bolsa.

Gretchen levou-me para dentro da entrada e continuou a segurar minha mão como se eu fosse jovem demais para ser confiada a vaguear pela casa sozinha. Era estranho, mas bom, segurar a mão de uma mulher adulta. Entramos em um salão com piso em mármore, com um teto que tinha dois andares de altura. Nichos exibindo esculturas de bronze estavam embutidos ao longo das paredes. A voz de Gretchen ecoava suavemente enquanto nos dirigíamos a um par de portas de elevador escondidas sob um dos lados de uma escada em forma de ferradura.

— Rita Hayworth, — ela disse, respondendo à sua própria pergunta anterior. — Do jeito que ela era em Gilda, com o cabelo ondulado e os cílios longos. Você já viu esse filme?

— Não, senhora.

— Está tudo certo. Não lembro que tenha terminado bem. — Ela soltou a minha mão e apertou o botão do elevador. "Nós podíamos usar as escadas. Mas isso é tão mais fácil. Nunca fique de pé quando se pode sentar e nunca ande quando você pode montar.

— Sim, senhora. — Arrumei minhas roupas o mais discretamente possível, puxando a bainha da minha camiseta gola V preta por cima da minha calça branca. Meus dedos do pé com unhas pintadas de vermelho apareciam de um par de sandálias de salto baixo. Desejei ter escolhido um traje mais bonito naquela manhã, mas eu não tinha idéia de como o dia acabaria. — Senhorita Travis, — eu disse, — por favor, me diga como

— Gretchen, — disse ela. — Apenas Gretchen.

— Gretchen, como ele está? Eu não sabia sobre o acidente até hoje, ou eu teria enviado flores ou um cartão

— Oh, querida, nós não precisamos de flores. Tem havido tantas entregas que não sabemos o que fazer com todas elas. E nós tentamos manter silêncio sobre o acidente. Churchill diz que não quer ninguém fazendo um alarido sobre ele. Eu acho que isso o constrange até a morte, com bota imobilizadora

na perna e a cadeira de rodas

— Bota imobilizadora na perna?

— Uma macia, por agora. Em duas semanas ele irá colocar o gesso. Ele teve que o médico disse que era... — Ela apertou os olhos em concentração. — Uma fratura cominutiva da tíbia, uma fratura completamente limpa da fíbula, e um de seus ossos do tornozelo foi danificado também. Colocaram oito longos parafusos em sua perna, e uma haste do lado de fora que eles vão tirar mais tarde, e uma placa de metal que vai ficar nele para sempre. — Ela riu. — Ele nunca passaria pela segurança do aeroporto. Boa coisa ele ter seu próprio avião.

Eu assenti com um pequeno movimento, mas não podia falar. Eu tentei um velho truque para não chorar, algo que o marido de Marva, o Sr. Ferguson, uma vez me falou. Quando você achar que está prestes a chorar, esfregue a ponta de sua língua contra o céu da boca, na parte de trás, onde o palato mole é. Enquanto você fizer isso, ele disse, as lágrimas não cairiam. Funcionou, mas mal.

— Oh, Churchill é tão resistente quanto possível, — disse Gretchen, estalando sua língua quando viu minha expressão. — Você não precisa se preocupar com ele, querida. É com o resto de nós que você deveria se preocupar. Ele irá ficar parado por pelo menos cinco meses. Estaremos todos loucos a essa altura.

A casa era como um museu, com corredores largos, tetos altos, e pinturas com as suas próprias pequenas luzes. O ambiente era sereno, mas eu estava consciente das coisas acontecendo em salas afastadas, telefones tocando, algum tipo de batida leve ou martelar, o barulho inconfundível de potes e panelas de metal. Pessoas invisíveis ocupadas fazendo seu trabalho.

Fomos para o maior quarto eu já tinha visto. Você poderia encaixar meu apartamento inteiro dentro dele e sobrava espaço. Fileiras de janelas altas estavam equipadas com persianas embutidas. O piso, feito de nogueira aplainada à mão, era coberto em locais com tapetes kilim^{44} artisticamente desbotados que custavam, cada um, o equivalente a um Pontiac novo. Uma cama king-size com postes esculpidos em espiral estava posicionada na diagonal em um canto do aposento. Outra área exibia uma área de sentar com dois sofás de dois lugares e uma poltrona reclinável, com uma TV de plasma

de tela plana na parede.

Meu olhar imediatamente encontrou Churchill, que estava em uma cadeira de rodas com a perna elevada. Churchill, que sempre tinha sido tão bem vestido, estava usando uma calça de moletom cortada e um suéter de algodão amarelo. Ele parecia um leão ferido. Cheguei a ele em alguns passos e passei meus braços em torno dele. Eu pressionei meus lábios contra o topo de sua cabeça, sentindo a curva dura de seu crânio sob a lã de cabelos grisalhos. Inalei seu familiar cheiro de couro e a pitada de perfume caro.

Uma de suas mãos veio para a parte de trás do meu ombro, batendo com firmeza.

— Não, não, — veio sua voz grave. — Não há necessidade para isso. Vou curar-me muito bem. Você pare com isso, agora.

Eu enxuguei meu rosto molhado e me endireitei, e limpei minha garganta fechada de lágrimas. — Então... você estava tentando algum tipo de acrobacia do Lone Ranger^{45} ou o quê?

Ele fez uma careta. — Eu estava cavalgando com um amigo em sua propriedade. Uma lebre saltou de um pedaço de algaroba e o cavalo se assustou. Eu estava de pontacabeça antes que pudesse piscar.

— Suas costas estão bem? Seu pescoço?

— Sim, está tudo bem. Apenas a perna. — Churchill suspirou e resmungou. — Eu vou ficar preso nesta cadeira por meses. Nada além de porcarias na TV. Eu tenho que sentar em uma cadeira de plástico no chuveiro. Tudo é um trazido pra mim, não posso fazer absolutamente nada eu mesmo. Estou doente e cansado de ser tratado como um inválido.

— Você é um inválido, — eu disse. — Você não poderia tentar relaxar e desfrutar dos mimos?

— Mimo? — Churchill repetiu indignado. — Eu tenho sido ignorado, negligenciado, e desidratado. Ninguém traz as minhas refeições na hora certa. Ninguém vem quando eu grito. Ninguém enche o meu jarro de água. Um rato de laboratório vive melhor que isso.

— Agora, Churchill, — Gretchen acalmou. — Estamos todos fazendo o nosso melhor. É uma nova rotina para todos. Nós vamos pegar o jeito dela.

Ele a ignorou, claramente ansioso para expor as suas queixas a um ouvinte simpático. Era a hora de seu Vicodin, ele disse, e alguém o tinha posto tão longe no balcão do banheiro, que ele não tinha sido capaz de alcançá-lo. — Eu vou buscar, — eu disse imediatamente, e fui para o banheiro.

O enorme espaço era revestido com azulejos de terracota e mármore manchado de cobre, com uma banheira oval semi-afundada no centro. A cabine da ducha e a janela eram feitas inteiramente de blocos de vidro. Era uma sorte o banheiro ser tão grande, pensei, à luz de Churchill estar em uma cadeira de rodas. Eu encontrei um conjunto de frascos marrom de medicamentos em um balcão, junto com um porta-copos de plástico Dixie comum que parecia deslocado no ambiente de revista. — Um ou dois? — Eu gritei, abrindo o Vicodin.

— Dois.

Enchi um copo com água e levei as pílulas para Churchill. Ele os tomou com uma careta, os cantos de sua boca cinzentos com a dor. Eu não poderia imaginar o quanto sua perna devia estar doendo, seus ossos protestando contra o novo arranjo de hastes metálicas e parafusos. Seu sistema deveria estar oprimido com a possibilidade de curar tanto dano. Perguntei se ele queria descansar, eu poderia esperar por ele, ou voltar outra hora. Churchill respondeu enfaticamente que ele tinha tido o suficiente de repouso. Ele queria alguma boa companhia, que tinha sido escassa ultimamente. Isso com um olhar significativo para Gretchen, que respondeu serenamente que se uma pessoa queria atrair uma boa companhia, ela deveria ser uma boa companhia.

Após um minuto de disputa afetuosa, Gretchen pediu licença e saiu, lembrando Churchill para acionar o botão do interfone se precisasse de alguma coisa. Eu empurrei sua cadeira de rodas para o banheiro e posicionei-o ao lado da pia.

— Ninguém responde quando eu aperto o botão, — Churchill disse-me irritado, me olhando enquanto eu descarregava os meus aparatos.

Eu balancei uma capa preta de corte e enfiei uma toalha dobrada em seu pescoço. — Você precisa de um conjunto de walkie-talkies. Assim você pode entrar em contato diretamente com alguém quando precisar de alguma coisa.

— Gretchen não consegue sequer tomar conta de seu telefone celular, — disse ele. — Não há nenhuma maneira de eu fazê-la carregar um walkie-talkie.

— Você não tem um assistente pessoal ou secretária?

— Eu tinha, — ele admitiu. — Mas eu o demiti na semana passada.

— Por quê?

— Ele não conseguiu aguentar eu gritando com ele. E ele sempre teve sua cabeça dentro do culo.

Eu sorri. — Bem, você deveria ter esperado até que você contratasse alguém antes de se livrar dele. — Eu enchi uma garrafa de spray com água da torneira.

— Eu tenho alguém em mente.

— Quem?

Churchill fez um gesto breve e impaciente para indicar que isso não tinha importância, e se acomodou em sua cadeira. Eu umedeci seu cabelo e o penteei cuidadosamente. Enquanto eu cortava seu cabelo em camadas cuidadosas, eu vi o momento em que a medicação fez efeito. As linhas duras do seu rosto relaxaram, e seus olhos perderam o brilho vitrificado.

— Este é o primeiro corte de cabelo de verdade que eu faço em você, — comentei. — Finalmente eu posso listá-lo em meu currículo.

Ele riu. — Há quanto tempo você trabalha para o Zenko? Quatro anos?

— Quase cinco.

— Quanto ele te paga?

Levemente surpreendida com a pergunta, eu considerei dizer-lhe que não era da sua conta. Mas não havia praticamente nenhuma razão para manter segredo para ele. — Vinte e quatro por ano, — eu disse, — não incluindo gorjetas.

— Meu assistente ganha cinquenta por ano.

— Isso é um monte de dinheiro. Aposto que ele tinha que se esforçar até o rabo por isso.

— Na verdade, não. Ele fazia algumas tarefas, organizava a minha agenda, dava telefonemas, digitava meu livro. Esse tipo de coisa.

— Você está escrevendo outro livro?

Ele balançou a cabeça. — Sobre estratégias de investimento, em sua

maioria. Mas parte dele é autobiográfica. Eu escrevo algumas páginas à mão, outras eu dito para um gravador. Meu assistente digita tudo no computador.

— Seria muito mais eficiente se você digitasse você mesmo. — Eu penteei seu cabelo de volta, procurando a linha natural de partição.

— Algumas coisas, eu estou velho demais para aprender. Digitação é uma delas.

— Então contrate um temporário.

— Eu não quero um temporário. Eu quero alguém que eu conheço. Alguém em quem confio.

Nossos olhares encontraram-se no espelho e eu percebi onde ele estava querendo chegar. Meu Deus, pensei. Uma carranca de concentração apareceu na minha testa. Afundei meu quadril, caçando os ângulos corretos, a minha tesoura fazendo cortes precisos em torno de sua cabeça. — Eu sou uma hairstylist, — eu disse sem olhar para ele, — não uma secretária. E quando eu deixar Zenko, aquela porta estará fechada para sempre.

Eu não posso voltar atrás.

— Não é uma oferta de curto prazo, — Churchill argumentou de uma forma descontraída que me deu uma idéia de que negociante de negócios esperto ele devia ser. — Há muito trabalho por aqui. Liberty. A maior parte vai lhe desafiar muito mais do que brincar com as cutículas das pessoas. Agora, se acalme—não há nada de errado com o seu trabalho, e você o faz bem

— Puxa, obrigada.

— —Mas você pode aprender muito de mim. Eu ainda estou longe da aposentadoria, e tenho muita coisa para ser feita. Preciso de ajuda de alguém em quem eu possa confiar.

Eu ri incredulamente e peguei o cortador elétrico. — O que faz você pensar que pode confiar em mim?

— Você não é de desistir, — disse ele. "Você se prende às coisas. Você enfrenta a vida de frente. Isso conta muito mais do que habilidades de digitação.

— Você diz isso agora. Mas você não viu minha digitação.

— Você vai melhorá-la.

Eu balancei minha cabeça lentamente. — Então você está velho demais para aprender a lidar com um teclado, mas eu não estou?

— Isso mesmo.

Eu dei-lhe um sorriso exasperado e liguei o cortador. O zumbido insistente interrompeu a conversa.

Era óbvio que Churchill precisava de alguém muito mais qualificado do que eu. Pequenas tarefas eu poderia fazer. Mas fazer chamadas em seu nome, ajudar com seu livro, interagir, mesmo em pequenas formas, com as pessoas em sua esfera... Eu estaria fora do meu departamento.

Ao mesmo tempo, fiquei surpresa ao descobrir uma agitação de ambição. Quantos formandos de faculdade, com seus chapéus quadrados e novos diplomas, matariam para ter uma chance como esta? Era uma oportunidade que não apareceria novamente.

Eu trabalhei no cabelo Churchill, inclinando sua cabeça para baixo, moldando cuidadosamente. Eventualmente, eu desliguei o cortador e comecei a espanar o cabelo raspado do seu pescoço. — E se não der certo? — Ouvi-me perguntar. — Eu poderia receber um aviso de algumas semanas?

— Com muita antecedência, — ele disse, — e um bom pacote de indenização. Mas isso vai funcionar.

— E sobre o seguro de saúde?

— Eu vou colocar você e Carrington sob a mesma política que a minha própria família.

Bem, inferno.

Exceto para as vacinações WIC^{46}, eu tinha que pagar por cada médico e gasto de saúde de Carrington e eu tivéssemos. Nós tínhamos tido sorte, em termos de saúde. Mas cada tosse, resfriado, ou infecção de ouvido, cada pequeno problema que poderia se transformar em um grande problema quase tinha me matado de preocupação. Eu queria um cartão de plástico branco com um número de grupo na minha carteira. Eu queria tanto isso que meus punhos se fecharam.

— Escreva uma lista do que você quer, — disse Churchill. — Eu não vou

me apegar aos detalhes. Você me conhece. Você sabe que eu vou ser justo. Só há uma coisa inegociável.

— O que é? — E eu ainda achava difícil acreditar que estávamos mesmo tendo esta conversa.

— Eu quero que você e Carrington venham viver aqui.

Não havia uma coisa que eu poderia dizer. Eu só olhei para ele.

— Gretchen e eu ambos precisamos de alguém na casa, — ele explicou. — Eu estou em uma cadeira de rodas, e mesmo depois que eu estiver fora dela, eu terei dificuldades em meu dia-a-dia. E Gretchen tem tido alguns problemas ultimamente, incluindo perda de memória. Ela diz que vai voltar à sua própria casa algum dia, mas a verdade é que ela está aqui para ficar. Eu quero alguém para manter controle de seus compromissos, bem como dos meus. Eu não quero que esse alguém seja um estranho. — Seus olhos eram astutos, sua voz leve. — Você pode ir e vir quando quiser. Manter o funcionamento do lugar. Tratá-la como sua própria casa. Mandar Carrington para a Escola Fundamental River Oaks. Há oito quartos desocupados no andar de cima—cada uma poderá escolher.

— Mas eu não posso simplesmente desenraizar Carrington assim... Mudar a casa dela, sua escola... Quando não tenho a menor ideia de se isso daria certo ou não.

— Se você está pedindo uma garantia, eu não posso lhe dar uma. Tudo o que posso prometer é que vamos fazer o nosso melhor.

— Ela não tem ainda dez anos. Você compreende como seria, tê-la na sua casa? Meninas pequenas são barulhentas. Bagunceiras. Eles entram

— Eu tive quatro filhos, — ele disse, — incluindo uma filha. Eu sei como alguém de oito anos de idade é. — Uma pausa calculada. — Quer saber, vamos contratar um professor particular de línguas para vir aqui duas vezes por semana. E talvez Carrington vá querer aulas de piano. Há um Steinway no andar de baixo que ninguém nunca toca. Ela gosta de nadar?... Vou mandar colocar um escorregador na piscina. Vamos dar a ela uma grande festa na piscina de aniversário.

— Churchill, — eu murmurei, — que diabos você está fazendo? — — Eu estou tentando fazer uma oferta você não possa recusar.

Eu estava com medo que ele tivesse feito exatamente isso.

— Diga sim, — disse ele, — e todos ganham.

— E se eu disser não?

— Nós ainda somos amigos. E a oferta permanece. — Ele encolheu os ombros levemente e indicou sua cadeira de rodas com um movimento de suas mãos. — É muito óbvio que não estou indo a lugar nenhum.

— Eu... — Eu passei os dedos pelo meu cabelo. — Eu preciso pensar um pouco sobre
isso.

— Leve o tempo que você precisar. — Ele me deu um sorriso amável. — Antes de decidir qualquer coisa, por que você não traz Carrington aqui para dar uma olhada no lugar?

— Quando? — Perguntei atordoada.

— Hoje à noite para a ceia. Vá buscá-la de seu programa de pós-escola e traga-a aqui. Gage e Jack estão vindo. Você vai querer conhecê-los.

Nunca tinha me ocorrido querer conhecer os filhos de Churchill. Sua vida e a minha sempre foram estritamente separadas, e a mistura dos seus elementos deixaram-me inquieta. Em algum lugar ao longo do caminho, eu havia absorvido a noção de que algumas pessoas pertenciam a estacionamentos de trailers e algumas pessoas pertenciam a mansões. Meu conceito de mobilidade ascendente tinha seus limites.

Mas eu queria impor os mesmos limites a Carrington? O que aconteceria se eu a expusesse a uma vida tão diferente da que ela sempre conheceu? Era como trazer Cinderela ao baile em uma carruagem e enviá-la de volta em uma abóbora. Cinderela tinha levado na esportiva, mas eu não tinha certeza se Carrington seria tão complacente. E, na verdade, eu não queria que ela fosse.

..... CAPÍTULO 16

Como eu deveria ter esperado, Carrington estava mais suja naquele dia. Ela tinha manchas de grama nos joelhos de seus jeans e manchas de tinta na frente de sua camiseta. Eu a peguei na porta da sala e a dirigi para o banheiro feminino mais próximo. Rapidamente sequei seu rosto e ouvidos com papel toalha, e escovei os nós do seu rabo de cavalo. Quando ela perguntou por que eu estava tentando fazer com que ela parecesse melhor, expliquei que estávamos indo jantar na casa de um amigo, e era melhor ela se comportar ou então...

— O que é ‘ou então’? — ela perguntou, como sempre, e eu fingi não ouvir.

Carrington irrompeu em gritos de alegria quando viu a mansão gradeada. Ela insistiu em subir no seu assento para apertar os botões através da minha janela aberta enquanto eu lia o código para ela. Por alguma razão, fiquei satisfeita por Carrington ser muito jovem para se sentir intimidada pelo ambiente rico. Ela tocou a campainha cinco vezes antes eu pudesse pará-la, e verificou a câmera de segurança, e pulou sobre seus tênis até que as luzes dele brilhassem como sinais de emergência.

Dessa vez, uma governanta idosa atendeu a porta. Ela fazia Churchill e Gretchen parecerem adolescentes. Seu rosto era tão retorcido e vincado que ela lembrava um daquelas bonecas feitas de maçãs secas com tufo de algodão branco como cabelo. Os botões negros e brilhantes de seus olhos estavam atrás de óculos fundo de garrafa. Ela tinha um sotaque que engolia as palavras logo que elas saíam de sua boca. Nós nos apresentamos, e ela disse que seu nome era Cecily ou Cissy, não pude diferenciar.

Então Gretchen apareceu. Churchill tinha descido de elevador, ela disse, e ele estava esperando por nós na sala familiar. Ela olhou para Carrington e estendeu suas mãos para pegar seu rosto. — Que garota bonita, que preciosa, — exclamou. — Chame-me de tia Gretchen, querida.

Carrington riu e brincou com a bainha de sua camisa suja de tinta. — Gosto dos seus anéis, — disse, fitando os dedos brilhantes de Gretchen. —

Posso experimentar um?

— Carrington— — comecei a repreender.

— Claro que você pode, — Gretchen exclamou. — Mas primeiro vamos entrar para ver o tio Churchill.

As duas foram de mãos dadas pelo corredor, e eu as segui de perto. — Churchill lhe contou sobre o que ele e eu conversamos? — perguntei a Gretchen.

— Sim, contou, — ela disse por sobre o ombro.

— O que você acha?

— Acho que seria ótimo para todos nós. Desde que Ava se foi e as crianças saíram, a casa tem estado muito quieta.

Passamos por cômodos com tetos elevados e janelas altas com cortinas de seda e veludo. Sobre o piso de madeira havia tapetes orientais e conjuntos de mobiliário antigo, tudo em tons de vermelho, dourado e bege. Alguém na casa amava livros—havia estantes embutidas em toda parte, preenchidas do chão ao teto. A casa cheirava bem, a óleo de limão, cera e pergaminho antigo.

A sala familiar era grande o bastante para ter uma exibição de automóveis, com lareiras nas paredes opostas. Uma mesa circular ocupava o centro, com um arranjo enorme de hortênsias brancas, rosas amarelas e vermelhas, e frésias amarelas. Churchill estava em uma área de sentar em um lado do cômodo, sob uma grande pintura em tons de sépia de um veleiro de altos mastros. Dois homens se levantaram quando nos aproximamos, numa cortesia antiquada. Eu não olhei para nenhum deles. Minha atenção estava focada em Carrington quando ela se aproximou da cadeira de rodas.

Eles apertaram as mãos solenemente. Não pude ver o rosto de minha irmã, mas vi o de Churchill. Ele a encarou sem piscar. Eu estava confusa com as emoções que atravessaram seu rosto: curiosidade, satisfação, tristeza. Ele desviou o olhar e limpou sua garganta. Mas quando seu olhar retornou para minha irmã, sua expressão estava limpa, e eu pensei que talvez tivesse imaginado o momento.

Eles começaram a conversar como velhos amigos. Carrington, que frequentemente era tímida, estava descrevendo quão rápido ela poderia patinar pelo corredor se patinar fosse permitido na casa, e perguntando o nome do

cavalo que quebrou a perna dele, e contando a ele sobre a aula de arte e como sua melhor amiga, Susan, acidentalmente derrubou tinta azul na sua mesa.

Enquanto eles conversavam, desviei minha atenção para os dois homens que estavam de pé ao lado de suas cadeiras. Depois de ter ouvido sobre a descendência de Churchill por anos, senti um leve abalo ao vê-los em carne e osso tão abruptamente.

Apesar da minha afeição por Churchill, não deixei de perceber que ele foi um pai exigente. Ele admitiu ter sido excessivamente zeloso em seu esforço para ter certeza de que seus três filhos e sua filha não se tornassem as crianças frágeis e mimadas que ele tinha visto acontecer em outras famílias ricas. Eles tinham sido criados para trabalhar duro, atingir as metas que ele estabeleceu, viver com suas obrigações. Como um pai, Churchill havia sido escasso em suas recompensas, e duro em suas punições.

Churchill tinha lutado com a vida, tomado alguns golpes duros, e esperava isso de seus filhos, também. Eles tinham sido criados para serem excelentes em matérias acadêmicas e esportes, desafiarem a si mesmos em cada aspecto de suas vidas. Dado que Churchill tinha horror a preguiça e sentimento de ter direito a tudo, qualquer centelha disso tinha sido extinguida debaixo de suas botas. Ele havia sido mais mole com Haven, a única filha e o bebê da família. Ele foi mais duro com o mais velho, Gage, o único filho da sua primeira esposa.

Depois de ouvir as histórias de Churchill sobre seus filhos, achei fácil discernir que o maior orgulho e as mais altas expectativas eram reservados a Gage. Aos doze anos, enquanto estudava em uma escola de elite, Gage havia arriscado sua vida para ajudar a salvar outros estudantes do seu dormitório. Um incêndio havia se espalhado pelo terceiro andar, e não havia nenhum extintor de incêndio no prédio. De acordo com Churchill, Gage havia ficado para trás para ter certeza de que cada estudante tinha acordado e saído. Ele foi o último a sair e quase não o conseguiu, sofrendo inalação de fumaça e queimaduras de segundo grau. Eu achei uma história marcante, e o comentário de Churchill, ainda mais. — Ele apenas fez o que eu teria esperado dele, — Churchill tinha dito. — O que qualquer um da família teria feito. — Em outras palavras, salvar pessoas de um prédio em chamas não era nada para um Travis, quase não valia a atenção.

Gage tinha ido se graduado em UT e na Harvard Business School, e agora tinha obrigações duplas, ao trabalhar na empresa de investimentos de Churchill e também em sua própria companhia. Os outros filhos Travis tinham seguido suas próprias profissões. Eu me perguntei se havia sido escolha de Gage trabalhar para seu pai, ou se ele tinha simplesmente ocupado o lugar que esperavam que ele ocupasse. E se ele nutria algum desgosto secreto por ter de viver sob o peso considerável das expectativas de Churchill.

O mais novo dos dois irmãos veio a mim e se apresentou como Jack. Ele tinha um aperto de mão firme e um sorriso fácil. Seus olhos tinham cor de café preto, brilhando contra a aparência bronzeada de um homem que adora esportes ao ar livre.

Então conheci Gage. Ele era uma cabeça mais alto que seu pai, com cabelos pretos e um corpo grande e esbelto. Ele tinha cerca de trinta anos, mas tinha uma aparência experiente que o permitia se passar por alguém mais velho. Ele deu um sorriso superficial, como se ele não tivesse muitos para dividir. Havia duas coisas que as pessoas imediatamente compreendiam sobre Gage Travis. Primeiro, ele não era o tipo que ria facilmente. E segundo, apesar de sua educação privilegiada, ele era um filho da puta bruto. Um pitbull de raça, criado num canil.

Ele se apresentou, estendendo a mão para apertar a minha.

Seus olhos tinham um tom incomum cinza pálido, brilhantes e com raias negras. Aqueles olhos permitiam mostrar um pouco da instabilidade contida debaixo de sua fachada quieta, uma sensação de energia tesamente contida que eu só tinha visto antes uma vez, em Hardy. Exceto que o carisma de Hardy era um convite para se aproximar, enquanto nesse homem era um alerta para ficar longe. Eu estava tão abalada por ele que foi difícil tomar a sua mão.

— Liberty, — eu disse fracamente. Meus dedos foram engolidos pelos dele. Um aperto leve e quente, e ele liberou minha mão o mais rápido possível.

Eu me virei cegamente, querendo olhar para qualquer lugar menos para aqueles olhos inquietantes, e descobri uma mulher sentada em um sofá de dois lugares próximo.

Era uma mulher alta e bonita, com um rosto delicado e lábios cheios, e uma cortina de cabelos loiros com luzes que caíam por seus ombros e sobre o braço do sofá. Churchill me contou que Gage estava saindo com uma modelo,

e eu não tinha dúvidas de que essa era ela. Os braços da mulher, não mais grossos que cotonetes, estavam estendidos, e os ossos dos seus quadris se pronunciavam debaixo de suas roupas como um abridor de latas. Se ela fosse qualquer coisa que não uma modelo, ela teria sido levada com urgência para uma clínica por transtornos alimentares.

Eu nunca me preocupei com o meu peso, que sempre foi normal. Eu tenho uma boa silhueta, um corpo de mulher com seios e quadris de mulher, e provavelmente um traseiro maior do que eu desejaria. Fico bem nas roupas certas, e não tão bem nas erradas. De modo geral, gosto do meu corpo. Mas ao lado dessa criatura fina eu me sentia como uma vaca premiada.

— Oi, — eu disse, forçando um sorriso enquanto seu olhar sobre mim ia de cima a baixo. — Sou Liberty Jones. Eu sou... amiga de Churchill.

Ela me lançou um olhar desdenhoso e não se incomodou em se apresentar.

Eu pensei nos anos de privação e fome que precisaria para manter tal magreza. Sem sorvete, sem churrasco, nenhuma fatia de torta de limão ou pimenta chile recheada com queijo branco derretido. Isso deixaria qualquer um sórdido.

Jack interrompeu rapidamente. — Então, de onde você é, Liberty?

— Eu... — lancei um olhar rápido para Carrington, que estava examinando o painel de botões da cadeira de rodas de Churchill. — Não aperte nenhum deles, Carrington. — Eu tive a visão caricatural dela acionando uma catapulta no assento.

— Eu não estou apertando nada, — minha irmã protestou. — Estou apenas olhando.

Retornei minha atenção a Jack. — Vivemos em Houston, próximo ao salão.

— Que salão? — Jack perguntou com um sorriso encorajador.

— Salão One. Onde eu trabalho. — Um curto mas desconfortável silêncio se seguiu, como se não houvesse mais nada que alguém pudesse pensar em dizer ou perguntar sobre o trabalho em um salão. Fui obrigada a atirar palavras no vazio. — Antes de Houston, vivíamos em Welcome.

— Acho que já ouvi falar de Welcome, — Jack disse. — Embora eu não possa lembrar como ou por quê.

— É só uma pequena cidade comum, — disse. — Tem um de tudo.

— O que você quer dizer?

Eu encolhi os ombros desconfortavelmente. — Uma sapataria, um restaurante mexicano, uma lavanderia...

Essas pessoas estavam acostumavam a conversar com seu próprio tipo, sobre pessoas e lugares e coisas com as quais eu não tinha experiência. Eu me senti uma ninguém. De repente, estava irritada com Churchill por ele me colocar nessa situação, entre pessoas que ia fazer piadas sobre mim no minuto em que eu saísse da sala. Tentei ficar calada, mas quando outro momento de silêncio apareceu, eu não pude me impedir de quebrá-lo.

Olhei para Gage Travis novamente. — Você trabalha com seu pai, certo? — tentei me lembrar do que Churchill tinha dito, que apesar de Gage ter uma mão no negócio de investimentos da família, ele também havia começado sua própria empresa que desenvolvia tecnologias de energias alternativas.

— Parece que vou fazer viagens no lugar de meu pai por uns tempos, — Gage disse. — Ele estava programado para falar numa conferência em Tóquio na próxima semana. Eu irei no lugar dele. — Uma completa polidez envernizada, nenhum sorriso.

— Quando você fala por Churchill, — perguntei, — você diz exatamente o que ele teria dito?

— Nem sempre dividimos a mesma opinião.

— Isso significa não, então.

— Isso significa não, — ele disse suavemente. Quando ele continuou a me fitar, fui surpreendida por uma suave e não desagradável sensação de torção no meu abdome. Meu rosto ficou vermelho.

— Você gosta de viajar? — perguntei.

— Eu fiquei cansado disso, na verdade. E você?

— Eu não sei. Nunca estive fora do estado.

Eu não achava que isso fosse algo estranho a se dizer, mas os três olharam para mim como se eu tivesse duas cabeças.

— Churchill não te levou a nenhum lugar? — a mulher no sofá de dois lugares perguntou, brincando com uma mecha de seu cabelo. — Ele não quer

ser visto com você? — Ela sorriu como se estivesse brincando. Seu tom poderia ter cortado os espinhos de um abacaxi.

— Gage é caseiro, — Jack me contou. — O resto dos Travis tem um grande desejo de

viajar.

— Mas Gage gosta de Paris, — a mulher comentou, dando a ele um olhar arqueado. — Foi onde nos conhecemos. Eu estava fazendo a capa da Vogue francesa.

Tentei parecer impressionada. — Desculpe-me. Eu não sei seu nome.

— Dawnelle.

— Dawnelle... — repeti, esperando pelo seu sobrenome.

— Apenas Dawnelle.

— Ela acabou de ser escolhida para uma grande campanha publicitária nacional. — Jack me contou. — Uma grande empresa de cosméticos está lançando um novo perfume.

— Fragr}ncia, — Dawnelle corrigiu. — Chamada Provocação.

— Tenho certeza de que você fará um trabalho maravilhoso, — eu disse.

Depois das bebidas, nós jantamos em uma sala de janta oval com teto alto e um lustre com cristais pendurados como gotas de chuva. A porta em arco em um lado da sala levava à cozinha, enquanto a que estava do outro lado apresentava um portão de ferro forjado. Churchill me contou que havia uma adega além do portão, com uma coleção de quase dez mil garrafas. Pesadas cadeiras estofadas com veludo verde-oliva estavam puxadas para a mesa de mogno.

A governanta e uma mulher jovem e hispânica serviram vinho tinto em grandes taças e trouxeram uma cheia de Seven-Up^{47} para Carrington. Minha irmã se sentou à esquerda de Churchill, e eu fiquei ao seu lado. Eu a lembrei com um sussurro para colocar o guardanapo no seu colo e não colocar sua taça tão perto da borda da mesa. Ela se comportou belamente, lembrando-se dos por favor e obrigado.

Houve apenas um momento preocupante quando os pratos foram trazidos e eu fui incapaz de identificar o que eram. Minha irmã, apesar de não ser

exigente com comida, não tinha o que chamam de um paladar aventureiro.

— O que é isso? — Carrington sussurrou, fitando com olhar dúbio para a coleção de tiras, bolas e pedaços no seu prato.

— É carne, — respondi com o canto da boca.

— Que tipo de carne? — ela insistiu, cutucando uma das bolas com o garfo.

— Eu não sei. Só coma.

Nessa hora Churchill percebeu a carranca de Carrington. — Qual é o problema? — ele perguntou.

Carrington apontou para seu prato com seu garfo. — Eu não vou comer algo que eu não sei o que é.

Churchill, Gretchen, e Jack riram, enquanto Gage nos considerou sem expressão. Dawnelle estava no processo de explicar para a governanta que ela queria que a comida fosse levada de volta para cozinha e pesada cuidadosamente. Cem gramas de carne eram tudo que ela queria.

— É uma boa regra, — Churchill disse a Carrington. Ele pediu para que ela aproximasse seu prato do dele. — Tudo isso é o que eles chamam de assado misto. Olhe aqui—essas coisas pequenas são tiras de carne de veado. Isso é rena, e aquelas são almôndegas de alce, e aquilo é salsicha de peru selvagem. — Olhando para mim, ele acrescentou. — Nenhum emu, — e piscou o olho.

— É como comer todo um episódio de Reino Selvagem, — eu disse, entretida pela visão de Churchill tentando persuadir uma criança relutante de oito anos a fazer alguma coisa.

— Eu não gosto de alce, — Carrington disse a ele.

— Você não pode ter certeza até experimentar. Vá, coma um pedaço.

Obedientemente, Carrington começou um pedaço da comida exótica, com alguns legumes e batatas assadas. Cestas de pães foram passadas, contendo pãezinhos e quadrados fumegantes de pão de milho. Para minha consternação, eu vi Carrington procurando numa das cestas. — Querida, não faça isso, — murmurei. — Apenas pegue o pedaço de cima.

— Eu quero um normal, — ela reclamou.

Olhei para Churchill me desculpando. — Eu geralmente faço nosso pão de

milho numa frigideira.

— Olhe só isso. — Ele sorriu para Jack. — É a forma como sua mãe costumava fazer, não era?

— Sim, senhor, — Jack disse com um sorriso reminiscete. — E eu colocava as migalhas quentes num copo de leite... cara, aquilo era comer bem.

— Liberty faz o melhor pão de milho, — Carrington disse fervorosamente. — Você deveria pedir a ela para fazer pra você alguma vez, tio Churchill.

Pelo canto do olho, vi Gage endurecer com a palavra — tio —.

— Acho que eu deveria, — Churchill disse, me lançando um sorriso apreciador.

Depois do jantar, Churchill nos levou para um passeio pela mansão, apesar dos meus protestos de que ele deveria estar cansado. Os outros foram para sala de estar para tomar café, enquanto Churchill, Carrington e eu fomos por nós mesmos.

Nosso anfitrião manobrava a cadeira de rodas para dentro e fora do elevador, pelos corredores, parando nas portas de certos aposentos que ele queria que nós víssemos. Ava tinha decorado todo o lugar sozinha, ele disse com orgulho. Ela gostava de estilos europeus, coisas francesas, escolhendo antiguidades com algum desgaste para balancear elegância e conforto.

Espiámos quartos que tinham suas próprias varandas, e janelas feitas de vidro cortado com diamante. Alguns dos quartos tinham sido decorados como um palácio rústico, as paredes envelhecidas manualmente, o teto com vigas cruzadas. Havia uma biblioteca, uma sala de ginástica com uma sauna e uma quadra de squash, uma sala de música com estofado em veludo cor de creme, uma sala de cinema com uma tela que cobria toda uma parede. Havia uma piscina coberta e uma piscina aberta, esta centrada numa área ajardinada com um pavilhão, uma cozinha aberta, deques cobertos, e uma lareira do lado de fora.

Churchill colocou seu charme a toda potência. Várias vezes, o velho patife me lançava um olhar cheio de significado, como quando Carrington correu para o Steinway e tentou algumas notas, ou quando ela ficou excitada ao ver a piscina. Ela poderia ter isso todo o tempo, era o que ele queria dizer. Você é a única que está afastando isso dela. E ele ria quando eu fazia uma carranca para

ele.

Seu ponto estava feito, porém. E havia algo mais que eu tinha notado, algo de que ele talvez não estivesse totalmente consciente. Eu estava atônita pelo modo como eles interagiam, a tranquilidade natural entre eles. A garotinha sem pai ou avô. O velho que não passou tempo suficiente com seus próprios filhos quando eles eram crianças. Ele se arrependia por isso, ele me contou. Por ser Churchill, ele não poderia ter tomado outro caminho. Mas agora que ele finalmente tinha chegado onde queria, ele podia olhar para trás e ver os marcos distantes do que ele tinha perdido.

Eu estava perturbada pelos dois. Tinha muito com que pensar.

Quando estávamos suficientemente deslumbradas e Churchill tinha começado a ficar cansado, fomos nos reunir aos outros. Vendo a palidez no seu rosto, verifiquei meu relógio. — É hora para mais Vicodin, — murmurei. — Vou subir para seu quarto para pegá-lo.

Ele assentiu, sua mandíbula cerrada contra a dor que estava vindo. Alguns tipos de dor você precisa pegar antes que comecem, ou você nunca consegue se recuperar.

— Vou com você, — Gage disse, levantando-se da sua cadeira. — Você pode não se lembrar do caminho.

Apesar de seu tom ser agradável, as palavras tiraram a sensação confortável que tive por estar com Churchill.

— Obrigada, — disse cautelosamente, — mas eu posso me virar.

Ele não iria recuar. — Vou te levar mesmo assim. É fácil se perder por aqui.

— Obrigada, — eu disse. — É legal da sua parte.

Mas quando saímos juntos da sala de estar, eu soube o que estava por vir. Ele tinha algo para dizer a mim, e não ia ser remotamente legal. Quando chegamos aos degraus da escada, razoavelmente fora do alcance dos outros, Gage parou e me virou para encará-lo. Seu toque me fez congelar.

— Olhe, — disse secamente, — Eu não me importo se você está dando para o velho. Isso não é problema meu.

— Você está certo, — respondi.

— Mas eu traço uma linha quando você traz isso para dentro dessa casa.

— Não é sua casa.

— Ele a construiu para minha mãe. É aqui onde a família se reúne, onde passamos os feriados, — ele olhou para mim com desprezo. — Você está em solo perigoso. Coloque seus pés nessa propriedade de novo e vou pessoalmente te chutar daqui. Entendido?

Eu entendi. Mas não demonstrei medo ou recuei. Tinha aprendi há muito tempo que não deveria correr de pitbulls.

Eu fui de vermelha a branca. Meu sangue parecia ferver dentro das minhas veias. Ele não sabia nada sobre mim, aquele idiota arrogante, não sabia nada sobre as escolhas que fiz ou as coisas das quais desisti e todos os caminhos mais fáceis que poderia ter tomado, mas não tomei, e ele era tão completamente imbecil que se ele estivesse pegando fogo, eu não me incomodaria nem em cuspir nele.

— Seu pai precisa do remédio, — disse, com o rosto de pedra.

Seus olhos se estreitaram. Tentei segurar seu olhar, mas não pude, os eventos do dia tinham deixado minhas emoções muito perto da superfície. Então fitei um ponto distante pelo quarto e me concentrei em não demonstrar nada, em sentir nada. Depois de um tempo insuportavelmente longo, eu o ouvi dizer, — É melhor que essa seja a última vez que ponho os olhos em você.

— Vá para o inferno, — eu disse, e subi as escadas com passos medidos, enquanto meus instintos me mandavam fugir como uma lebre.

Eu tive outra conversa particular naquela noite, com Churchill. Jack há muito tinha partido, e graças a Deus Gage também, para levar sua namorada tamanho 32 para casa. Gretchen mostrava a Carrington sua coleção de antigos cofrinhos de ferro fundido, uma no formato de Humpty-Dumpty^{48}, outra como uma vaca cujas pernas traseiras chutavam um fazendeiro quando você colocava uma moeda. Enquanto elas brincavam no outro lado do cômodo, eu me sentei numa poltrona do lado da cadeira de rodas de Churchill.

— Você esteve pensando? — ele perguntou.

Assenti. — Churchill... algumas pessoas não vão ficar felizes se formos adiante com isso.

Ele não fingiu não entender. — Ninguém vai te dar problemas, Liberty, —

disse. — Eu que mando aqui.

— Eu preciso de um dia ou dois para pensar.

— Você os tem. — Ele sabia quando pressionar, e quando deixar acontecer.

Juntos, olhamos para Carrington, que gargalhava em deleite quando um cofrinho de macaco colocou uma moeda na caixa com sua cauda.

Naquele final de semana, fomos jantar na casa de Marva no domingo. A casa de fazenda estava cheia com o cheiro de carne assada na cerveja e purê de batata. Você teria pensado que a Srta. Marva e o Sr. Ferguson eram casados por cinquenta anos, de tão confortáveis eles estarem um com o outro.

Enquanto a Srta. Marva levava Carrington de volta para sua sala de costura, eu me sentei com o Sr. Ferguson e contei o meu dilema. Ele escutou em silêncio, suas mãos sobre seu estômago.

— Eu sei qual é a escolha segura, — contei a ele. — Quando você pensa vem, não há razão para eu correr esse tipo de risco. Estou indo muito bem no Zenko. E Carrington gosta da sua escola e temo que seja duro para ela deixar seus amigos. Tentar se encaixar num novo lugar onde todas as outras crianças são deixadas em Mercedes. Eu só... Eu só queria...

Havia um sorriso nos olhos castanhos do Sr. Ferguson. — Eu tenho a sensação, Liberty, de que você está esperando alguém lhe dar permissão para você fazer o que quer.

Eu deixei minha cabeça se encostar contra as costas da cadeira reclinável. — Eu sou tão diferente daquelas pessoas, — disse para o teto. — Ah, se você tivesse visto aquela casa,

Sr. Ferguson. Fez-me sentir tão... ah, não sei. Como um hambúrguer de cem dólares.

— Eu não estou entendendo.

— Mesmo que seja servido em um prato de porcelana num restaurante caro, ainda é apenas um hambúrguer.

— Liberty, — o Sr. Ferguson disse, — não há razão para que você se sinta inferior a eles. A ninguém. Quando você chegar à minha idade, vai perceber que todas as pessoas são iguais.

É claro que um agente funerário diria isso. Não importa o status financeiro, raça, e todas as outras coisas que distinguem as pessoas das outras, todas elas terminam nuas em uma prancha no seu porão.

— Eu posso ver como parece dessa forma no fim das contas, Sr. Ferguson, — disse. — Mas pelo que vi noite passada em River Oaks, aquelas pessoas são definitivamente diferente de nós.

— Você se lembra do filho mais velho dos Hopsons, Willie? Que foi para a Faculdade Cristã do Texas?

Eu me pergunte o que Willie Hopson tinha a ver com meu dilema. Mas geralmente havia um sentido nas histórias do Sr. Ferguson, se você fosse paciente o bastante para esperar por ele. — Durante seu primeiro ano, — Sr. Ferguson continuou. — Willie foi para a Espanha para um programa de estudo no exterior. Para ter uma ideia de como as outras pessoas vivem. Aprender algo sobre como elas pensam e seus valores. E isso fez muito bem para ele. Acho que você poderia considerar fazer o mesmo.

— Você quer que eu vá para Espanha?

Ele riu. — Você sabe exatamente o que estou dizendo, Liberty. Você podia pensar na família Travis como seu programa de estudo no exterior. Não acho que vá machucar a você ou a Carrington passar um tempinho num lugar onde não pertencem. Pode te beneficiar de uma forma que você não espera.

— Ou não, — eu disse.

Ele sorriu. — Só existe uma forma de descobrir, não é?

..... CAPÍTULO 17

Todas as vezes que Gage Travis olhava para mim, você podia notar que ele queria me despedaçar membro por membro. Não em uma fúria, mas em um processo de desmembramento lento e metódico.

Jack e Joe visitavam aproximadamente uma vez por semana, mas Gage era o que vinha para a casa em uma base diária. Ele ajudava Churchill com coisas como entrar e sair do banho e se vestir, e levá-lo para consultas médicas. Não importa o quanto eu não gostasse de Gage, eu tinha que admitir que ele era um bom filho. Ele poderia ter insistido para Churchill contratar uma enfermeira, mas ao invés disso, ele mesmo aparecia para cuidar de seu pai. Oito horas da manhã todos os dias, nunca um minuto adiantado ou atrasado. Ele era bom para Churchill, que estava mal-humorado pela combinação de tédio, dor e incômodo constante. Mas não importava o quanto o Churchill rosnava ou batia os dentes, eu nunca vi um sinal de impaciência em Gage. Ele estava sempre calmo, tolerante e capaz.

Até que ele estivesse ao meu redor, e então ele era um idiota de primeira classe. Gage deixou claro que, em sua opinião, eu era um parasita, uma aproveitadora, e pior. Ele não tomava conhecimento de Carrington além de demonstrar uma curta consciência de que havia uma pessoa pequena na casa.

O dia em que nos mudamos, nossas posses amontoadas em caixas de papelão, pensei que Gage iria me jogar para fora. Eu tinha começado a desempacotar no quarto que havia escolhido, um belo espaço com janelas largas e paredes de um verde-musgo pálido, e molduras na cor creme. O que havia me feito decidir por aquele quarto era o conjunto de fotografias em preto e branco em uma parede. Eram imagens do Texas: um cacto, uma cerca de arame farpado, um cavalo, e para meu deleite, uma fotografia frontal de um tatu olhando diretamente para a câmera. Eu tinha visto isso como um sinal auspicioso. Carrington iria dormir duas portas além, em um quarto pequeno, mas bonito, com papel listrado de amarelo e branco nas paredes.

Quando abri minha mala sobre a cama king-size, Gage apareceu na porta. Meus dedos se enroscaram em torno da borda da mala, os nós dos dedos

sobressaindo até que você poderia ter ralado uma cenoura sobre eles. Mesmo sabendo que eu era estava razoavelmente segura—Churchill certamente o impediria de me matar—eu ainda estava alarmada. Ele enchia o vão da porta, parecendo grande e malvado e impiedoso.

— Que diabos você está fazendo aqui? — Sua voz suave me perturbou muito mais do que se ele tivesse gritado.

Respondi por entre lábios secos. — Churchill disse que eu poderia escolher qualquer quarto que quisesse.

— Você pode ir embora voluntariamente, ou eu jogarei você para fora. Acredite, você irá preferir ir por conta própria.

Eu não me movi. — Você tem um problema, fale com seu pai. Ele me quer aqui.

— Eu não dou a mínima. Agora vá.

Uma pequena gota de suor escorreu no meio das minhas costas. Eu não me movi.

Ele me alcançou em três passos e agarrou meu braço em um aperto doloroso.

Um suspiro de surpresa foi arrancado de minha garganta. — Tire suas mãos de mim! — Eu puxei e empurrei ele, mas seu peito era tão inflexível quanto o tronco de um carvalho.

— Eu lhe disse antes que não iria— — Ele parou. Eu fui libertada com uma rapidez que me fez cambalear para trás. Nossas respirações pesadas cortavam o silêncio. Ele estava olhando fixamente para a cômoda, onde eu havia colocado algumas fotos em portaretratos. Tremendo, coloquei minha mão sobre a parte do meu braço que ele tinha agarrado. Esfreguei o local como se quisesse apagar seu toque. Mas eu ainda podia sentir uma marca de mão invisível cravada em minha pele.

Ele foi até o armário e pegou uma das fotos. — Quem é esta?

Era uma foto de Mamãe, tirada não muito tempo depois que ela se casou com meu pai. Ela tinha sido incrivelmente jovem e loira e bonita. — Não toque nisso, — eu gritei, correndo para pegar a foto dele.

— Quem é? — repetiu ele.

— Minha mãe.

Sua cabeça se inclinou enquanto ele estava sobre mim, olhando para meu rosto com um olhar especulativo. Eu estava tão perplexa com a suspensão abrupta de nosso conflito que eu não podia trazer as palavras para perguntar o que em nome de Deus ele estava pensando. Eu estava absurdamente consciente do som de minha respiração, e da dele, o contraponto igualando gradualmente até que o ritmo de nossos pulmões fosse idêntico. Luz vinda das persianas fazia linhas brilhantes passarem por nós dois, lançando sombras raiadas de seus cílios para sua bochecha. Eu podia ver os fios de sua barba recém-feita de perto, prenunciando uma pesada sombra de cinco horas^{49}.

Eu umedeci meus lábios secos com a minha língua, e seu olhar acompanhou o movimento. Nós estávamos muito perto. Eu podia sentir o cheiro agudo de goma em seu colarinho, e um aroma de pele masculina quente, e fiquei chocada com a minha resposta. Apesar de tudo, eu queria me inclinar ainda mais. Eu queria uma respiração profunda dele.

Um franzir apareceu entre suas sobrancelhas. — Nós ainda não terminamos, — ele murmurou, e saiu do quarto sem dizer uma palavra.

Eu não tinha dúvidas que ele havia ido direto para Churchill, mas passaria um longo tempo antes que eu descobrisse o que havia sido dito entre eles, ou por que Gage havia decidido abandonar aquela batalha em particular. Tudo o que eu sabia era que não houve mais interferência de Gage enquanto nos instalamos. Ele foi embora antes do jantar, enquanto Churchill, Gretchen, Carrington, e eu comemorávamos nossa primeira noite juntos. Comemos peixe cozido no vapor em pequenos sacos de papel branco e arroz misturado com pimentão finamente picado e legumes que o faziam parecer confete.

Quando Gretchen perguntou se nossos quartos estavam bons e se tínhamos tudo que precisávamos, Carrington e eu respondemos com entusiasmo. Carrington disse que sua cama de dossel a fazia se sentir como uma princesa. Eu disse que amava o meu quarto também, o verde suave das paredes era tão reconfortante, e eu gostei especialmente das fotografias em preto e branco.

— Você precisa dizer a Gage, — disse Gretchen, radiante. — Ele tirou aquelas fotos na faculdade como uma tarefa para a aula de fotografia. Ele teve que esperar parado duas horas até o tatu sair de sua toca.

Uma suspeita terrível disparou em minha mente. — Oh, — eu disse, e engoliu em seco.

— Gretchen, por algum acaso... aquele é... — Eu mal podia falar seu nome. — O quarto de Gage?

— De fato, sim, — foi sua resposta serena.

Oh, Deus. De todos os quartos de hóspedes no segundo andar, eu tinha conseguido escolher o dele. Para ele entrar e me ver ali, ocupando o seu território... Estava assombrada que ele não tivesse me jogado como um touro joga o palhaço de rodeio em um barril. — Eu não sabia, — eu disse levemente. — Alguém deveria ter me dito algo. Vou me mudar para outro

— Não, não, ele nunca fica aqui, — disse Gretchen. — Ele não vive a mais de dez minutos. O quarto está vazio há anos, Liberty. Tenho certeza que agradecerá a Gage que alguém o use.

Até parece, pensei, e peguei meu copo de vinho.

Mais tarde naquela noite, eu esvaziei minhas bolsas de cosméticos ao lado da pia do banheiro. Quando puxei a gaveta de cima, eu ouvi algo batendo e rolando. Procurando, eu encontrei alguns itens pessoais que pareciam que estavam lá há algum tempo. Uma escova de dente usada, um pente de bolso, um tubo antigo de gel de cabelo... e uma caixa de preservativos.

Eu me virei e fechei a porta de banheiro antes de examinar a caixa mais de perto. Havia três pacotes esquecidos sobrando de doze. Era uma marca que eu nunca tinha visto antes, feito na Grã-Bretanha. E havia uma frase engraçada no lado da caixa, — Marcada com Kitemark para a sua paz de espírito. — Marcada com Kitemark? Que diabos aquilo significava? Aquilo meio que se parecia com uma versão européia do selo [Good Housekeeping^{50}](#) de aprovação. Não pude deixar de notar a pequena tarja amarela no canto da caixa, impressa com as palavras — Extra Grande —. Isto era apropriado, eu refleti acidamente, levando em conta o fato de que eu já pensava em Gage Travis como um grande caralho em minha vida.

Eu me perguntei o que eu deveria fazer com essas coisas. Não havia nenhuma chance de que eu fosse devolver a Gage seus preservativos há muito esquecidos. Mas eu não podia jogar suas coisas fora, na remota possibilidade de que ele pudesse lembrar um dia e perguntar o que eu havia feito com eles.

Então eu os empurrei para o fundo da gaveta e coloquei minhas coisas lá dentro. Eu tentei não pensar no fato de que Gage Travis e eu estávamos compartilhando uma gaveta.

Durante as primeiras poucas semanas, eu estava mais ocupada do que jamais estive em minha vida, e mais feliz do que eu tinha sido desde antes de Mamãe ter morrido. Carrington fez novos amigos rapidamente, e ela estava indo bem na nova escola, que tinha um centro da natureza, um laboratório de informática, uma biblioteca bem abastecida, e todos os tipos de classes de enriquecimento. Eu havia me preparado para os problemas de ajuste que, até agora, Carrington parecia não ter. Talvez sua idade tornasse mais fácil se adaptar ao novo mundo estranho em que ela se encontrou vivendo.

As pessoas geralmente eram agradáveis comigo, concedendo a mim a simpatia distante reservada aos funcionários. Meu status como assistente pessoal de Churchill assegurava que eu fosse bem tratada. Eu podia dizer quando um antigo cliente do Salão One me reconhecia, mas não conseguia descobrir onde tínhamos nos encontrado. Os círculos que os Travis ocupavam eram cheios de pessoas com alto padrão de vida, algumas com linhagem e ricas, outras apenas ricas. Mas quer eles ganharam ou herdaram o seu lugar no topo, eles estavam determinados a apreciá-lo.

A alta sociedade de Houston é loira, bronzeada, e bem vestida. Também é torneada e magra, apesar do lugar anual da cidade na lista das Dez Mais Gordas. As pessoas ricas estão em ótima forma. É o resto de nós, os amantes de burritos e Dr. Pepper^[51] e bife empanado, que engorda a média. Se você não pode pagar uma adesão de academia em Houston, você será gordo. Você não pode correr fora com tantos dias de calor acima dos 35° e níveis letais de hidrocarbonetos no ar. E mesmo que não fosse pela péssima qualidade do ar, lugares públicos como o Memorial Park podem ser lotados e perigosos.

Como os Houstonianos não são orgulhosos demais para tomar o caminho mais fácil, a cirurgia plástica é mais popular aqui do que em qualquer lugar exceto a Califórnia. Parece que todo mundo já fez algum tipo de cirurgia. Se você não puder pagar por uma nos Estados Unidos, você pode atravessar a fronteira para conseguir implantes ou uma lipoaspiração por uma bagatela. E se você colocá-la em seu cartão de crédito, você pode ganhar milhagens suficientes para pagar por passagens da Southwest.

Uma vez, eu acompanhei Gretchen a um almoço Botox ou Franja. Gretchen me pediu para levá-la, pois ela tende a ter dores de cabeça depois de Botox. Era uma refeição toda branca, e por isso não quero dizer a cor dos convidados, mas a comida em si. Começou com sopa branca—couve-flor e gruyere^{52}—uma salada crocante de jicama^{53} branca e aspargo branco com molho de manjeriço, um prato principal de frango e peras cozidos num delicioso caldo claro, e uma sobremesa de torta de chocolate branco e coco.

Eu estava mais que feliz por comer na cozinha e assistir os empregados. Os três trabalhavam juntos com a precisão das partes de um relógio. Era quase como uma dança, o modo como eles se moviam e se viravam e nem mesmo uma vez esbarravam uns nos outros.

Quando era hora de ir, cada convidado recebeu um cachecol de seda Hermes como lembrança. Gretchen me deu o dela assim que entramos no carro. — Aqui, querida, este é o seu presente por dirigir para mim.

— Oh não, — eu protestei. Eu não sabia exatamente quanto o cachecol custava, mas eu sabia que qualquer coisa Hermes tinha que ser insanamente cara. — Você não tem que me dar isso, Gretchen.

— Pegue, — ela insistiu. — Eu já tenho muitos iguais a este.

Foi difícil para mim, aceitar o presente educadamente. Não porque eu não estivesse agradecida, mas porque depois de anos economizando centavos, eu estava desnorteada com tanta extravagância.

Eu comprei um par de walkie-talkies para mim e Churchill, e eu usava um preso ao meu cinto todo o tempo. Ele deve ter me chamado a cada quinze minutos nos primeiros dois dias. Ele não apenas estava encantado com a conveniência disso, mas era um alívio para ele não se sentir tão isolado em seu quarto.

Carrington me atazanava constantemente para emprestar a ela o walkie-talkie. Toda vez que eu cedia e o deixava com ela por dez minutos, ela perambulava pela casa conversando com Churchill, os corredores ecoando coisas como — c}mbio — e — copia — e — você está rompendo, amigo —. Logo eles tinham feito um acordo no qual Carrington seria a garota de recados de Churchill durante a hora antes do jantar, e ela teria seu próprio walkie-talkie. Se ele não aparecesse com tarefas suficientes para ela, ela reclamaria até que ele fosse forçado a inventar coisas para mantê-la ocupada. Uma vez eu o flagrei

atirando o controle remoto ao chão, para que Carrington pudesse ser contatada para um resgate.

No começo, eu fiz muitas compras para Churchill, tentando encontrar soluções para problemas causados pelo gesso. Ele ressentia a humilhação de ser forçado a vestir calças de moletom o tempo todo, mas não havia maneira de ele usar calças comuns sobre o grosso do gesso. Eu encontrei um meio-termo com o qual ele podia conviver: uns poucos pares de calças de escalada com zíper nas pernas, que permitiam a ele tirar uma perna para expor o gesso e deixar a outra perna longa. Elas ainda eram mais casuais do que ele teria preferido, mas ele admitia que eram melhores do que as de moletom.

Eu comprei metros de tubo de algodão para cobrir o gesso de Churchill todas as noites, para impedir que a fibra de vidro fizesse buracos nos lençóis de oitocentos fios de sua cama. E o meu melhor achado foi numa loja de ferragens, uma longa ferramenta de alumínio com uma alça numa ponta e uma mandíbula mecânica na outra, permitindo a ele pegar coisas que ele não poderia alcançar de outro modo.

Rapidamente caímos numa rotina. Gage visitaria cedo a cada manhã e retornaria para a Rua Principal, número 1800, onde ele trabalhava e morava. Os Travis eram donos do prédio inteiro, que ficava próximo ao Centro Banco da América e as torres de vidro azul que já foram os Centros Enron Norte e Sul. Aquele já havia sido o mais indescritível prédio em Houston, uma simples caixa cinzenta. Mas Churchill o tinha adquirido em uma barganha e havia reconstruído e remodelado o prédio; ele havia sido descascado, recoberto com uma película azul de vidro de baixa emissividade, e encimado com uma pirâmide de segmentos de vidro que me lembrava de uma alcachofra.

O prédio era preenchido com luxuosos espaços para escritórios, dois restaurantes caros, e quatro coberturas custando vinte milhões de dólares cada uma. Havia também um condomínio com meia dúzia de apartamentos, relativamente baratos a cinco milhões cada. Gage vivia em um destes e Jack e em outro. O filho caçula de Churchill, Joe, que não gostava de morar em lugares altos, havia optado por uma casa.

Quando Gage vinha para ajudar Churchill a tomar banho e se vestir, ele frequentemente trazia materiais de pesquisa para seu livro. Eles analisariam relatórios, artigos e orçamentos por alguns minutos, debatendo uma questão

ou outra. Ambos pareciam se divertir muito nessas discussões. Eu tentava me mover discretamente pela sala, retirando a bandeja de café da manhã de Churchill e trazendo mais café para ele, e arrumando seu bloco de notas e gravador. Gage intencionalmente me ignorava. Entendendo que até mesmo o fato de eu estar respirando era irritante para ele, eu tentava ficar fora de seu caminho. Não nos falávamos se passássemos um pelo outro nas escadas. Quando, uma manhã, Gage deixou suas chaves no quarto de Churchill e eu tive que correr atrás dele para devolvê-las, ele mal teve a coragem de me agradecer.

— Ele é assim com todo mundo, — Churchill me dissera. Embora eu nunca tivesse dito uma palavra sobre a frieza de Gage, ela era óbvia. — Sempre foi reservado—ele leva tempo para se acostumar com as pessoas.

Ambos sabíamos que isso não era verdade. Eu era o alvo de uma antipatia direcionada. Eu assegurei Churchill de que isso não me incomodava nem um pouco. Tampouco isso era verdade. Sempre foi a minha maldição agir agradando os outros. Isso já é ruim o bastante, mas quando você é assim na companhia de alguém que está determinado a pensar o pior de você, você é um miserável. Minha única defesa era criar uma antipatia que igualava a de Gage, e para esse fim, ele estava sendo muito prestativo.

Depois que Gage tivesse saído, a melhor parte do dia começava. Eu sentava num canto com o laptop e digitava as notas e páginas manuscritas de Churchill, ou trabalhava com suas gravações. Ele me encorajava a perguntar sobre qualquer coisa que eu não entendesse, e ele tinha um dom para explicar as coisas em termos que eu podia entender facilmente.

Eu fazia telefonemas e escrevia e-mails para ele, organizava sua agenda, tomava notas quando pessoas vinham até a casa para reuniões; Churchill geralmente presenteava visitantes estrangeiros com presentes tais como gravatas de corda ou garrafas de Jack Daniel's. Para o Sr. Ichiro Tokegawa, um negociante japonês amigo de Churchill há anos, nós demos um chapéu de cowboy Stetson de pele de chinchila e castor que custou quatro mil dólares. Enquanto eu sentava quieta nesses encontros, eu ficava fascinada pelas percepções que eles compartilhavam e as diferentes conclusões que eles tiravam de uma mesma informação. Mas mesmo quando eles discordavam, ficava claro que as pessoas respeitavam as opiniões de Churchill.

Todos comentavam sobre quão bem Churchill aparentava estar, apesar do que ele tinha passado, que obviamente nada poderia mantê-lo para baixo. Mas custava a Churchill manter aquela aparência. Após seus convidados irem embora, ele parecia desinflar-se, ficando cansado e queixoso. Os longos períodos sedentários o deixavam com frio, e eu estava constantemente enchendo garrafas de água quente e colocando cobertores sobre ele. Quando ele tinha câimbras, eu massageava seus pés e a sua perna boa e o ajudava com exercícios com o pé e o dedão para prevenir aderências.

— Você precisa de uma esposa, — eu disse a ele uma manhã, quando vim pegar sua bandeja de café.

— Eu tive uma esposa, — disse ele. — Duas boas esposas, na verdade. Tentar outra seria como pedir ao destino para levar um chute no traseiro. Além do mais, eu me dou bem o bastante com as minhas namoradas.

Eu conseguia ver sentido naquilo. Não havia razão prática para Churchill se casar. Não era como se ele tivesse dificuldade em encontrar companhia feminina. Ele recebia telefonemas e notas de uma variedade de mulheres, uma delas uma atraente viúva chamada Vivian que às vezes pernoitava lá. Eu estava plenamente certo de que eles dormiam juntos, apesar da logística necessária para manobrar a perna quebrada. Depois de uma noite de namoro, Churchill estava sempre de bom humor.

— Por que você não arruma um marido? — Churchill replicou. — Você não deveria esperar tanto ou você vai ficar estagnada no seu jeito atual de ser.

— Até agora eu não encontrei alguém com quem valha a pena se casar, — eu disse, fazendo Churchill rir.

— Escolha um de meus garotos, — ele disse. — Jovens animais saudáveis. Todos materiais de primeira como maridos.

Eu revirei os olhos. — Eu não escolheria um dos seus filhos nem pintado de ouro.

— Por que não?

— Joe é muito jovem. Jack é um mulherengo e não está pronto para esse tipo de responsabilidade, e Gage... bem, questões de personalidade à parte, ele só namora mulheres cujo índice de gordura corporal está na casa de um dígito.

Uma nova voz entrou na conversa. — Isso não é realmente uma exigência.

Olhando por cima do meu ombro, eu vi Gage entrando na sala. Eu me encolhi, fervorosamente desejando que eu tivesse mantido minha boca fechada.

Eu havia me perguntado por que Gage namoraria alguém como Dawnelle, que era bonita, mas parecia não ter outros interesses além de compras ou a leitura de colunas de fofocas de Hollywood. Jack a tinha resumido melhor: — Dawnelle é quente. Mas dez minutos em sua companhia, e você pode sentir seu QI diminuindo.

A única conclusão possível é que Dawnelle estava saindo com Gage por causa de seu dinheiro e posição, e ele estava a usando como um troféu, e seu relacionamento consistia em nada mais que sexo sem sentido.

Deus, eu os invejava.

Eu sentia falta de sexo, mesmo o sexo medíocre que tive com Tom. Eu era uma mulher saudável de vinte e quatro anos, e eu tinha impulsos sem meios para satisfazê-los. Sexo sozinha não conta. É como a diferença entre pensar consigo mesmo e ter uma boa conversa com alguém—o prazer está no contato. E parecia que todos tinham uma vida amorosa, menos eu. Até mesmo Gretchen.

Uma noite, eu tomei uma caneca do chá para tensão que eu muitas vezes fiz para Churchill, para ajudá-lo a dormir. Não teve efeito nenhum em mim. Meu sono havia sido agitado, e eu acordei com os lençóis torcidos como cordas em torno das minhas pernas, e minha cabeça estava preenchida com imagens eróticas que, desta vez, não tinham nada a ver com Hardy. Eu sentei ereta de um sonho no qual as mãos de um homem haviam estado brincando suavemente entre minhas coxas, a boca dele em meu seio, e enquanto eu me contorcia e implorava por mais, eu tinha visto os olhos dele flamejarem prata na escuridão.

Ter um sonho erótico sobre Gage Travis era a coisa mais embaraçosa, estúpida e confusa que já havia acontecido comigo. Mas a impressão do sonho, o calor e a escuridão e o tira-e-põe, demorava no canto de minha mente. Era a primeira vez que eu me sentia atraída sexualmente por um homem que eu não suportava. Como isso era possível? Era uma traição a todas as memórias de Hardy. Mas aqui estava eu, desejando um estranho frio que não poderia ter se importado menos comigo.

Frívolo, eu me repreendi, mortificada pela direção de meus próprios pensamentos. Eu mal podia suportar olhar para Gage enquanto ele entrava na sala de Churchill.

— É bom ouvir isso, — disse Churchill, em referência ao comentário anterior de Gage. — Porque eu não vejo como uma mulher em forma de pau de picolé vai me dar netos saudáveis.

— Se eu fosse você, — Gage respondeu, — eu não me preocuparia com netos por um tempo. — Ele se aproximou da cama. — Seu banho tem que ser rápido hoje, Pai. Eu tenho uma reunião às nove horas com Ashland.

— Você parece bem mal, — Churchill disse, dando-lhe um olhar avaliador. — Qual é o problema?

Nessa parte, eu superei minha vergonha tempo bastante para olhar para Gage. Churchill tinha razão. Gage realmente parecia mal. Ele estava pálido sob seu bronzeado, sua boca cercada por duras linhas. Ele sempre pareceu tão inesgotável, que foi surpreendente vê-lo com sua vitalidade normal drenada.

Suspirando, Gage passou a mão pelo cabelo, deixando um pedaço de pé no final. — Eu tenho uma dor de cabeça que não passa. — Ele esfregou as têmporas com cautela. — Eu não dormi a noite passada. Sinto como se tivesse sido atingido por um caminhão de dezoito rodas.

— Você tomou algo para isso? — Eu perguntei. Eu raramente falava diretamente com ele.

— Sim. — Ele olhou para mim com olhos injetados.

— Porque se não

— Eu estou bem.

Eu sabia que ele estava com uma dor considerável. Um homem Texano dirá que está bem mesmo que tenha acabado de ter um membro amputado e esteja sangrando até a morte na sua frente.

— Eu poderia pegar uma bolsa de gelo e analgésicos, — eu disse cautelosamente. — Se você

— Eu disse que estou bem, — Gage explodiu, e se virou para o pai. — Vamos lá, vamos começar. Já estou ficando atrasado.

Babaca, pensei, e levei a bandeja de Churchill da sala.

Nós não vimos Gage por dois dias depois daquilo. Jack foi convocado para vir em seu lugar. Como Jack tinha o que ele chamava de — inércia do sono —, eu tinha verdadeiras preocupações pela segurança do Churchill no banho de chuveiro. Embora Jack se movesse, conversasse, e desse a aparência de um ser humano funcionando, ele não estava realmente lá até o meio-dia. Na verdade, a inércia do sono parecia muito com uma ressaca para mim. Xingando, tropeçando, e prestando pouca atenção ao que alguém dissesse, Jack era mais um obstáculo do que uma ajuda. Churchill observou irritado que a inércia de sono do Jack melhoraria muito se ele não saísse atrás de mulheres durante metade da noite.

Gage, enquanto isso, estava de cama com gripe. Como ninguém conseguia lembrar a última vez que ele tinha estado doente o suficiente para tirar um dia de folga, todos nós concordamos que ela deveria tê-lo pego de jeito. Ninguém ouviu falar dele, e quando quarenta e oito horas se passaram e Gage ainda não estava atendendo ao telefone, Churchill começou a se preocupar.

— Tenho certeza que ele está apenas descansando, — eu disse.

Churchill respondeu com um grunhido evasivo.

— Dawnelle provavelmente está cuidando dele, — eu disse.

Isso me valeu um olhar de amargo ceticismo.

Eu estava tentada a apontar que seus irmãos deveriam visitá-lo. Então lembrei que Joe tinha ido para a Ilha de St. Simon com sua namorada por dois dias. E as habilidades de cuidados de Jack haviam sido forçadas até o seu limite depois de ajudar seu pai com o banho por duas manhãs seguidas. Eu tinha bastante certeza que ele iria se recusar na hora a ir a qualquer outro problema por familiares necessitados.

— Você quer que eu de uma olhada nele? — Perguntei relutantemente. Era a minha noite de folga, e eu tinha planejado sair para um filme com Angie e algumas meninas do salão One. Eu não as via há algum tempo, e estava ansiosa para atualizar as novidades. — Acho que eu poderia parar na Principal 1800 no caminho para me encontrar com minhas amigas

— Sim, — disse Churchill.

Fiquei instantaneamente arrependida de ter feito a oferta. — Eu duvido que ele me deixe entrar. — — Eu lhe darei uma chave, — Churchill disse. —

Não é do feitio de Gage ficar isolado assim. Eu quero saber se ele está bem.

Para alcançar os elevadores residenciais da Principal 1800, você precisava passar por um pequeno saguão com pavimentação de mármore e uma escultura de bronze que parecia uma pera amassada. Havia um porteiro vestido de preto com ornamentação dourada, e duas pessoas atrás do balcão da recepção. Eu tentei parecer como se eu pertencesse a um edifício com apartamentos de milhões de dólares. — Eu tenho uma chave, — eu disse, fazendo uma pausa para mostrar a eles. — Estou visitando o Sr. Travis.

— Tudo bem, — a mulher atrás do balcão disse. — Você pode subir, Senhorita...

— Jones, — eu disse. — O pai dele me mandou para verificá-lo.

— Está tudo certo. — Ela me acenou em direção a um conjunto de portas deslizantes automáticas com painéis de vidro jateado. — Os elevadores estão ali.

Senti com se precisasse convencê-la de alguma coisa. — O Sr. Travis tem estado doente há alguns dias, — disse.

Ela pareceu sinceramente preocupada. — Oh, isso é muito ruim.

— Então, eu só vou lá em cima bem rápido para checá-lo. Ficarei por apenas alguns minutos.

— Tudo bem, Senhorita Jones.

— Ok, obrigado. — Eu levantei a chave apenas no caso de ela não ter visto na primeira vez.

Ela respondeu com um sorriso paciente e balançou a cabeça em direção aos elevadores novamente.

Eu atravessei as portas de correr de vidro e entrei em um elevador com painéis de madeira e um chão de azulejos branco e preto e um espelho com moldura de bronze. O elevador se moveu tão rapidamente, que mal tive tempo de piscar antes de atingir o 18º andar.

Os estreitos corredores sem janelas formavam um grande H. Estava nervosamente calmo. Meus passos eram abafados por um tapete de lã claro, esponjoso sob os pés. Fui para o corredor à direita e examinei números de porta até que encontrei o 18A. Bati com firmeza.

Nenhuma resposta.

Uma batida mais forte não teve resultados.

Agora eu estava começando a ficar preocupada. E se Gage estivesse inconsciente? E se ele tivesse pegado dengue ou a doença da vaca louca ou a gripe aviária? E se ele fosse contagioso? Eu não estava muito entusiasmada com a ideia de pegar alguma doença exótica. Por outro lado, eu havia prometido a Churchill que iria checá-lo.

Uma vasculhada em minha bolsa, e eu encontrei a chave. Mas logo antes de eu inseri-la na fechadura, a porta se abriu. Fui confrontada com a visão de Gage Travis parecendo um cadáver fresco. Ele estava descalço, vestido com uma camiseta cinza e calça de flanela xadrez. Seu cabelo não havia sido penteado há dias. Ele olhou para mim através de turvos olhos avermelhados e passou os braços em torno de si. Ele estremecia com os tremores de um grande animal na hora do abate.

— O que você quer? — Sua voz soava como folhas secas esmagadas.

— Seu pai me enviou para— — Eu parei quando o vi tremer novamente. Contra todo o meu melhor juízo, levantei minha mão e a coloquei em sua testa. Sua pele estava em chamas.

Era um sinal do quão doente Gage estava que ele tenha deixado que eu o tocasse. Ele fechou os olhos | frieza de meus dedos. — Deus, isso é bom.

Não importa se eu tivesse fantasiado em ver meu inimigo humilhado. Eu não podia ter prazer em vê-lo reduzido a um estado tão lastimável.

— Por que você não atendeu ao telefone?

O som da minha voz parecia chamar Gage a si mesmo, e ele jogou a cabeça para trás. — Não ouvi, — ele disse com uma carranca. — Eu estava dormindo.

— Churchill tem estado preocupado até a morte. — Eu procurei em minha bolsa novamente. — Vou ligar para ele e avisá-lo que você ainda está vivo.

— Esse telefone não funcionará no corredor. — Ele se virou e voltou para seu apartamento, deixando a porta aberta.

Eu o segui e fechei a porta.

O apartamento era lindamente decorado com acessórios hipermodernos e

iluminação indireta, e um par de pinturas de círculos e quadrados que até mesmo meus olhos destreinados podiam dizer que eram inestimáveis. Havia paredes com nada além de janelas, revelando amplas vistas de Houston enquanto o sol afundava em direção a um leito de cor no horizonte distante. A mobília era contemporânea, feito de madeiras nobres e tecidos coloridos naturalmente, nenhuma ornamentação extra de qualquer espécie. Mas era muito intocado, muito arrumado, sem uma almofada ou travesseiro ou qualquer sugestão de maciez. E havia uma qualidade morta e plástica no ar, como se ninguém tivesse vivido lá por um tempo.

A cozinha aberta era equipada com bancadas de quartzo cinza, armários pretos envernizados, e utensílios de aço inoxidável. Era estéril, sem clima, uma cozinha onde cozinhar era raramente feito. Eu fiquei de pé ao lado de um balcão e liguei para Churchill do meu celular.

— Como ele está? — Churchill gritou quando ele atendeu.

— Não muito bem. — Meu olhar seguiu a forma alta de Gage enquanto ele cambaleava para um sofá geometricamente perfeito e desabava sobre ele. — Ele tem uma febre, e ele está muito fraco para arrastar um gato.

— Por que diabos, — veio a voz descontente de Gage do sofá, — eu iria querer arrastar um gato?

Eu estava muito ocupada ouvindo Churchill para responder. Eu reportei, — Seu pai quer saber se você está tomando qualquer tipo de medicação antiviral.

Gage sacudiu a cabeça. "Tarde demais. O médico disse que se você não tomar nas primeiras quarenta e oito horas, não vai fazer nenhum efeito.

Eu repeti as informações a Churchill, que estava altamente irritado e disse que se Gage tinha sido tão idiota e teimoso para esperar tanto tempo, ele merecia muito bem apodrecer. E então ele desligou.

Um breve e pesado silêncio.

— O que ele disse? — Gage perguntou sem muita curiosidade.

— Ele disse que espera que você se sinta melhor logo, e lembre-se de beber muitos líquidos.

— Besteira. — Ele rolou a cabeça no encosto do sofá, como se fosse muito

pesado de levantar. — Você fez o seu dever. Pode ir agora.

Isso soava bem para mim. Era sábado à noite, minhas amigas estavam esperando, e eu mal podia esperar para sair deste lugar elegantemente estéril. Mas estava tão quieto. E quando eu me virei para a porta, eu sabia que minha noite já estava arruinada. A ideia de Gage doente e sozinho num apartamento escuro iria me atormentar a noite toda.

Eu virei de volta e me aventurei na sala de estar, com sua lareira com fachada de vidro e televisão silenciosa. Gage continuava de bruços no sofá. Não pude deixar de notar a camisa justa contra os seus braços e peito. Seu corpo era alto, magro, disciplinado como o de um atleta. Então era isso que ele tinha escondido sob os ternos escuros e camisas Armani.

Eu deveria ter sabido que Gage abordaria exercícios como ele o fazia com tudo, nenhuma piedade pedida, nenhuma dada. Até mesmo às portas da morte ele era notavelmente bonito, suas feições formadas com uma austeridade forte que não devia nada à infantilidade. Ele era o Prada dos solteiros. Relutantemente eu admiti que, se Gage tivesse tido um pouco só de charme, eu teria pensado que ele era o homem mais sexy que eu já conheci.

Ele abriu lentamente os olhos enquanto eu ficava de pé ao seu lado. Algumas mechas de cabelo preto haviam caído sobre sua testa, tão diferente de sua rígida ordem habitual. Eu queria alisá-las para trás. Eu queria tocá-lo novamente.

— O quê? — ele perguntou curtamente.

— Você já tomou alguma coisa para a febre?

— Tylenol.

— Você tem alguém vindo para ajudá-lo?

— Me ajudar com o quê? — Ele fechou os olhos. — Eu não preciso de nada. Eu posso cuidar disso sozinho.

— Cuidar disso sozinho, — repeti, zombando gentilmente. — Diga-me, caubói, quando foi a última vez que você comeu alguma coisa?

Nenhuma resposta. Ele permaneceu imóvel, os crescentes dos seus cílios pesados contra seu rosto pálido. Ou ele tinha desmaiado, ou estava esperando que eu fosse um sonho ruim que desapareceria se ele mantivesse os olhos

fechados.

Fui para a cozinha e abri os armários metodicamente, encontrando bebida alcoólica cara, louças modernas, pratos pretos em forma de quadrados em vez de círculos. Localizando o armário de alimentos, descobri uma caixa de Wheaties^{54} de idade indeterminada, uma lata de consome^{55} de lagosta, alguns frascos de temperos exóticos. O conteúdo da geladeira eram tão lamentáveis quanto. Uma garrafa de suco de laranja, quase vazia. Uma caixa branca de confeitaria contendo dois kolaches⁵⁹ secos. Um quarto de leite com creme, e um ovo marrom solitário em uma caixa de espuma.

— Nada apto para consumo, — eu disse. — Passei por uma mercearia a poucas ruas de distância. Vou correr até lá e comprar algo

— Não, eu estou bem. Eu não posso comer nada. Eu... — Ele conseguiu levantar a cabeça. Era evidente que ele estava tentando desesperadamente encontrar a combinação mágica de palavras que me faria ir embora. — Eu aprecio isso, Liberty, mas eu só... —sua cabeça caiu de volta— —preciso dormir.

"Ok". Peguei minha bolsa e hesitei, pensando melancolicamente em Angie e minhas amigas e no filme para garotas que havíamos planejado ver. Mas Gage parecia tão malditamente indefeso, seu grande corpo dobrado sobre aquele sofá duro, seu cabelo bagunçado como o de um garotinho. Como o herdeiro de uma enorme fortuna, um empresário bem sucedido por si mesmo, para não mencionar um solteiro extremamente cobiçado, acaba doente e sozinho em seu apartamento de cinco milhões de dólares? Eu sabia que ele tinha mil amigos. Para não mencionar uma namorada.

— Onde está Dawnelle? — Eu não pude resistir de perguntar.

— Sessão de fotos para a Cosmo na próxima semana, — ele murmurou. — Não quer pegar isso.

— Eu não a culpo. O que quer que você tenha, não parece nada divertido.

A sombra de um sorriso cruzou seus lábios secos. — Confie em mim. Não é.

A breve dica de um sorriso pareceu fender em alguma fissura invisível do meu coração e ampliá-la. De repente, meu peito parecia apertado e muito quente.

— Você precisa comer alguma coisa, — eu disse de forma decisiva, — mesmo que seja apenas um pedaço de torrada. Antes que o rigor mortis se instale. — Eu levantei meu dedo como uma professora severa quando ele começou a dizer alguma coisa. — Eu estarei de volta em quinze ou vinte minutos.

Sua boca ficou sombria. — Eu estou trancando a porta.

— Eu tenho uma chave, lembra? Você não pode me manter fora. — Joguei minha bolsa por sobre o ombro com uma indiferença que eu sabia que iria aborrecê-lo. — E enquanto eu estiver fora—estou tentando colocar isso diplomaticamente, Gage—não seria uma coisa ruim se você tomasse um banho.

..... CAPÍTULO 18

Liguei para Angie no meu carro e pedi desculpas por ter que desmarcar com ela. — Eu estava realmente ansiosa para isso, — eu disse. — Mas o filho de Churchill está doente, e eu preciso fazer algumas tarefas para ele.

— Que filho?

— O mais velho, Gage. Ele é um idiota, mas está com o pior caso de gripe que eu já vi. E ele é favorito de Churchill. Então eu não tenho escolha. Sinto muito. Eu

— Muito bem, Liberty!

— Huh?

— Você está pensando como uma garota mantida.

"Eu estou?"

— Agora você tem um plano B no caso do seu coroa rico principal dispensar você... Mas seja cuidadosa. Você não quer perder seu coroa, enquanto está enrolando o filho.

— Eu não estou enrolando ninguém, — protestei. — Esta é uma simples compaixão por um companheiro humano. Acredite em mim, ele não é um plano B.

— Claro que ele não é. Ligue-me, querida, e deixe-me saber o que acontece.

— Nada vai acontecer, — eu disse. — Nós não suportamos um ao outro.

— Sua garota de sorte. Esse é o melhor tipo de sexo.

— Ele está meio morto, Angie.

— Ligue-me mais tarde, — ela repetiu, e desligou.

Em cerca de quarenta e cinco minutos eu voltei para o apartamento com dois sacos de mantimentos. Gage não estava à vista. Quando segui uma trilha de lenços de papel embolados até o quarto, eu ouvi os sons de um chuveiro ligado, e sorri quando percebi que ele tinha aceitado a minha sugestão. Voltei para a cozinha, pegando os lenços ao longo do caminho, e os deposei em uma lixeira que parecia como se nunca tivesse sido usada. Isso estava prestes a

mudar. Eu tirei os mantimentos dos sacos, afastei cerca de metade deles, e lavei uma galinha de um quilo e meio na pia antes de colocá-la em uma panela para ferver.

Encontrando um canal de notícias na TV a cabo, aumentei o volume para que eu pudesse ouvir enquanto estivesse cozinhando. Eu ia fazer caldo de galinha com bolinhos cozidos, o melhor remédio que eu conhecia. Minha versão era muito boa, mas nada chegava perto da versão da Senhorita Marva.

Coloquei um monte de farinha de trigo em uma tábua de corte. Parecia seda nos meus dedos. Eu me sentia como se nunca tivesse cozinhado nada desde sempre. Eu não tinha percebido o quanto eu sentia falta daquilo. Eu amassei manteiga na farinha até que se formassem migalhas suaves. Depois de fazer um pequeno buraco no alto do monte, eu quebrei um ovo e despejei seu conteúdo gelatinoso na depressão. Eu trabalhei rapidamente com os dedos, misturando da forma que a Senhorita Marva havia me ensinado. A maioria das pessoas usa um garfo, ela havia dito, mas algo sobre o calor das suas mãos faz a massa ficar melhor.

A única dificuldade surgiu quando eu cacei pela cozinha um rolo de amassar e não havia nenhum a ser encontrado. Eu improvisei com um copo cilíndrico comprido, cobrindo-o com farinha. Ele funcionou perfeitamente, criando uma folha plana e igual, que eu cortei em tiras.

Vendo movimento com o canto do meu olho, eu olhei para o corredor. Gage estava lá parecendo perplexo. Ele estava vestindo uma camiseta branca limpa e velhas calças de moletom cinza. Seus longos pés ainda estavam nus. Seu cabelo, brilhante como laços, estava úmido pela lavagem recente. Ele estava tão diferente do Gage engomado, elegante, e abotoado que eu estava acostumada, eu acho que provavelmente pareci tão confusa quanto ele. Pela primeira vez eu o vi como um ser humano acessível, em vez de algum tipo de hiper-vilão.

— Eu não achava que você fosse voltar, — ele disse.

— E perder a minha chance de ficar mandando em você por aí?

Gage ficou me olhando enquanto ele abaixava-se cuidadosamente para o sofá. Ele parecia enfraquecido e trêmulo.

Enchi um copo com água e levei-lhe dois comprimidos de ibuprofeno. —

Tome

estes.

— Eu já tomei Tylenol.

— Se você alternar com ibuprofeno a cada quatro horas, vai fazer a febre baixar mais rapidamente.

Ele tomou os comprimidos e os encharcou para baixo com um grande gole de água.

— Onde você ouviu isso?

— Pediatra. É o que me dizem toda vez que Carrington tem uma febre. — Percebendo os arrepios na pele dele, eu fui acender a lareira. Um toque em um botão, e chamas reais jorraram por entre toras de cerâmica esculpida. — Mais calafrios? — Perguntei simpaticamente. — Você tem uma manta?

— Há uma no quarto. Mas eu não preciso—

Eu estava no meio do corredor antes que ele pudesse terminar.

Seu quarto era decorado no mesmo estilo minimalista do resto do apartamento, a cama de plataforma baixa coberta em creme e azul-marinho, com dois travesseiros perfeitos posicionados contra a brilhante parede com painéis de madeira. Havia apenas uma imagem, uma pintura a óleo de uma cena de oceano calmo.

Encontrando uma manta de cashmere marfim jogada no chão, eu a levei de volta para a sala de estar junto com um travesseiro. — Aqui está, — eu disse rapidamente, cobrindo-o com a manta. Fiz um gesto para ele se sentar, e coloquei o travesseiro em suas costas. Assim que me debrucei sobre ele, eu ouvi uma rápida dificuldade em sua respiração. Hesitei antes de voltar para trás. Ele cheirava tão bem, tão limpo e masculino, e lá estava o mesmo perfume indescritível que eu tinha notado antes, como âmbar, algo morno e veranesco. Aquilo me atraía com tanta força que eu encontrei dificuldade para me afastar dele. Mas a proximidade era perigosa, estava fazendo com que algo se desvendasse no meu interior, algo para o qual eu não estava pronta. E então a coisa mais estranha aconteceu... Ele deliberadamente virou o rosto para que uma mecha solta do meu cabelo deslizasse contra o seu rosto enquanto eu recuava.

— Sinto muito, — eu disse sem fôlego, embora eu não soubesse pelo quê.

Ele deu uma breve sacudida de cabeça. Eu fui apanhada pelo seu olhar, aqueles hipnóticos olhos claros com os anéis cor de carvão de em torno da íris. Eu toquei sua testa com a mão, testando a sua temperatura. Ainda muito quente, um fogo constante abaixo da pele.

— Então... Você tem algo contra almofadas? — Eu perguntei, retirando minha mão.

— Eu não gosto de desordem.

— acredite em mim, este é o lugar mais sem desordem em que eu já estive.

Ele olhou por cima do meu ombro para a panela no fogão. — O que você está fazendo?

— Galinha com bolinhos.

— Você é a primeira pessoa que já cozinhou naquela cozinha. Além de mim.

— Sério? — Eu alcancei o meu cabelo e reamarrei meu rabo de cavalo, puxando para trás as partes dispersas que haviam caído em torno de meu rosto. — Eu não sabia que você tinha uma mão na cozinha.

Um de seus ombros levantou na menor contração de um encolher de ombros. — Eu fiz uma aula com uma namorada um par de anos atrás. Parte do aconselhamento de casais.

— Você estava noivo?

— Não, só saindo com ela. Mas quando eu quis terminar, ela quis tentar um aconselhamento antes, e eu pensei por que diabos não.

— Então, o que o terapeuta disse? — Eu perguntei, achando graça.

— Ela sugeriu que encontrássemos alguma coisa que pudéssemos aprender juntos, como dança de salão ou fotografia. Optamos por cozinha de fusão.

— O que é isso? Soa como um experimento científico.

— Uma mistura de estilos de cozinha... japonesa, francesa e mexicana. Como um molho de salada de saquê com salsa.

— Então isso ajudou? — Eu perguntei. — Com a namorada, quero dizer?

Gage sacudiu a cabeça. — Nós terminamos no meio do curso. Acontece

que ela odiava cozinhar, e ela decidiu que eu tinha um medo incurável de intimidade.

— Você tem?

— Não tenho certeza. — Seu sorriso lento, o primeiro sorriso verdadeiro que eu já tinha ganhado dele, fez com que meu coração batesse pesadamente. — Mas eu posso fazer vieiras^{56} tostadas na frigideira como ninguém.

— Você terminou o curso sem ela?

— Inferno, sim. Eu paguei por ele.

Eu ri. — Eu também tenho medo de intimidade, de acordo com meu último namorado.

— Ele estava certo?

— Talvez. Mas acho que se é a pessoa certa, você não teria de trabalhar tão arduamente na intimidade. Eu acho—espero—que isso simplesmente aconteça naturalmente. Porque senão, se abrir para a pessoa errada... — Eu fiz uma careta.

— Como colocar munição em suas mãos.

— Exatamente. — Pegando o controle da TV, eu o entreguei para ele. — ESPN? — Sugeri, e voltei para a cozinha.

— Não. — Gage deixou no canal de notícias e abaixou o volume. —Eu estou muito fraco para conseguir aguentar um jogo. A emoção ia me matar.

Eu lavei minhas mãos e comecei a colocar as tiras de massa em cima do caldo de galinha em fogo brando. O ar estava cheio com um cheiro familiar. Gage deslocou-se no sofá para me assistir. Agudamente consciente do seu olhar ininterrupto, eu murmurei, —Beba sua água. Você está desidratado.

Ele obedeceu, pegando o copo na mão. — Você não deveria estar aqui, — disse ele. — Você não está preocupada em pegar a gripe?

— Eu nunca fico doente. Além disso, eu tenho essa compulsão por cuidar dos Travis doentes.

— Você deve ser a única. Nós Travis somos mal-humorados como o inferno quando estamos doentes.

— Você não é tão legal assim quando está bem, também.

Gage afogou um sorriso no copo de água. — Você poderia abrir um pouco de vinho, — disse ele finalmente.

— Você não pode beber quando está doente.

— Isso não significa que você não possa. — Ele colocou a água na mesinha e apoiou a cabeça contra o encosto do sofá.

— Você está certo. Depois de tudo o que eu estou fazendo por você, você definitivamente me deve um copo de vinho. O que vai bem com sopa de galinha?

— Um branco neutro. Procure no refrigerador de vinhos por um pinot blanc ou chardonnay.

Como eu não sabia nada sobre vinho, eu geralmente escolhia de acordo com o design do rótulo. Encontrei uma garrafa de vinho branco com delicadas flores vermelhas e palavras em francês, e servi-me um copo. Usando uma colher grande, eu empurrei os bolinhos mais profundamente na panela e adicionei outra camada.

— Você namorou ele por um longo tempo? — Ouvi Gage perguntar. — Seu último namorado.

— Não. — Agora que os bolinhos estavam todos dentro, eles precisavam ferver por um tempo. Voltei para a sala, segurando meu vinho. — Parece que eu nunca namoro alguém por muito tempo. Todas as minhas relações são curtas e doces. Bem... Curtas, de qualquer maneira.

— As minhas também.

Eu sentei em uma cadeira de couro perto do sofá. Era elegante, mas desconfortável, em formato de cubo e envolta em uma moldura de cromo polido. — Acho que isso é ruim, não é?

Ele sacudiu a cabeça. — Não deveria demorar muito tempo para descobrir se alguém é certo para você. Se isso acontecer, você ou é estúpido, ou cego.

— Ou você está namorando um tatu.

Gage me lançou um olhar perplexo. — Perdão?

— Quero dizer, alguém que é difícil definir, conhecer. Tímido e fortemente blindado.

— E feio?

— Tatus não são feios, — eu protestei, rindo.

— Eles são lagartos à prova de balas.

— Eu acho que você é um tatu.

— Eu não sou tímido.

— Mas você é fortemente blindado.

Gage considerou aquilo. Ele admitiu o ponto com um breve aceno. — Tendo aprendido sobre projeção no aconselhamento de casais, eu arrisco dizer que você é um tatu também.

— O que é projeção?

— Significa que você me acusa das mesmas coisas sobre as quais você é culpada.

"Meu Deus, — disse eu, levantando a taça de vinho aos lábios. — Não é de admirar que todos os seus relacionamentos sejam curtos.

Seu sorriso lento fez os finos pelos nos meus braços se levantarem. — Diga-me por que você terminou com seu ex-namorado.

Eu não era nem de perto tão fortemente blindada como eu teria gostado, porque a verdade imediatamente surgiu em minha mente—Ele era um sessenta e oito—e eu certamente não iria dizer isso a ele. Eu senti meu rosto aquecer. O problema com o rubor é que quanto mais arduamente você tentar pará-lo, pior fica. Então eu senti lá, ficando rubra enquanto eu tentava pensar em uma resposta indiferente.

E Gage, maldito seja, pareceu olhar para dentro de minha cabeça e ler meus pensamentos.

— Interessante, — ele disse suavemente.

Eu franzi as sobrancelhas e me levantei, gesticulando com o meu copo de vinho. — Beba sua água.

— Sim, senhora.

Eu limpei e organizei a cozinha, desejando que ele mudasse de canal e encontrasse um show. Mas ele continuou me olhando como se estivesse fascinado pela minha técnica enquanto eu borrifava Windex^{57} sobre os balcões.

— Aliás, — ele comentou em modo de conversa, — Eu descobri que você não está dormindo com meu pai.

— Bom para você, — eu disse. — O que fez você se tocar?

— O fato de ele querer que eu vá todos os dias para ajudá-lo a tomar banho. Se você fosse a namorada dele, você estaria lá com ele.

Os bolinhos estavam prontos. Sem conseguir encontrar uma concha, usei um copo de medição para transferir a sopa para tigelas quadradas. Isso não parecia muito certo, a robusta galinha com bolinhos em tigelas extremamente modernas. Mas cheirava deliciosamente, e eu sabia que este era um dos meus melhores trabalhos. Deduzindo que Gage estava, provavelmente, muito cansado para se sentar à mesa de jantar, eu coloquei sua tigela sobre a mesinha de vidro biselado. — Isso é um pé saco para você, ir lá todas as manhãs, não é? — Perguntei. — Mas você nunca se queixa.

— Meu aborrecimento não é nada comparado ao do meu pai, — disse ele. — Além disso, eu considero isso uma retribuição. Eu era um pé no saco dele, quando eu era mais jovem.

— Vou apostar que você era. — Eu coloquei uma toalha de louça seca sobre o seu peito e a enfiei na sua gola da sua camiseta como se ele fosse um garoto de oito anos de idade. Meu contato era impessoal, mas quando meus dedos roçaram sua pele, senti pontos de calor pulsando como vagalumes em meu estômago. Entreguei-lhe uma tigela meio cheia e uma colher, junto com o conselho, — Não queime a língua.

Ele pegou com a colher um bolinho cozinho e soprou-o delicadamente. — Você nunca também reclama, — disse ele. — Sobre ter que ser uma mãe para sua irmãzinha. E eu estou supondo que ela deve ter sido a razão de pelo menos alguns desses relacionamentos curtos.

— Sim. — Eu peguei a minha própria tigela de sopa. — É bom, na verdade. Me impede de perder tempo com os homens errados. Se um cara se assusta com a responsabilidade, ele não é bom para nós.

— Mas você nunca vai saber como é ser solteira e sem filhos.

— Eu nunca me importei com isso.

— Sério.

— Sério. Carrington é... Ela é a melhor coisa sobre mim.

Eu poderia ter dito mais, mas Gage tinha abocanhado uma colherada de bolinhos e fechou seus olhos em uma expressão que poderia ter sido tanto dor quanto êxtase.

— O quê? — Eu perguntei. — Está tudo bem?

Ele estava ocupado com sua colher. — Eu posso viver, — ele disse, — mesmo se for apenas para comer outra tigela dessa coisa.

Duas porções de frango e bolinhos pareceram trazer Gage para a vida, sua palidez de cera substituída por um tom de cor. — Meu Deus, — disse ele, — isso é incrível. Você não vai acreditar o quanto eu me sinto melhor.

— Não force a barra. Você ainda precisa de descanso. — Coloquei todos os pratos na máquina de lavar e coloquei o que restou da sopa em um recipiente para a geladeira.

— Eu preciso de mais disso, — disse ele. — Eu tenho que estocar alguns galões no congelador.

Eu estava tentada a dizer-lhe que qualquer hora que ele quisesse me subornar com outro copo de vinho branco neutro, eu ficaria feliz em fazer mais sopa. Mas isso soava muito como um convite, que era a última coisa em minha mente. Agora que Gage já não parecia tão vidrado e apático, eu sabia que logo estaria de volta à sua antiga natureza. Não havia nenhuma garantia de que a trégua entre nós ia durar. Então, dei-lhe um sorriso evasivo.

— Está tarde, — eu disse. — Eu tenho que voltar.

Um franzido apareceu na testa de Gage. — É meia-noite. Não é seguro para você sair tão tarde. Não em Houston. Especialmente não naquele balde de ferrugem que você dirige.

— Meu carro funciona bem.

— Fique aqui. Há um quarto extra.

Deixei escapar uma risada surpresa. — Você está brincando, não é?

Gage pareceu irritado. — Não, eu não estou brincando.

— Eu aprecio sua preocupação, mas eu já dirigi o meu balde de ferrugem por Houston muitas vezes, muito mais tarde do que isso. E eu tenho o meu celular. — Fui até ele e estendi a mão à testa. Estava fria e levemente úmida.

— Sem febre, — eu disse com satisfação. — É hora de mais uma dose de Tylenol. É melhor tomá-la, só para ter certeza. — Eu fiz um movimento para ele ficar no sofá quando ele começou a se levantar. — Descanse, — eu disse. — Eu sairei sozinha.

Gage ignorou isso e me seguiu até a porta, chegando ao mesmo tempo que eu. Eu vi sua mão se espalmar contra o painel da porta. Seu antebraço era densamente musculoso e salpicado com pelos. Foi um gesto agressivo, mas quando me virei para encará-lo, fui tranquilizada pela súplica sutil em seus olhos.

— Caubói, — disse eu, — você não está em condições de me impedir de fazer porcaria nenhuma. Eu poderia te jogar no chão em menos de dez segundos.

Ele continuou a se inclinar sobre mim. Sua voz era muito suave. — Tente.

Eu soltei um riso nervoso. — Eu não quero te machucar. Deixe-me ir, Gage.

Um momento de silêncio elétrico. Eu vi a onda de um gole em sua garganta. — Você não poderia me machucar.

Ele não estava me tocando, mas eu estava dolorosamente consciente de seu corpo, o calor e a solidez dele. E de repente eu sabia como seria se nós dormíssemos juntos... a elevação dos meus quadris contra seu peso, a dureza de suas costas sob minhas mãos. Eu corei enquanto sentia uma contração de resposta entre as minhas coxas, nervos formigando, uma onda de calor para a carne viva.

— Por favor, — eu sussurrei, e fiquei infinitamente aliviada quando ele se empurrou para longe da porta e se afastou para me deixar passar.

Gage esperou na porta um pouco demais enquanto eu saía. Pode ter sido minha imaginação, mas quando cheguei ao elevador e olhei para trás, ele parecia desolado, como se eu tivesse acabado de tomar alguma coisa dele.

Foi um alívio para todos, especialmente Jack, quando Gage foi capaz de retomar o seu cronograma habitual. Ele apareceu na casa na manhã de segunda-feira, parecendo tão bem que Churchill alegremente o acusou de fingir sua doença.

Eu não havia mencionado que permaneci com Gage a maior parte da noite

de sábado. Era melhor, eu tinha decidido, deixar que todos supusessem que eu havia saído com meus amigos como o planejado. Eu percebi que Gage não tinha dito nada sobre isso também—se ele tivesse, teria havido algum comentário de Churchill. Isso me deixou desconfortável, este pequeno segredo entre Gage e eu, mesmo que nada tivesse acontecido.

Mas algo tinha mudado. Em vez de me tratar com sua reserva habitual, Gage saía de seu caminho para ser prestativo, consertando meu laptop quando ele travou, levando a bandeja vazia do café da manhã de Churchill antes que eu pudesse fazê-lo. E pareceu-me que ele estava vindo para a casa com mais frequência, aparecendo em horas estranhas, sempre com o pretexto de checar Churchill.

Tentei encarar suas visitas casualmente, mas eu não podia negar que o tempo passava rápido quando Gage estava por perto, e tudo parecia um pouco mais interessante. Ele não era um homem que você poderia encaixar em uma categoria nítida. A família, com a típica desconfiança texana de buscas eruditas, carinhosamente zombava dele por ter mais inclinação intelectual do que o resto deles.

Mas Gage havia sido apropriadamente nomeado com o nome da família de sua mãe, os descendentes dos militares fronteiriços Escoceses-Irlandeses. De acordo com Gretchen, que tinha feito um hobby de pesquisar a genealogia da família, a rígida autoconfiança e tenacidade dos Gage fizeram deles os candidatos perfeitos para estabelecer a fronteira do Texas. Isolamento, dificuldades, perigos—eles tinham acolhido tudo isso, suas naturezas praticamente exigiam isso. Às vezes você podia ver os ecos desses imigrantes ferozmente disciplinados em Gage.

Jack e Joe eram muito mais descontraídos e charmosos, ambos possuindo uma infantilidade que estava completamente ausente no seu irmão mais velho. E então havia Haven, a filha, a quem eu conheci quando ela veio para casa nas férias da escola. Ela era uma garota magra de cabelos negros com os olhos escuros de Churchill, possuindo toda a sutileza de um fogo de artifício. Ela comunicou a seu pai e qualquer um no alcance da voz que ela havia se tornado feminista da segunda onda, ela tinha mudado seu curso para estudos sobre as mulheres, e ela não iria mais tolerar a cultura Texana de repressão patriarcal. Ela falava tão rápido que eu tive dificuldade para acompanhá-la, especialmente

quando ela me puxou de lado para expressar solidariedade para com a exploração e privação dos direitos de meu povo, e me garantiu seu apoio apaixonado para a reforma das políticas de imigração e de programas de trabalhadores convidados. Antes que eu pudesse pensar em como responder, ela tinha saltado fora e se lançado em um argumento entusiasmado com Churchill.

— Não se preocupe com Haven, — disse Gage secamente, observando sua irmã com um leve sorriso. — Ela nunca conheceu uma causa que ela não gostasse. Foi a maior decepção da sua vida não ser privada dos seus direitos.

Gage era diferente de seus irmãos. Ele trabalhava duro demais e desafiava-se compulsivamente, e parecia segurar todos de fora de sua família na distância do braço. Mas ele havia começado a me tratar com uma cuidadosa amizade eu não conseguia evitar corresponder. E havia a sua aumentada bondade com a minha irmã. Tudo começou de forma pequena. Ele consertou a corrente quebrada da motinha rosa de Carrington, e levou-a para a escola uma manhã, quando eu estava atrasada.

Então houve o projeto inseto. A classe de Carrington estava estudando os insetos, e toda criança foi obrigada a escrever um relatório sobre um inseto particular e fazer um modelo 3D. Carrington tinha se decidido por um vagalume. Eu levei Carrington para a Hobby Lobby, onde gastamos quarenta dólares em tinta, isopor, gesso de Paris, e limpadores de cachimbo^{58}. Eu não disse uma palavra sobre o custo—minha competitiva irmã estava determinada a fazer o melhor inseto da classe, e eu tinha resolvido fazer o que fosse necessário para ajudar.

Fizemos o corpo do inseto e o cobrimos com tiras de gesso molhado, e pintamos de preto, vermelho e amarelo quando ele estava seco. A cozinha inteira havia sido transformada em uma zona de desastre no processo. O inseto era uma linda criação, mas para a decepção de Carrington, a tinta brilha-no-escuro que tínhamos usado para a parte de baixo do inseto não foi nem de perto tão eficaz quanto esperávamos. Ele praticamente não brilhava nada, Carrington disse sombriamente, e eu havia prometido tentar encontrar uma tinta de melhor qualidade para que pudéssemos aplicar outra camada.

Depois de passar uma tarde digitando um capítulo do manuscrito de Churchill, fiquei surpresa ao descobrir Gage sentado com a minha irmã na

cozinha, a mesa cheia de ferramentas, fios, pequenos pedaços de madeira, pilhas, cola, uma régua. Segurando o modelo de vagalume em uma mão, ele fazia cortes profundos com uma faca X-Acto.

— O que vocês estão fazendo?

Duas cabeças levantaram, uma escura, uma platinada. — Apenas realizando uma pequena cirurgia, — disse Gage, habilmente extraindo um pedaço retangular de isopor.

Os olhos de Carrington estavam acesos de excitação. — Ele está colocando uma luz de verdade dentro do nosso inseto, Liberty! Nós estamos fazendo um circuito elétrico com fios e um interruptor e quando você apertar o vagalume vai acender.

— Oh. — Perplexa, eu me sentei à mesa. Eu sempre apreciei ajuda quando quer que ela fosse dada. Mas eu nunca esperei que Gage, entre todas as pessoas, se envolvesse em nosso projeto. Eu não sabia se ele havia sido recrutado por Carrington ou se tinha se oferecido por conta própria, e eu não estava certa de por que me deixava desconfortável vê-los trabalhando juntos tão companheiros.

Pacientemente, Gage mostrou a Carrington como fazer o circuito com fio, como segurar a chave de fenda e girá-la. Ele segurou as partes de uma pequena caixa de interruptor juntas enquanto ela as colava. Carrington brilhava com os silenciosos elogios dele, seu pequeno rosto animado enquanto eles trabalhavam juntos. Infelizmente, o peso adicional da lâmpada e fiação fez com que as pernas de limpadores de cachimbo sucumbissem sob o modelo. Eu tive que morder de volta um sorriso repentino enquanto Gage e Carrington contemplavam o inseto prostrado.

— É um vagalume com inércia do sono, — Carrington disse, e nós três resfolegamos com risadas.

Gage levou outra meia hora para reforçar as pernas do inseto com fios de pendurar roupa. Depois de colocar o projeto terminado no meio da mesa da cozinha, ele apagou as luzes da cozinha. — Tudo bem, Carrington, — ele disse. — Vamos fazer um teste.

Ansiosamente Carrington pegou a pequena caixa com fios e apertou o botão. Ela cantou em triunfo quando o vagalume começou a piscar em um

constante padrão

repetitivo. — Ah, ele é tão legal, olha, olha para o meu inseto, Liberty!

— Ele é ótimo, — disse eu, sorrindo enquanto via como ela estava exultante.

— Toca aqui, — Gage disse a Carrington, levantando sua mão.

Mas para seu espanto, e meu, Carrington ignorou o gesto. Em vez disso, atirou-se para ele e colocou os braços ao redor de sua cintura.

— Você é o melhor, — disse ela contra a frente de sua camisa. —
Obrigada, Gage.

Ele não se moveu por um segundo, apenas olhou para a cabeça pequena e loira de Carrington. E então seus braços foram ao redor dela. Enquanto ela sorria para ele, ainda pendurada na sua cintura, ele desarrumou os cabelos dela suavemente. — Você fez a maior parte do trabalho, baixinha. Eu só ajudei um pouco.

Eu permaneci fora do momento, maravilhada com a facilidade com que a conexão entre eles havia sido formada. Carrington sempre havia se dado bem com homens tipo avôs como o Sr. Ferguson ou Churchill, mas ela tinha se retraído com os que eu tinha namorado. Eu não conseguia entender por que ela tinha se dado bem com Gage.

Ela não podia se tornar ligada a ele, quando não havia chance de ele se tornar um elemento permanente em sua vida. Isso só iria levar à decepção, até mesmo a um coração partido, e seu coração era muito precioso para eu deixar isso acontecer.

Quando Gage pensou em olhar para mim com um sorriso zombeteiro, eu não conseguia sorrir de volta. Afastei-me com o pretexto de limpar a cozinha, pegando pedaços de fios com dedos que apertavam até as pontas embranquecerem.

..... CAPÍTULO 19

Churchill me falou sobre pontos de inflexão estratégicos quando nós escrevemos o capítulo — Por Que Paranoia É Boa — do livro dele. Um ponto de inflexão estratégico, ele explicou, é um enorme momento decisivo na vida de uma companhia, um avanço tecnológico ou oportunidade que muda o modo como tudo é feito. Como o colapso da Bell em 1984, ou quando a Apple veio com o iPod. Ele pode impulsionar um negócio à estratosfera ou afundá-lo além de qualquer esperança de recuperação. Mas, não importa quais são os resultados, as regras do jogo são mudadas para sempre.

O ponto de inflexão estratégico em minha relação com Gage aconteceu no fim de semana depois que Carrington havia entregado o projeto do vagalume. Era o final de uma manhã de domingo e Carrington havia ido para fora brincar enquanto eu tomava um longo banho. Era um dia frio com rajadas duras e cortantes. As Planícies perto de Houston não ofereciam obstrução, nem mesmo algumas algarobas solitárias para levantar a linha do horizonte, e a grande extensão aberta dava ao vento muito espaço para juntar velocidade.

Eu vesti uma camiseta de mangas longas e calças jeans e um pesado cardigã de lã com capuz. Embora eu geralmente fizesse chapinha em meu cabelo para deixá-lo brilhante e liso, eu não me dei ao trabalho naquele dia, deixando-o se enrolar descontroladamente sobre meus ombros e costas.

Eu atravessei a sala de visita com os seus tetos altos, onde Gretchen estava ocupada dirigindo uma equipe de decoradores profissionais de Natal. Anjos foi o tema que ela tinha escolhido esse ano, obrigando os decoradores a subir em escadas altas para pendurar querubins e serafins e guirlandas de tecido dourado. Músicas de Natal tocavam ao fundo, Dean Martin cantando — Baby, It's Cold Outside — com uma fanfarronada de quebrar os dedos.

Meus pés saltavam com a música enquanto eu saía para a parte de trás. Eu ouvi o riso arrastado de Churchill e Carrington gritando de alegria. Levantando meu capuz, eu vaguei para os sons.

A cadeira de rodas de Churchill estava no canto do pátio, de frente para uma inclinação no lado norte do jardim. Parei quando vi minha irmã no final

de uma tirolesa, um cabo que tinha sido montado na inclinação e pendurado com uma roldana que deslizava da extremidade superior para a inferior.

Gage, vestido com jeans e uma camiseta azul antiga, estava apertando o fim do cabo, enquanto Carrington pedia que se apressasse. — Segure seus cavalos, — ele disse a ela, sorrindo com a sua impaciência. — Deixe-me ter certeza de que o cabo vai te segurar. — — Eu vou fazer isso agora, — disse ela com determinação, agarrando a alça da roldana.

— Espere, — advertiu Gage, dando um puxão experimental no cabo.

— Eu não posso esperar!

Ele começou a rir. — Certo, então. Não me culpe se você cair.

A linha estava muito alta, eu vi com um choque de terror. Se a linha quebrasse, se Carrington não pudesse se segurar, ela quebraria o pescoço. — Não, — eu gritei, começando a ir para frente. — Carrington, não!

Ela olhou em minha direção com um sorriso. — Ei, Liberty, me assista! Eu vou voar. — — Espere!

Mas ela me ignorou, a pequena mula obstinada, agarrando a roldana e se impulsionando para fora da inclinação. Seu corpo leve acelerou acima do solo, alto demais, rápido demais, as pernas de seu jeans batendo. Ela soltou um grito de prazer. Minha visão obscureceu para um momento, meus dentes apertando em um som aflito. Eu meio cambaleei, meio corri, alcançando Gage quase ao mesmo tempo em que ela.

Ele a pegou com facilidade, soltando-a da roldana e balançando-a para o chão. Os dois riram, gritaram, ambos sem perceber minha aproximação.

Ouvi Churchill chamar meu nome do pátio, mas não respondi.

— Eu lhe disse para esperar, — gritei para Carrington, tonta de alívio e raiva, os resquícios do medo ainda crepitando em minha garganta. Ela se calou e ficou branca, me encarando com redondos olhos azuis.

— Eu não ouvi, — ela disse. Era uma mentira, e nós duas sabíamos disto. Fiquei enfurecida quando vi o modo que ela se moveu para perto de Gage, como se buscasse proteção dele. De mim.

— Sim você ouviu! E não pense que você vai se livrar dessa fácil, Carrington. Eu estou pronta para ficar de olho em você pelo resto de vida. —

Eu me virei para Gage. — Aquela... aquela coisa estúpida está alta demais! E você não tem nenhum direito de deixar ela tentar algo perigoso sem me perguntar primeiro.

— Não é perigoso, — disse Gage calmamente, seu olhar firme no meu. — Nós tivemos uma tirolesa exatamente como esta, quando éramos crianças.

— Eu aposto que você caiu, — eu atirei de volta. — Eu aposto que você se machucou bastante.

— Com certeza nós ficamos. E nós vivemos para contar sobre isso.

Minha indignação, salgada e primitiva, aumentava com cada segundo que passava. — Seu babaca arrogante, você não sabe nada sobre meninas de oito anos de idade! Ela é frágil, ela poderia quebrar o pescoço

— Eu não sou frágil! — Carrington disse, indignada, encolhendo-se mais perto do lado de Gage até que ele pôs uma mão em seu ombro.

— Você não está nem mesmo usando seu capacete. Você sabe muito bem para não fazer algo assim sem ele.

A face de Gage era inexpressiva. — Você quer que eu tire a linha?

— Não! — Carrington gritou para mim, com lágrimas saltando dos olhos. — Você nunca me deixa ter alguma diversão. Você não é justa. Eu vou brincar na tirolesa e você não pode me mandar parar. Você não é minha mãe!

— Ei, ei... baixinha. — A voz de Gage tinha suavizado. — Não fale com sua irmã desse jeito.

— Ótimo, — eu estourei. — Agora eu sou a vilã. Vá se ferrar, Gage. Eu não preciso de você para me defender, seu— — Eu levantei minhas mãos em um gesto defensivo, punhos duros. Um vento frio golpeou-me no rosto, irritando os cantos internos dos olhos, e eu percebi que estava prestes a chorar. Olhei para os dois juntos, e ouvi Churchill chamar meu nome.

Eu contra os três.

Eu me virei bruscamente, mal sendo capaz ver através da mancha amarga de lágrimas. Hora de recuar. Eu andei com passos rápidos, pesados. Quando passei pelo homem na cadeira de rodas, eu rosnei, — Você também está encrocado, Churchill, — sem quebrar o ritmo.

Quando cheguei ao santuário morno da cozinha, eu estava fria até os ossos.

Eu procurei a parte mais escura, mais protegida da cozinha, o estreito nicho embutido da despensa do mordomo. O espaço era coberto com armários de vidro para porcelana. Eu não parei até estar escondida na parte de trás dele. Eu passei meus braços em volta de mim, encolhendo, tentando ocupar o menor espaço físico possível.

Cada instinto gritava que Carrington era minha, e ninguém tinha o direito de contestar os meus julgamentos. Eu havia tomado conta dela, me sacrificado por ela. Você não é minha mãe. Ingrata! Traidora! Eu quis sair de lá como um furacão e dizer-lhe o quanto teria sido fácil para mim tê-la entregue após Mamãe ter morrido, o quão melhor eu estaria. Mamãe... oh, eu gostaria de poder pegar de volta todas as coisas odiosas que meu eu adolescente havia dito a ela. Agora eu entendia a injustiça dos cuidados maternos. Tente mantê-los saudáveis e seguros, e você ganha acusações em vez de gratidão, revolta em vez de cooperação.

Alguém entrou na cozinha. Ouvi a porta fechar. Eu fiquei parada, rezando para que não tivesse que falar com ninguém. Mas uma sombra escura se moveu pela cozinha apagada, muito sólida para pertencer a qualquer outra pessoa que não Gage.

— Liberty?

Depois disso, eu não pude continuar me escondendo em silêncio. — Eu não quero conversar, — eu disse pesadamente.

Gage encheu a entrada estreita da despensa do mordomo. Me encurralando. As sombras eram tão grossas, eu não podia ver a face dele.

E então ele disse a única coisa que eu jamais teria esperado que ele dissesse.

— Eu sinto muito.

Qualquer outra coisa teria sustentado minha raiva. Mas essas três palavras fizeram lágrimas transbordarem sobre as bordas irritadas pelo vento dos meus olhos. Eu abaixei minha cabeça e soltei um suspiro tremido. — Está bem. Onde está Carrington?

— Papai está falando com ela. — Gage veio até mim em um par de passos medidos. — Você estava certa. Sobre tudo. Eu disse a Carrington que ela tem que usar um capacete a partir de agora. E eu acabei de baixar o cabo em cerca de meio metro. — Uma pequena pausa. — Eu deveria ter perguntado a você

antes de montá-lo. Isso não vai acontecer novamente.

Ele tinha um dom absoluto de me surpreender. Eu teria pensado que ele seria mordaz, crítico. O aperto deixou minha garganta. Eu ergui minha cabeça, a escuridão diminuindo até que eu pudesse ver o esboço da cabeça dele. O cheiro de ar livre se agarrava a ele, vento misturado com ozônio, grama seca, algo doce como madeira recémcortada.

— Eu sou superprotetora, — eu disse.

— Claro que você é, — Gage disse razoavelmente. — Esse é o seu trabalho. Se você não fosse— — Ele se interrompeu com uma forte inspiração quando viu um brilho de água no meu rosto. — Merda. Não, não: não faça isso. — Ele virou-se para um conjunto de gavetas na despensa, tateou até encontrar um guardanapo dobrado. — Droga, Liberty, não. Me desculpe. Eu sinto tanto ter colocado essa merda de cabo. Eu vou retirá-lo imediatamente. — Gage, normalmente tão hábil, era inexplicavelmente desajeitado enquanto enxugava minhas bochechas com o macio tecido dobrado.

— Não, — eu disse, soluçando, — eu quero que o cabo f-fique.

— Tudo bem. Tudo bem. O que você quiser. Qualquer coisa. Só não chore.

Eu peguei o guardanapo dele e assoei meu nariz e suspirei de modo trêmulo. — Sinto muito ter explodido lá fora. Eu não deveria ter reagido exageradamente.

Ele pairava, pausava, mudava de posição como um animal inquieto em uma gaiola. — Você passa metade da sua vida cuidando dela, protegendo-a, e então um dia algum idiota a está jogando através do quintal em um cabo cinco metros acima do chão, sem capacete. Claro que você ficaria puta.

— É só que... ela é tudo que eu tenho. E se alguma coisa acontecer a ela— — Minha garganta apertou, mas eu me forcei a continuar. — Eu sei há muito tempo que Carrington precisa da influência de um homem em sua vida, mas eu não quero que ela se envolva com você e Churchill, porque isso não vai durar para sempre, nós estarmos aqui, e por isso

— Você está com medo de Carrington se envolver, — ele repetiu lentamente.

— Emocionalmente envolvida, sim. Ela vai ter um tempo difícil quando

formos embora. Eu... eu acho que isso foi um erro.

— O que foi?

— Tudo. Tudo isso. Eu não deveria ter aceitado a oferta de Churchill. Nós nunca deveríamos ter nos mudado para cá.

Gage ficou silencioso. Um truque da luz fez seus olhos brilharem como se tivessem sua própria iluminação.

— O quê? — Eu perguntei na defensiva. — Por que você não está dizendo nada?

— Podemos falar sobre isso mais tarde.

— Podemos falar sobre isso agora. O que você está pensando?

— Que você está projetando novamente.

— Sobre o quê?

Eu fiquei rígida quando ele me alcançou com a mão. Meus pensamentos se dispersaram enquanto eu sentia suas mãos, o calor da pele masculina. As pernas dele se encaixaram nas minhas, os músculos duros por baixo de brim fino gasto. Eu ofeguei um pouquinho quando a mão dele deslizou ao redor meu pescoço. Seu polegar fez um lento caminho pelo lado da minha garganta, e a leve carícia me excitou vergonhosamente.

Gage falou contra meus cabelos, as palavras afundando no meu couro cabeludo. — Não finja que isto tudo é por causa da Carrington. Você está preocupada com o seu próprio maldito envolvimento emocional.

— Não estou, — eu protestei através de lábios secos.

Ele colocou minha cabeça para trás, se inclinou sobre mim. Um sussurro zombador fez cócegas na minha orelha. — Você está falando besteira, querida.

Ele tinha razão. Eu tinha sido tão ingênua em pensar que, de alguma maneira, nós iríamos visitar o mundo dos Travis como um par de turistas, participando sem ficar envolvidas. Mas de alguma forma, conexões tinham sido formadas, o meu coração havia encontrado valor em lugares inesperados. Eu estava envolvida mais do que jamais sonhei ser possível.

Eu comecei a tremer. Havia um aperto baixo em meu estômago enquanto a boca de Gage vagava para a borda da minha mandíbula, o canto dos meus lábios. Eu me afastei dele até os meus ombros chegarem com força contra os

armários, causando um delicado chocalhar de porcelana e cristal. O braço de apoio de Gage forçou um arqueamento na parte baixa das minhas costas. Com cada respiração que eu dava, meu peito se erguia contra o seu.

— Liberty... deixe-me. Deixe-me...

Eu não podia falar ou me mover, só esperei impotentemente enquanto a boca dele se suavizava em cima da minha.

Fechei os olhos, me abrindo para o gosto dele, para beijos lentos que exploravam sem exigir, enquanto sua mão se movia para empalmar o lado do meu rosto. Desarmada por sua ternura, eu deixei meu corpo relaxar contra o seu. Ele procurou mais profundamente, cutucando, acariciando, ainda com aquela contenção enlouquecedora, até que meu coração estivesse batendo como se eu tivesse corrido uma maratona.

Fechando a mão na massa pesada do meu cabelo, ele o segurou para o lado e beijou meu pescoço, demorando uma eternidade para fazer seu caminho até a parte de trás da minha orelha. Pelo tempo que ele havia alcançado, eu estava me torcendo para chegar mais perto dele, meus dedos apertando a superfície inflexível de seus braços. Com um murmúrio, ele pegou meus pulsos e os puxou ao redor de seus ombros. Eu cambaleei sobre meus pés com tênis, forçando cada músculo.

Ele me segurou com firmeza, ancorando-me contra o quadro rígido de seu corpo, e tomou minha boca novamente. Desta vez, seus beijos eram mais longos, ásperos, molhados, profundamente intensos, e eu não conseguia recuperar o fôlego. Eu moldei tudo meu peso contra ele até que não houvesse nenhum milímetro de espaço entre nós. Ele me beijava como se já estivesse dentro de mim, beijos ávidos com os dentes, língua, lábios, beijos de doçura insuportável que me faziam querer desmaiar, mas ao invés disso eu me agarrei ao seu corpo e gemi em sua boca. Suas mãos deslizaram para minha bunda, me empalmaram firmemente contra uma dura pressão saliente que não parecia com nada no mundo, e o desejo se transformou em loucura. Eu queria que ele me deitasse no chão, eu queria que ele fizesse qualquer coisa, tudo. Sua boca comia a minha, lambendo fundo, e cada pensamento e impulso se dissolveu em um zumbido de ruído branco, prazer bruto subindo ao topo do meu crânio.

Sua mão deslizou por baixo da barra da minha camisa, encontrando a pele

das minhas costas, que estava excitada e macia como se tivesse sido escaldada. O toque frio de seus dedos era um alívio indescritível. Eu me arqueava em frenética acolhida, enquanto sua mão se espalmava como um leque, subindo pela minha espinha.

A porta da cozinha se abriu bruscamente.

Nós nos separamos de um pulo, e eu cambaleei alguns metros de distância de Gage, pulsando em cada parte do meu corpo. Eu me atrapalhei com a minha camisa, tentando colocá-la no lugar. Gage permaneceu no fundo da despensa, braços apoiados sobre os armários, cabeça abaixada. Eu vi os músculos agrupados debaixo de sua roupa. Seu corpo estava rígido com frustração; ela emanava dele em ondas. Eu estava chocada com a minha resposta a ele, a pura queima erótica dela.

Eu ouvi a voz incerta de Carrington. — Liberty, você está aí?

Saí | s pressas. — Sim. Eu só estava... eu precisava de alguma privacidade...

Eu fui até o final da cozinha, onde minha irmã estava de pé. Seu rostinho estava tenso e ansioso, seu cabelo comicamente selvagem como uma boneca troll. Ela parecia como se fosse chorar. — Liberty...

Quando você ama uma criança, você a perdoa antes mesmo que ela possa te pedir. Basicamente, você já a perdoou pelas coisas que ela ainda não fez. — Está tudo bem, — murmurei, me aproximando dela. — Está tudo bem, bebê.

Carrington correu adiante, seus braços magros fechando ao redor de mim. — Eu sinto muito, — ela disse chorosamente. — Eu não quis dizer as coisas que eu disse, nada daquilo

— Eu sei.

— Eu só q-queria me divertir.

— Claro que você queria. — Eu a dobrei no abraço mais forte, mais apertado que pude, apertando minha bochecha no topo da cabeça dela. — Mas é meu trabalho me certificar de que você tenha tão pouca diversão quanto possível. — Nós duas rimos e nos abraçamos por um longo momento. — Carrington... eu vou tentar não ser uma estragaprazeres o tempo todo. É só que você está entrando na idade em que a maioria das coisas que você quer fazer para se divertir também serão as coisas que me deixarão louca de preocupação com você.

— Vou fazer tudo o que você disser, — Carrington disse, um pouco rápido demais.

Eu sorri. — Deus. Eu não estou pedindo obediência cega. Mas nós temos que encontrar modos de chegar a um meio-termo quando discordarmos em algo. Você sabe o que é meio-termo, certo?

— Aham. É quando você não consegue ter tudo | sua maneira e eu não consigo ter tudo do meu jeito, e ninguém fica feliz. Como quando Gage baixou a tirolesa.

Eu ri. — É isso mesmo. — Sendo lembrada da tirolesa, olhei na direção da despensa do mordomo. Pelo que eu podia dizer, estava vazia. Gage havia deixado a cozinha sem um som. Eu não tinha ideia do que eu ia dizer a ele da próxima vez que o visse. O jeito que ele me beijou, a minha resposta...

Algumas coisas que é melhor você não saber.

— Sobre o que você e Churchill conversaram? — eu perguntei.

— Como você sabia que Churchill e mim estávamos conversando?

— E eu, — eu corrigi, pensando rápido. — Bem, eu pensei que ele diria algo a você, já que ele sempre tem uma opinião sobre coisas. E como você não veio para dentro de imediato, imaginei que vocês estavam tendo uma conversa.

— Nós estávamos. Ele disse que eu deveria saber que ser mãe não é, nem de perto, tão fácil quanto parece, e mesmo que você não seja a minha mãe de verdade, você é a melhor substituta que ele já viu.

— Ele disse isso? — Eu estava lisonjeada e satisfeita.

— E, — Carrington continuou, — ele disse que eu não deveria tomar você por garantida, porque muitas meninas da sua idade teriam me colocado em um orfanato quando Mamãe morreu. — Ela deitou a cabeça no meu peito. — Você pensou em fazer isso, Liberty?

— Nunca, — eu disse com firmeza. — Nem por um segundo. Eu te amava demais para desistir de você. Eu quero você na minha vida para sempre. — Inclinei-me e ela se aconchegou.

— Liberty? — ela perguntou, sua voz abafada.

— Sim, querida?

— O que você e Gage estavam fazendo na despensa do mordomo?

Eu empurrei minha cabeça para trás, parecendo, eu tinha certeza, culpado como o inferno. — Você o viu?

Carrington assentiu com a cabeça inocentemente. — Ele deixou a cozinha um minuto atrás. Parecia que ele estava saindo de fininho.

— Eu—eu acho que ele estava tentando nos dar alguma privacidade, — eu disse incerta.

— Você estava discutindo com ele sobre a tirolesa?

— Oh, nós estávamos apenas conversando. Isso é tudo. Apenas um bate-papo. — Cegamente eu fui até a geladeira. — Estou com fome. Vamos fazer um lanche.

Gage desapareceu pelo resto do dia, tendo se lembrado subitamente de algumas tarefas urgentes que o ocupariam indefinidamente. Eu fiquei aliviada. Eu precisava de algum tempo para pensar no que tinha acontecido e em como eu iria reagir a isso.

De acordo com o livro de Churchill, o melhor modo para lidar com um ponto de inflexão estratégico é sair rapidamente da negação para a aceitação da mudança, e planejar sua estratégia para o futuro. Após analisar tudo com cuidado, eu decidi que o beijo com Gage havia sido um momento de insanidade, e que ele provavelmente havia se arrependido. Portanto, a melhor estratégia era fingir que nada tinha acontecido. Eu ia ser calma, relaxada, e impessoal.

Eu estava tão determinada a mostrar a Gage o quanto eu não tinha sido afetada pela coisa toda, a surpreendê-lo com a minha sofisticação indiferente, que foi uma decepção quando Jack chegou de manhã. Malignamente, Jack disse que Gage não havia lhe dado aviso prévio nenhum, só havia ligado ao raiar do dia e dito para ele levantar a bunda da cama e ir ajudar o Pai, porque ele não ia poder.

— O que é tão terrivelmente importante que ele não pôde se incomodar em vir aqui? — Churchill perguntou com raiva. Tanto quanto Jack não queria estar ali o ajudando, Churchill o queria lá ainda menos.

— Ele esta voando até Nova York para visitar Dawnelle, — disse Jack. — Ele vai levá-la para sair depois da sessão de fotos no Demarchelier.

— Só foi embora, sem nenhum aviso? — Churchill fez uma carranca até

que sua testa estivesse entrelaçada com minúsculos recuos. — Por que diabos ele está fazendo isso? Ele deveria se reunir com os canadenses da Syncrude hoje. — Os olhos de Churchill se estreitaram perigosamente. — É bom que ele não tenha pegado o Gulfstream sem uma maldita palavra de aviso prévio, ou eu vou fritar seu

— Ele não pegou o Gulfstream.

A informação acalmou Churchill. "Bom. Porque eu disse a ele da última vez

— Ele pegou o Citation^{59}, — disse Jack.

Enquanto Churchill rosnava e pegava seu celular, eu levei a bandeja de café da manhã para baixo. Era ridículo, mas a notícia de que Gage havia ido a Nova York para ficar com sua namorada tinha me atingido como um soco no estômago. Um grande embotamento sufocante se abateu sobre mim enquanto eu pensava em Gage com a linda e magra Dawnelle, ela com seus cabelos loiros lisos e contrato com um grande perfume. É claro que ele iria para ela. Eu não era nada para ele, além de um impulso momentâneo. Um capricho. Um erro.

Eu estava transbordando de ciúmes, doente com aquilo, pela pior pessoa que eu poderia ter escolhido para ter ciúmes. Eu não podia acreditar. Estúpida, eu disse a mim mesma com raiva, estúpida, estúpida. Mas saber disso não deixava as coisas melhores.

Pelo resto do dia, eu fiz resoluções violentas e promessas a mim mesma. Eu tentei tirar os pensamentos de Gage de minha mente mergulhando no assunto de Hardy, o amor de minha vida, que havia significado mais para a minha vida do que Gage Travis jamais faria... Hardy, que era sexy, charmoso, sem reservas, ao contrário de Gage, o idiota chato e arrogante.

Mas mesmo pensar em Hardy não funcionou. Então me concentrei em atizar as chamas do temperamento de Churchill, ao mencionar Gage e o Citation em todas as oportunidades possíveis. Eu esperava que Churchill fosse descer em seu filho mais velho como uma praga do Egito.

Para minha decepção, o temperamento de Churchill desapareceu depois que eles conversaram ao telefone. — Novo desenvolvimento em construção com Dawnelle, — Churchill relatou complacientemente. Eu não teria acreditado ser possível, mas meu humor despencou ainda mais. Isso podia

significar apenas uma coisa—Gage estava pedindo a ela para ir morar com ele. Talvez ele estivesse até mesmo a pedindo em casamento.

Depois de trabalhar durante todo o dia e ajudar Carrington a praticar seus passes de futebol, eu estava exausta. Mais do que isso, eu estava deprimida. Eu nunca ia encontrar ninguém. Eu iria passar o resto da minha vida dormindo sozinha em uma cama de casal, até virar uma velha mal-humorada que não fazia nada além de regar as plantas, falar sobre os vizinhos, e cuidar de seus dez gatos.

Eu tomei um longo banho de banheira, que Carrington havia enfeitado com sais de banho da Barbie que cheiravam a chiclete. Depois, eu me arrastei para a cama e fiquei lá com meus olhos abertos.

No dia seguinte eu acordei em um humor carrancudo, como se o sono tivesse catalisado minha depressão em um estado geral de irritação. Churchill ergueu as sobrancelhas enquanto eu o informava que eu não estava com vontade de subir e descer as escadas o dia todo, portanto eu apreciaria se ele colocasse seus pedidos em uma lista. Entre os vários itens, havia uma nota para ligar para um restaurante recentemente aberto e fazer reservas para oito. — Um dos meus amigos fez um grande investimento no lugar, — Churchill me falou. — Eu estou levando a família para comer lá hoje | noite. Certifique-se de que você e Carrington se vistam com algo bonito.

— Carrington e eu não vamos.

— Sim, vocês vão. — Ele contou os convidados nos dedos. — Vai ser vocês duas, Gretchen, Jack e sua namorada, Vivian e eu, e Gage.

Então Gage estaria de volta de Nova York esta noite. Minhas entranhas pareceram como se tivessem sido revestidas com chumbo.

— E Dawnelle? — Eu perguntei secamente. — Ela vem?

— Eu não sei. Melhor fazer uma reserva para nove. Por via das dúvidas.

Se Dawnelle estivesse lá... Se os dois estivessem noivos... Eu tinha certeza que não poderia aguentar o resto da noite.

— Vai ser um grupo de sete, — eu disse. — Carrington e eu não somos da família, então não estamos indo.

— Sim, vocês vão, — Churchill disse categoricamente.

— É uma noite de escola. Carrington não pode ficar fora até tarde.

— Faça reservas para um jantar mais cedo, então.

— Você está pedindo muito, — eu estourei.

— Para quê diabos eu estou lhe pagando, Liberty? — Churchill perguntou sem rancor.

— Você está me pagando para trabalhar para você, não para jantar com a família.

Ele encontrou meu olhar sem pestanejar. — Eu pretendo falar de trabalho durante o jantar. Traga o seu bloco de notas.

..... CAPÍTULO 20

Eu raramente temia alguma coisa do modo como temi aquele jantar. Eu remoí sobre isso durante todo o dia. Pelas cinco da tarde, o meu estômago parecia estar cheio de cimento, e eu tinha certeza de que não seria capaz de comer nada.

Orgulho, entretanto, me compeliu a colocar meu melhor vestido, um de lã vermelha com mangas longas e um decote em V que expunha um pouco de busto. Ele se apertava levemente do peito até os quadris e caía numa saia suavemente alargada. Eu gastei pelo menos quarenta e cinco minutos alisando meu cabelo com a chapa até que ele estivesse perfeitamente liso. Uma aplicação cuidadosa de sombra cinzenta, um pouco de gloss brilhante e neutro, e eu estava pronta. Apesar da minha irritação, eu sabia que nunca tinha estado tão bonita em toda a minha vida.

Eu fui ao quarto da minha irmã e descobri que a porta estava trancada. — Carrington, — chamei. — São seis horas. Hora de ir. Saia daí.

Sua voz saiu abafada. — Eu preciso de mais alguns minutos.

— Carrington, se apresse, — eu disse com um toque de exasperação. — Deixe-me entrar e te ajudar

— Eu posso fazer sozinha.

— Eu quero você lá embaixo no salão, em cinco minutos.

— Ok!

Suspirando pesadamente, fui para o elevador. Geralmente eu usava as escadas, mas não quando eu estava usando saltos de dez centímetros. A casa estava estranhamente quieta, exceto pelo barulho dos meus saltos metálicos no piso de mármore, os clecks amortecidos na madeira, desaparecendo na pilha de tapetes de lã.

O salão estava vazio, o fogo trepidando e estalando na lareira. Perplexa, eu fui ao bar e escolhi entre garrafas e decanteres. Imaginei que, como eu não estava dirigindo, e Churchill estava me forçando a sair com a família, ele me devia uma bebida. Coloquei um pouco de coca em um copo, acrescentei uma

dose de rum Zaya, e misturei com a ponta do meu dedo. Enquanto eu tomava um gole medicinal, o líquido frio deslizou pela minha garganta com um zumbido espumante. Talvez eu tenha colocado Zaya demais.

Foi azar meu ter me virado e visto Gage entrando no cômodo enquanto eu estava no meio do gole. Tive de lutar por um segundo para não cuspir a bebida. Depois de conseguir forçá-la para baixo, comecei a tossir violentamente, deixando o copo de lado.

Gage estava ao meu lado em um instante. — Desceu pelo caminho errado? — perguntou com simpatia, esfregando minhas costas em círculos.

Assenti e continuei a tossir, meus olhos se enchendo de água.

Ele parecia preocupado e entretido. — Minha culpa. Eu não queria te surpreender. — Sua mão continuou nas minhas costas, o que não me ajudava a restaurar minha respiração.

Percebi duas coisas logo de cara—primeiro, Gage estava sozinho, e segundo, ele estava escandalosamente sensual numa camisa de cashmere preta com gola rulê, calças cinza e sapatos pretos Prada.

A última tossida passou, e eu me encontrei encarando desamparadamente seus olhos cristalinos. — Oi, — eu disse debilmente.

Um sorriso tocou seus lábios. — Oi.

Fui preenchida por um calor perigoso, ficando ali com Gage. Eu me sentia feliz só por estar do lado dele, e miserável por um número de razões, e humilhada pelo desejo de me atirar nele, e o tumulto de sentir todas essas coisas de uma vez era quase mais do que eu podia suportar. — Dawnelle está... está com você?

— Não. — Gage pareceu como se quisesse dizer mais, mas ele hesitou e olhou pelo cômodo vazio. — Onde estão todos?

— Não sei. Pensei que Churchill tivesse dito seis horas.

Seu sorriso se tornou torto. — Eu não tenho ideia de por que ele estava tão impaciente para que todos se reunissem hoje. A única razão pela qual eu vim foi porque esperava que você e eu pudéssemos encontrar alguns minutos para conversar depois.

Uma pausa breve, e ele acrescentou, — Sozinhos.

Um calafrio nervoso desceu pelas minhas costas. — Ok.

— Você está linda. — Gage disse. — Mas, por outro lado, você sempre está. — Ele continuou antes que eu pudesse responder. — Eu recebi uma ligação de Jack no caminho. Ele não pode vir hoje.

— Espero que ele não esteja doente. — Tentei soar preocupada, quando no momento eu não poderia me importar menos com Jack.

— Não, ele está bem. É só que a namorada dele o surpreendeu com entradas para um show do Coldplay.

— Jack odeia Coldplay, — eu disse, por já o ter ouvido fazer comentários a esse respeito.

— Sim. Mas ele gosta de dormir com a namorada.

Ambos nos viramos quando Gretchen e Carrington entraram na sala. Gretchen estava vestida com uma saia cor de lavanda acima do joelho, uma blusa de seda combinando, e um lenço Hermes atado ao redor de seu pescoço. Para meu horror, Carrington estava vestindo jeans e suéter cor-de-rosa.

— Carrington, — perguntei, — você não se vestiu ainda? Eu separei sua saia azul e seu—

— Não posso ir, — minha irmã disse alegremente. — Tenho muito dever de casa. Então vou com a tia Gretchen para o encontro do clube do livro, e vou fazer lá.

Gretchen parecia pesarosa. — Eu acabei de me lembrar do meu encontro no clube do livro. Não posso faltar. As garotas são muito rígidas com a presença. Duas ausências não justificadas, e— — Ela passou seus dedos com esmalte coral pelo seu pescoço.

— Elas parecem ser implacáveis, — eu disse.

— Oh, querida, você não pode imaginar. Uma vez que você sai, você sai mesmo. E então eu teria de encontrar algo mais para fazer nas terças à noite, e a única coisa acontecendo além do clube do livro é o Grupo de Bunko^{60}. — Ela olhou para Gage se desculpando. — Você sabe como eu odeio Bunko.

— Não, não sabia.

— Bunko te deixa gorda, — ela o informou. — Todos aqueles lanches. E

na minha idade

— Onde está Papai? — Gage interrompeu.

Carrington respondeu inocentemente. — Tio Churchill mandou dizer que a perna dele está o incomodando, então ele irá ficar aqui hoje à noite e assistir a um filme com sua amiga Vivian quando ela chegar aqui.

— Mas já que vocês dois estão tão bem vestidos, — Gretchen disse, — vocês vão sem nós e se divertam.

Elas desapareceram como um ato de Vaudeville^{61}, deixando-nos ali estupefatos.

Era uma conspiração.

Surpresa e mortificada, eu me virei para Gage. — Eu não tive nada a ver com isso, eu juro

— Eu sei, eu sei. — Ele parecia exasperado, mas então riu. — Como você pode ver, minha família não se importa nem um pouco com sutileza.

A visão de um dos seus raros sorrisos me encheu de deleite. — Não há necessidade de você me levar para jantar, — eu disse. — Você deve estar cansado depois de sua viagem a Nova York. E eu acho que Dawnelle não ficaria tão feliz com a idéia de nós dois sairmos. — Seu divertimento desapareceu. — Na verdade... Dawnelle e eu terminamos ontem.

Eu pensei que não tinha ouvido direito. Eu temia assumir qualquer coisa daquele punhado de palavras. Eu senti minha pulsação pular debaixo da minha pele, nas minhas bochechas, garganta e na parte de dentro dos meus braços. Sem dúvidas eu parecia lamentavelmente confusa, mas Gage não falou mais nada, apenas esperou que eu respondesse.

— Sinto muito, — eu eventualmente consegui dizer. — É por isso que você foi para Nova York? Para... Para terminar com ela?

Gage assentiu, colocando uma mecha solta de cabelo atrás da minha orelha, deixando seu polegar tocar minha mandíbula. Meu rosto queimou. Fiquei tensa, sabendo que se eu relaxasse um músculo, eu iria derreter completamente. — Eu percebi, — disse ele, — que se eu havia ficado tão obcecado com uma mulher que eu não conseguia dormir à noite, pensando nela... não fazia sentido para mim sair com outra pessoa, fazia?

Eu não poderia dizer uma palavra nem para salvar minha vida. Meu olhar caiu para seu ombro, e eu fui dominada pelo desejo de encostar minha cabeça ali. Sua mão brincou com meu cabelo com uma suavidade excitante.

— Então... nós vamos colaborar com a armação? — Ouvi-o perguntar depois de um momento.

Eu me obriguei a olhar para ele. Ele era lindo. O fogo projetava cores quentes pela sua pele e acendia pequenas luzes em seus olhos. Os ângulos de seu rosto eram acentuados pela luz. Ele precisava de um corte de cabelo. As grossas mechas pretas estavam começando a se enrolar sobre as pontas das suas orelhas e a sua nuca. Eu me lembrei da sensação delas nos meus dedos, como seda grossa, e ardi com o desejo de tocar sua cabeça, puxá-la para a minha. Qual era a pergunta dele? Ah, sim... a armação. — Eu odiaria dar essa satisfação a eles, — eu disse, e ele sorriu.

— Você está certa. Mas por outro lado... temos de comer. — Seu olhar baixou para meu corpo. — E você está muito bonita para ficar em casa hoje | noite. — Ele colocou uma mão nas minhas costas, pressionando gentilmente. — Vamos sair daqui.

Seu carro estava estacionado na frente da casa. Era típico de Gage dirigir um

Maybach. É um carro de gente rica que não gosta de ostentar, por isso você não vê muitos Maybach em Houston. Por cerca de trezentos mil dólares você obtém um exterior tão discreto que os manobristas de estacionamento raramente o colocam em frete com os BMW ou Lexus. O interior é revestido de couro macio e madeira amboyna^{62} polida tirada de uma floresta da Indonésia nas costas de elefantes. Sem mencionar as duas telas de vídeo, dois suportes para taças de champanhe, e um frigobar embutido desenhado para guardar uma garrafa de champanhe Cristal. E tudo isso pode ir de zero a cem quilômetros em menos de cinco segundos.

Gage me ajudou a entrar no carro rebaixado e estendeu a mão para prender meu cinto. Eu relaxei no assento, respirando o cheiro de couro lustrado e encarando um painel que lembrava o interior de uma pequena aeronave. O Maybach ronronou quando saímos da casa.

Dirigindo com uma mão, Gage pegou algo do console central. Ele levantou um telefone celular e me lançou um olhar breve. — Tudo bem se eu fizer uma

ligação?

— É claro.

Passamos pelo portão frontal. Olhei para as mansões enquanto nós passávamos, os retângulos amarelos e brilhantes das janelas, a visão de um casal andando com um cachorro pela rua silenciosa. Apenas uma noite ordinária para algumas pessoas...

enquanto para outras, coisas inimagináveis estava acontecendo.

Gage fez uma discagem rápida, e alguém atendeu. Ele falou sem nem dizer olá. — Sabe, Pai, eu acabei de chegar de Nova York há duas horas. Eu não tive tempo nem para desarrumar minha bagagem. Isso pode ser um choque, mas eu não faço sempre as coisas de acordo com seu horário.

Uma resposta de Churchill.

— Sim, — Gage disse, — Eu entendi isso. Mas estou lhe avisando—de agora em diante tome conta da sua própria maldita vida amorosa e não mexa com a minha. — Ele fechou o telefone celular com um estalo. — Velhote, — murmurou.

— Ele interfere com todo mundo, — eu disse, sem fôlego pela implicação de que eu fazia parte de sua vida amorosa. — É a forma de ele mostrar afeição.

Gage me lançou um olhar cínico. — Não brinca.

Um pensamento me ocorreu. — Ele sabia que você estava indo terminar com

Dawnelle?

— Sim, eu contei a ele.

Churchill sabia, e ele não havia dito nada a mim. Eu queria matá-lo. — Então é por isso que ele se acalmou depois de conversar com você, — eu disse. — Acho que ele não era um grande fã de Dawnelle.

— Acho que ele não se importava muito com Dawnelle, de um jeito ou de outro. Mas ele se importa muito com você.

Deleite parecia estar se derramando dentro de mim como uma braçada de frutas que se tornou muito pesada para carregar. — Churchill se importa com muita gente, — eu disse de um jeito informal.

— Não realmente. Ele é muito cauteloso com a maioria das pessoas. Eu puxei isso dele.

Era perigosa, essa tentação de conta a ele qualquer coisa, de relaxar completamente em sua presença. Mas o carro era um luxuoso casulo escuro, e eu estava imersa em uma sensação de intimidade com esse homem que eu mal conhecia.

— Ele me falou de você por anos, — eu disse. — E dos seus irmãos e irmã. Sempre que ele visitava o salão, ele me dava uma atualização sobre a família, e parecia que você e ele sempre estavam no meio de algum tipo de discussão. Mas eu podia dizer que ele era mais orgulhoso de você. Até quando ele estava reclamando de você, soava como se estivesse se vangloriando.

Gage sorriu suavemente. — Ele geralmente não é tão falador.

— Você ficaria surpreso com o que as pessoas dizem numa mesa de manicure.

Ele balançou sua cabeça, seus olhos na estrada. — Papai é o último homem do mundo que eu esperaria ir fazer manicure. Quando eu ouvi sobre isso pela primeira vez, eu me perguntei que tipo de mulher podia conseguir que ele fizesse tal coisa. Como pode imaginar, causou mais do que uma pequena especulação na família.

Eu sabia que isso importava demais, o que Gage pensava sobre mim. — Eu nunca pedi nada a ele, — eu disse, minha voz cheia de ansiedade. — Eu nunca o imaginei como um... você sabe, coroa rico... não houve presentes ou

— Liberty, — ele interrompeu gentilmente. — tudo bem. Eu entendi.

— Ah. — Soltei um longo suspiro. — Bem, eu sei como parecia.

— Eu percebi na hora que nada estava acontecendo. Imaginei que qualquer homem que dormisse com você nunca a deixaria sair de sua cama.

Silêncio.

A observação deliberadamente provocante dividiu o curso dos meus pensamentos em dois canais, um de desejo, o outro de profunda insegurança. Eu raramente tinha desejado, se é que já desejei, um homem como eu desejava Gage. Mas eu não ia ser o bastante para ele. Eu não tinha experiência, não tinha habilidade. E durante o sexo eu facilmente me distraía, eu nunca podia

bloquear os caprichos de uma mente que, bem no meio da ação, iria convocar preocupações com coisas como Será que já assinei o formulário de Carrington para a aula de campo da escola? Ou Será que a lavanderia vai ser capaz de tirar a mancha de café da minha blusa branca? Resumindo, eu era ruim de cama. E eu não queria que esse homem descobrisse.

— Vamos conversar sobre aquilo? — Gage perguntou, e eu sabia que ele se referia ao beijo.

— Sobre o quê? — perguntei.

Ele riu suavemente. — Acho que não. — Tendo piedade, ele perguntou como Carrington estava indo na escola. Aliviada, eu lhe contei sobre os problemas que a minha irmã estava tendo com matemática, e a conversa virou para nossas próprias memórias da escola, e logo ele estava me entretendo com lembranças de todos os problemas em que ele e seus irmãos se meteram quando eram mais jovens.

Antes que eu percebesse, estávamos no restaurante. Um empregado com uniforme me ajudou a sair do carro enquanto outro recebia as chaves de Gage. — Podemos ir a qualquer lugar, — Gage disse, tomando meu cotovelo. — Se você não gostar desse lugar, só me diga.

— Tenho certeza de que será maravilhoso.

Era um restaurante francês contemporâneo com paredes de cores claras e mesas cobertas por linho branco, e música de piano. Depois que Gage explicou à recepcionista que a festa dos Travis havia ido de nove para duas pessoas, ela nos levou a uma das mesinhas no canto, que era parcialmente oculto por um painel semelhante a uma tela, que nos permitia privacidade.

Enquanto Gage olhava a lista de vinhos do tamanho de uma lista telefônica, um garçom solícito encheu nossas taças de água e colocou um guardanapo no meu colo.

Depois que Gage escolheu o vinho, pedimos sopa de alcachofra com pedaços de lagosta do Maine caramelizada, pratos de moluscos da Califórnia, solhas^{63} fritas de Dover acompanhadas por uma salada picante de berinjela da Nova Zelândia e pimenta.

— Meu jantar vai ser mais viajado que eu, — eu disse.

Gage sorriu. — Aonde você iria, se pudesse escolher qualquer lugar?

A pergunta me deixou animada. Eu sempre fantasiei com viagens a lugares que eu tinha visto apenas em revistas ou filmes. — Ah, não sei... para começar, Paris, talvez. Ou Londres, ou Florença. Quando Carrington ficar um pouco mais velha, vou guardar dinheiro suficiente para nos levar num daqueles tours de ônibus pela Europa...

— Você não quer ver a Europa através da janela de um ônibus, — ele disse.

— Não quero?

— Não. Você quer ir com alguém que conheça os lugares certos. — Ele puxou o seu celular e o abriu. — Qual delas?

Eu sorri e balancei minha cabeça, confusa. — O que você quer dizer, qual delas?

— Paris ou Londres? Eu posso ter o avião pronto em duas horas.

Eu decidi brincar com ele. — Iremos no Gulfstream ou no Citation?

— Para a Europa, definitivamente o Gulfstream.

Então eu percebi que ele estava falando sério. — Eu nem tenho uma mala, — eu disse, chocada.

— Eu comprarei o que você precisar quando chegarmos lá.

— Você disse que estava cansado de viajar.

— Eu quis dizer viagem de negócios. Além disso, eu gostaria de ver Paris com alguém que nunca esteve lá antes. — Sua voz ficou gentil. — Seria como ver pela primeira vez de novo.

— Não, não, não... as pessoas não vão | Europa no primeiro encontro.

— Sim, elas vão.

— Não meu tipo de pessoa. Além disso, iria assustar Carrington eu fazer algo repentino assim

— Projetando, — ele murmurou.

— Certo, iria me assustar. Eu não te conheço bem o bastante para viajar com você.

— Isso irá mudar.

Encarei Gage com espanto. Ele estava mais relaxado do que eu jamais havia visto, um sorriso em seus olhos. — O que deu em você? — perguntei

perplexa.

Ele balançou a cabeça, sorrindo. — Não tenho certeza. Mas vou me deixar levar.

Nós conversamos durante todo o jantar. Havia tanto que eu queria dizer, e ainda mais que eu queria perguntar. Três horas de conversa nem mesmo raspou a superfície. Gage era um bom ouvinte, parecendo genuinamente interessado nas histórias sobre meu passado, todos os detalhes que o deveriam deixar facilmente entediado. Contei a ele sobre Mamãe, como eu sentia falta dela e todos os problemas que tivemos uma com a outra. Eu até mesmo contei a ele sobre o remorso que sentia há anos, de que fosse minha culpa que Mamãe nunca foi muito próxima de Carrington.

— Eu achava, naquela época, que estava preenchendo uma lacuna, — disse. — Mas depois que ela morreu, eu me perguntei se eu não tinha... bem, eu amei tanto Carrington desde o início, que simplesmente assumi o controle. E me perguntei várias vezes se eu era culpada por... não sei a palavra para isso...

— Tê-la marginalizado?

— O que isso significa?

— Colocá-la para escanteio.

— Sim. Sim, é isso que eu fiz.

— Besteira, — Gage disse gentilmente. — Isso não funciona assim, querida. Você não tirou nada da sua mãe por ter amado Carrington. — Ele segurou minha mão, enrolando seus dedos quentes nos meus. — Soa como se Diana estivesse ocupada com seus próprios problemas. Ela provavelmente estava grata por você ter dado a Carrington a afeição que ela não pôde dar.

— Espero que sim. — Eu disse, não convencida. — Eu... como você sabia o nome dela?

Ele deu de ombros. — Papai deve tê-lo mencionado.

No silêncio caloroso que se seguiu, eu recordei que Gage havia perdido sua mãe quando tinha apenas três anos. — Você se lembra de algo sobre sua mãe?

Gage balançou a cabeça. — Ava foi quem tomou conta de mim quando eu estava doente, leu histórias para mim, cuidou de mim depois que eu me metia numa briga e me puniu depois. — Um suspiro pensativo. — Deus, eu sinto

falta dela.

— Seu pai também. — Eu parei antes de ousar perguntar. — Você se importa que seu pai tenha namoradas?

— Diabos, não. — Ele sorriu repentinamente. — Contanto que você não seja uma delas.

Voltamos para River Oaks por volta da meia-noite. Eu estava levemente embriagada pelas duas taças de vinho e alguns goles de vinho do porto que eles serviram com a sobremesa, que tinha consistido de queijo francês e fatias finas como papel de pão com nozes. Eu nunca tinha me sentido tão bem em toda a minha vida, talvez até melhor do que naqueles momentos agradáveis com Hardy há tanto tempo. Isso quase me preocupava, sentir-me feliz daquele jeito. Eu tinha mil formas de assegurar que um homem nunca pudesse se aproximar realmente. Sexo não era nem de perto tão difícil, ou perigoso, quanto intimidade.

Mas a vaga preocupação não criou raízes, porque algo em Gage me fazia confiar nele apesar de todos os meus melhores esforços para não fazê-lo. Eu me perguntei quantas vezes na minha vida eu tinha feito algo só porque eu queria fazer, sem pesar as consequências.

Ambos caímos em silêncio quando Gage dirigiu até perto da casa e parou o carro. O ar estalava com perguntas não feitas. Eu fiquei parada no meu assento, não encontrando seu olhar. Alguns segundos pesados, crus, e eu tateei cegamente pela fivela do cinto do meu assento. Sem pressa, Gage saiu do carro e veio para o meu lado.

— Está tarde. — Eu disse casualmente enquanto ele me ajudava a sair do carro.

— Cansada?

Caminhamos para a porta da frente. O ar da noite estava frio e doce, nuvens passando pela lua em camadas transparentes.

Eu assenti para indicar que sim, eu estava cansada, embora não fosse verdade. Eu estava nervosa. Agora que estávamos de volta em território familiar, eu achei difícil não voltar a ter minha antiga cautela. Paramos na porta, e eu me virei para encará-lo. Meu equilíbrio estava incerto nos saltos altos. Eu devo ter balançado um pouco, porque ele se aproximou e tomou

minha cintura em suas mãos, dedos descansando sobre a curva de cima dos meus quadris. Minhas mãos fechadas formavam uma pequena barreira entre nós. Palavras saíram aos trambolhões dos meus lábios—eu o agradei pelo jantar, tentei expressar como eu tinha gostado...

Minha voz desapareceu quando Gage me puxou para perto e pressionou seus lábios contra minha testa.

— Eu não tenho pressa, Liberty. Posso ser paciente.

Ele me abraçou com cuidado, como se eu fosse frágil e precisasse de proteção. Tentativamente relaxei contra ele, me aconchegando, minhas mãos subindo para seus ombros. Em todos os lugares onde estávamos pressionados, senti a promessa puramente física de quão bom poderia ser, iria ser, e algo começou a se desenrolar em todos os lugares vulneráveis do meu corpo.

Sua boca ampla e firme se moveu para a minha bochecha, tocando-a gentilmente.

— Te vejo de manhã.

E então ele se afastou.

Atordoada, eu o observei começar a descer os degraus. — Espere, — eu disse sem jeito.

— Gage...

Ele se virou, suas sobrancelhas levantadas numa pergunta silenciosa.

Embaraçada, eu murmurei, — Você não vai me dar um beijo de boa noite?

Sua risada quieta atravessou o ar. Devagar ele voltou para mim, apoiando uma mão na porta. — Liberty, meu bem... — Seu sotaque estava mais pesado que o usual. — Eu posso ser paciente, mas não sou santo. Um beijo é tudo com que eu posso lidar hoje | noite.

— Ok, — eu sussurrei.

Meu batimento cardíaco ficou incontrolável quando ele se inclinou sobre mim. Ele me tocou com nada além de sua boca, provando suavemente até meus lábios se abrirem. Havia o mesmo sabor elusivo que me atormentou pelas duas últimas noites, estava no seu hálito, na sua língua, algo doce e viciante. Tentei tomar tudo que era possível, passando meus braços pelo seu pescoço para mantê-lo ali. Um som suave e sombrio veio de sua garganta. Seus

pulmões se moviam num ritmo instável, e ele passou um braço pelos meus quadris e me puxou contra ele.

Ele me beijou por mais tempo, com mais força, até que estávamos encostados contra a porta. Uma das suas mãos deslizou para cima da minha cintura, pairou sobre meu seio e se afastou. Coloquei minha mão sobre a dele e desajeitadamente a levei aonde eu queria, até que seus dedos estavam empalmando o meu seio. Seu polegar circulou, esfregou devagar, até que a carne se tornou um botão dolorido. Ele o tomou em seus dedos, puxando com primorosa gentileza. Eu queria sua boca em mim, suas mãos, toda sua pele contra mim. Eu precisava tanto, demais, e o modo com que ele me tocava, me beijava, me fazia desejar coisas impossíveis. — Gage...

Ele me abraçou numa tentativa de acalmar meus tremores. Sua boca estava no meu cabelo. — Sim?

— Por favor... me leve ao meu quarto.

Compreendendo o que eu estava oferecendo, Gage levou seu tempo para responder.

— Eu posso esperar.

— Não... — Eu passei meus braços ao redor dele como se eu tivesse me afogando. — Eu não quero esperar.

..... CAPÍTULO 21

Em algum lugar entre a porta da frente e o quarto, o calor da paixão foi substituído por dúvidas. Não que eu estivesse indo desistir naquele ponto—eu queria tanto Gage. E mesmo que conseguíssemos para ali, eu tinha certeza que nós iríamos acabar na cama, eventualmente. Mas minha mente continuava rondando minhas inadequações na cama e como disfarçá-las. Eu tentei imaginar o que Gage gostaria, as coisas que poderiam agradá-lo. Pelo momento em que estávamos no meu quarto, minha mente estava cheia com o que pareciam páginas de uma cartilha de futebol, setas levando as diagramas de rotas de passagem, estratégias de bloqueio, atribuições de ataque e formações ofensivas.

Quando vi a mão de Gage na maçaneta da porta e ouvi o clique da fechadura, eu senti meu estômago contorcer. Eu diminuí a luz da cabeceira da cama, enviando um brilho de luz amarela no chão.

A face de Gage suavizou enquanto ele olhou para mim. — Ei... — Ele fez um gesto para eu ir até ele. — Você tem permissão para mudar de ideia.

Senti seus braços irem ao meu redor, e eu me encolhi contra ele. — Não, sem reconsiderações. — Minha bochecha pressionou o macio cashmere preto de seu suéter. — Mas...

— Mas o quê? — Sua mão subia e descia minha espinha. Eu discuti comigo mesma por alguns segundos—se eu ia confiar em um homem o suficiente para ir para a cama com ele, eu deveria confiar nele o suficiente para dizer o que quisesse.

— A coisa é... — Eu disse com dificuldade. Não importa o quão profunda fosse a inspiração que eu desse, eu só parecia estar recebendo metade do ar que precisava. A mão de Gage continuou seu movimento lento, tranquilizador. — Há algo que você deve saber.

— Sim?

— Bem, você vê... — Eu fechei meus olhos e me fiz dizer isto. — A coisa é, eu sou ruim de cama.

Sua mão parou. Ele retirou minha cabeça de seu ombro e me submeteu a um olhar interrogativo. — Não, você não é.

— Sim, sim, eu sou ruim de cama. — Era um alívio tão grande admitir isso, que as palavras tropeçavam umas nas outras quando eu continuei. — Eu não tenho experiência nenhuma. É tão constrangedor na minha idade. Houve somente dois—e o último, oh, aquilo era tão medíocre. Toda vez. Eu não tenho habilidades. Nenhum foco. Eu levo uma eternidade para me excitar e então eu não consigo me segurar a isso, e eu tenho que fingir. Eu sou uma fingida, e eu não sou boa nem mesmo nisso. Eu sou

— Espere. Calma. Liberty... — Gage puxou-me para perto, sufocando a expansão de sentimentos. Eu senti um tremor de riso correr através dele. Eu endureci, e ele apertou-me com mais força. — Não, — ele disse, sua voz grossa de divertimento. — Eu não estou rindo de você, querida. Eu só... não. Eu estou te levando a sério. Eu estou.

— Você não parece estar.

— Querida. — Ele alisou meu cabelo para trás, acariciou minhas têmporas. — Não há nada medíocre sobre você. O único problema que você tem é que você levou a vida de uma mãe solteira trabalhadora desde que você tinha... o quê, dezoito, dezenove? Eu já sabia que você não era experiente porque... Para ser honesto, você lança todo tipo de sinais mistos.

— Eu lanço?

— Sim. É por isso que eu estou bem em ir devagar com você. Melhor isso do que fazer algo que você não está pronta.

— Eu estou pronta, — eu disse sinceramente. — Eu só quero ter certeza que você baixou suas expectativas.

Gage olhou para longe de mim, e eu tive a impressão de que ele estava lutando contra outra risada. — Tudo bem. Elas estão baixas.

— Você só está dizendo isso.

Ele não disse nada, seus olhos brilhando com a diversão.

Nós estudamos um ao outro, e eu me perguntei se o próximo passo seria meu ou dele. Aproximei-me da cama com as pernas desmoronando, sentei-me na beirada, retirando os sapatos. Meus dedos do pé flexionaram contra a dor

agradável de não mais ter de suportar o meu próprio peso.

Gage me observava, o movimento dos meus pés descalços, e seus olhos perderam o brilho estilhaçado, parecendo obscurecidos por fumaça, quase sonolentos. Encorajada, eu alcancei a bainha do meu vestido.

— Espere, — Gage murmurou, sentando ao meu lado na cama. — Um par de regras básicas.

Eu concordei, observando a forma como o tecido da sua calça esticava sobre suas coxas, notando que os seus pés alcançavam o chão enquanto minhas pernas balançavam.

Eu senti uma de suas mãos tocar a borda de meu queixo, e ele virou meu rosto para o dele. — Primeiro, sem fingimento. Você tem que ser honesta comigo.

Isso fez-me me arrepender de ter mencionado o fingimento. Eu sempre odiei ser o tipo de pessoa que diz muito por nervosismo. — Tudo bem, mas só para você saber, eu costumo demorar muito tempo

— Eu não me importo se vai levar toda a maldita noite. Isso não é uma audição.

— E se eu não conseguir... — Pela primeira vez eu percebi o quanto era mais difícil falar sobre sexo do que realmente fazê-lo.

— Vamos trabalhar nisso, — disse Gage. — Acredite em mim, eu não tenho nenhum problema em ajudá-la a praticar.

Me atrevi a tocar sua coxa, que parecia com concreto debaixo da minha palma.

— Qual é a outra regra?

— Eu estou no comando.

Eu pisquei, me perguntando o que ele quis dizer. A mão de Gage fechou sobre a minha nuca em um aperto leve, que enviou um choque erótico pela minha espinha. — Só por hoje, — ele continuou uniformemente. — Confie em mim para decidir quando e onde e por quanto tempo. Você não precisa fazer nada além de relaxar. Deixe-se levar. Deixe-me cuidar de você. — Sua boca baixou para a minha orelha, e ele sussurrou. — Você pode fazer isso por

mim, querida?

Meus dedos do pé curvaram. Ninguém jamais havia me perguntado uma coisa dessas. Eu não tinha certeza se eu poderia. Mas assenti, meu estômago pulando enquanto sua boca vagava por minha bochecha até o canto dos meus lábios. Ele me beijou, pesquisando lenta e profundamente até que eu estivesse fraca e todo o meu corpo envolto em seu colo. Gage tirou os sapatos e deitou sobre a cama comigo, nós dois completamente vestidos. Ele apertou uma coxa nas dobras do vestido vermelho, segurando-me contra o colchão. Sua boca possuiu a minha com longos beijos, mordidas e beijos com mordiscadas, até que calor se juntou entre minha pele e o tecido de lã. Enfiei meus dedos em seus cabelos grossos, frescos na superfície, quentes perto do couro cabeludo, tentando capturá-lo.

Gage resistiu à minha insistência ansiosa, puxando para trás. Em um movimento fácil, ele sentou-se e ficou entre meus quadris. Eu respirei tremulamente quando senti a pressão íntima dele, dura como rocha e crescente. Habilmente, ele tirou o suéter preto e atirou-o de lado, revelando um torso mais poderoso do que eu havia imaginado, elegante e rigidamente acolchoado, seu peito levemente coberto com pelos escuros. Eu queria sentir o seu peito contra meus seios nus. Eu queria beijá-lo, explorar-lo, não para seu prazer, mas para o meu próprio, ele era tão malditamente provocante, tão intensamente masculino.

Se abaixando sobre mim, Gage procurou a minha boca novamente, e eu estava ardendo, desesperada para me libertar do meu vestido, que tinha começado a formigar e se agarrar como uma camisa de tortura medieval. Eu alcancei a bainha, puxando o tecido torturante para cima.

Mas a boca Gage deixou abruptamente a minha, sua mão fechando sobre meu pulso. Eu olhei para ele em confusão.

— Liberty. — Seu tom era repreensivo, os olhos perversos. — Apenas duas regras... e você já quebrou uma.

Eu levei um tempo para entender. Com esforço, eu me forcei a soltar meu vestido. Eu tentei ficar quieta, embora meus quadris subissem em um movimento suplicante. Gage puxou o vestido de volta aos joelhos, o sadista, e ele gastou uma eternidade acariciandome através da camada de lã. Eu me pressionei contra ele mais forte, mais perto, ofegante com a sensação de seu

corpo excitado.

O calor aumentou até Gage finalmente tirar o vestido para cima, longe da pele tão vermelha e sensível que a lufada de ar do ventilador de teto me fez estremecer. Ele desengatou o fecho da frente do meu sutiã, libertando meus seios dos arames em taça da armação. O roçar provocante de seus dedos foi tão extraordinário, que eu mal pude suportar.

— Liberty... você é linda... tão linda... — Senti seus murmúrios irregulares contra a minha garganta, meu peito, me dizendo o quanto ele me queria, o quanto eu o excitava, como era doce o sabor da minha pele. Seus lábios se arrastaram suavemente sobre a encosta acolchoada do meu seio, se abriram sobre os picos, colocando-os dentro do fogo úmido de sua boca. Meus quadris fizeram um grande arco quando ele deslizou os dedos abaixo da borda superior da minha calcinha de algodão. O lugar entre as minhas coxas estava doendo, mas ele não parecia entender onde que eu precisava que ele me tocasse, ele acariciava tudo sem jamais realmente tocar lá. Eu me empurrei para cima em uma muda declaração rítmica, eu quero... eu quero ... eu quero... E ele ainda não respondia, e então eu percebi que ele estava fazendo isso de propósito.

Meus olhos se abriram: os meus lábios se separaram... mas Gage olhou para baixo em meu rosto com uma espécie de desafio divertido, desafiando-me a queixar-se. De alguma forma eu consegui manter minha boca fechada.

— Boa menina, — murmurou ele, tirando a minha calcinha.

Ele me prendeu firmemente no colchão. Eu fiquei exatamente como ele me ajeitou, meu corpo pesado como se a sensação tivesse adquirido o peso de água salgada. Eu estava no limite e indefesa. Ele se moveu sobre mim, ao meu redor, até que eu estivesse selvagem de estímulo e desejo e fricção provocante.

Ele deslizou mais para baixo. Eu não conseguia nem levantar a cabeça, ela tornou-se tão pesada. Sua boca vagueou em uma busca cega, sem planejamento, atravessando o pequeno porto entre as minhas coxas. Eu me contorci quando senti sua língua em quentes lambidas que separaram e sondaram até que minha carne estivesse aberta, encharcada. Ele agarrou meus quadris, mantendo-me parada para a sua boca, para beijos ávidos, para incursões lentas. Meus músculos contraíam à medida em que tudo começou a rolar para mim. Eu estava prestes a gozar, eu estava quase gritando de alívio,

quando ele se afastou.

Tremendo, eu implorei não pare, mas Gage disse ainda não e baixou seu corpo sobre o meu. Ele deslizou dois dedos dentro de mim, manteve-os lá enquanto ele me beijava. Paixão tinha deixado suas feições severas no brilho da lâmpada. Meu corpo apertava ao redor da impulsão suave de seus dedos, eu me arqueei para mantê-los, necessitando de qualquer parte dele dentro de qualquer parte de mim. Seu nome veio aos meus lábios de novo e de novo, eu não tinha maneira de dizer a ele que eu faria qualquer coisa por ele, ele era tudo que eu queria, era demais para ser suportado.

Gage levou uma mão até o criado-mudo, remexeu em sua carteira. Eu agarrei o pacote de embalagem reluzente, tão frenética para ajudar que acabei prejudicando seus esforços, e eu ouvi seu riso abafado. Eu não via humor em qualquer coisa, eu estava em uma febre, eu tinha sido provocada à loucura.

Eu senti a temperatura do corpo de Gage, mais frio, mais forte, mais pesado que o meu, subindo para coincidir com a minha chama interna. Ele respondeu a cada estremecer e gemido, seus lábios roubando segredos da minha carne, suas mãos suavemente invadindo até que não havia parte de mim que ele não tivesse reivindicado. Ele empurrou minhas pernas para ficarem abertas e entrou em mim em um firme e profundo impulso, pegando meus soluços com sua boca, sussurrando isso doce bebê quieta quieta, e eu tomei tudo dele, o prazer grosso e doce, e com cada penetração a molhada e sedosa dureza me guiava para mais perto do limite. Oh Deus aí sim por favor, eu precisava mais rápido, mas sua disciplina era absoluta, ele trabalhou mais para dentro de mim, sem alterar a terrível lentidão de seu ritmo. Seu rosto se aconchegou na curva do meu pescoço, e o raspar de seus pelos era tão bom, que eu gemia como se fosse dor.

Cegamente eu alcancei as suas costas flexionadas, descendo até sua bunda, meus dedos apertando o músculo tenso. Sem pausar seu ritmo medido, ele puxou meus pulsos para cima, um após o outro e, deliberadamente prendeu-os no colchão, e cobriu minha boca com a dele.

Apenas um pensamento racional cintilou no limite da minha consciência— havia algo que não era certo sobre a rendição que ele pediu—mas o alívio daquilo era indescritível. E assim eu me entreguei, e minha mente ficou escura e silenciosa. No momento em que me deixei ir, as ondas de prazer começaram,

cada uma mais implacável que a anterior. Meus quadris quase o levantaram da cama. Ele respondeu com investidas mais árduas, me empurrando de volta para baixo, deixando o voluptuoso aperto da minha carne prolongar seu orgasmo. Eu gozei, e gozei, e gozei. Parecia impossível que uma pessoa pudesse sobreviver a isso.

Geralmente, quando o sexo tinha acabado, o desacoplamento era completo em todos os sentidos. Homens rolavam para o outro lado e iam dormir, mulheres iam para o banheiro se refrescar e eliminar as evidências. Mas Gage me segurou por um bom tempo, brincando com meus cabelos, sussurrando, roçando beijos em meu rosto e seios. Ele lavou-me com um pano úmido e morno. Eu deveria sentir-me esgotada, mas ao invés disso, eu me sentia como um fio elétrico, um circuito de energia correndo pelo meu corpo. Fiquei na cama tanto quanto eu pude, e então eu levantei e coloquei o meu roupão.

— Então você é uma dessas, — Gage disse, parecendo divertido enquanto eu recolhia e dobrava nossas roupas descartadas.

— Uma o quê? — Fiz uma pausa para admirar a vista do seu longo corpo mal coberto pelo lençol branco, músculos se contraindo debaixo de sua pele enquanto ele se apoiava no cotovelo. Eu amei a desordem que as minhas mãos fizeram em seus cabelos, a curva descontraída de sua boca.

— Uma dessas mulheres que ficam aceleradas depois do sexo.

— Eu nunca tinha ficado acelerada por isso antes, — eu disse, colocando as roupas dobradas sobre uma cadeira. Uma rápida autoavaliação levou-me a admitir timidamente. — Mas agora eu sinto como se pudesse correr dez quilômetros.

Gage sorriu. — Eu tenho algumas idéias sobre como desgastar você. Infelizmente, como eu não sabia o que iria acontecer esta noite, eu só tinha um preservativo para casos de emergência.

Eu meio que me sentei na beirada da cama. — Eu era uma emergência?

Ele puxou-me por sobre seu peito e rolou para trás até que eu estava deitada em cima dele. — Desde o primeiro momento em que te vi.

Eu sorri e o beijei. — Você tem mais preservativos, — eu disse a ele. — Eu encontrei alguns no banheiro quando me mudei. Eu não tinha planejado devolvê-los a você, teria sido muito embaraçoso. Então eu os deixei onde

estavam. Nós estamos compartilhando a gaveta.

— Nós estávamos compartilhando uma gaveta e eu nem sabia disso?

— Você pode pegar os preservativos de volta agora, — eu disse generosamente.

Seus olhos brilharam. — Eu aprecio isso.

À medida que a noite se desenrolou, nós estabelecemos que não só eu não era ruim na cama, eu era fenomenal. Um prodígio, Gage afirmou.

Nós dividimos uma garrafa de vinho, tomamos banho juntos, e voltamos para a cama. Nós nos beijamos vorazmente, como se já não tivéssemos nos beijado mil vezes. E pela manhã eu havia feito coisas com Gage Travis que eram ilegais em pelo menos nove estados. Parecia que não havia nada que ele não gostasse, nada que ele não estivesse disposto a fazer. Ele foi perversamente paciente e tão minucioso, que eu senti como se tivesse sido desmontada e remontada de uma maneira diferente.

Exausta e saciada, eu dormi curvada contra o seu lado. Eu acordei quando a fraca luz do sol da manhã entrou pela janela. Senti Gage bocejar sobre minha cabeça, e seu corpo enrijeceu em um espreguiço estremecido. Tudo parecia maravilhoso demais para ser real, a pesada forma masculina ao meu lado, as sutis ardências e dores que me lembravam os prazeres da noite. A mão que repousava suavemente sobre meu quadril nu. Eu estava com medo que ele pudesse desaparecer, aquele amante que havia me possuído e explorado com tanta doçura, e fosse substituído pelo homem distante e de olhar frio que eu havia conhecido antes.

— Não vá embora, — eu sussurrei, cobrindo sua mão com a minha, pressionando-a firmemente contra a minha pele.

Eu senti o formato do sorriso de Gage na tranquila curva pálida do meu pescoço. — Não estou indo a lugar nenhum, — ele disse, e puxou-me de volta contra ele.

Houstonianos gostam de fazer as coisas de uma maneira grande, e uma inauguração de mansão em River Oaks não é uma exceção. Havia muitos eventos ocorrendo na noite de sábado, mas a lista de convidados na qual todos queriam estar era a de uma grande festa de gala beneficente na casa de Peter e Sascha Legrand. O executivo de empresa de petróleo e sua esposa, uma

vereadora da cidade, estavam usando a ocasião para apresentar sua nova mansão, um palácio Italiano-Mediterrâneo, com dez pórticos antigos importados da Europa e um salão de baile de 33 mil e quinhentos metros quadrados que cobria todo o segundo andar.

Os Travis tinham sido convidados, é claro, e Gage me pediu para ir com ele. Esse não era exatamente seu segundo encontro habitual.

A seção social do Chronicle havia mostrado imagens prévias da mansão, incluindo o lustre Chihuly de quatro metros de altura que ficava pendurado no grande hall de entrada. A impressionante criação de vidro parecia um buquê de flores gigantes semiabertas em azul, âmbar e laranja.

Destinado para o benefício de uma fundação de caridade de artes, a festa tinha a temática de ópera, o que significava que os cantores da Ópera de Houston iriam se apresentar. Com o meu conhecimento limitado de ópera, eu imaginava cantores com capacetes Vikings e longas tranças, que iriam explodir nossos cabelos para trás com suas vozes.

Os quatro aposentos do grande salão haviam sido decorados para representar famosas casas de ópera de Veneza e Milão. No pátio de trás da mansão, praças foram especialmente construídas em plataformas apenas para a festa, com buffets que ofereciam especialidades de diferentes regiões da Itália. Exércitos de garçons de luvas brancas estavam disponíveis para atender todas as necessidades dos convidados.

Eu tinha gasto o equivalente ao salário de duas semanas em um vestido Nicole Miller branco com uma frente única que enrolava e torcia ordenadamente até meus quadris, então caía em pregas suaves até o chão. Era um vestido sexy, mas elegante, com um decote em "V". Meus sapatos eram Stuart Weitzman, um par de sandálias transparentes com cristais nos saltos e tiras sobre os dedos do pé. Sapatos da Cinderela, Carrington tinha dito quando viu. Eu havia prendido meu cabelo para trás para que ele ficasse liso e brilhante contra minha cabeça, e o torci em um nó artisticamente desarrumado na parte de trás. Depois de cuidadosamente aplicar maquiagem esfumada nos olhos, um delicado gloss rosa, e um blush sutil, eu olhei para meu reflexo criticamente. Eu não tinha brincos que ficassem bem com o vestido. Mas eu precisava de algo mais.

Após pensar alguns segundos, fui ao quarto de Carrington, olhei em sua

caixa de material de arte, e encontrei uma cartela de cristais autoadesivos. Peguei um dos menores, não muito maior do que a cabeça de um alfinete, e o coloquei perto do canto externo do olho, como uma marca de beleza.

— Isso não parece cafona? — Perguntei a Carrington, que não conseguia deixar de saltar para cima e para baixo na cama. Perguntar a uma menina de oito anos de idade se alguma coisa é um pouco exagerada é como perguntar a um texano se tem pimentas demais na salsa. A resposta é sempre não.

— Está perfeito! — Carrington estava pronta para lançar-se em órbita.

— Sem pulos, — eu lembrei a ela, e ela desabou de braços com um sorriso.

— Você vai voltar pra cá hoje à noite, — ela perguntou, — ou vai dormir no Gage?

— Eu não tenho certeza. — Fui sentar na beirada da cama ao lado dela. — Bebê, iria incomodar você se eu dormisse na casa de Gage esta noite?

— Oh, não, — disse ela, alegremente. — Tia Gretchen disse que se você for, eu vou poder ficar acordada até tarde e nós vamos fazer biscoitos. E se você quiser que seu namorado lhe peça para casar com ele, você tem que dormir na casa dele. Para que ele possa ver se você parece bonita pela manhã.

— O quê? Carrington, quem lhe disse isso?

— Eu percebi sozinha.

Meu queixo tremia enquanto eu segurava o riso. — Gage não é meu namorado. E eu não estou tentando fazer com que ele me peça em casamento.

— Eu acho que você deveria, — disse ela. — Você não gosta dele, Liberty? Ele é melhor do que qualquer um dos outros que você namorou. Ainda melhor do que aquele que trazia pra nós todos aqueles pickles e queijos de cheiro engraçado.

— Nos trazia. — Olhei atentamente para seu rosto pequeno, sério. — Você parece gostar muito de Gage.

— Oh, sim! Eu acho que ele seria um bom pai para mim depois de eu ensinar a ele mais sobre coisa de criança.

As observações de uma criança podem derrubar você antes de você saber o que está vindo. Meu coração se retorceu com culpa, dor, e o pior de tudo, esperança.

Debrucei-me sobre ela e a beijei delicadamente. — Não espere nada, bebê, — eu sussurrei. — Vamos ter paciência e ver o que acontece.

Churchill, Vivian, Gretchen, e seu acompanhante estavam tomando coquetéis na sala familiar antes de partir. Nós tivemos que mandar as calças do smoking de Churchill ao alfaiate, para colocar emendas de velcro no lado onde ele usava o gesso. Vivian estava divertida pela ideia da calça com velcro, afirmando que se sentia como se ela estivesse namorando um dançarino do Clube das Mulheres.

Quando cheguei lá embaixo e saí do elevador, eu encontrei Gage esperando por mim. Um homem magnífico, todo elegância e testosterona contidas em um esquema de perfeito preto e branco. Gage usava um smoking como ele vestia qualquer coisa, com ar descontraído e inconsciente de si mesmo.

Ele olhou para mim com um leve sorriso. — Liberty Jones... Você parece uma princesa. — Tomando minha mão com cuidado, ele levantou-a aos lábios e pressionou um beijo na curva da minha palma.

Aquela não era eu. Era muito distante de qualquer realidade que eu já tinha conhecido. Senti-me como a menina que eu tinha sido, a com os cabelos crespos e os óculos grandes, vendo uma mulher lindamente vestida que queria dentro daquele momento, apreciando-o, mas não conseguia muito bem. E então eu pensei, Dane-se tudo, não tenho que ser uma estranha.

Eu deliberadamente inclinei a frente do meu corpo contra Gage, observando seus olhos escurecer. — Você ainda está irritado comigo? — Eu perguntei, fazendo-o sorrir pesarosamente.

Nós tínhamos discutido mais cedo durante o dia sobre o Natal, que logo chegaria. Havia começado quando Gage perguntou que tipo de presente eu queria.

— Nada de joias, — eu disse imediatamente. — Nada caro.

— Então o quê?

— Leve-me para um jantar agradável.

— Tudo bem. Paris ou Londres?

— Eu não estou pronta para fazer uma viagem com você.

Isso produziu uma carranca. — Qual é a diferença entre dormir comigo

aqui ou dormir comigo em um hotel em Paris?

— Uma fortuna, para começar.

— Isso não tem nada a ver com dinheiro.

— Pra mim sim, — eu disse em tom de desculpas. — Não importa que você seja uma dessas pessoas que nunca têm de pensar em dinheiro. Porque eu tenho. Então pra mim, deixar você gastar tanto comigo... Isso iria desequilibrar tudo. Você não vê?

Gage havia ficado mais e mais irritado. — Deixe-me ver se entendi certo. Você está dizendo que iria a algum lugar comigo se nós dois tivéssemos dinheiro, ou se nenhum de nós tivesse.

— Isso mesmo.

— Isso é estúpido.

— Você pode dizer isso porque é você é quem tem dinheiro.

— Então se você estivesse namorando o cara dos Correios, ele poderia lhe comprar o que diabos ele quisesse. Mas eu não posso.

— Bem... sim. — Eu dei a ele um sorriso lisonjeador. — Mas eu jamais namoraria o cara dos Correios. Aquelas bermudas marrons simplesmente não me atraem.

Ele não havia sorrido de volta. Seu olhar calculista me deixou inquieta, com bons motivos. Eu conhecia Gage bem o suficiente para ter certeza de que quando ele queria alguma coisa, ele iria encontrar um jeito de passar por cima, pelos lados, ou através de todos os obstáculos. O que significava que ele não estaria satisfeito até tivesse encontrado uma maneira de separar meus pés de classe trabalhadora do chão americano.

— Quando você pensa sobre isso, — eu havia dito, — na verdade é uma coisa boa, eu querer tirar o dinheiro desse... desse...

— Relacionamento. E você não está tirando o dinheiro dele. Você está colocando-o bem no meio.

Eu havia tentando soar o mais razoável possível. — Olhe, nós acabamos de começar a nos encontrar. Tudo o que eu estou pedindo é que você não me compre presentes extravagantes ou tente organizar alguma grande viagem cara. — Vendo sua expressão, eu adicionei relutantemente, — Por enquanto.

O — por enquanto — pareceu pacificar Gage um pouco. Mas sua boca havia mantido um pouco da carranca.

Agora, enquanto ele me segurava em um aperto leve, eu vi que seu autocontrole usual havia voltado. — Não, eu não estou irritado, — ele disse calmamente. — Nós Travis adoramos um desafio.

Eu não sabia por que o toque de arrogância, que costumava me irritar, havia se tornado tão absurdamente sensual. Eu sorri para ele. — Você não pode ter as coisas sempre do seu jeito, Gage.

Ele me trouxe para mais perto, a base de sua mão roçando o lado do meu seio. Um sussurro íntimo que acelerou meu coração a uma batida nova, urgente. — Hoje eu irei, porém.

— Talvez, — eu disse, minha respiração acelerando.

Uma de suas mãos corria pelas minhas costas em um curso inquieto, como se ele estivesse ponderando arrancar o vestido de mim bem ali. — Eu não posso esperar pra essa festa maldita ter acabado.

Eu ri. — Ela ainda nem começou. — Meus olhos semicerraram assim que senti sua boca buscando o lado da minha garganta.

— Nós teremos nossa própria festa na limo.

— Nós não... — Eu segurei a minha respiração quando ele encontrou um nervo sensível. — Não vamos compartilhá-la com Churchill e os outros?

— Não, eles têm a sua própria. — Gage levantou a cabeça, e eu vi o cintilar brilhante e quente em seus olhos. — Só você e eu, — ele murmurou. — Por trás de uma boa tela de privacidade escura. E uma garrafa de Perrier Jouet gelado. Acha que você pode lidar com isso?

— Mande ver, — eu disse, e tomei seu braço.

Limusines estavam estacionadas em fila tripla na rua fora da mansão Legrand. O edifício era marcante em sua escala e estilo; parecia mais um lugar para as pessoas visitarem do que realmente viverem dentro. Eu comecei a me divertir no momento em que entramos no grande salão, que parecia um elaborado carnaval Europeu. A multidão de homens vestidos com roupas formais pretas era um pano de fundo perfeito para os vestidos de noite coloridos das mulheres. Joias brilhavam em pescoços e pulsos e dedos e

orelhas, e a luz cintilava como jóias caindo do lustre. Música de uma orquestra ao vivo era distribuída para cada parte da casa.

Sascha Legrand, uma mulher alta e magra, com cabelos platinados cortados em ângulos elegantes, insistiu em nos levar em um tour parcial pela casa. Ela frequentemente pausava para nos introduzir numa conversa com um grupo ou outro, em seguida, retirava-nos antes que a conversa se tornasse muito envolvente. Fiquei espantada com a variedade de convidados... um pequeno grupo de jovens atores, produtores e diretores que se mudaram para Hollywood e se chamavam de — máfia do Texas —, uma medalhista de ouro de ginástica olímpica, um defensor do Rockets^{64}, o pastor de uma mega-igreja conhecida nacionalmente, algumas pessoas ricas do petróleo, algumas pessoas ricas da pecuária, e até mesmo um aristocrata estrangeiro aqui ou ali.

Gage era experiente neste tipo de situação, sabendo os nomes de todos, lembrando-se de perguntar sobre seus jogos de golfe ou seus cães de caça, ou como a temporada de pombas tinha sido, ou se eles ainda tinham aquele lugar em Andorra ou Mazatlan. Mesmo nesta multidão de alto impacto, as pessoas estavam animadas e lisonjeadas por seu interesse. Com seu carisma arrojado e sorriso elusivo, sua aura de classe e educação, Gage estava deslumbrante. E ele sabia disso. Eu poderia ter me sentido intimidada, exceto que eu ainda carregava em minha mente as imagens de um Gage muito diferente, nem de perto tão sereno, tremendo ao meu toque. O contraste entre nossas circunstâncias formais e a memória dele na cama provocou um sussurro de excitação dentro de mim. Nada que alguém pudesse perceber, mas me tornei mais consciente daquilo a cada vez que eu sentia o braço de Gage roçar contra o meu, ou o calor de sua respiração quando ele murmurava no meu ouvido.

Achei relativamente fácil conversar, principalmente porque eu não sabia o suficiente para fazer outra coisa senão fazer perguntas, e isso parecia manter a conversa fluindo. Nós fizemos o nosso caminho através do mar cintilante de convidados, seguindo uma corrente que levava ao exterior com terraços nos fundos da casa. Um trio de pavilhões de madeira cobertos continha comidas de diferentes regiões da Itália. Depois de encher seus pratos, as pessoas se sentavam em mesas cobertas de panos amarelos e iluminadas com lamparinas a óleo italianas feitas de vidro^{65}, cheias de flores frescas suspensas em parafina líquida clara.

Sentamos em uma mesa com Jack e sua namorada, e alguns da máfia do Texas, que nos divertiram com histórias de um filme indie que eles estavam fazendo e falaram sobre ir para Sundance em apenas um par de semanas. Eles eram tão irreverentes e engraçados, e o vinho era tão bom, que me senti tonta. Era uma noite mágica. Haveria algum cantar de ópera em breve, e depois disso um dança, e eu estaria nos braços de Gage até de manhã.

— Meu Deus, você é impressionante, — disse um dos mafiosos do Texas, uma mulher jovem de cabelos escuros chamada Sydney. Ela era uma diretora. Isso foi dito em tom de observação ao invés de elogio, seu olhar francamente avaliativo. — Você ficaria maravilhosa em um filme—ela não iria, caras?— você tem um desses rostos transparentes.

— Transparente? — Eu levei minhas mãos ao meu rosto reflexivamente.

— Mostra tudo o que você está pensando, — disse Sidney.

Agora, meu rosto estava em chamas. — Deus. Eu não quero ser transparente.

Gage estava rindo discretamente, deslizando seu braço em torno da parte de trás da minha cadeira. — Está tudo bem, — ele me disse. — Você é perfeita do jeito que é. — Ele nivelou num olhar estreito para Sydney. — Se eu algum dia pegar você tentando colocá-la na frente de uma câmera

— Ok, ok, — Sydney protestou. — Não precisa ficar raivoso, Gage. — Ela sorriu para mim. — Eu acho que vocês dois estão juntos bem intensamente, hein? Conheço Gage desde a segunda serie, e eu nunca vi ele tão

— Syd, — ele interrompeu, seu olhar prometendo morte. O sorriso dela só aumentou.

A namorada de Jack, uma loira efervescente chamada Heidi, dirigiu a conversa para uma nova direção. — Jaa-aack, — ela disse com um beicinho brincalhão. — Você disse que ia me comprar algo do leilão, e eu não olhei para as mesas ainda. — Ela olhou para mim significativamente. — Eles dizem que há algumas coisas interessantes em oferta... um par de brincos de diamante, uma semana em St. Tropez...

— Merda, — disse Jack com um sorriso bondoso. — O que quer que ela escolha vai colocar um inferno de um buraco na minha carteira.

— Eu não mereço um bom presente? — Heidi perguntou, e o puxou para

se levantar da mesa, sem esperar por uma resposta.

Gage, que levantara educadamente quando Heidi se levantou de sua cadeira, viu que eu tinha acabado minha sobremesa. — Venha, querida, — ele me disse. — Nós deveríamos dar uma olhada também.

Nós pedimos licença da mesa e seguimos Jack e Heidi até a mansão. Uma das salas principais havia sido preparada para o leilão silencioso, fileiras de longas mesas cheias com livretos, cestas, e descrições dos itens. Fascinada, eu olhei ao longo da primeira mesa. Para cada item numerado havia uma pasta de couro com uma lista de lance dentro. Você anotava o seu nome e o valor de seu lance, e se alguém quisesse superar você, eles acrescentavam o nome deles e um número maior sob o seu. À meia-noite, todos os lances seriam fechados.

Havia um certificado para uma aula de culinária particular dada por um famoso chef da TV... uma lição de golfe com um profissional que já tinha vencido o Masters^{66}... uma coleção de vinhos raros... uma canção pessoal escrita e gravada para você por um estrela do rock britânico.

— O que parece ser bom? — a voz de Gage veio acima do meu ombro, e eu tive que lutar contra o desejo de me inclinar contra ele e puxe suas mãos até meus seios. Ali mesmo, numa sala cheia de pessoas.

— Maldição. — Descansei meus dedos levemente sobre a mesa, fechando os olhos por um segundo.

— O que é?

— Ficarei feliz quando passarmos por essa fase e eu puder pensar direito de novo.

Ele ficou atrás de mim, soando divertido. — Fase do quê?

Meus nervos chiaram quando senti sua mão se estabelecer no meu flanco. — Há cinco fases do namoro, — eu disse a ele. — A primeira é a atração... Você sabe, a química e o tipo de a-alta hormonal quando se está junto. A próxima etapa é a exclusividade. E então você se acomoda na realidade, quando a atração física morre...

Sua mão moveu-se para a curva mais alta do meu quadril. — E você acha que isso — — uma carícia sutil que deixou meus nervos saltando — —vai morrer?

— Bem, — eu disse fracamente, — é o que é esperado.

— Você me avise quando chegarmos à fase de realidade. — Sua voz era um veludo sombrio. — Eu vou ver o que posso fazer para deixar seus hormônios altos de novo. — Ele terminou a carícia com um tapinha possessivo no meu quadril. — Enquanto isso... você se importaria se eu te deixasse apenas por alguns minutos?

Virei-me para encará-lo. — Claro que não. Por quê?

Gage olhou apologeticamente. — Eu tenho que dizer um rápido olá para um amigo da família—eu o vi na outra sala. Eu fui para a escola com seu filho, que morreu não faz muito tempo em um acidente de barco.

— Oh, isso é muito triste. Sim, eu vou ficar aqui e esperar por você.

— Enquanto você estiver aqui, pegue alguma coisa.

— Que tipo de coisa?

— Eu não me importo. Uma viagem. Uma pintura. O que parecer ser bom. Quem não participar do leilão vai ser colocado sobre brasas no jornal de amanhã por não se importar nem um pouco com as belas artes. Cabe a você me salvar.

— Gage, eu não vou ser responsável por gastar todo esse dinheiro em... Gage, você está me ouvindo?

— Não. — Ele sorriu e começou a ir embora.

Eu olhei para o folheto mais próximo de mim. — Nós vamos para a Nigéria, — eu ameacei. — Eu espero que você goste de polo de elefante.

Ele riu e me deixou no meio das fileiras de itens do leilão. Eu vi Heidi e Jack analisando alguns itens várias mesas de distância, até que mais pessoas entraram na sala e bloquearam minha visão. Eu estudei as mesas cuidadosamente. Eu não conseguia imaginar o que Gage iria querer. Uma extravagante motocicleta europeia de edição limitada... de modo algum eu iria deixá-lo correr o risco de perder um membro. Uma experiência de Nascar^{67} no qual você tem que dirigir um stock car de seiscentos cavalos em uma pista de super velocidade. Idem. Passeios privado em iates fretados. Joias com nomes. Um almoço privado com uma bela atriz de novelas... Até parece, pensei ironicamente.

Depois de alguns minutos de busca dedicada, com animadas árias^{68} melódicas ao fundo, eu encontrei alguma coisa. Uma cadeira de massagem inclinável com um complicado painel de controle prometendo, pelo menos, quinze diferentes tipos de massagem. Eu decidi que Gage poderia dar aquilo a Churchill como presente de Natal.

Pegando uma canela, comecei a escrever o nome de Gage na folha de lances, mas a tinta não saía. A caneta era um fracasso. Eu a sacudi e tentei novamente sem sorte.

— Aqui, — disse um homem perto de mim, colocando uma nova caneta na mesa. Ele usou a palma da sua mão para rolá-la para mais perto. — Tente esta.

Aquela mão.

Olhei para ela idiotamente, enquanto os finos cabelos na minha nuca se arrepriaram.

Uma mão grande, as unhas alvejadas pelo sol, os longos dedos cheios de pequenas cicatrizes em forma de estrelas. Eu Sabia de quem era aquela mão, eu sabia disso de um lugar que ia mais fundo que a memória. Mas eu não podia me fazer acreditar naquilo. Não aqui. Não agora.

Eu olhei para cima em direção a um par de olhos azuis que tinham me assombrado por anos. Olhos que eu iria me lembrar até o último dia da minha vida.

— Hardy, — eu sussurrei.

..... CAPÍTULO 22

Eu fiquei paralisada enquanto tentava absorvê-lo, esse estranho que eu tanto tinha amado. Hardy Gates havia crescido e se transformado em todas as promessas dos seus anos mais jovens. Ele era um homem grande e de aparência ousada. Aqueles olhos, azul sobre azul, e o cabelo castanho brilhante, e o início de um sorriso que enviava uma onda de curiosidade pelo meu corpo... Tudo que pude fazer foi encará-lo, submersa num prazer assustador.

Hardy estava parado enquanto olhava de volta para mim, mas eu senti a vibração de uma emoção forte debaixo de seu exterior.

Ele tomou minha mão gentilmente, como se eu fosse uma criança pequena. — Vamos encontrar um lugar para conversar.

Eu me agarrei a ele, sem me importar se Jack podia nos ver sair, sem estar realmente consciente de nada exceto o aperto daqueles dedos calejados. Hardy me levou pela mão, para longe das mesas, para a escuridão à espera da parte de fora. Nós evitamos a multidão, o barulho, as luzes, desviando para o lado da casa. Parecia que a luz tentava nos seguir, alongando feixes enfraquecidos atrás de nós, mas nos dirigimos para as sombras de um pórtico vazio.

Nós paramos ao abrigo de uma coluna tão grossa quanto um tronco de carvalho. Eu estava sem fôlego e tremendo. Não sei quem se moveu primeiro, pareceu que nós chegamos um ao outro ao mesmo tempo. Eu estava colada de corpo inteiro nele, boca na boca, machucando os lábios um do outro com beijos muito fortes para darem prazer. Meu coração trovejava como se eu estivesse morrendo.

Momentos de destruição silenciosa, e então Hardy afastou sua boca, sussurrando que estava tudo bem, que ele não iria me soltar. Eu comecei a relaxar em seus braços, sentindo o calor da sua boca quando ele seguiu a trilha de umidade nas minhas bochechas. Ele me beijou de novo, devagar e tranquilamente, do modo que ele me ensinou há tanto tempo, e eu me senti segura e jovem e cheia de um desejo tão direto que parecia quase saudável. Seus beijos ativaram profundas minas da minha memória, e os anos que

passamos separados desapareceram como se não fossem nada.

Depois de um tempo Hardy me agasalhou com os lados de seu smoking, seu peito duro debaixo da camisa intrincadamente dobrada.

— Eu tinha me esquecido de como era isso, — eu disse num sussurro doído.

— Eu nunca me esqueci, — Hardy tocou a minha cintura e meus quadris através das dobras do vestido de seda branca. — Liberty, eu não deveria ter chegado a você assim. Eu disse a mim mesmo que deveria esperar. — Uma risada contida. — Eu nem me lembro de ter atravessado a sala. Você sempre foi bonita para mim, Liberty... mas agora... eu não posso nem acreditar que você é real.

— Como você chegou aqui? Você sabia que iria me ver? Você

— Há muito para contar a você. — Ele encostou sua bochecha no meu cabelo. — Eu achei que você poderia estar aqui, mas não tinha certeza...

Ele falou com a voz que eu tinha desejado por tanto tempo, mais profunda agora do que em sua juventude. Ele estava aqui por convite de um amigo, ele disse, também no negócio do petróleo. Ele me contou sobre começar a trabalhar numa plataforma de petróleo—difícil e perigoso—e os contatos que ele fez, as oportunidades que ele observava. Eventualmente ele se demitiu da plataforma e abriu uma pequena companhia com dois outros homens, um geologista, e o outro um engenheiro, com o objetivo de encontrar novas zonas de coleta em campos de petróleo usados. Pelo menos metade do petróleo e gás em cada campo no mundo era negligenciado, Hardy disse, e havia uma fortuna para aqueles que estivesse prontos a procurar esse petróleo ignorado. Eles tinham conseguido cerca de um milhão em financiamento, e em sua primeira tentativa num campo gasto do Texas, eles encontraram uma nova zona cujo valor foi estimado em duzentos e cinquenta mil barris de petróleo.

Hardy me explicou o bastante para que eu entendesse que ele já era rico e que ia ficar mais rico ainda. Ele comprou uma casa para sua mãe. Ele tinha um apartamento em Houston, que seria sua casa por enquanto. Conhecendo sua fome feroz por sucesso, por subir acima do que era, eu estava feliz por ele e disse isso.

— Não é suficiente, — Hardy disse, tomando meu rosto em suas mãos. —

A maior maldita surpresa de tudo isso é quão pouco significa depois de você conseguir. Pela primeira vez em anos, eu finalmente tive a chance de pensar, de respirar fundo, e eu... — Uma exalação cansada. — Eu nunca deixei de te querer. Eu tinha de te encontrar. Eu comecei indo até Marva. Ela me contou onde você estava, e...

— E que eu estava com alguém, — eu disse com dificuldade.

Hardy assentiu. — Eu queria descobrir se...

Se eu estava feliz. Se eu ainda precisava dele. Se não era tarde demais para nós. Se e

se...

Às vezes a vida tem um senso de humor cruel, dando a você a coisa que você sempre quis no pior momento possível. A ironia daquilo partiu meu coração, soltando mais arrependimento amargo do que eu poderia suportar.

— Hardy, — disse sem forças, — se você tivesse me achado um pouco mais cedo.

Ele estava quieto, segurando-me contra seu peito. Uma das suas mãos correu pelo meu braço nu até que ele alcançou os meus dedos. Silenciosamente, ele levantou minha mão direita, correndo seu polegar sobre a o vazio do meu dedo anular. — Você pode me dizer com certeza que é tarde demais, doçura?

Eu pensei em Gage, e fiquei inundada em confusão. — Eu não sei. Não sei.

— Liberty... deixe-me te ver amanhã.

Eu balancei minha cabeça. — Eu prometi a Carrington que iria passar o dia com ela. Nós vamos a uma apresentação de patinação no gelo no Reliant.

— Carrington, — ele balançou a cabeça. — Meu Deus, ela deve ter oito ou nove anos agora.

— O tempo passa, — sussurrei.

Hardy segurou as articulações dos meus dedos contra sua bochecha, pressionando sua boca neles brevemente. — E depois de amanhã?

— Sim. Sim. — Eu queria partir com Hardy nesse momento. Não queria deixá-lo ir embora e ser deixada para me perguntar se eu o tinha imaginado. Eu lhe disse meu número. — Hardy, por favor... volte para dentro primeiro.

Eu preciso de alguns minutos sozinha.

— Tudo bem. — Seus braços me apertaram brevemente antes de ele me soltar.

Nós nos afastamos e olhamos um para o outro. Eu estava perturbada pela sua presença, esse homem que era tão parecido com o garoto que eu tinha conhecido e ainda assim tão diferente dele. Eu não sabia como a conexão entre nós podia ainda estar ali. Mas estava. Nós éramos os mesmos, Hardy e eu, nós nos comunicamos no mesmo meio, nós viemos do mesmo mundo. Mas Gage... pensar nele rasgava meu coração.

O que quer que ele tenha visto no meu rosto fez com que Hardy falasse muito gentilmente. — Liberty, não vou fazer nada que possa te machucar.

Eu assenti, encarando cegamente a escuridão quando ele se foi.

Mas ele havia me machucado no passado, eu pensei. Eu tinha compreendido suas razões para partir de Welcome. Eu compreendi por que ele sentia como se não tivesse escolha. Eu não o culpei. O problema era, eu tinha continuado com minha vida. E depois de anos de luta e considerável solidão, eu tinha finalmente me conectado com outro alguém. Meus pés doíam nos sapatos de Cinderela. Eu mudei o peso de pé e mexi os dedos dos pés debaixo das tiras cortantes de acrílico. Meu Príncipe Encantado finalmente tinha aparecido, pensei miseravelmente, e ele estava atrasado demais.

Não necessariamente, minha mente insistiu. Ainda era possível para Hardy e eu. Os velhos obstáculos se foram, e os novos...

Sempre há uma escolha. É muito desconfortável saber disso.

Eu me arrisquei em direção à luz, procurando a pequena bolsa que estava pendurada no meu braço com uma fita de seda. Eu não sabia como ia reparar o dano feito a minha maquiagem. A fricção de boca e pele e pontas de dedos havia apagado a camada de cor cuidadosamente aplicada. Eu passei pó no meu rosto, usei a ponta do dedo anular para limpar manchas lápis de olho debaixo dos meus olhos. Reapliquei meu gloss. O pequeno cristal perto do canto do meu olho tinha sumido. Talvez as pessoas não notassem. Todos estavam dançando e bebendo e comendo; certamente agora eu não era a única com a maquiagem borrada.

Logo que cheguei ao terraço de trás vi a forma escura de Gage, alta e

precisa como uma lâmina de faca. Ele veio até mim num passo vagaroso, tomando meu braço frio em sua mão.

— Hey, — disse. — Eu estava procurando por você.

Forcei um sorriso rápido. — Só precisava de um pouco de ar. Desculpe. Você esteve esperando por muito tempo?

O rosto de Gage estava sombrio. — Jack disse que te viu saindo com alguém.

— Sim, eu encontrei um velho amigo. Alguém de Welcome, pode acreditar? — Eu achei que tinha feito um bom trabalho ao tentar soar casual, mas Gage, como sempre, era terrivelmente perceptível. Ele me virou em direção à luz, expondo meu rosto.

— Querida... eu sei como você fica quando você é beijada.

Eu não pude dizer nada. Os pequenos músculos do meu rosto estremeceram com culpa, meus olhos ficaram cheios de lágrimas com um brilho implorante.

Gage me analisou sem emoção. Em um momento ele puxou seu telefone celular de dentro de seu paletó e disse umas poucas palavras para o chofer da limusine, sobre nos encontrar na entrada.

— Estamos indo embora? — perguntei com uma bola espinhosa na minha garganta. — Sim.

Rodeamos a casa em vez de entrar nela. Meus saltos de acrílico soavam frágeis no pavimento. Gage fez outra ligação enquanto caminhávamos. — Jack. Sim, sou eu. Liberty está com dor de cabeça. Champanhe demais. Estamos indo para casa, então se você puder dizer algo para... Certo. Obrigado. E tente manter o olho em Papai. — Jack fez algum comentário, e Gage riu. — É o que parece. Até mais. — Ele fechou seu celular e o colocou de volta no paletó.

— Churchill está bem? — perguntei.

— Ele está bem. Mas Vivian está irritada porque todas as mulheres estão dando em cima dele.

Isso quase me fez sorrir. Sem pensar estendi a mão para Gage quando meu salto bateu numa parte irregular do pavimento. Imediatamente ele me segurou,

seu braço passando pelas minhas costas enquanto continuamos a caminhar. Embora eu soubesse que Gage estava furioso, ele não ia me deixar cair.

Voltamos para a limusine, o macio casulo negro nos isolando do barulho e da atividade da festa. Eu estava um pouco preocupada por estar sendo trancada ali com Gage. Não fazia tanto tempo desde que eu fui exposta ao açoite da sua raiva, no dia que me mudei para a mansão. Embora eu tivesse conseguido enfrentá-lo, não era algo que eu estava querendo passar novamente.

Gage falou casualmente para o motorista. — Phil, dê uma volta por enquanto. Vou te avisar quando quisermos ir.

— Sim, senhor.

Gage apertou alguns botões, levantando o vidro para nos dar privacidade, abrindo o frigobar. Se ele estava com raiva, eu não podia dizer. Ele estava relaxado, calmo de uma forma meio assustadora, que começava a parecer pior do que se estivesse gritando. Ele tirou uma taça, serviu-se de um licor forte, e engoliu sem ao menos sentir o gosto. Silenciosamente, ele serviu outra dose e a ofereceu a mim. Eu a peguei grata, esperando que o álcool pudesse me descongelar. Eu estava congelando. Tentei beber tão rápido quanto Gage tinha feito, mas ele queimou minha garganta e me fez tossir.

— Calma, — Gage murmurou, colocando uma mão impessoal nas minhas costas. Sentindo como minha pele estava arrepiada, ele tirou seu paletó e o colocou em mim. Eu estava enrolada no macio tecido forrado de seda, quente do seu corpo.

— Obrigada, — ofeguei.

— Sem problemas. — Uma longa pausa. O impacto súbito de aço frio do seu olhar me fez hesitar. — Quem é ele?

Em todas as minhas histórias sobre minha infância, todos os detalhes sobre Mamãe e meus amigos, todos e tudo em Welcome, eu nunca mencionei Hardy nem uma vez. Eu havia falado com Churchill sobre ele, mas não fui capaz de fazer o mesmo com Gage.

Tentando manter minha voz estável, contei a ele sobre Hardy, que eu o tinha conhecido aos quatorze anos... que à parte da minha mãe e minha irmã, ele foi a pessoa mais importante do mundo para mim. Que eu o amei.

Era tão estranho, conversar com Gage sobre Hardy. Meu passado e meu presente se colidindo. E isso me fez perceber o quão diferente a Liberty Jones do estacionamento de trailers é da mulher que eu me tornei. Eu precisava pensar sobre isso. Eu precisava pensar sobre muitas coisas.

— Você dormiu com ele? — Gage perguntou.

— Eu queria, — admiti. — Eu teria. Mas ele não. Ele disse que isso faria impossível para ele me deixar. Ele tinha ambições.

— Ambições que não te incluíam.

— Nós dois éramos muito jovens. Nenhum de nós tinha nada. Como se provou, foi melhor assim. Hardy não teria atingido suas metas comigo pendurada como um peso em seu pescoço. E eu nunca deixaria Carrington.

Eu não tive idéia do quanto Gage tinha lido nas minhas expressões, gestos, nos intervalos minúsculos entre minhas palavras. Tudo que sabia era que enquanto eu falava, eu senti algo se quebrando, uma impetuosidade inflexível quebrando como gelo se deslocando sobre a água, e Gage a pisoteou sem piedade.

— Então você o amava, ele te deixou, e agora ele quer outra chance.

— Ele não disse isso.

— Ele não precisava, — Gage disse sem rodeios. — Porque é óbvio que você quer outra chance.

Eu me sentia cansada e irritada. Minha cabeça era um carrossel. — Eu não sei se é isso que eu quero.

Pequenos fragmentos de luz do frigobar quebraram seu rosto em formas duras . — Você acha que ainda está apaixonada por ele.

— Eu não sei. — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não, — Gage disse, sua calma desaparecendo. — Eu faria quase tudo por você. Acho que eu mataria por você. Mas não vou te conformar enquanto você chora nos meus braços por outro homem.

Eu apertei os cantos dos meus olhos com meus dedos, engolindo lágrimas que queimavam como ácido na minha garganta.

— Você vai vê-lo de novo, — Gage disse depois de um tempo.

Assenti. — Nós... eu... preciso endireitar as coisas.

— Você vai foder com ele?

A palavra rude, usada para dar efeito deliberado, foi como um tapa no meu rosto. — Eu não planejo, não, — disse rigidamente.

— Eu não estou perguntando se você planeja. Eu estou perguntando se você vai.

Agora eu estava ficando furiosa também. — Não. Eu não caio na cama assim tão fácil. Você sabe disso.

— Sim, eu sei. E também sei que você não é do tipo que vai para uma festa com um cara e termina se agarrando com outro. Mas você fez.

Eu enrubesci com vergonha. — Eu não queria. Foi um choque vê-lo. Só... aconteceu.

Gage bufou. — Quanto maiores as desculpas, meu bem, piores elas ficam.

— Eu sei. Sinto muito. Eu não sei mais o que dizer. É só que eu amei Hardy por tanto tempo antes de te conhecer. E você e eu... nós acabamos de começar um relacionamento. Eu quero ser justa com você, mas ao mesmo tempo... Eu tenho de descobrir se o que eu sinto por Hardy ainda está aqui. O que significa que... eu preciso colocar as coisas entre mim e você de lado até que eu possa pensar direito.

Gage não estava acostumado a ser deixado de lado. Não combinava com ele. Na verdade, isso o levou além dos limites. Eu dei um pequeno pulo quando ele estendeu a mão e me puxou para ele.

— Nós dormimos juntos, Liberty. Não há volta para isso. Ele não pode aparecer e acabar conosco tão facilmente.

— Nós só dormimos juntos uma vez, — ousei protestar.

Ele levantou uma sobrancelha escura, olhando com sarcasmo.

— Certo, diversas vezes, — eu disse. — Mas foi em apenas uma noite.

— Isso é o bastante. Você é minha agora. E eu quero você mais do que ele já quis ou jamais vai querer. Lembre-se disso enquanto você endireita seus pensamentos. Enquanto ele está te dizendo o que diabos for que você queira ouvir dele, lembre-se— — Gage parou abruptamente. Ele não estava respirando bem. Seus olhos estavam tão quentes que você poderia acender

gravetos com eles. — Lembre-se disso, — ele disse numa voz gutural, e me aproximou de mim.

Seus braços estavam apertados demais, sua boca castigante. Ele nunca havia me beijado dessa forma antes, com uma fome escaldada pelo ciúme. Gage havia sido levado além dos seus limites. Sua respiração vinha pesada quando ele me desceu até o estofado de couro macio, nossos corpos completamente estendidos, seus lábios nunca se separando dos meus.

Eu me movi debaixo dele, sem saber se eu queria tirá-lo de cima de mim ou sentir mais dele.

Com cada movimento que eu fazia, Gage mergulhava mais pesadamente entre minhas coxas, exigindo que eu o tomasse, que o sentisse. A impressão dura do seu corpo me lembrou de coisas que ele tinha feito comigo antes, o prazer agonizante, e cada pensamento e emoção foi inundado por uma torrente de desejo. Eu o queria tanto, que fiquei cega com isso, comecei a tremer da cabeça aos pés. Eu me contorci contra a pressão da sua carne dura e grossa debaixo da lã preta e fina. Com um gemido baixo, eu deslizei minhas mãos para seus quadris.

Os próximos minutos foram como um sonho febril enquanto nos agarrávamos freneticamente. A malha fina da minha calcinha ficou presa na delicada fivela do meu sapato, resistindo aos esforços de Gage para retirá-la, até que ele finalmente rasgou o tecido com seus dedos. Ele subiu meu vestido até minha cintura, minha pele aderindo ao couro frio debaixo de mim, uma das minhas pernas abertas balançando de forma imoral até o chão, e eu não me importava, a necessidade estava pulsando em todos os lugares.

Seus dedos agarraram o topo do meu vestido, puxando-o para baixo até que meus seios foram libertados com um delicado salto. Gemi com o calor da sua boca no meu seio, as pontas de seus dentes, a língua chicoteante. Colocando a mão entre nós, ele se apressou para abrir suas calças. Meus olhos se arregalaram ao senti-lo, quente e pronto, exigindo entrada... então tudo se tornou um borrão quando meu corpo cedeu ao deslize molhado, a invasão impressionante da dureza na maciez. Minha cabeça caiu para trás sobre a barra incansável do seu braço e sua boca buscou avidamente a minha garganta exposta. Ele começou a empurrar num ritmo forte que me fez contorcer e arquejar.

O carro parou num sinal vermelho e tudo ficou parado, exceto a pressão e as arremetidas dentro de mim, e então o veículo estava fazendo uma curva, acelerando como se estivéssemos numa autoestrada. Eu o tomei repetidamente, esforçando-me para puxá-lo para mais perto quanto possível. Eu cravei minhas unhas nas suas roupas, precisava de sua pele, não podia alcançá-la, precisava, precisava... seus lábios retornaram aos meus, sua língua penetrando minha boca. Ele estava me preenchendo em todos os lugares, chegando cada vez mais fundo até que os espasmos doces e baixos começaram, ricocheteando do meu corpo para o dele. Eu estremeci, quebrando o beijo enquanto tomava grandes lufadas de ar. Gage segurou sua respiração, soltou-a como o silvo de madeira verde queimando.

Bêbada com as endorfinas, eu estava tão mole quanto uma fronha vazia quando Gage me levantou do assento. Ele praguejou, apoiando minha cabeça em seu braço. Eu nunca o tinha visto tão chateado. As pupilas negras de seus olhos quase tinham engolido as íris prateadas. — Eu fui bruto com você. — Sua voz estava áspera. — Porra. Sinto muito. Eu só

— Tudo bem, — eu sussurrei, os últimos tremores de deleite ainda ecoando pelo meu corpo.

— Não está tudo bem. Eu

Ele foi silenciado abruptamente quando me levantei o suficiente para beijá-lo. Ele deixou minha boca se mover contra a sua, mas não correspondeu, apenas me abraçou e puxou o vestido sobre meu peito e minhas pernas nuas, e me agasalhou de volta com seu smoking.

Nenhum de nós falou depois disso. Eu ainda estava em uma sobrecarga de sensações, mal registrando quando Gage pressionou um botão e falou com o motorista. Ainda me segurando com o braço, ele serviu outra bebida e a consumiu devagar. Seu rosto não mostrava nada, mas eu senti a tensão feroz do seu corpo.

Seguramente sentada no colo de Gage, eu cochilei um pouco, embalada pelo movimento do carro e o calor do seu corpo. Eu fui rudemente despertada quando o carro parou e a porta se abriu. Pisquei quando Gage me empurrou para acordar e me ajudou a sair.

Sabendo como eu estava desarrumada, o quão óbvia era a razão da nossa aparência desalinhada, eu lancei um rápido olhar embaraçado a Phil, o

motorista. Ele fez questão de não olhar para nenhum de nós, sua expressão vazia.

Fomos à Principal 1800. Gage me encarou como se esperasse que eu me opusesse a passar a noite em seu apartamento. Tentei pesar as consequências de ficar ou partir, mas minha mente estava vazia demais. No tumulto dos meus pensamentos, só um se destacava: de qualquer maneira que eu decidisse lidar com Hardy, este homem não iria ficar de lado educadamente.

Usando o smoking de Gage sobre meu vestido, eu atravessei o lobby e entre no elevador. A rápida ascensão do elevador me fez perder o equilíbrio sobre meus saltos.

Gage me segurou, beijando-me até que eu estivesse com o rosto vermelho e sem fôlego. Tropecei um pouco quando ele me puxou do elevador. Com um impulso fácil, ele me pegou e me carregou—realmente me carregou—pelo corredor até seu apartamento.

Fomos direto para o silêncio expectante do quarto, onde eu fui despida na escuridão. Agora, depois da cópula rápida no carro, a urgência havia se acalmado em ternura. Gage se moveu sobre mim como uma sombra, encontrando os lugares mais macios, os nervos mais agudos. Quanto mais ele acariciava, mais eu ardia. Respirando em longos suspiros, eu o toquei, sedenta pela superfície dura do músculo, a carne flexível, a seda negra de seu cabelo. Ele me persuadiu a me abrir, sua boca e dedos atormentando delicadamente até que todos os meus membros estavam esticados e meu corpo se elevava implorando para recebê-lo, e eu gemi cada vez que ele entrou em mim. De novo e de novo, até que ele tivesse ultrapassado todos os limites, dentro de mim, imerso, possuindo e sendo possuído.

Como diz o ditado caubói, um cavalo não deveria ser muito cavalgado e guardado suado. Isso também se aplica a namoradas, especialmente aquelas que ficaram um tempo sem sexo e precisam de um tempo para voltar ao hábito. Eu não podia dizer quantas vezes Gage me procurou naquela noite. Quando acordei de manhã, músculos que eu nem sabia que tinha estavam doendo, meus membros tensos e rígidos. E Gage estava sendo muito atencioso, começando ao me trazer café na cama.

— Não se incomode em parecer arrependido, — eu disse, me inclinando para frente quando ele colocou outro travesseiro atrás de mim. — É óbvio que

não é uma expressão natural para você.

— Não estou arrependido. — Vestido com uma camiseta preta e jeans, Gage se sentou na ponta da cama. — Estou grato.

Prendi o lençol mais alto sobre meus seios nus e tomei cuidadosamente um gole do café quente. — Você deveria estar, — eu disse. — Especialmente depois da última vez.

Nossos olhares se prenderam, e Gage colocou sua mão sobre meu joelho. O calor da sua palma penetrou o tecido fino do lençol. — Você está bem? — ele perguntou gentilmente.

Droga, ele tinha uma habilidade inegável em me desarmar, mostrando preocupação bem quando eu esperava que ele fosse arrogante ou mandão. Os nervos do meu estômago ficaram tensos até que minhas entranhas parecessem um trampolim. Tudo era tão bom com ele. Eu me perguntei se poderia desistir dele pelo homem que sempre quis.

Eu comecei a dizer que estava bem, mas em vez disso me encontrei dizendo a verdade. — Estou com medo de cometer o maior erro da minha vida. Eu só estou tentando adivinhar qual é o erro.

— Você quer dizer quem é o erro.

Isso me fez contrair. — Eu sei que você ficará irritado se eu o vir, mas

— Não, não vou. Eu quero que você o veja.

Meus dedos apertaram os lados quentes da xícara. — Quer?

— É óbvio que eu não terei o que quero de você até que a situação esteja resolvida. Você precisa descobrir como ele mudou. Precisa ver se algum dos velhos sentimentos ainda existe.

— Sim, — Achei que era muito evoluído da parte dele mostrar tal compreensão.

— Está ótimo para mim, — Gage continuou, — contanto que você não vá para a cama com ele.

Evoluído, mas ainda texano.

Eu lancei a ele um olhar zombeteiro. — Isso significa que você não se importa com o que eu sinta por ele, contanto que você seja o único com quem eu esteja fazendo sexo?

— Isso significa, — Gage disse calmamente, — que vou ficar com o sexo por ora e trabalhar para conseguir o resto depois.

..... CAPÍTULO 23

Pelo que deduzi, a noite de Churchill não havia sido muito melhor do que a minha. Ele e Vivian tinham terminado a noite com uma briga. Ela era do tipo ciumenta, Churchill disse, e não era sua culpa se outras mulheres tinham sido amigáveis com ele.

— Quão amigável você foi com elas? — Eu perguntei.

Churchill fez uma careta enquanto usava o controle remoto para mudar os canais de sua cama. — Vamos apenas dizer que não importa onde eu sinta apetite, contanto que eu chegue em casa para o jantar.

— Bom Senhor. Espero que você não tenha dito isso a Vivian.

Silêncio.

Eu peguei sua bandeja de café da manhã. — Não é | toa que ela não ficou a noite passada. — Era a hora de seu banho—ele tinha chegado ao ponto onde podia fazer isso sozinho. — Se você tiver algum problema com o banho e se vestir, apenas me chame no walkie-talkie. Eu farei com que o cara do gramado entre e o ajude. — Eu comecei a sair. — Liberty.

— Sim, Senhor?

— Eu não sou de me meter nos negócios de outras pessoas... — Churchill sorriu com o olhar que lhe dei. — Mas há qualquer coisa que você possa querer falar comigo? Algo de novo acontecendo em sua vida?

— Não. Está tudo na mesma, tudo na mesma.

— Você começou alguma coisa com meu filho."

— Eu não vou discutir a minha vida amorosa com você, Churchill.

— Por que não? Você fazia antes.

— Você não era meu chefe antes. E minha vida amorosa não acontecia de incluir o seu filho.

— Tudo bem, não vamos falar sobre o meu filho, — disse ele uniformemente. — Vamos falar sobre um velho conhecido que começou com agradável pequeno negócio de recuperação de petróleo negligenciado.

Eu quase deixei a bandeja cair. — Você sabia que Hardy estava lá na noite passada?

— Não até que alguém nos apresentou. Assim que ouvi o nome, eu soube imediatamente quem ele era. — Churchill me deu um olhar de tal entendimento, que eu quis chorar.

Em vez disso, eu baixei a bandeja e me sentei em uma cadeira próxima.

— O que aconteceu, docinho? — Eu o ouvi perguntar.

Sentei-me, o meu olhar ancorado ao chão. — Nós só conversamos por alguns minutos. Eu irei vê-lo amanhã. — Uma longa pausa. — Gage não está exatamente entusiasmado com a situação.

Churchill deu uma risada seca. — Eu imagino que não.

Eu olhei para ele então, incapaz de resistir a perguntar: — O que você achou de Hardy?

— Ele tem muita coisa. É inteligente, tem boas maneiras. Ele vai pegar uma grande parte do mundo antes de estar terminado. Você o convidou para vir até a casa?

— Deus, não. Tenho certeza que nós iremos a outro lugar para conversar.

— Fique, se quiser. É a sua casa também.

— Obrigada, mas... — Eu balancei minha cabeça.

— Você está arrependida de ter começado algo com Gage, docinho?

A questão me desfez. — Não, — eu disse imediatamente, piscando duro. — Não há nada para me arrepender. É só... Hardy sempre foi com quem eu deveria terminar. Ele era tudo o que eu sonhava e queria. Mas caramba, por que ele tinha que aparecer quando eu pensava que finalmente tinha o superado?

— Algumas pessoas não se supera, — disse Churchill. Olhei para ele através do borrão salgado em meus olhos. — Você quer dizer Ava?

— Eu sentirei falta dela pelo resto da minha vida. Mas não. Eu não quis dizer Ava.

— Sua primeira esposa, então?

— Não, outra pessoa.

Eu enxuguei os cantos dos meus olhos com minha manga. Parecia que havia algo que Churchill queria que eu soubesse. Mas eu tinha acabado de ter todas as revelações eu podia lidar no momento. Levantei-me e limpei a garganta. — Eu tenho que ir lá embaixo e fazer o café da manhã para Carrington. — Eu me virei para sair.

— Liberty.

— Huh?

Churchill parecia estar pensando muito sobre algo, uma carranca se juntando em seu rosto. — Mais tarde eu irei falar um pouco mais com você sobre isso. Não como o pai de Gage. Não como seu patrão. Como o seu velho amigo.

— Obrigada, — eu disse roucamente. — Algo me diz que vou precisar de meu velho amigo.

Hardy ligou mais tarde naquela manhã e convidou a mim e a Carrington para ir cavalgar no domingo. Fiquei encantada com a expectativa, já que não havia montado um cavalo há anos, mas eu lhe disse que Carrington tinha estado somente em pôneis de parques de diversão, e não sabia montar.

— Não tem problema, — Hardy disse facilmente. — Ela vai pegar o jeito em um instante.

De manhã, ele chegou à mansão Travis em uma enorme SUV branca. Carrington e eu o encontramos na porta, ambas vestidas com jeans e botas e casacos pesados. Eu tinha dito a Carrington que Hardy era um velho amigo da família, que ele a tinha conhecido quando ela era um bebê e havia, na verdade, levado Mamãe para o hospital no dia em que ela nasceu.

Gretchen, descontroladamente curiosa sobre o misterioso homem do meu passado, estava esperando na entrada conosco quando a campainha tocou. Eu fui abrir a porta, e me diverti quando ouvi Gretchen suspirar, — Oh, nossa —, ao avistar Hardy de pé sob a luz do sol.

Com o porte esguio e malhado de um trabalhador braçal, aqueles olhos azuis marcantes, aquele sorriso irresistível, Hardy tinha uma natureza maior-do-que-a-própriavida que qualquer mulher acharia atraente. Ele passou um rápido olhar sobre mim, murmurou olá, e beijou minha bochecha antes de

virar para Gretchen.

Eu os apresentei, e Hardy pegou a mão de Gretchen com cuidado óbvio, como se ele estivesse com medo de esmagá-la. Ela vibrou, sorriu e fez o papel de graciosa anfitriã do sul ao máximo. Assim que a atenção de Hardy foi desviada, Gretchen me deu uma olhada significativa como se perguntasse: Onde você o estava escondendo?

Hardy, enquanto isso, havia se abaixado em frente | minha irmã. — Carrington, você é ainda mais bonita que sua Mamãe era. Você provavelmente não se lembra de mim.

— Você nos levou para o hospital quando eu nasci, — Carrington ofereceu timidamente.

— Isso mesmo. Em uma picape azul velha, através de uma tempestade que inundou metade de Welcome.

— É onde a Senhorita Marva mora, — exclamou Carrington. — Você a conhece?

— Se eu conheço a Senhorita Marva? — Hardy sorriu. — Sim, senhora, eu conheço. Eu comi mais do que umas poucas porções de bolo veludo vermelho no balcão da cozinha da Senhorita Marva.

Completamente encantada, Carrington pegou a mão de Hardy quando ele se levantou. — Liberty, você não disse que ele conhecia a Senhorita Marva!

A visão deles de mãos dadas causou um tremor de profunda emoção dentro de mim. — Nunca falei muito sobre você, — eu disse a Hardy. Minha voz soou estranha aos meus próprios ouvidos.

Hardy olhou nos meus olhos e acenou com a cabeça, entendendo que algumas coisas significam muito para serem expressas facilmente.

— Bem, — disse Gretchen alegremente, — vocês todos vão em frente e se divirtam. Tenha cuidado perto dos cavalos, Carrington. Lembre-se do que eu disse sobre não chegar perto dos cascos traseiros.

— Eu vou!

Fomos para o Centro Equestre Silver Bridle^{69}, onde os cavalos viviam melhor do que a maioria das pessoas. Eles eram mantidos em um estábulo que tinha um sistema de controle digital de moscas e mosquitos, música clássica

ambiente, e as baias tinham torneiras e instalações de luz individuais. Do lado de fora havia uma arena coberta, um percurso de saltos, pastos, lagoas, cercados, e cinquenta acres^{70} de terra para cavalgar.

Hardy havia providenciado para que montássemos cavalos que pertenciam a um amigo. Como o custo de guardar um cavalo no Silver Britle rivalizava com algumas mensalidades de faculdade, era claro que o amigo de Hardy tinha dinheiro para queimar. Trouxeram-nos um palomino e um roan azul^{71}, ambos brilhantes, elegantes e bem comportados. O quarto de milha é uma raça muscular, conhecida por sua calma e bom senso de pastoreio.

Antes de sairmos, Hardy sentou Carrington em um robusto pônei preto e a levou ao redor do curral com uma corda. Como eu esperava, ele encantou minha irmã completamente, elogiando-a, provocando até que ela desse risadinhas.

Era um dia lindo para cavalgar, frio, mas ensolarado, o ar levando o cheiro de pastos e animais e a leve fragrância de terra que você nunca pode isolar, mas é realmente o cheiro do próprio Texas.

Hardy e eu conseguimos conversar enquanto cavalgávamos lado a lado, Carrington um pouco à frente de nós no pônei.

— Você fez bem por ela, querida, — ele me disse. — Sua mãe teria ficado orgulhosa.

— Espero que sim. — Olhei para minha irmã, seu cabelo amarrado em uma arrumada trança loura presa com uma fita branca. — Ela é maravilhosa, não é?

— Maravilhosa. — Mas Hardy estava olhando para mim. — Marva me contou um pouco do que você passou. Você carregou muita coisa em seus ombros, não foi?

Eu dei de ombros. Tinha sido difícil algumas vezes, mas, em retrospecto, minhas dificuldades e lutas haviam sido comuns. Tantas mulheres tinham que lidar com muito mais. — A parte mais difícil foi logo depois que Mamãe morreu. Eu não acho que consegui ter uma noite inteira de sono em dois anos. Eu estava trabalhando e tendo aulas e tentando fazer o meu melhor para Carrington. Parecia que tudo estava sempre meio-feito, nós nunca estávamos na hora, eu não conseguia fazer nada direito. Mas eventualmente, tudo ficou

mais fácil.

— Diga-me como você se envolveu com os Travis.

— Qual deles? — Eu perguntei sem pensar, e então meu rosto se aqueceu.

Hardy sorriu. — Vamos começar com o velho.

Enquanto conversávamos, eu tive a sensação de descobrir algo precioso e há muito enterrado, totalmente formado. Nossa conversa foi um processo de remoção de camadas, algumas delas facilmente varridas. Outras camadas, necessitando cinzéis ou machados, foram deixadas de lado por ora. Nós revelamos tanto quanto ousávamos sobre o que aconteceu durante os anos que nos separavam. Mas não era o que eu havia esperado, estar com Hardy novamente. Havia algo em mim que permanecia teimosamente trancado, como se eu estivesse com medo de deixar sair a emoção que eu tinha abrigado por tanto tempo.

A tarde se aproximou e Carrington ficou cansada e com fome. Cavalgamos de volta ao estábulo e desmontamos. Eu dei a Carrington um punhado de moedas de 25 centavos para comprar refrigerante de uma máquina automática no prédio principal. Ela saiu correndo, deixando-me sozinha com Hardy.

Ele ficou me olhando por um momento. — Venha aqui, — ele murmurou, me puxando para a sala de ferragem vazia. Ele me beijou suavemente, e eu provei pó, sol, sal-de-pele, e os anos se dissolveram em um avanço lento e seguro de calor. Eu havia estado esperando por ele, por isso, e era tão doce como eu me lembrava. Mas, quando Hardy aprofundou o beijo, tentou tirar mais, eu me afastei com um riso nervoso.

— Desculpe, — eu disse sem fôlego. — Desculpe.

— Está tudo certo. — Os olhos de Hardy estavam vívidos com calor, sua voz tranquilizadora. Ele me deu um sorriso rápido. — Eu me empolguei.

Apesar do prazer que eu sentia na companhia de Hardy, fiquei aliviada quando ele nos levou de volta a River Oaks. Eu precisava recuar, pensar, deixar tudo isso se resolver. Carrington estava conversando alegremente no banco de trás, sobre querer cavalgar de novo, ter seu próprio cavalo algum dia, especulando sobre os melhores nomes de cavalo.

— Você nos lançou em uma fase totalmente nova, — eu disse a Hardy. — Agora passamos de Barbie para cavalos.

Hardy sorriu e falou para Carrington. — Você diga para sua irmã mais velha me chamar sempre que você quiser montar, querida.

— Eu quero fazer isso de novo amanhã!

— Você tem escola amanhã, — eu disse, o que fez Carrington fazer carranca até que ela se lembrou que poderia contar a todos os seus amigos sobre o pônei que ela havia montado.

Hardy parou na frente da casa e nos ajudou a sair.

Olhando para a garagem, vi o carro de Gage. Ele quase nunca estava lá nas tardes de domingo. Meu estômago deu um daqueles pulos engraçados que acontecem quando você está em uma montanha-russa, rumo | primeira grande queda. — Gage está aqui, — eu disse.

Hardy pareceu sereno. — Claro que ele está.

Tomando a mão de Hardy, Carrington andou com seu novo amigo até a porta, conversando a mil por hora, — ...e esta é a nossa casa, e eu tenho um quarto lá em cima com papel amarelo listrado nas paredes, e aquela coisa bem ali é uma câmera de vídeo para que possamos olhar para as pessoas antes de decidir deixá-las entrar

— Nada disso é nosso, bebê, — eu disse desconfortavelmente. — É a casa dos Travis.

Ignorando-me, Carrington empurrou a campainha e fez careta para a câmera, fazendo Hardy rir.

A porta se abriu, e lá estava Gage, vestido em jeans e uma camisa pólo branca. Meu pulso se tumultuou quando seu olhar foi primeiro para mim, depois para minha companhia.

— Gage! — Carrington gritou como se não o tivesse visto há meses. Ela voou para ele e apertou os braços em volta de sua cintura. — Esse é o nosso velho amigo Hardy—ele nos levou pra cavalgar, e eu estava em um pônei preto chamado Prince, e eu cavalguei como uma vaqueira de verdade!

Gage sorriu para ela, seu braço segurando os ombros estreitos com segurança.

Olhando de soslaio para Hardy, eu vi o brilho da especulação em seus olhos. Era algo que ele não havia esperado, o vínculo entre minha irmã e

Gage. Ele estendeu a mão com um sorriso fácil. — Hardy Gates.

— Gage Travis.

Eles apertaram as mãos firmemente, com uma breve, imperceptível disputa que terminou em empate. Gage estava com Carrington ainda pendurada em torno de sua cintura, seu rosto inexpressivo. Enfiei as mãos nos bolsos. As pequenas junções entre os meus dedos tinham ficado úmidas. Ambos os homens pareciam tão relaxados, e ainda assim o ar estava pontuado com o conflito.

Foi surpreendente vê-los juntos. Hardy havia pairado tão grande na minha memória por tanto tempo, que fiquei surpresa ao perceber que Gage era igualmente alto, embora mais magro. Eles eram diferentes em quase tudo, educação, antecedentes, experiência... Gage, que jogava pelas regras que ele geralmente havia ajudado a fazer, e Hardy, que jogava fora as regras como um punhado de dinheiro velho se eles não o servissem. Gage, sempre um mais esperto da sala, e Hardy, que havia me dito com um sorriso enganosamente preguiçoso que tudo o que ele tinha de fazer era ser mais esperto do que o cara com quem ele estava negociando.

— Parabéns pelo começo da perfuração, — Gage disse a Hardy. — Você teve alguns achados impressionantes em um curto espaço de tempo. Reservas de alta qualidade, eu ouvi.

Hardy sorriu e ergueu os ombros em um leve dar de ombros. — Nós tivemos alguma sorte.

— É preciso mais que sorte.

Eles falaram sobre geoquímica e uma análise de perfuração de poços, e a dificuldade de estimar intervalos produtivos no campo, e então a conversa se voltou para a empresa de tecnologia alternativa de Gage.

— Saiu por aí que você está trabalhando em algum novo biodiesel, — disse Hardy.

A expressão agradável de Gage não mudou. — Nada que valha a pena falar ainda.

— Não é o que eu ouvi. Rumores dizem que você conseguiu reduzir as

emissões de NOX... Mas o biocombustível em si ainda é caro como o inferno. — Hardy sorriu para ele. — Petróleo é mais barato.

— Por enquanto.

Eu sabia um pouco das visões pessoais de Gage sobre esse assunto. Ele e Churchill ambos concordavam que os dias de petróleo barato estavam quase no fim, e uma vez que alcançássemos a lacuna de oferta-procura, os biocombustíveis ajudariam a evitar uma crise econômica. Muitas pessoas do petróleo, amigos do Travis, diziam que isso não aconteceria por décadas e havia bastante petróleo sobrando. Eles brincavam com Gage e diziam que esperavam que ele não estivesse planejando aparecer com algo para substituir o petróleo, ou eles o considerariam responsável pelos negócios perdidos. Gage havia me dito que eles só estavam meio brincando.

Após um minuto ou dois de conversa excruciantemente cuidadosa, Hardy olhou para mim e murmurou, — Eu estou indo embora agora. — Ele assentiu para Gage. — Prazer em conhecer.

Gage assentiu, voltando sua atenção para Carrington, que estava tentando lhe contar mais sobre os cavalos.

— Vou levá-lo até a porta, — eu disse a Hardy, profundamente aliviada que o encontro tinha acabado.

Enquanto caminhávamos, Hardy colocou um braço em volta dos meus ombros. — Eu quero ver você de novo, — disse ele em voz baixa.

— Talvez dentro de alguns dias.

— Vou ligar amanhã.

— Ok. — Paramos na soleira. Hardy beijou minha testa, e eu olhei em seus quentes olhos azuis. — Bem, — eu disse, — vocês dois foram muito civilizados.

Hardy riu. — Ele gostaria de arrancar minha cabeça. — Ele apoiou uma mão no batente da porta, ficando sério rapidamente. — Eu não vejo você com alguém como ele. Ele é um filho da puta frio.

— Não quando você começa a conhecê-lo.

Aproximando-se, Hardy tomou uma mecha de meu cabelo e esfregou-a suavemente entre os dedos. — Eu acho que você poderia provavelmente

descongelar uma geleira, querida. — Ele sorriu e soltou, caminhando em direção ao SUV.

Sentindo-me cansada e estupefata, fui atrás de Carrington e Gage. Encontrei-os na cozinha, assaltando a geladeira e despensa.

— Com fome? — Gage perguntou.

— Morrendo.

Ele arrumou um recipiente de salada de macarrão, e outro de morangos. Eu encontrei um pedaço de pão francês e cortei algumas fatias enquanto Carrington trazia três pratos.

— Só dois, — Gage lhe disse. — Eu já comi.

— Tudo bem. Posso pegar um biscoito?

— Depois do almoço.

Enquanto Carrington pegava os guardanapos, olhei para Gage com um franzir de cenho. — Você não vai ficar?

Ele balançou a cabeça. — Eu descobri o que precisava saber.

Ciente de Carrington por perto, eu segurei as minhas perguntas até que os pratos fossem colocados na mesa. Gage serviu um copo de leite para Carrington e colocou dois biscoitos pequenos na borda do prato. — Coma os biscoitos por último, querida, — ele murmurou. Ela se aproximou para abraçá-lo, então começou a comer sua salada de macarrão.

Gage me deu um sorriso impessoal. — Tchau, Liberty.

— Espere— — Eu o segui, parando apenas para dizer a Carrington que eu voltava logo. Corri para manter o ritmo com Gage. — Você acha que descobriu tudo sobre Hardy Gates após vê-lo por cinco minutos?

— Sim.

— Qual a sua opinião sobre ele?

— Não há por que lhe falar. Você dirá que eu sou parcial.

"E você não é?"

— Inferno, sim, eu sou parcial. Também acontece que eu estou certo.

Eu o parei na porta da frente com um toque em seu braço. Gage olhou para o local que meus dedos haviam roçado e lentamente o olhar dele viajou

para o meu rosto.

— Diga-me, — eu disse.

Gage respondeu em um tom prático. — Eu acho que ele é ambicioso até o osso, trabalha duro e joga mais duro ainda. Ele tem fome de todos os sinais visíveis de sucesso—os carros, as mulheres, a caixa do proprietário no Reliant. Acho que ele vai jogar fora todos os princípios que tem para subir a escada. Ele vai fazer e perder um par de fortunas, e vai passar por três ou quatro esposas. E ele quer você porque você é sua última esperança de manter isso real. Mas nem mesmo você seria suficiente.

Piscando | dura avaliação, eu passei meus braços em minha frente. — Você não o conhece. Esse não é Hardy.

— Veremos. — Seu sorriso não alcançou seus olhos. — É melhor você voltar para a cozinha. Carrington está esperando.

— Gage... você está com raiva de mim, não é? Eu estou tão

— Não, Liberty. — Seu rosto suavizou um pouco. — Eu estou tentando entender tudo. Assim como você.

Eu vi Hardy algumas vezes durante o próximo par de semanas—um almoço, um jantar, uma longa caminhada. Por baixo das conversas e silêncios e reconexões de intimidade, tentei conciliar o adulto que Hardy se tornou com o garoto que eu tinha conhecido e ansiado. Incomodou-me perceber que eles não eram o mesmo... mas é claro que eu também não era a mesma.

Parecia importante descobrir quanto da atração que eu sentia por Hardy vinha de agora, ao contrário do passado. Se tivéssemos nos conhecido hoje, pela primeira vez, como estranhos, eu teria sentido a mesma coisa sobre ele?

Eu não poderia dizer com certeza. Mas, Senhor, ele era encantador. Ele tinha um jeito, ele sempre teve. Ele me fazia sentir tão confortável, que poderíamos falar sobre qualquer coisa. Até mesmo Gage.

— Conte-me como ele é, — disse Hardy, segurando minha mão, brincando com meus dedos. — Quanto do que eles dizem é verdade?

Conhecendo a reputação de Gage, eu dei de ombros e sorri. — Gage é... talentoso. Mas ele pode ser intimidante. O problema com Gage é, ele parece sempre fazer tudo com perfeição. As pessoas pensam que ele é invulnerável. E

ele é muito privado. Não é fácil se aproximar de um homem assim.

— Mas você conseguiu, aparentemente.

Dei de ombros e sorri. — Mais ou menos. Nós só começamos a nos aproximar, mas aí...

Aí Hardy havia aparecido.

— O que você sabe sobre a empresa dele? — Ele perguntou casualmente. "Eu não posso entender por que um homem de uma família texana, com grandes ligações ao petróleo, está brincando com células de combustível e biodiesel.

Sorri. — Isso é Gage para você. — E, com um pouco de insistência, contei a ele que eu sabia sobre a tecnologia que a empresa de Gage estava trabalhando. — Há um grande acordo de biocombustíveis em obra. Ele quer construir uma usina de mistura nessa enorme refinaria em Dallas, e eles vão começar a misturar biodiesel com todo o seu combustível, e distribuí-lo em todos os lugares do Texas. Pelo que eu posso dizer, as negociações estão bastante intensas. — Eu ouvi a nota de orgulho na minha própria voz quando adicionei, — Churchill diz que só Gage poderia conseguir isso.

— Ele deve ter passado por alguns obstáculos enormes, — Hardy comentou. — Em algumas partes de Houston, apenas dizer a palavra biodiesel fará com que atirem em você. Qual refinaria é?

— Medina.

— É uma das grandes. Bem, pelo bem dele, espero que tudo dê certo. — E, tomando minha mão, ele habilmente mudou o assunto.

Perto do fim da segunda semana, Hardy me levou para um bar super moderno que me lembrou de uma nave espacial, a decoração estéril com luz de fundo azul e verde. As mesas eram do tamanho de navios equilibradas sobre canudos de refrigerante. Era o mais recente lugar para ser visto, e todos no bar pareciam extremamente modernos, se não exatamente confortáveis.

Tomando lentamente um Southern Comfort no gelo, dei uma olhada no local e não pude deixar de notar que Hardy estava atraindo a atenção de algumas mulheres. Sem surpresas nisso, considerando sua aparência, presença

e charme. E à medida que o tempo passasse, Hardy seria um partido ainda maior, mais visível em seu sucesso.

Eu terminei minha bebida e pedi outra. Eu não conseguia relaxar esta noite. Enquanto Hardy e eu tentávamos conversar acima do barulho da música ao vivo, tudo que eu conseguia pensar era que eu sentia falta de Gage. Eu não o via há alguns dias. Culposamente, refleti que eu tinha exigido muito de Gage, talvez até demais, pedindo-lhe que fosse paciente enquanto eu tentava descobrir meus sentimentos por outro homem.

Hardy esfregou seu polegar suavemente sobre as costas dos meus dedos. Sua voz era suave sob a batida mordente da música. — Liberty. — Meu olhar se ergue ao dele. Seus olhos brilhavam um azul não natural, | luz artificial. — Vamos, querida. É hora de resolver algumas coisas.

— Ir para onde? — Perguntei fracamente.

— Voltar | minha casa. Precisamos conversar.

Eu hesitei, engoli em seco, e consegui assentir bruscamente. Hardy havia me mostrado seu apartamento no início da noite—eu havia optado por encontrá-lo lá em vez de ele me buscar em River Oaks.

Nós não falamos muito enquanto Hardy me levava até o centro da cidade. Mas ele manteve minha mão na dele. Meu coração batia como as asas de um beija-flor. Eu não tinha muita certeza do que ia acontecer, ou o que eu queria que acontecesse.

Chegamos ao alto edifício de luxo e Hardy me levou até seu apartamento, um amplo espaço confortavelmente decorado com couro, pele, e elegantes tecidos ásperos. Abajures de ferro forjado com coberturas de pergaminho texturizado jogavam um clarão apagado na sala principal.

— Quer uma bebida? — ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça, tricotando meus dedos juntos, enquanto eu ficava perto da porta. — Não, obrigada. Eu bebi o suficiente no bar.

Sorrindo zombeteiramente, Hardy veio até mim e pressionou seus lábios em minha têmpora. — Você está nervosa, querida? Sou só eu. Seu velho amigo Hardy.

Deixei escapar um suspiro trêmulo e me inclinei contra ele. — Sim. Eu me

lembro de você.

Seus braços vieram em torno de mim, e ficamos assim por um longo tempo, de pé juntos, respirando juntos.

—Liberty, — ele sussurrou. — Eu te disse uma vez que em toda minha vida, você sempre seria o que eu mais queria. Lembra?

Eu balancei a cabeça em seu ombro. — Na noite em que você partiu.

— Eu não vou deixá-la novamente. — Seus lábios roçaram a extremidade macia da minha orelha. — Ainda me sinto dessa maneira, Liberty. Eu sei do que estou pedindo que você se afaste, mas eu juro, você nunca iria se arrepender. Eu te darei tudo que você sempre quis. — Ele tocou meu queixo com as pontas dos dedos, virando meu rosto para cima, e sua boca veio à minha.

Meu equilíbrio se desintegrou, e eu agarrei a ele. Seu corpo era duro dos anos de trabalho físico brutal, seus braços fortes e seguros. Ele beijava diferente de Gage, mais direto, agressivo, sem a furtividade erótica e senso de brincadeira de Gage. Ele abriu meus lábios e explorou lentamente, e eu o beijei de volta com culpa e prazer misturados. Sua mão quente moveu-se para o meu seio, os dedos levemente seguindo o contorno redondo, pausando na ponta sensível. Tirei a minha boca da dele com um som agitado.

— Hardy, não, — eu consegui dizer, o desejo um peso quente no meu estômago. — Eu não posso.

Sua boca procurou a pele trêmula de minha garganta. — Por que não?

— Eu prometi a Gage—ele e eu concordamos—que eu não faria isso com você. Não até

— O quê? — Hardy puxou a cabeça de volta, estreitando os olhos. — Você não deve isso a ele. Ele não é seu dono.

— Não é isso, não tem nada a ver com propriedade, é apenas

— Até parece.

— Eu não posso quebrar uma promessa, — eu insisti. — Gage confia em mim.

Hardy não disse nada, apenas me deu um olhar peculiar. Algo sobre o seu silêncio trouxe arrepios debaixo da minha pele. Arrastando a mão pelo cabelo,

Hardy foi para uma das janelas panorâmicas e olhou para a cidade estendida abaixo de nós. — Você tem certeza disso? — Ele perguntou finalmente.

— O que você quer dizer?

Ele se virou para mim, recostando-se e cruzando as pernas na altura dos tornozelos. — As duas últimas vezes que eu vi você, eu notei um Crown Victoria prateado nos seguindo. Então, eu peguei o número da placa e verifiquei. Pertence a um cara que trabalha para uma empresa de vigilância.

Um calafrio correu por mim. — Você acha que Gage fez com que eu fosse seguida?

— O carro está estacionado no final da rua agora mesmo. — Ele gesticulou para que eu fosse até a janela. — Veja por si mesma.

Eu não me mexi. — Ele não faria isso.

— Liberty, — ele disse baixinho, — você não conhece o filho da puta o suficiente para ter certeza de que ele iria ou não fazer.

Eu esfreguei meus braços com as minhas mãos em uma tentativa vã de me aquecer. Eu estava muito chocada para falar.

— Eu sei que você pensa nos Travis como amigos, — eu ouvi Hardy continuar em um tom uniforme. — Mas eles não são, Liberty. Você acha que eles fizeram um favor a você, recebendo você e Carrington? Não era um favor porra nenhuma. Eles lhe devem muito mais que isso.

— Por que você diz isso?

Ele atravessou a sala até mim, me pegou pelos ombros e olhou dentro dos meus olhos perplexos. — Você realmente não sabe, não é? Eu achei que você poderia ter pelo menos suspeitado de algo.

— Do que você está falando?

Sua boca era sombria. Ele me puxou até o sofá, e nos sentamos enquanto ele agarrava minhas mãos sem força nas suas. — Sua mãe teve um caso com Churchill Travis.

Durou anos.

Tentei engolir. A saliva dificilmente desceu. — Isso não é verdade, — sussurrei.

— Marva me disse. Você pode perguntar a ela você mesma. Sua mãe contou tudo a ela.

— Por que Marva não disse nada para mim?

— Ela tinha medo que você soubesse. Medo de você se complicar com os Travis. Por tudo o que ela sabia, eles poderiam ter decidido tomar Carrington de você, e você não poderia ter feito uma coisa sequer para detê-los. Mais tarde, quando ela descobriu que estava trabalhando para Churchill, ela imaginou que ele estava tentando fazer as pazes com você. Ela pensou que era melhor não interferir.

— Você não está fazendo sentido. Por que eles iriam querer tirar Carrington de mim? O que Churchill poderia— — O sangue sumiu do meu rosto. Eu parei e cobri minha boca com dedos trêmulos quando eu entendi.

Ouvi a voz de Hardy como de uma grande distância. — Liberty... quem você acha que é o pai de Carrington?

..... CAPÍTULO 24

Fui embora do prédio do apartamento de Hardy, pretendendo ir direto para River Oaks e confrontar Churchill. Eu estava mais perturbada do que já havia estado em qualquer momento desde que Mamãe morreu. Eu estava estranhamente calma por fora, apesar de minha mente e coração estarem em anarquia. Isso não pode ser verdade, eu pensava de novo e de novo. Eu não queria que fosse verdade.

Se Churchill fosse o pai de Carrington... Eu pensei sobre as vezes que nós tivemos fome, as dificuldades, as vezes que ela havia me perguntado por que ela não tinha um papai enquanto seus amigos tinham. Eu havia mostrado a ela a foto de meu pai e dito, — Este é o nosso papai, — e contado a ela o quanto ele a amava, apesar de viver no Céu. Eu pensei nos aniversários e feriados, as vezes que ela esteve doente, todas as coisas que ela teve de viver sem...

Se Churchill fosse o pai de Carrington, ele não devia uma maldita coisa a mim. Mas ele devia muito a ela.

Antes de perceber o que estava fazendo, eu me encontrei dirigindo até o portão de entrada da garagem no Principal 1800. O guarda de segurança pediu minha carteira de motorista, e eu hesitei, pensando que deveria dizer a ele que eu havia cometido um erro, eu não queria ter vindo aqui. Em vez disso, eu a mostrei a ele e dirigi para a seção de estacionamento dos moradores, e parei o carro. Eu queria ver Gage. Eu nem sequer sabia se ele estava em casa.

Meu dedo estava tremendo quando eu apertei o botão do 18º andar, um pouco por medo, mas na maior parte por raiva. Apesar da reputação das mulheres mexicanas em ter temperamento quente, eu era muito bem-educada na maioria das vezes. Eu não gostava de ficar com raiva, eu odiava a adrenalina amarga que vinha com ela. Mas no momento, eu estava pronta para explodir. Eu queria jogar coisas.

Eu fui para a porta de Gage com longas e pesadas passadas, e bati com uma força que machucou meus dedos. Quando não houve resposta, eu levantei a minha mão para bater novamente, e quase caí para a frente quando a porta se abriu.

Gage estava ali, parecendo calmo e capaz como sempre. — Liberty... — Uma pergunta inclinou a última sílaba de meu nome. Seu olhar leve correu por mim, parando em meu rosto enrubescido. Ele estendeu a mão para me puxar para dentro do apartamento. Eu me

afastei dele enquanto atravessava a soleira. — O que está acontecendo, querida?

Eu não podia suportar o calor em sua voz, ou o meu próprio desejo doloroso, mesmo agora, de me enterrar contra ele. — Não ouse fingir que está preocupado comigo, — eu ataquei, jogando minha bolsa no chão. — Eu não posso acreditar no que você fez, quando eu não fui nada além de honesta com você!

A expressão de Gage esfriou consideravelmente. — Ajudaria, — ele disse em um tom agradável, — se você me dissesse do que estamos falando.

— Você sabe exatamente por que estou com raiva. Você contratou alguém para me seguir. Você esteve me espionando. Eu não entendo o porquê. Eu não fiz nada para merecer ser tratada assim

— Acalme-se.

A maioria dos homens não parece entender que dizer a uma mulher irritada para ela se acalmar é como jogar pólvora no fogo.

— Eu não quero me acalmar. Eu quero saber por que diabos você fez isso!

— Se você manteve sua promessa, — Gage apontou, — você não tem nenhuma razão para se preocupar com alguém vigiando você.

— Então você admite que contratou alguém para me seguir? Oh, Deus, você fez isso, eu posso ver em seu rosto. Droga, eu não dormi com ele. Você deveria ter confiado em mim.

— Eu sempre acreditei no velho ditado: ‘Confie, mas verifique’.

— Isso pode funcionar maravilhosamente para os negócios, — eu disse em uma voz assassina, — mas não em um relacionamento. Eu quero que isso pare agora. Eu não quero mais ser seguida. Livre-se dele!

— Tudo bem. Tudo bem.

Surpresa que ele tinha concordado tão facilmente, e eu atirei-lhe um olhar desconfiado.

Gage estava me olhando de forma estranha agora, e eu percebi que estava tremendo visivelmente. Minha raiva havia fugido, deixando-me com um sentimento de desespero doente. Eu não estava nem um pouco certa de como eu havia ido parar no meio de um cabo de guerra entre dois homens implacáveis... sem mencionar Churchill. Eu estava cansada disso, cansada de tudo, especialmente do enxame de perguntas não respondidas.

Eu não sabia para onde ir ou o que fazer comigo mesma.

— Liberty, — ele disse cuidadosamente, — eu sei que você não dormiu com ele. Eu confio em você. Droga. Me desculpe. Eu não podia recuar e esperar quando eu queria algo—alguém—tanto assim. Eu não posso deixar você ir sem lutar.

— Tudo isso é sobre vencer? Isso é algum tipo de competição pra você?

— Não, isso não é uma competição. Eu quero você. Eu quero coisas que não tenho certeza se você está pronta para ouvir ainda. Acima de tudo eu quero te abraçar até você parar de tremer. — Sua voz ficou rouca. — Deixe-me te abraçar, Liberty.

Eu estava parada, me perguntando se podia confiar nele, desejando que eu pudesse pensar direito. Enquanto eu olhava para ele, vi a frustração em seus olhos, e a necessidade. — Por favor, — disse ele.

Eu fui para frente, e ele me pegou com força contra ele. — Essa é a minha garota, — veio seu baixo murmúrio. Eu enterrei meu rosto em seu ombro, inalando o cheiro familiar de sua pele. Alívio correu por mim, e eu lutei para chegar mais perto, necessitando mais dele do que meus braços poderiam englobar.

Depois de um tempo, Gage me deitou no sofá, massageando minhas costas e quadril. Nossas pernas se emaranharam juntas, e minha cabeça estava em seu ombro, e eu teria pensado que estava no paraíso se o sofá não fosse tão duro.

— Você precisa de almofadas, — eu disse em uma voz abafada.

— Eu odeio bagunça. — Ele se ajeitou para olhar para mim. — Alguma outra coisa está te incomodando. Diga-me o que é e eu consertarei isso.

— Você não pode.

— Tente.

Eu ansiava confidenciar a ele sobre Churchill e Carrington, mas eu tinha que manter isso privado por agora. Eu não queria que Gage lidasse com isso por mim, e eu sabia que ele faria se eu lhe dissesse.

Isso era entre Churchill e eu.

Então eu balancei minha cabeça, me enterrando mais contra ele, e Gage acariciou meus cabelos. — Fique comigo esta noite, — disse ele.

Eu me senti frágil e sensível. Eu saboreei a dura superfície musculosa de seu braço sob meu pescoço, o calor reconfortante de seu corpo. — Ok, — sussurrei.

Gage me olhou atentamente, sua mão segurando a lateral do meu rosto com infinita delicadeza. Ele beijou a ponta do meu nariz. — Eu tenho que sair antes do amanhecer. Eu tenho uma reunião em Dallas, e outra em Research Triangle.

— Onde é isso?

Ele sorriu e traçou meu malar com um dedo preguiçoso. — Carolina do Norte. Eu não voltarei por um par de dias. — Continuando a olhar para mim, ele começou a perguntar alguma coisa, então se conteve. Ele levantou do sofá em um movimento fluido, me puxando para levantar com ele.

— Vamos. Você precisa ir para a cama.

Fui com ele para o quarto, que estava escuro, exceto pelo brilho de uma pequena lâmpada focada na pintura do oceano. Sentindo-me tímida, eu me despi e coloquei a camiseta branca que Gage entregou a mim. Arrastei-me com gratidão entre os lisos, luxuosos lençóis. A luz foi apagada. Eu senti o peso do corpo de Gage desalinhar o colchão. Rolando na direção dele, eu me aninhei e engatei minha perna por cima dele.

Pressionados juntos como estávamos, não pude deixar de perceber a dura, quase escaldante pressão dele contra a minha coxa.

— Ignore isso, — disse Gage.

Isso me fez sorrir apesar do meu cansaço. Eu rocei meus lábios furtivamente contra sua garganta. O cheiro quente dele foi o suficiente para provocar meu pulso a bater em um rápido tamborilar erótico. Meus dedos do pé delicadamente exploraram a superfície peluda de sua perna. — Parece uma

pena desperdiçar isso.

— Você está muito cansada.

— Não para uma rapidinha.

— Eu não faço rapidinhas.

— Eu não me importo. — Arrastei-me sobre ele com determinação ardente, ofegando um pouco com a flexão poderosa de seu corpo sob o meu.

Uma risada filtrou-se através da escuridão, e Gage se moveu de repente, virando para me fixar embaixo dele.

— Fique quieta, — ele sussurrou, — e eu vou cuidar de você.

Eu obedeci, arrepiando-me enquanto ele levantava a barra da camiseta, deixando-a acima de meus seios. O calor gentil de sua boca cobriu um mamilo tenso. Eu me levantei até ele com um som suplicante.

Seus lábios cruzaram meu peito em uma jornada de beijos semiabertos, enquanto ele se agachava sobre mim como um gato. Ele mordiscou a ala da minha clavícula, encontrando as depressões rasas, onde o meu pulso doía, acalmando-o com sua língua. Mais abaixo, onde os músculos unidos do meu diafragma tremiam ao seu toque, abaixo, onde cada preguiçoso beijo explorador tornava-se fogo e eu me retorcia para escapar do prazer indecente, e ele me segurou lá, parada e apertada, enquanto sensação corria e estraçalhava tudo por mim.

Eu acordei sozinha, embrulhada em lençóis que seguravam o perfume de sexo e pele. Aconchegando-me mais sob as cobertas, eu assisti os primeiros raios da manhã fluírem pela janela. A noite com Gage tinha me deixado mais firme, capaz de lidar com o que quer que estivesse por vir. Eu havia dormido a noite toda contra ele, não me escondendo, apenas me abrigando. Eu sempre havia conseguido encontrar forças em mim mesma—mas tinha sido uma revelação, obter força de alguém.

Saindo da cama, eu atravessei o apartamento vazio para a cozinha, e peguei o telefone para discar para a mansão Travis.

Carrington atendeu no segundo toque. — Alô?

— Bebê, sou eu. Eu dormi no Gage noite passada. Desculpe por eu não ter ligado— quando eu lembrei, já era tarde demais.

— Oh, está tudo bem, — disse minha irmã. — Tia Gretchen fez pipoca, e ela e Churchill e eu assistimos o filme velho mais idiota com muito canto e dança. Foi muito legal.

— Você está se aprontando para a escola?

— Sim, o motorista vai me levar no Bentley.

Eu balancei minha cabeça pesarosamente ao ouvir seu tom casual. — Você soa exatamente como uma criança de River Oaks.

— Eu tenho que terminar meu café da manhã. Meu cereal está ficando empapado.

— Tudo bem. Carrington, você faria algo por mim? Diga a Churchill que eu estarei aí em cerca de meia hora, e eu preciso falar com ele sobre algo importante.

— Sobre o quê?

— Coisa de gente grande. Eu te amo.

— Eu também te amo. Tchau!

Churchill estava esperando por mim perto da lareira da sala familiar. Tão familiar, e ainda assim um desconhecido. De todos os homens em minha vida, eu tinha conhecido Churchill pelo maior tempo e dependido dele ao máximo. Não havia como se desviar do fato de que ele era a coisa mais próxima de um pai que eu já tinha conhecido.

Eu o amava.

E ele iria soltar alguns segredos agora ou eu iria matá-lo.

— Bom dia, — ele disse, seu olhar pesquisando.

— Bom dia. Como você está se sentindo?

— Bem o suficiente. E você?

— Eu não tenho certeza, — eu disse com sinceridade. — Nervosa, eu acho. Um pouco irritada. Muito confusa.

Com Churchill, você nunca tinha que conduzir graciosamente a um assunto delicado. Você podia deixar escapar qualquer coisa e ele iria lidar com isso sem nenhum problema. Saber disso tornou mais fácil para eu atravessar a sala, parar na frente dele, e deixar rolar.

— Você conhecia minha mãe, — eu disse.

O fogo na lareira soava como uma bandeira chicoteando e batendo em um dia ventoso.

Churchill respondeu com surpreendente autocontrole. — Eu amava sua mãe. — Ele me deixou absorver aquilo por um momento, e depois deu um aceno decisivo. — Ajude-me a ir para o sofá, Liberty. O assento da cadeira está cavando a parte de trás das minhas pernas.

Ambos tomamos um refugio temporário na logística de transferi-lo da cadeira de rodas para o sofá, mais uma questão de equilíbrio do que força. Peguei um divã, coloquei-o sob o gesso, dei a Churchill um par de almofadas pequenas para colocar ao seu lado. Quando ele estava confortavelmente instalado, me sentei perto dele e esperei com os braços cruzados apertados em volta do meu corpo.

Churchill pescou uma carteira fina do bolso da camisa, procurou através de seu conteúdo, entregou-me uma pequena foto antiga em preto-e-branco com bordas rasgadas. Era a minha mãe como uma mulher muito jovem, bela como uma deusa do cinema, e lá estavam as palavras escritas de sua própria mão. — Para o meu querido C. amor, Diana.

— O pai dela—seu avô—trabalhava para mim, — disse Churchill, pegando de volta a foto, segurando-a na palma da sua mão como um artefato religioso. — Eu já era viúvo quando conheci Diana em um piquenique da empresa. Gage tinha acabado de sair das fraldas. Ele precisava de uma mãe, e eu precisava de uma esposa. Era óbvio desde o início que Diana era errada em quase todos os sentidos. Muito jovem, muito bonita, muito ardente. Nada disso importava. — Ele balançou a cabeça, lembrando. Rispidamente, — Meu

Deus, eu amava aquela mulher.

Eu o assisti sem pestanejar. Eu não podia acreditar que Churchill estava abrindo uma janela para a vida de minha mãe, o passado sobre o qual ela nunca tinha falado.

— Fui atrás dela com tudo que eu tinha, — disse Churchill. — O que eu pensasse que iria tentá-la. Eu lhe disse logo de início que queria casar com ela. Ela teve pressão de todos os lados, especialmente de sua família. Os Truitt eram de classe média, e eles sabiam que, se Diana casasse comigo, não havia

limite para o que eu daria a eles. — Sem vergonha, ele acrescentou, — Eu me assegurei de que Diana soubesse disso também.

Eu tentei pensar em Churchill como um homem jovem, perseguindo uma mulher com todas as armas à sua disposição. — Jesus, que circo deve ter sido.

— Eu intimidei, subornei, e a convenci a me amar. Eu coloquei um anel de noivado em seu dedo. — Ele deu uma risada furtiva que eu achei um pouco cativante. — Dê-me tempo suficiente, e eu cativo a pessoa.

"Mãe realmente te amou, ou foi uma encenação? — Eu perguntei, sem querer ser ofensiva, apenas precisando saber.

Sendo Churchill, ele não levou do jeito errado. — Havia momentos que eu achava que ela me amava. Mas no final não foi o suficiente.

— O que aconteceu? Foi Gage? Ela não queria ser mãe tão cedo?

— Não, não teve nada a ver com isso. Ela parecia gostar do garoto bem o suficiente, e eu prometi a ela que contrataríamos babás e empregadas domésticas, toda a ajuda que ela precisasse.

— Então o quê? Eu não posso imaginar por que... Ah.

Meu pai havia entrado no caminho.

Eu senti simpatia instantânea por Churchill, e, ao mesmo tempo um golpe de orgulho pelo pai que eu nunca havia conhecido, que tinha conseguido roubar minha mãe de um rico e poderoso homem mais velho.

— Isso mesmo, — disse Churchill, como se pudesse ler meus pensamentos. — Seu pai era tudo que eu não era. Jovem, bonito, e como minha filha Haven diria, privado de seus direitos.

— Também mexicano.

Churchill concordou. — Isso não foi um grande sucesso com seu avô. Naqueles dias, o casamento entre um marrom e um branco era totalmente desaprovado.

— Essa é uma boa maneira de colocar isso, — eu disse secamente, ciente de que provavelmente tinha sido uma desgraça absoluta. — Conhecendo minha mãe, o cenário Romeu e Julieta provavelmente deixou a coisa toda ainda mais atraente.

— Ela era uma romântica, — Churchill concordou, colocando a foto de

volta em sua carteira com extremo cuidado. — E ela tinha uma paixão por seu pai. O pai dela avisou que, se ela fugisse com ele, não era pra se incomodar em voltar. Ela sabia que a família nunca iria perdoá-la.

— Porque ela se apaixonou por um cara pobre? — Perguntei em indignação.

— Não era certo, — admitiu Churchill. — Mas os tempos eram difíceis.

— Isso não é desculpa.

— Diana veio até mim na noite em que fugiu para se casar. Seu pai esperou no carro enquanto ela entrava, se despedia e devolvia o anel. Eu não o aceitaria. Eu disse para ela o trocar por um presente de casamento. E implorei a ela para vir até mim se ela precisasse de alguma coisa.

Eu entendi o que aquelas palavras deviam ter custado a ele, um homem de enorme orgulho.

— E quando meu pai morreu, — eu disse, — você já tinha se casado com Ava.

— Isso mesmo.

Eu fiquei quieta então, vasculhando lembranças. Pobre Mamãe, lutando para conseguir se sustentar. Nenhuma família para recorrer, ninguém para ajudar. Mas aqueles desaparecimentos misteriosos, quando ela saíria por um dia e então haveria comida na geladeira e os cobradores paravam de ligar...

— Ela veio até você, — eu disse. — Mesmo você estando casado. Ela lhe visitou e você deu dinheiro a ela. Você a ajudou por anos.

Churchill não precisava dizer nada. Eu vi a verdade nos seus olhos.

Eu alinhei meus ombros e forcei a mim mesma a fazer a grande pergunta. — A

Carrington é sua?

A cor subiu em seu rosto velho, e ele me enviou um olhar ofendido. — Você acha que eu não teria assumido minha própria criança? Deixá-la crescer em um maldito estacionamento de trailers? Não, não há chance de ela ser minha. Diana e eu nunca tivemos este tipo de relacionamento.

— Deixa disso, Churchill. Eu não sou uma idiota.

— Sua mãe e eu nunca dormimos juntos. Você acha que eu faria isso com Ava?

— Me desculpe, mas eu não acredito nisso. Não se ela estava pegando dinheiro de você.

— Docinho, eu não dou a mínima se você acredita em mim ou não, — ele disse calmamente. — Não vou falar que não estive tentado. Mas eu era fisicamente fiel a Ava. Eu devia pelo menos isso a ela. Você quer que eu faça um teste de paternidade, eu vou fazê-lo.

Isso me convenceu. — Ok. Me desculpe. Desculpe. Eu apenas... é difícil aceitar que minha mãe veio até você por dinheiro por todos esses anos. Ela sempre se importava tanto sobre nunca pegar doações das pessoas e como eu precisava ser autossuficiente quando eu crescesse. Isso faz dela uma grande hipócrita.

— Isso faz dela uma mãe que queria o melhor para sua criança. Ela fez o melhor que pôde. Eu queria fazer muito mais por ela, mas ela não me deixou. — Churchill suspirou, de repente parecendo desgastado. — Eu não a vi no ano antes dela morrer.

— Ela estava envolvida com um cara que ela estava namorando, — eu disse. — Um verdadeiro merda.

— Louis Sadlek.

— Ela lhe contou sobre ele?

Churchill balançou a cabeça. — Li o boletim de ocorrência.

Eu olhei para ele, examinando-o, considerando seu gosto por grandes gestos. — Você assistiu o funeral de uma limusine preta, — eu disse. — Eu sempre me perguntei quem era. E as rosas amarelas... você as enviou todos esses anos, não é?

Ele ficou em silêncio enquanto eu continuei a juntar as peças. — Eu tive uma barganha no caixão dela, — eu disse lentamente. — Foi você. Você pagou por ele. Você conseguiu que o agente funerário concordasse.

— Era a última coisa que eu poderia fazer por Diana, — disse ele. — Isso, e manter um olho em suas filhas.

— Manter um olho em nós como? — Eu perguntei desconfiada.

Churchill manteve sua boca fechada. Mas eu o conhecia bem demais. Parte do meu trabalho era ajudar a organizar os rios de informação que fluíam até Churchill. Ele observava empresas, questões políticas, pessoas... ele estava sempre recebendo relatórios de um tipo ou outro em envelopes marrons enganosamente inócuos. — Você não estava me espionando, não é? — Eu perguntei, pensando, Doce Jesus, esses homens Travis estão me deixando paranóica.

Ele deu de ombros. — Eu não chamaria assim. Eu apenas checava você de vez em quando.

— Eu te conheço Churchill. Você não ‘checa’ as pessoas simplesmente. Você é um intrometido. Você... — Eu inspirei rapidamente. — Aquela bolsa que eu ganhei da escola de beleza... você fez isso também, não fez?

— Eu queria te ajudar.

Eu pulei do sofá. — Eu não queria nenhuma ajuda! Eu poderia ter conseguido isso sozinha. Dane-se você, Churchill! Primeiro você foi o coroa rico da Mamãe e, então você foi o meu, só que eu não tive sequer uma escolha quanto a isso. Sabe quão estúpida isso me faz sentir?

Seus olhos se estreitaram. — O que eu fiz por você não tira nada do que você realizou. Nem uma única coisa.

— Você deveria ter me deixado sozinha. Eu juro, Churchill, você vai pegar de volta cada centavo que você gastou em mim, ou eu nunca falarei com você de novo.

— É justo. Vou tirar o dinheiro da bolsa de estudos de seu salário. Mas não o dinheiro do caixão. Eu fiz aquilo por ela, não por você. Sente-se, nós não terminamos de conversar.

Tenho mais a dizer.

— Ótimo. — Eu me sentei. Minha mente estava zunindo. — Gage sabia?

Churchill assentiu. — Ele me seguiu um dia quando eu fui encontrar Diana para um almoço no St. Regis.

— Você a encontrava em um hotel, e vocês nunca— — Parei com a carranca que ele me deu. — Ok, ok. Eu acredito em você.

— Gage nos viu almoçando, — Churchill continuou, — e ele me

confrontou mais tarde. Ele estava com raiva como o inferno, mesmo depois que eu jurei que não havia traído Ava.

Mas ele concordou em manter segredo. Ele não queria que Ava se machucasse. — Minha mente voltou ao dia em que eu tinha me mudado para River Oaks.

— Gage reconheceu minha mãe pela foto lá em cima no meu quarto, — eu disse.

— Sim. Nós conversamos sobre isso.

— Eu aposto que vocês conversaram. — Eu olhei para o fogo. — Por que você começou a ir ao salão?

— Eu queria conhecer você. Estava orgulhoso como o inferno de você por manter Carrington e criá-la por sua própria conta, e trabalhar como uma louca. Eu já amava você e Carrington porque vocês eram tudo o que restava de Diana. Mas depois que eu as conheci, eu as amei por vocês mesmas.

Eu mal podia vê-lo através do brilho nos meus olhos. — Eu também amo você, seu velho arrogante, intrometido e imbecil.

Churchill estendeu o braço, gesticulando para eu me aproximar. E eu o fiz. Debrucei-me contra ele, no reconfortante cheiro paterno de loção pós-barba e couro e algodão engomado.

— Minha mãe nunca pôde deixar meu pai ir, — eu disse distraidamente. — E você nunca pôde deixá-la ir. — Sentei-me de volta e olhei para ele. — Eu sempre pensei que era sobre encontrar a pessoa certa. Mas é sobre escolher a pessoa certa, não é?... Fazer uma escolha real e dar todo o seu coração a ela.

— É mais fácil falar do que fazer.

Não para mim. Não mais. — Eu preciso ver Gage, — eu disse. — De todos os momentos em que ele poderia estar longe, este deve ser o pior.

— Docinho. — Churchill usava o início de uma carranca. — Gage por um acaso mencionou por que ele estava indo nesta viagem de última hora?

Eu não gostava do som daquilo. — Ele me disse que estava indo para Dallas e depois Research Triangle. Mas não, ele não disse o porquê.

— Ele não queria que eu lhe dissesse, — Churchill disse. — Mas acho que você precisa saber. Houve alguns problemas de última hora sobre o negócio de

Medina.

— Oh, não, — eu disse em preocupação, sabendo o quanto aquilo era importante para a empresa de Gage. — O que aconteceu?

— Vazamento de segurança no processo de negociações. Ninguém deveria saber que o negócio estava acontecendo—na verdade, todos na mesa haviam assinado um acordo de confidencialidade. Mas de alguma forma o seu amigo Hardy Gates descobriu o que estava em negociação. Ele levou a informação para o maior fornecedor de Medina, Victory Petroleum, que agora está colocando pressão sobre Medina para acabar com todo o negócio.

Todo o ar pareceu deixar meus pulmões de uma só vez. Eu não podia acreditar. — Meu Deus, fui eu, — eu disse entorpecida. — Eu mencionei as negociações para Hardy. Eu não sabia que era segredo. Eu não tinha idéia de que ele faria algo assim. Eu tenho que ligar para Gage e dizer-lhe o que eu fiz, que eu não tive intenção de

— Ele já percebeu isso, docinho.

— Gage sabe que eu sou o vazamento? Mas— — eu parei, ficando fria com o pânico. Gage deve ter sabido disso na noite passada. E ainda assim ele não tinha dito nada. Eu me senti nauseada. Enterrei meu rosto em minhas mãos, minha voz se filtrando pela jaula dos meus dedos duros. — O que posso fazer? Como posso consertar isso?

— Gage está tomando conta do controle de danos," disse Churchill. "Ele está acalmando as coisas em Medina esta manhã, e ainda hoje ele vai colocar sua equipe em Research Triangle junta para lidar com as questões que foram levantadas sobre o biocombustível. Não se preocupe, docinho. Tudo vai dar certo.

— Eu preciso fazer alguma coisa. Eu... Churchill, você me ajuda?

— Sempre, — disse ele sem hesitação. — Você manda.

..... CAPÍTULO 25

O sensato seria esperar que Gage voltasse para o Texas. Mas devido ao fato de ele ter tolerado mais que alguns poucos golpes em seu orgulho e um golpe ainda maior num importante acordo de negócios, tudo por mim, eu sabia que não era hora de ser sensata. Como Churchill diz, às vezes gestos grandiosos são necessários.

Eu fiz uma parada no caminho para o aeroporto, no escritório de Hardy. Era localizado em Fannin, num edifício imponente de alumínio e vidro com duas metades que se encaixavam como duas grandes peças de quebra-cabeça. A recepcionista, previsivelmente, uma loira atraente com voz rouca e pernas maravilhosas. Ela me levou ao escritório de Hardy assim que cheguei.

Ele estava vestido com um terno escuro Brooks Brothers e uma gravata azul vívido no tom exato dos seus olhos. Ele parecia confiante, astuto, um homem que iria longe.

Eu contei a Hardy sobre minha conversa com Churchill, e o que eu descobri sobre sua parte na tentativa de arruinar o acordo Medina. — Eu não entendo como você pôde ter feito tal coisa, — disse. — Eu nunca teria esperado isso de você.

Ele não parecia estar arrependido. — São só negócios, amor. \s vezes, você tem de sujar um pouco as mãos.

Algumas sujeiras não podem ser limpas, pensei em dizer. Mas eu sabia que ele iria descobrir isso por si mesmo um dia. — Você me usou para machucá-lo. Você imaginou que isso nos faria terminar, e acima de tudo, iria colocar a Victory Petroleum na posição de dever a você um favor. Você faria qualquer coisa para ter sucesso, não faria?

— Eu fiz o que tinha de ser feito, — disse, seu rosto macio. — Nem morto eu irei me desculpar por querer ir em frente.

Minha raiva sumiu, e eu o encarei com compaixão. — Você não tem de se desculpar, Hardy. Eu entendo. Eu me lembro de todas aquelas coisas que precisávamos e queríamos e não podíamos ter. É só que... não vai funcionar entre eu e você.

Sua voz estava muito suave. — Você acha que eu não posso te amar,
Liberty?

Mordi meu lábio e balancei a cabeça. — Acho que você me amou uma vez. Mas mesmo então não foi o bastante. Quer saber de uma coisa?... Gage não me contou sobre o que você tinha feito, embora ele tenha tido a oportunidade perfeita. Porque ele não iria deixar você colocar esse muro entre nós. Ele me perdoou sem eu ter pedido, sem deixar até mesmo eu saber que o tinha traído. Isso é amor, Hardy.

— Ah, meu bem... — Hardy tomou minha mão, levantou-a, e beijou o interior do meu pulso, nas veias finas e azuis debaixo da minha pele. — Um negócio perdido não significa merda nenhuma para ele. Ele teve tudo desde o dia em que nasceu. Se ele estivesse no meu lugar, teria feito a mesma coisa.

— Não, ele não teria, — eu me afastei dele. — Gage não teria me usado por preço nenhum.

— Todo mundo tem um preço.

Nossos olhares se encontraram. Parecia que toda uma conversa tinha tomado lugar naquele olhar. Cada um de nós viu o que precisava saber.

— Eu tenho de dizer adeus agora, Hardy.

Ele me encarou com compreensão amarga. Nós dois sabíamos que não havia lugar para amizade. Nada além da nossa história de infância.

— Inferno. — Hardy segurou meu rosto em suas mãos, beijando minha testa, minhas pálpebras fechadas, parando bem perto da minha boca. E então eu fui envolvida em um daqueles abraços fortes e seguros que eu me lembrava tão bem. Ainda me segurando, Hardy sussurrou no meu ouvido. — Seja feliz, querida. Ninguém merece mais. Mas não esqueça... Eu vou ficar com um pedacinho do seu coração para mim. E se algum dia você o quiser de volta... você sabe onde encontrá-lo.

Nunca tendo estado no ar antes, eu estava com os nós dos dedos brancos durante todo o caminho para Raleigh Durham. Eu me sentei na primeira classe, perto de um cara muito legal usando um terno, que conversou comigo durante a decolagem e pouso, e me pediu um uísque durante o voo. Quando desembarcamos, ele pediu meu número, e eu balancei a cabeça. — Sinto muito. Estou comprometida.

Eu esperava estar certa.

Eu havia planejado pegar um táxi até minha próxima parada, um pequeno aeroporto público a cerca de onze quilômetros, mas um motorista de limusine estava me esperando na sala das bagagens. Ele segurava uma placa com a palavra JONES escrita à mão. Eu me aproximei dele hesitantemente. — Você por acaso está procurando por Liberty Jones?

— Sim, senhora.

— Essa seria eu.

Imaginei que Churchill tinha arranjado a carona, ou por consideração, ou por medo de que eu não conseguisse pegar um táxi sozinha. Os homens Travis não nada senão superprotetores.

O motorista me ajudou com minha mala, uma Hartmann feita de tweed^{72} que Gretchen tinha me emprestado e ajudado a arrumar. Ela estava cheia com calças de lã leves e uma saia, algumas camisas brancas, minha echarpe de seda, e dois suéteres de casimira que ela havia jurado não precisar. Por otimismo, eu também havia colocado um vestido de noite e sapatos de salto. Havia um passaporte novo na minha bolsa, junto com o de Gage, que sua secretária tinha providenciado.

Era quase noite quando fui deixada no pequeno aeroporto, que tinha duas pistas de decolagem, uma lanchonete, e nada que lembrasse nem remotamente uma torre de comando. Eu percebi como o ar cheirava diferente na Carolina do Norte, salgado, leve e fresco.

Havia sete aeronaves na pista, duas pequenas e cinco de porte médio, uma deles o Gulfstream dos Travis. Ao lado de um iate, a exibição mais ostensiva de extrema riqueza é um jato particular. Os milionários têm aviões com chuveiros, quartos privados, e estações de trabalho com painéis de madeira, junto com coisas extravagantes como suportes de copo folheados a ouro.

Mas os Travis, cientes dos custos de manutenção, foram conservadores para os padrões texanos. Isso é meio que uma brincadeira se você já viu o Gulfstream deles, um luxuoso avião de longo alcance forrado com mogno e tapetes de lã macia. Também assentos giratórios de couro, uma TV de plasma, e um divã rodeado por cortinas que se desdobra em uma cama enorme.

Eu embarquei no avião e conheci o piloto e copiloto. Enquanto eles

sentavam na cabine, eu tomei uma soda e esperei nervosamente por Gage. Eu pratiquei um discurso, cem versões, procurando pelas palavras certas para fazer Gage entender como eu me sentia.

Ouvi alguém embarcar no avião, e minha pulsação enlouqueceu e meu discurso desapareceu da minha cabeça.

Gage não me viu de primeira. Ele parecia austero e cansado, deixando cair uma maleta preta brilhante no assento mais próximo, esfregando sua nuca como se ela doesse.

— Hey, — eu disse suavemente.

Sua cabeça se virou, e seu rosto ficou vazio quando ele me viu. — Liberty. O que você está fazendo aqui?

Senti um surto esmagador de amor por ele, mais amor que eu podia conter, irradiando de mim como calor. Deus, ele era lindo. Eu busquei palavras. — Eu... eu me decidi por Paris.

Um longo silêncio se passou. — Paris.

— Sim, você sabe que você me perguntou se eu... bem, eu liguei para o piloto ontem. Disse a ele que queria surpreender você.

— Você surpreendeu.

— Ele fez tudo para que nós pudéssemos ir direto daqui. Agora. Se você quiser. — Eu ofereci a ele um sorriso esperançoso. — Eu peguei seu passaporte.

Gage removeu seu terno, tomando seu tempo para isso. Eu fiquei mais segura pelo modo que ele parecia se atrapalhar um pouco quando deixou o traje sobre o encosto do assento. — Então agora você está pronta para ir a algum lugar comigo.

Minha voz estava grossa com emoção. — Estou pronta para ir a qualquer lugar com você.

Ele olhou para mim com olhos cinzentos e brilhantes, e segurei minha respiração quando um sorriso lento curvou seus lábios. Afrouxando sua gravata, ele começou a se aproximar de mim.

— Espere, — soltei. — Eu tenho de te dizer algo.

Gage parou. — Sim?

— Churchill me contou sobre o acordo Medina. Foi culpa minha—fui eu quem contou a Hardy. Eu não tinha ideia que ele iria... sinto muito. — Minha voz falhou. — Eu sinto tanto.

Gage me alcançou em dois passos. — Está tudo bem. Não, droga, não comece a chorar.

— Eu nunca faria nada para machucar você

— Eu sei que não. Calma, calma. — Ele se aproximou de mim, secando minhas lágrimas com seus dedos.

— Eu fui tão estúpida. Não percebi—por que você não me disse nada sobre isso?

— Eu não queria que você se preocupasse. Eu sabia que não era culpa sua. Eu deveria ter me assegurado que você entendesse que era confidencial.

Eu estava surpresa com sua confiança em mim. — Como você pôde ter tanta certeza de que eu não fiz de propósito?

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e sorriu para meus olhos cheios de lágrimas. — Porque eu te conheço, Liberty Jones. Não chore, meu amor, você está me matando.

— Eu vou te compensar por isso, eu juro

— Calada, — Gage disse com carinho, e me beijou com um calor que fez meus joelhos enfraquecerem. Eu passei meus braços pelo seu pescoço, esquecendo a razão das lágrimas, esquecendo de tudo, menos dele. Ele me beijou de novo e de novo, cada vez mais profundamente, até que ambos estivéssemos cambaleando no corredor, e ele foi forçado a segurar o encosto de um dos assentos para que nós não caíssemos. E o avião nem estava se movendo. Sua respiração estava rápida e quente contra minha bochecha enquanto ele se afastava o suficiente para sussurrar, — E o outro cara?

Meus olhos quase se fecharam ao sentir sua mão roçando o lado do meu seio. — Ele é o passado, — consegui dizer. — Você é o futuro.

— Sou mesmo. — Outro beijo profundo e incivilizado, cheio de fogo e ternura, prometendo mais do que eu podia absorver. Tudo que eu podia pensar era que uma vida inteira com esse homem não seria nem de perto suficiente. Ele se afastou com uma risada instável e disse, — Não há como

você fugir de mim agora, Liberty. É isso.

Eu sei, eu teria disso, mas antes que eu pudesse responder, ele estava me beijando novamente, e não parou por um bom tempo.

— Eu te amo. — Eu não me lembro de quem disse isso primeiro, apenas que ambos terminamos dizendo isso muitas vezes durante o voo de sete horas e vinte e cinco minutos através do Atlântico. E, como eu descobri, Gage tinha algumas idéias interessantes sobre como passar o tempo a cinquenta mil pés.

Vamos apenas dizer que voar é muito mais tolerável quando você tem distrações.

..... EPÍLOGO

Eu não tenho certeza se a fazenda é um presente de noivado ou um presente de casamento adiantado. Tudo o que sei é que hoje, Dia dos Namorados, Gage me deu um enorme molho de chaves amarrado com um laço vermelho. Ele diz que vamos precisar de um lugar para fugir quando a cidade parecer muito lotada, e Carrington vai precisar de um lugar para cavalgar. Demora alguns minutos de explicação de sua parte antes que eu entenda que é um completo presente.

Agora sou a proprietária de uma fazenda de cinco mil hectares.

O lugar, outrora conhecido por seus ótimos cavalos de corte, é a cerca de quarenta e cinco minutos de distância de Houston. Agora reduzida a uma fração do seu tamanho original, a fazenda é pequena para os padrões do Texas — uma fazendette, como Jack a chama em zombaria, até que um olhar de Gage faz com que ele se encolha de medo fingido.

— Você sequer tem uma fazenda," Carrington acusa Jack alegremente, correndo para a porta antes de acrescentar, — o que faz de você um almofadinha.

— Quem você está chamando de almofadinha? — Jack pergunta com indignação fingida, e corre atrás dela, enquanto seus gritos de prazer ecoam pelos corredores.

No fim de semana nós embalamos malas para passar a noite e vamos ver o lugar, que Gage renomeou Rancho Tatu. — Você não deveria ter feito isso, — eu lhe digo pela décima segunda vez enquanto ele nos leva ao norte de Houston. — Você já me deu o suficiente.

Mantendo seu olhar na estrada, Gage leva os nossos dedos entrelaçados aos lábios e beija meus dedos. — Por que você sempre fica tão desconfortável quando eu te dou alguma coisa?

Eu percebo que há uma arte em aceitar presentes com graça, e até agora eu não a adquiri. — Eu não estou acostumada a receber presentes, — eu admito. — Especialmente quando não é um feriado ou aniversário e não há nenhuma razão para eles. E antes mesmo desta... Esta...

— Fazenda.

— Sim, mesmo antes disso, você já fez mais por mim do que eu jamais poderia reembolsar

— Querida. — Seu tom é paciente, mas ao mesmo tempo, eu ouço o subtom intransigente nele. — Você terá que trabalhar em apagar essa balança invisível que você carrega na sua cabeça. Relaxe. Deixe-me ter o prazer de lhe dar alguma coisa sem ter que conversar sobre isso até a morte depois. — Ele olha por cima do ombro para ter certeza de que Carrington está com seus fones de ouvido. — Da próxima vez que eu lhe der um presente, tudo que você precisa fazer é dizer um simples ‘obrigado’ e transar comigo. Isso é todo o reembolso do que eu preciso.

Eu mordo de volta um sorriso. — Ok.

Nós dirigimos através de um par de enormes colunas de pedra apoiando um arco de ferro de seis metros, e continuamos ao longo de uma estrada asfaltada que venho a perceber que é a nossa entrada. Passamos por campos de trigo do inverno, salpicados com as sombras de asas dos gansos acima. Densos conjuntos de algaroba, cedro e figo do diabo^{73} se encolhem à distância.

A entrada leva a uma grande e velha casa vitoriana de pedra e madeira sombreada por carvalhos e nogueiras-pecã. Meu olhar estupefato encontra um estábulo de pedra... um cercado para cavalos... um galinheiro vazio, tudo isto rodeado por uma mureta de pedra. A casa é grande e robusta e charmosa. Eu sei, sem me contarem, que filhos nasceram aqui e casais se casaram aqui, e famílias brigaram e amaram e riram debaixo do telhado de duas águas. É um lugar para se sentir segura dentro. Um lar.

O carro para ao lado de uma garagem de três carros. — Foi completamente renovada, — Gage diz. — Cozinha moderna, chuveiros grandes, TV a cabo e Internet...

— Tem cavalos? — Carrington interrompe em excitação, arrancando os fones de ouvido.

— Tem. — Gage se vira para sorrir para ela enquanto ela salta no banco de trás. — Sem falar de uma piscina e banheira aquecida.

— Eu sonhei com uma casa como essa uma vez, — Carrington disse.

— Você sonhou? — Mesmo aos meus próprios ouvidos, eu soo um pouco atordoada. Desafivelando meu cinto de segurança e saindo do carro, eu continuo a encarar a casa. Em todo o meu desejo por uma família e um lar, eu nunca tinha sido realmente capaz de decidir como elas deveriam ser. Mas esta casa tem uma aparência e dá uma sensação tão certa, tão perfeita, que parece impossível que qualquer outro lugar fosse combinar tanto comigo. Há uma ampla varanda que envolve a casa, e um balanço na varanda, e ela é pintada de azul claro sob o teto, como faziam nos tempos antigos, para evitar que as vespas construíssem ninhos de lama. Há nozes-pecãs suficientes caídas ao lado da casa para encher baldes.

Nós entramos na casa com ar-condicionado, o interior pintado em tons de creme e branco, o chão de algaroba polida brilhando com a luz de janelas altas. É decorado no estilo que as revistas chamam de —novo country —, o que significa que não há muitos babados, mas os sofás e cadeiras são macios, e há muitas almofadas. Carrington dá gritinhos de excitação e desaparece, correndo de sala em sala, às vezes se apressando de volta para relatar alguma nova descoberta.

Gage e eu passemos pela casa mais devagar. Ele observa as minhas reações, e diz que eu posso mudar qualquer coisa que eu goste, eu posso ter o que quiser. Estou muito sobrecarregada para dizer muita coisa. Eu me conectei instantaneamente com esta casa, a vegetação teimosa enraizada tão teimosamente na terra vermelha seca, a mata rasteira abrigando porcos do mato e gatos selvagens e coiotes, muito mais do que com o moderno condomínio estéril equilibrado bem acima das ruas de Houston. E eu me pergunto como Gage sabia que isso é o que minha alma ansiava.

Ele me vira para encará-lo, seus olhos procurando. Ocorre-me que ninguém na minha vida jamais se preocupou tão completamente com a minha felicidade. — O que você está pensando? — pergunta ele.

Eu sei que Gage odeia quando eu choro—ele fica completamente desfeito pela visão de lágrimas—então eu pisco com força contra o ardor. — Estou pensando quão agradecida eu estou por tudo, — eu digo, — até mesmo as coisas ruins. Cada noite sem dormir, cada segundo que fiquei sozinha, cada vez que o carro quebrou, cada chiclete no meu sapato, cada contra atrasada e bilhete de loteria perdedor e machucado e prato quebrado e pedaço de torrada

queimada.

Sua voz é suave. — Por que, querida?

— Porque tudo isto me trouxe aqui para você.

Gage faz um som baixo e me beija, tentando ser gentil, mas logo ele está me puxando para perto e murmurando palavras de amor, palavras de sexo, fazendo o seu caminho pela curva do meu pescoço até eu lembrá-lo sem fôlego que Carrington está em algum lugar próximo.

Nós fazemos o jantar juntos, nós três, e depois de comer sentamos lá fora e conversamos. Às vezes fazemos uma pausa para ouvir a música lamentosa das rolas carpideiras, o relincho ocasional de um cavalo no estábulo, as brisas que farfalham os carvalhos e enviam noz com barulho para o chão. Eventualmente Carrington sobe as escadas para tomar um banho em uma banheira com pés reformada, e ela vai dormir em um quarto com paredes azuis claras. Ela pergunta sonolenta se podemos pintar nuvens no teto, e eu digo que sim, claro que podemos.

Gage e eu dormimos no quarto principal, no andar de baixo. Fazemos amor em uma cama de dossel king-size, sob colchas costuradas à mão. Sensível ao meu humor, Gage vai leve e lentamente do jeito que nunca falha em me deixar louca, arrancando cada sensação até que meu coração está martelando em minha garganta. Ele é forte e duro e deliberado, cada movimento suave uma afirmação de algo além das palavras, algo mais profundo e mais doce do que mera paixão. Eu fico rígida em seus braços, abafando um grito contra seu ombro enquanto ele persuade longos tremores deliciosos do meu corpo. Então é minha vez de segurá-lo. Eu coloco meus braços e pernas em torno dele, envolvendo-o com força em mim, e ele arfa o meu nome enquanto explode e acelera.

Nós dois acordamos ao amanhecer enquanto os gansos da neve grasnam e voam através dos campos em seu caminho para o café da manhã. Eu estou deitada aconchegada contra o peito de Gage, ouvindo as calhandras nos fazendo serenata nos carvalhos perto da janela. Elas são incansáveis.

— Onde está a arma? — Eu ouço murmurar Gage.

Escondo meu sorriso no peito dele. — Devagar, cowboy. É minha fazenda. Essas aves podem cantar o tanto que quiserem.

Só por isso, Gage responde, ele vai me fazer ir com ele em um passeio de manhã cedo para checar minha propriedade.

Isso fez com que o sorriso desapareça. Há algo que eu quero lhe contar, mas não tive certeza de como ou quando fazer isso. Estou calada, brincando nervosamente com os pelos em seu peito. — Gage... não acho eu que esteja afim de ir cavalgar hoje.

Ele se apoia em um cotovelo e me olha com um franzir de cenho. — Por que não? Você está se sentindo bem?

— Não, quero dizer, sim, eu me sinto bem. — Eu inspiro irregularmente. — Mas eu preciso perguntar ao médico se está tudo certo antes de fazer algo tão extenuante.

— Médico? — Gage se levanta sobre mim, segurando meus ombros com as mãos. — Que médico? Por que diabos você iria... — Sua voz desaparece enquanto ele começa a compreender. — Meu Deus. Liberty, meu amor, você está... — Ele imediatamente modera seu aperto, como se estivesse com medo de me esmagar. — Você tem certeza? — Eu aceno com a cabeça, e ele dá um riso feliz. — Eu não posso acreditar nisso. — Um rubor fez seus olhos surpreendentemente claros por contraste. — Na verdade, eu posso. Foi na véspera de Ano Novo, não foi?

— Culpa sua, — eu o lembro, e seu sorriso se alarga.

— Sim, eu levo todo o crédito por isso. Minha doce menina. Deixe-me vê-la.

Eu sou imediatamente submetida a uma inspeção, suas mãos varrendo meu corpo. Gage beija minha barriga uma dúzia de vezes, então se movimenta para cima para me puxar em seus braços novamente. Sua boca desce sobre a minha repetidamente. — Meu Deus, eu te amo. Como você se sente? Você está sentindo enjojo matinal? Você precisa de bolachas água e sal? Picles? Dr. Pepper?

Eu balanço minha cabeça e tento falar com ele entre beijos. — Eu te amo... Gage... te amo... — As palavras são capturadas docemente entre os nossos lábios, e eu finalmente entendo por que muitos texanos se referem aos beijos como — mordidas carinhosas —.

— Vou cuidar tão bem de você. — Gage deita a cabeça levemente no meu

peito, seu ouvido colado ao ritmo do meu coração. — Você, Carrington, e o bebê. Minha pequena família. Um milagre.

— Meio que um milagre comum, — eu aponto. — Quero dizer, as mulheres têm bebês todos os dias.

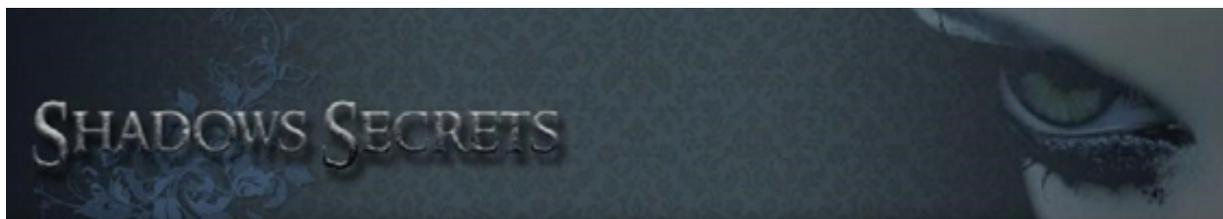
— Não minha mulher. Não o meu bebê. — Sua cabeça se ergue. O olhar em seus olhos me tira o fôlego. — O que posso fazer por você? — ele sussurra.

— Basta dizer um simples ‘obrigado’, — eu digo a ele. — E transar comigo.

E ele o faz.

Eu sei, sem dúvida, que esse homem me ama exatamente como eu sou. Sem condições, sem limites. Isso é um milagre, também. Na verdade, cada dia é repleto de milagres comuns. Você não precisa olhar muito longe para encontrá-los.

CRÉDITOS



TRADUÇÃO:

Lanamon

Jess Zanette

Susannah

Bola

REVISÃO:

Faber



FORMATAÇÃO:

Star Books Digital

{1} Marca de jeans.

{2} Carnívoro mustelídeo que é muito procurado por sua pele valiosa e fina.

{3} Tipo de flor azul que é a flor-símbolo do Texas.

{4} Forma popular de música originária do centro-sul do Texas.

{5} Expressão utilizada pejorativamente para designar mexicanos, em especial os imigrantes ilegais.

{6} Cerca de 36,5m. 40 jardas é o comprimento do campo de futebol americano.

{7} Escritório de contabilidade pública

{8} Marca de lubrificante para carros.

{9} Um tipo de batata frita industrializada

{10} Macarronada industrializada

{11} Uma marca de anestésicos em pomada.

{12} Marca de chapéus de caubói.

{13} http://www.jimsformalwear.com/images/product/582_notchFD_western.jpg

{14} http://www.nmculturenet.org/showcase/white/images/customized_pez_dispensers.jpg

{15} Planta original da América do Norte com frutos comestíveis de sabor levemente mentolado.

{16} Termo usado para o movimento feito com intenção de enganar o adversário.

{17} Árvore baixa típica do leste da América do Norte. ¹⁸ “Colinas Alegres”, em uma tradução livre.

{18} Demerol e Nubain – Analgésicos.

{19} Incisão feita no períneo para ajudar no parto.

{20} Carrington nasceu com 7 libras e 7 onças de peso, o equivalente a 3,5kg.

{21} Revista de resenhas de compras

{22} Programa de TV infantil

{23} http://farm4.static.flickr.com/3156/2400142376_9f98a0a403_z.jpg?zz=1

{24} <http://www.starwars-models-images.com/images/anh/x-wing-snap-top.jpg>

{
-
2
-
5
-
}

P

l

a

n

t

a

p

e

r

e

n

e

a

q

u

á

t

i

c

a

.

2

7

E

s

p

é

c

i

e

d
e
p
á
s
s
a
r
o
.

[{26}](#) Espécie de pássaro.

[{27}](#) Marcas de chapéus.

[{28}](#) Refere-se aos tatus e, em menor medida, aos coelhos do mato. Este nome refere-se à época da Grande Depressão. Por causa da extrema pobreza que havia, muitas pessoas no Texas e Arizona comeram carne de tatu.

[{29}](#) <http://home.honolulu.hawaii.edu/~pine/Book2/marlboro-ads.html>

[{30}](#) Estilo de música country comum no Texas.

[{31}](#) Grande rede de lojas de departamento dos Estados Unidos

[{32}](#) Tipo de tecido

[{33}](#) http://www.racadefilhotels.com.br/wp-content/uploads/2010/08/basset_hound.jpg

[{34}](#) Marca de perfume.

[{35}](#) Franquia de lojas de conveniência.

[{36}](#) Marca de macarrão instantâneo

[{37}](#) Fort Worth é a sexta maior cidade do Texas.

[{38}](#) Marca de carro

[{39}](#) Hidroponia é a técnica de cultivar plantas sem solo, onde as raízes recebem uma solução que contém água e todos os nutrientes essenciais ao desenvolvimento. ⁴² Tipo de vinho.

[{40}](#) Expressão semelhante à nossa “se acha demais”.

[{41}](#) Frutas picadas ou tomates verdes cozidos em vinagre e açúcar com gengibre e especiarias.

[{42}](#) O haleto de prata é uma substância que é utilizada nos filmes fotográficos para a fixação

da imagem no filme.

{43} Terreno plano com um pequeno lago ou córrego.

{44} Tapetes produzidos nos Bálcãs até o Paquistão

{45} Famoso cowboy fictício do rádio, cinema e televisão.

{46} Women, Infants and Children, que significa: Mulheres, bebês e crianças. São as vacinas mais básicas.

{47} Marca de refrigerante.

{48} Personagem de fábulas infantis.

{49} Referência à sombra de barba que aparece no final do dia, nos homens com muitos pelos.

{50} Good Housekeeping é uma das revistas de mulheres de propriedade da Hearst Corporation, com artigos de interesse para as mulheres.

{51} Marca de refrigerante

{52} Tipo de queijo

{53} Tipo de tubérculo parecido com a batata-doce

{54} Marca de cereal

{55} Caldo coado geralmente servido com gema de ovo, torradas ou biscoitos salgados. ⁵⁹ Pão recheado com frutas, queijos ou carne.

{56} Tipo de peixe

{57} Marca de limpa-vidros

{58} Arame recoberto com um tipo de esponja, que pode ser moldado de várias formas.

{59} Gulfstream e Citation: modelos de aviões.

{60} Tipo de jogo de dados.

{61} Comédia leve.

{62} Tipo de madeira nobre vinda da Indonésia.

{63} Tipo de peixe

{64} Time americano de basquete. Defensor é a posição em que ele joga.

{65}

Lamp.jpg

[{66}](#) Grande torneio de golfe

[{67}](#) Circuito de corridas dos Estados Unidos

[{68}](#) Solo de ópera

[{69}](#) Centro Equestre Rédea de Prata, em uma tradução livre.

[{70}](#) O equivalente a 202.343m².

[{71}](#) Tipos de pelagens de cavalo.

[{72}](#) Tipo de tecido de lã, áspero e geralmente tramado com fios de duas cores.

[{73}](#) Espécie de cacto com frutos comestíveis.